

Helô Delgado





ENTRE LAÇOS E CONFLITOS

HELÔ DELGADO

Copyright© By Editora Coerência 2018

ENTRE LAÇOS E CONFLITOS © HELÔ DELGADO

2o Edição — Editora Coerência — Brasil
Todos os direitos reservados pela Editora Coerência

PRODUÇÃO EDITORIAL

Diretora Editorial	Lilian Vaccaro
Revisão	Evelyn Santana
Capa	Décio Gomes
Diagramação	Bruno Lira

Dados Internacionais De Catalogação Da Publicação (cip)

Delgado, Helô;

Entre Laços e Conflitos

1. Ed. — São Paulo — Editora Coerência 2018

ISBN: 978-85-53270-62-0

1. Literatura Brasileira. 2. Romance I. Título

CDD. 869.3

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da
Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1o de Janeiro de 2009.

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Epílogo](#)

[Conversando com a Autora](#)

[DANILO](#)

[Agradecimentos](#)

NOTA DA AUTORA

A história contada em *Entre Laços e Conflitos* trata-se de uma ficção ambientada na cidade em que nasci, Poços de Caldas, no sul de Minas Gerais. Diversos lugares reais são citados no decorrer da narrativa, no entanto, tudo o que acontece no livro, todas as intrigas e todos os personagens, são puramente frutos da minha imaginação fértil. Qualquer semelhança com a vida real é mera coincidência.

PRÓLOGO

A preocupação tomava conta de mim. Andando com passos firmes, senti um leve incômodo no lobo frontal, indício de uma provável crise de enxaqueca. Estava atrasada para pegar o avião que me levaria até minha cidade natal. Fazia mais de quinze anos que eu não voltava para casa. Meu pai ainda morava por lá, mas, acredite, eu tinha bons motivos para não querer colocar meus pés em Poços de Caldas, uma cidade que fica na divisa entre o sul de Minas Gerais e São Paulo.

Estava voltando porque, apesar de todas as lembranças que a cidade me trazia, eu tinha um problema muito maior em minhas mãos. Era o momento de deixar a mágoa para trás, levantar a cabeça e encarar as consequências. Existem muitas coisas que uma pessoa faz ao descobrir que um membro de sua família está doente. Uma delas é se redimir, aceitar e enfrentar o que aconteceu no passado.

Não que eu não tivesse aceitado. Há muitos anos havia tomado a decisão de não pensar nesse detalhe como um problema. Foi algo que definiu a minha vida, que me fez ter outra visão de tudo ao meu redor. Apesar de como as coisas ocorreram, só tive bons frutos do traumático incidente.

Por isso, nas últimas semanas, eu estava certa do caminho que seguiria. Assim que recebi o diagnóstico das mãos do médico, a decisão foi tomada. Saí do centro de especialistas com um objetivo: fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para salvar a vida do meu filho. E isso implicava voltar para casa.

Durante todo esse tempo, morei em Belo Horizonte com minha tia, irmã do meu pai. Ela me acolheu anos atrás, quando descobri a gravidez. Não pense que meu pai foi negligente ou que tenha virado as costas para a filha de dezesseis anos que, um dia, acordou grávida. Muito pelo contrário. Ele estava presente quando fui pegar o resultado do exame de sangue que selou o meu futuro.

Uma indisposição estomacal era, na verdade, uma gestação.

Meu pai me deu apoio, chorou ao meu lado, sentiu medo pelo meu futuro. Conversamos demoradamente sobre o que seria o melhor a fazer e, após muito ponderar, resolvemos que me mudar seria o ideal para mim e para o bebê.

Tomamos essa decisão, pois éramos só nós dois. Por mais que nos amássemos e não quiséssemos que isso acontecesse, foi necessário. Ele trabalhava fazendo turno em uma empresa local e não tínhamos condições de bancar os custos de um bebê. Minha tia, que morava longe e mal nos via, era mais abastada. Ela era gerente geral de uma rede nacional de supermercado. Além disso, se casou com o dono da rede. Eles não tinham filhos, então, quando ligamos contando a situação, a possibilidade de ajudar uma adolescente mãe solteira a criar uma criança foi recebida de braços abertos. Eles garantiram que fariam o possível para que eu ficasse bem e tivesse tudo de que precisasse.

Os cuidados prometidos por meus tios incluíam a exigência de que eu me mudasse para lá. Naquele momento, sem saber como me portar diante de tanta coisa acontecendo simultaneamente, decidimos que seria melhor que eu me afastasse de tudo e de todos que eu conhecia. Em dois dias, sem me despedir de ninguém, organizei meus pertences com ajuda do meu pai e embarquei para Belo Horizonte.

Sumi do mapa.

A mudança foi repentina, no entanto, quando eu estava lá e dei início às consultas do pré-natal, me dei conta de que tinha sido realmente o melhor. Esse pensamento me dominou a partir do primeiro ultrassom, aquele que as grávidas fazem para saber se está tudo bem com a gravidez e com o bebê. Ao me deitar na maca e sentir o deslizar do aparelho circular na minha barriga, tive uma pequena surpresa: o médico afirmou que tudo estava perfeito com os bebês.

Bebês.

No plural.

Gêmeos.

Minha tia apertou a minha mão com força e olhou para mim, tentando me passar toda segurança que eu não sentia. Até aquele momento, tinha sido extremamente difícil aceitar e viver bem com a minha condição, só que eu conseguia me segurar. Estava sendo forte, mantendo a fachada, não me permitia sucumbir às lágrimas e ao desespero. Isso até aquele segundo. A notícia de que seriam dois bebês me deixou arrasada. Arrasada por tudo. Por mim, pelos bebês, pela forma como aconteceu.

— Vai ficar tudo bem! — tia Leila repetia sem parar.

Eu era incapaz de responder. Entrei em choque. Tiveram que me hospitalizar até que eu me acalmasse e conseguisse absorver a notícia. A impressão que tenho hoje é que, até o ultrassom, eu estava levando tudo como se fosse um acidente de percurso, e não como algo que realmente tinha acontecido e que tinha a capacidade de definir a minha vida.

Minha tia não sabia de toda a verdade. Só eu e meu pai. E o fiz jurar que nunca faria nada a respeito ou contaria para alguém. E ele fez isso. Por amor.

E é exatamente por amor que estou voltando. Por amor ao meu filho. Mesmo que isso faça com que eu tenha que rever pessoas que deixei para trás. Mesmo que isso cause um turbilhão em minha família. Independentemente de ter que enfrentar o ser desprezível que ficou no meu passado.

Você pode pensar que “desprezível” é uma palavra forte para definir o doador de sêmen dos meus filhos. Só que vai entender que tenho meus motivos.

Dentro do táxi, a caminho do aeroporto, olho para o lado e vejo Mariana mexendo no celular. Sentado ao seu lado está Guilherme, a cabeça encostada na janela do carro, com fones de ouvido, provavelmente escutando algum tipo de música eletrônica cujo apelo eu não consigo entender. Esbocei um sorriso, torcendo para que minha enxaqueca não fosse tão pesada, afinal, seria um susto e tanto chegar em casa com os dois, sendo que, tirando meu pai e meus tios, ninguém sabia da existência deles.

CAPÍTULO 1

O voo foi rápido, mesmo com uma escala em Pouso Alegre, chegamos ao nosso destino em pouco mais que duas horas. Como nossa mudança veio dois dias atrás, trazida por caminhão carreta, não tínhamos bagagem, apenas as três mochilas contendo itens básicos do dia a dia e poucas trocas de roupa.

O aeroporto era pequeno e voltou a operar com voos comerciais há pouco tempo. Não foi difícil encontrar meu pai, todo tímido, nos esperando em frente à porta principal. Nesse tempo em que morei fora, recebi visitas dele duas vezes por ano, nas férias quinquenais que tirava a cada semestre. Como a viagem era longa, dispendiosa e meu pai não possuía carro, dependíamos de ônibus, que demoravam ainda mais. Meus tios poderiam ajudar financeiramente, mas já faziam tanto por nós que não aceitávamos mais que o necessário. Por isso, nos feriados em que não estava escalado para trabalhar — o que era raro — ele acabava ficando ali mesmo.

O sorriso que deu ao nos ver foi exatamente o que eu esperava: carinhoso e preocupado. Sei que, se dependesse apenas da vontade dele, já teríamos voltado para cá há muitos anos, entretanto, minha covardia me impediu de fazer isso.

Eu sempre gostei da cidade, estar de volta era, por um lado, muito prazeroso. Por outro, eu não conseguia definir com precisão, mas o medo sem dúvida estava ali, se espalhando por meu organismo a cada batida do meu coração.

— Pai! — falei me aproximando dele. — Que saudade do senhor.

— Senhor? Pelo amor de Deus, Natália, eu posso ser avô, mas quando você irá parar de me chamar de senhor? — reclamou enquanto me abraçava forte. — Como você está, filha? — perguntou baixinho no meu ouvido.

Eu realmente sentia falta do abraço do meu pai. Era reconfortante. Ele era meu porto seguro, ainda mais agora que eu não sabia o que esperar nessa nova etapa. Eu estava muito apreensiva, mesmo sabendo que a decisão de voltar havia sido minha e de ter tido todo o apoio da minha família.

— Vou indo — respondi, dando um passo para trás e esboçando um meio sorriso que não convenceria ninguém.

— E meus netos? Hein? Cadê o abraço do vô? — Ele se afastou de mim e abriu o braço da mesma forma que fazia quando eles eram pequenos, esperando que corressem e pulassem no seu colo.

— Crescemos — comentou Mari, indo em sua direção para retribuir o entusiasmo do avô.

— Não diga bobagens, menina! Cresceram só em tamanho, essa cara de quase adultos de vocês não me engana nem um pouco.

Esse era o meu pai. Um homem carinhoso, divertido e carismático, incapaz de fazer mal a uma mosca. Se bem que, dependendo da mosca, eu não colocaria a minha mão no fogo. Ele tinha o dom da bondade, todavia, quando ameaçado, possuía garras e não perderia a oportunidade de usá-las, caso necessário.

— E você, Gui, vem aqui dar um abraço no seu avô! — disse assim que se afastou da Mariana. — Ou hoje é um daqueles dias em que você não quer conversar com ninguém? — completou.

— O senhor está me confundindo com a minha mãe, vô. — Guilherme o abraçou. — Não sou eu que emburro e fico com a cara fechada pro resto do mundo.

— Senhor? Você também? — Balançou a cabeça, que alcançava o ombro do adolescente. — Parem com isso! Todos vocês. — Apontou o dedo para cada um de nós.

Começamos a rir.

— Vamos — chamou, enlaçando os braços ao redor dos gêmeos —, o táxi está esperando.

Andando rumo ao veículo que nos aguardava estacionado próximo à saída do aeroporto, senti o vento gelado de julho e apertei a abertura do meu casaco para me manter aquecida. A temperatura trazia muitas lembranças agradáveis.

— Puta merda, mãe! Essa cidade é fria pra cara...

— Nem pense em completar essa frase, Guilherme! — repreendi. Eu não me importava muito com palavrões, mas não sabia como meu pai reagiria.

— Ah, Natália, deixe o menino se expressar. Ele tem razão, aqui é frio pra caralho — meu pai disse com um sorriso de orelha a orelha. — E como foi a viagem do meu querido neto? Deixou alguma namorada pra trás?

Olhei de um para o outro e vi que ele piscava para o Gui. Melhor assim, tínhamos liberdade em BH, não queria perdê-la aqui.

— Por que só ele teria deixado uma namorada para trás? — indagou Mariana com uma sobrancelha arqueada, fazendo com que eu revirasse os olhos. — Eu posso muito bem ter partido um coração ao me mudar pra cá.

— Sem dúvida, minha neta, sem dúvida. Bonita desse jeito, devia ter uma fila de garotos no seu pé.

— Até parece! — implicou Guilherme. — O único homem que essa aí pegava era o da casa ao lado, que tem o quê mesmo? Dois anos de idade? — adicionou rindo.

Mari deu um merecido cutucão no irmão com o cotovelo e, na mesma hora, se desculpou. A condição do Guilherme era novidade para nós e ainda não sabíamos muito bem como agir. Estávamos nos adaptando.

— Relaxa, Mari, um cutucão não vai me machucar. Não sou tão frágil assim.

Respirei fundo. Todos sabíamos que sua patologia era grave. Guilherme tentava fazer com que a gente não precisasse se preocupar com ele, mas eu sabia que mais tarde, quando ele tirasse a camiseta, um hematoma estaria manchando a pele no local que a irmã o cutucou. Era impressionante como uma brincadeira inofensiva entre irmãos pudesse deixar marcas visíveis no corpo dele. Por mais que eu não quisesse pensar nas implicações de sua condição, era inevitável. No dia seguinte, eu teria que tomar uma atitude e procurar o que eu tanto temia.

Aproveitei que estávamos nos aproximando do táxi e falei sobre o tempo, qualquer coisa seria melhor do que ficar com aquele clima pesado no ar.

— Pai, tem feito muito frio por aqui?

— O de sempre, acho. Só que vocês vão sentir diferença. O clima de Poços é meio louco.

A estratégia utilizada para mudar de assunto funcionou e voltamos a conversar sobre coisas banais. Guardamos as bolsas no porta-malas e entramos. O aeroporto ficava em um bairro afastado do centro da cidade e a casa do meu pai era bem longe dali. Apesar de não vir aqui há anos, lembrava-me da cidade como se tivesse saído daqui ontem.

Construída em cima da cratera de um vulcão extinto, as ruas centrais eram decoradas por uma arquitetura da época em que os cassinos eram permitidos e estavam no auge do sucesso. A economia da cidade viveu à custa da boemia por muitos anos, boa parte das construções sobreviveu ao tempo e eram conservadas pelos moradores locais. Casarões antigos, hotéis, cassinos desativados e balneários de águas termais se destacavam entre o comércio das ruas do centro.

— Cara! Olha só isso! Eles andam a cavalo bem no meio do trânsito! — Mariana comentou e olhei para a janela.

Uma charrete colorida, com desenhos da Turma da Mônica passava ao lado do carro.

— Ainda existem charretes? — questionei, sem querer, em voz alta.

— Tentam acabar com elas direto. Já fiquei sabendo de vários abaixo-assinados, acho que nenhum deu certo — meu pai respondeu concentrado no meio de transporte. — Os defensores dos animais não se cansam de tentar.

Mais alguns minutos se passaram e, de dentro do carro, percebi que não estávamos indo rumo à casa do meu pai.

— Pai?

— O quê?

— Aonde estamos indo?

— Pra casa, ué!

— Mas não tínhamos que estar indo para o outro lado? — indaguei realmente confusa.

O Gui e a Mari observavam a interação com ouvidos e olhos atentos. O taxista levantou o olhar e me fitou através do retrovisor.

— Não, estamos no caminho certo.

Decidi ficar quieta. Talvez eu tivesse me enganado. Muitos anos podem fazer isso com a memória de uma mulher na casa dos trinta, não é mesmo?

Entretanto, logo notei que estava certa. Quando o táxi estacionou em frente a um condomínio fechado que, aparentemente, era recém-construído, voltei o olhar para o meu pai, repreendendo-o.

— Pai, onde estamos?

— Ué, eu disse. Na sua casa.

— Pai! O que você fez? — questionei preocupada. Sei que o salário dele era contado.

— Aposentei e recebi o fundo de garantia — ele respondeu, descendo do carro. — Com ele, financiei uma casa pra você e meus queridos netos.

— Você não fez isso! — Fiquei indignada. — Seu dinheiro, pai! Sua economia de uma vida! A que você poderia gastar viajando ou reformando a casa...

— Não seja boba, Nat. O que eu mais quero é que vocês estejam bem e perto de mim — respondeu enquanto ajudava a retirar as mochilas do carro. — Você e seus filhos são a minha vida e já me deram muito voltando pra cá.

Eu não sabia como responder. Viver distante dele tinha sido muito difícil, porém, aquela frase mexeu muito comigo. Fez com que eu me sentisse egoísta por ter ficado tanto tempo fora, sem cogitar voltar a viver com ele. A vida em BH era confortável, sem julgamento, sem expectativas, sem medo. Fiquei com vergonha de ter me afastado.

— Que cara é essa? — ele perguntou.

— Nenhuma. — Suspirei. — É só que... é muito, pai. Tudo isso é muito.

— Não fale bobagens. — Pegou o meu queixo e levantou o meu rosto. — Quero te ver bem. Você e seus filhos merecem.

Assenti e seguimos até a entrada do condomínio. Meu pai abriu o portão com o controle e caminhamos até chegar à terceira casa. O condomínio era pequeno, duas fileiras de casas iguais. Pelo que pude notar, oito de cada lado. Todas as casas tinham dois andares e não pareciam ser muito grandes.

Confirmei minha suspeita ao entrarmos. Três quartos, uma sala com dois ambientes, uma cozinha estreita, um pequeno quintal e uma área coletiva com uma pequena piscina e uma churrasqueira. Muito mais do que eu esperava.

— É lindo! — deixei escapar assim que entramos no imóvel. Era mobiliado de forma simples e prática, como eu gostava. Nada de exageros. Havia um sofá de canto marrom com várias

almofadas, um tapete creme e um rack em tom escuro combinando perfeitamente com o ambiente. Era simples e aconchegante. — Pai, você gastou com mobília...

— Não. Já veio mobiliado. — Olhei para ele sem acreditar nem um pouco em sua afirmação. — Estou falando sério. Todas as casas foram planejadas antes de serem vendidas. Só precisei comprar algumas coisas para a cozinha, almofadas e travesseiros decentes. — Ele sorria enquanto balançava a cabeça para cima e para baixo. — Você sabia que aqueles travesseiros decorativos que são usados em exposições são horríveis? Nenhum prestava. Por isso substituí os que vieram com a casa.

Gui e Mari subiram a escada primeiro para explorarem o local.

— Mãe, vem ver, eu tenho uma cama de casal! Não acredito! — Guilherme gritou lá de cima radiante.

— Eu também! — Ouvi a voz animada da Mariana enquanto subia os degraus de dois em dois.

Eles estavam felizes, óbvio, agora eu, não fiquei muito entusiasmada com a novidade. Quando fitei meu pai para repreendê-lo, percebi que ele dava risadinhas e tentava esconder seu rosto.

— Eles têm apenas quinze anos, pai, não é hora de terem cama de casal! — Suspirei, pensando no problema que esse simples fato poderia me causar.

— Vocês estão mudando de cidade, de vida, de rotina, Nat. Pare para pensar. Estão voltando com um peso grande nas costas. — Olhou para mim com olhos repletos de sabedoria. — As crianças precisam de incentivos para gostarem daqui. Estão vindo de uma cidade grande para uma pequena. É apenas uma cama.

Eu sabia que ele tinha razão, nem precisava acrescentar o fato da patologia do Gui. No entanto, pensando nos meus 15 anos e em suas consequências em minha vida, eu continuava achando que não era uma ideia brilhante.

— Mãe, vem ver! — Guilherme me chamou novamente.

— Estou indo — falei entrando no quarto.

A cama em si não era tão grande, mas o quarto, sim. Ele teria espaço para colocar sua guitarra e sua caixa de som. Fora a cama, estava bastante vazio, com apenas um armário embutido branco.

— Podemos sair para olhar algumas lojas de decoração para deixar seu quarto legal.

— Humm, pode ser — resmungou, se jogando em sua nova cama.

Segui o corredor e fui encontrar Mariana, que estava parada em frente à próxima porta, olhando para seu novo quarto. Era do mesmo tamanho do primeiro, com uma cama igual. A única diferença era a disposição do armário, que, igualmente branco, ficava na parede oposta.

— Mãe, olha isso. — Ela observava de longe, como se estivesse com receio de se aproximar.

— O que foi?

Ela me olhou com os olhos cheios de lágrimas.

— Sei que será difícil. Vou fazer o que puder para ajudar.

— Eu sei, filha. Eu sei. — Não aguentei e a abracei. Sempre me senti grata por ter filhos tão bons. Solidários, prestativos, animados. Não tão responsáveis quanto eu gostaria, mas um dia chegaríamos lá. Sem dúvida. — Vamos sobreviver.

— Vamos? — Ela se afastou de mim e me analisou. Seus olhos verdes, da mesma cor dos meus, estavam cheios de lágrimas.

Apertei sua mão com firmeza, na tentativa de passar a sensação de força.

— Sim, vamos. Mesmo nos momentos mais difíceis. Estaremos juntas.

— Juntas... e o Gui? — ela questionou, inclinando a cabeça.

— Se tudo der certo, não nos deixará.

Mariana assentiu, soltando minhas mãos, se virou e entrou no quarto. Apesar do susto que passei com a descoberta da gravidez, ser mãe nunca foi um problema. Desde o momento em que vi meus filhos, logo após o parto, sabia que eles tinham vindo com um propósito: mudar a minha vida. Mudar a minha visão de vida para algo muito maior do que a forma supérflua que eu acreditava ser o ideal. Eles ressignificaram a minha existência.

Deixei Mari sozinha e continuei andando até a próxima porta, a poucos passos de distância, para conhecer o meu quarto. Logo que entrei me deparei com uma cama de casal gigantesca. Meu pai *realmente* queria me agradar. Não que o tamanho da cama fosse fazer diferença, eu era pequena, com 1,60 m, e não teria com quem dividi-la... e isso também não era um problema, pois eu não costumava ter companhia para passar a noite. Na verdade, nunca tive.

Não me entenda mal, eu não era frígida. Quando você é mãe aos dezesseis anos e continua estudando, sobra pouco tempo para pensar em namoro. Eu tive meus rolos após o nascimento dos gêmeos, porém nunca levei a sério. O medo que acompanhava a memória do último homem ao meu lado era o bastante para que eu acreditasse que a melhor opção era ficar longe. Sabia que não deveria generalizar, só que era extremamente difícil convencer minha consciência do contrário. Adotei essa postura há tanto tempo que nem pensei em mudar e me sentia bem como estava.

Quando saía com alguém, era apenas por uma noite. E, acredite, nenhuma pessoa com quem me envolvi despertou a necessidade de me comprometer com algo mais sério.

Observando o restante do quarto, percebi que, fora a cama enorme, tinha um armário parecido com os dos outros quartos e um banheiro pequeno, todo branco. A casa precisava, com urgência, de um pouco de cor. Branco para todo lado, com exceção da sala.

Desci as escadas e fui conferir a cozinha. Era pequena, mas arrumada, com armários — adivinhe! — também brancos, forno elétrico, cooktop e uma pequena bancada na parede lateral.

— Pai, amei a casa — falei ao vê-lo entrando no cômodo.

— Você já terá muita coisa com o que se preocupar, filha. Eu não poderia fazer diferente. — Ele deu um tapinha nas minhas costas. — Acho que você vai precisar de um carro.

— Também acho... só que vou esperar um pouco. Até... você sabe.

Ele concordou com a cabeça.

— Sim, sei. E, por falar nisso, como você está pensando em fazer?

— Agendando um horário.

— Boa ideia. Consegui o telefone do assessor dele. — Meu pai colocou a mão no bolso da camisa e tirou um pequeno papel.

— Obrigada. Vou ligar hoje mesmo.

— Imaginei que iria. Boa sorte, filha. Espero que dê tudo certo.

Eu queria acreditar nisso, mas não conseguia. Algo me dizia que existia um longo e árduo caminho pela minha frente.

— Eu também, pai.

— Bem, tenho que ir embora. Preciso passar no mercado antes de voltar para casa — falou e me deu um abraço. — Tchau, Mari. Tchau, Gui! — gritou enquanto caminhava até a porta.

— Falou, vô!

— Até mais!

Acompanhei meu pai até a porta do condomínio e me despedi, agradecendo mais uma vez por tudo... pela casa... pelo número do telefone... pelo apoio... senti que por mais que agradecesse, bem lá no fundo, nunca seria o suficiente por tudo que ele fazia por mim. Fiquei na porta, esperando até que ele subisse no ônibus e sumisse de vista.

É...

Estou perdida...

Obviamente, deixei esse pensamento de lado e voltei andando com calma, percebendo o quanto estava cansada da viagem. Física e psicologicamente. Eu sabia que o retorno não seria simples, que eu precisaria enfrentar algumas situações, e, por mais que eu quisesse adiá-las o máximo possível, não poderia. O relógio estava contra mim.

Chegando à porta de casa, peguei meu celular para digitar o número que meu pai me deu e resolver o primeiro dos problemas. Antes de entrar, escutei um barulho alto vindo da casa da frente. Notei que a porta estava aberta. Aberta, não, escancarada. Comecei a andar até lá e decidi conferir se estava tudo bem. Talvez alguém a tivesse esquecido aberta.

— Olá? — falei, esticando o pescoço para frente, tentando olhar dentro da casa.

Nada.

— Oi? Sua porta está aberta... — Tentei mais uma vez e fui surpreendida por uma pessoa atrás de mim. Virei-me depressa e vi um homem vestindo roupa social, que olhava para baixo, para algo que segurava em suas mãos. Era alto, moreno e bem alinhado.

— Ah, desculpe, oi, esqueci a chave do carro e voltei para pegar. Você deve ser a vizinha da casa da frente... — disse, levantando o rosto e me fitando profundamente com olhos pretos como ônix.

Não...

Definitivamente, não...

Fiquei parada, sem reação, olhando sem piscar e quase sem respirar para aqueles olhos que me fitavam com a mesma intensidade, surpresa e curiosidade que os meus deveriam exhibir. Não ousei me mexer. Está bem, na verdade, eu não *conseguia* me mover. Entre todas as pessoas que eu poderia encontrar no meu primeiro dia de volta, essa não era uma delas. Não *poderia* ser uma delas.

Eu me lembrava daqueles olhos, me lembrava como se fosse ontem. Eram penetrantes e eu jurava que conseguiam me destruir com apenas um olhar. Mas o maior motivo pelo qual eu me lembrava deles é que, simplesmente, eu os via todos os dias. Várias vezes por dia. Os olhos que não me deixavam esquecer... olhos idênticos aos do Gui.

CAPÍTULO 2

— Aguardo a confirmação de vocês! — disse Marcinha, animada ao nos entregar o convite sofisticado do seu aniversário de dezesesseis anos.

Todos conheciam a Márcia. Suas festas, sempre em janeiro, na véspera da volta às aulas, eram as mais esperadas do ano. Ela morava em uma casa grande, com muitos cômodos, um grande salão e um quintal com piscina. Seus pais eram muito gente boa e deixavam que a gente curtisse a festa sem pegação no pé, o que era raro na nossa idade. Eles não liberavam álcool, só que geralmente alguém acabava levando e incrementando um pouco as bebidas permitidas para nossa idade.

— Quando vai ser? — perguntou Igor, levantando a cabeça que estava encostada em meu ombro para poder enxergar.

— Terceiro fim de semana de janeiro — respondi.

— E vocês não podem faltar! — Márcia completou. — Ah, lá está Elisa. Já volto. — Saiu correndo atrás da garota, provavelmente para entregar o convite.

— Terceiro fim de semana? Não estarei aqui — Igor disse em meu ouvido, com sua voz grave causando um efeito delicioso em minha nuca.

Segurei seus braços que estavam entrelaçados na altura da minha barriga e virei o rosto para cima, com intuito de olhar nos olhos dele.

— Por que não?

— Tenho que viajar com minha mãe. Dessa vez não vamos passar o Réveillon com a família dela, então meus pais marcaram para o final do mês, antes de as aulas recomeçarem — ele explicou, fazendo uma careta.

— Que saco, Igor! Justo no mesmo fim de semana? Não teria como vocês irem uma semana antes? — Soltei seus braços e virei meu corpo, ficando de frente para ele. Igor era uns bons centímetros mais alto do que eu, e precisei levantar o rosto para observá-lo. — A festa dela é tão legal, não queria ir sozinha. Isso é, se você não se importar que eu vá...

— Claro que não me importo. E, não, minha avó foi bem específica quando avisou a data que poderíamos ir. Sinto muito, Nat. — Suspirou. Vi que ele procurava aceitação em meu rosto. — Você não precisa ir sozinha...

— Sozinha aonde? — perguntou Danilo, que se aproximava da gente de mãos dadas com Elisa, minha melhor amiga.

— À festa da Marcinha — expliquei. — O Igor vai estar viajando. Vocês receberam o convite?

— Acabei de receber — falou Elisa, agitando o envelope com a mão. — Mal posso esperar. Amo as festas da Marcinha.

— Eu também — comentei. — Mas eu queria que você fosse comigo. — Fiz beicinho e cutuquei a barriga do Igor.

— Linda, a gente tem o mês inteiro pra ficar junto. Uma semana vai passar rapidinho. Você não vai nem sentir minha falta — ele disse e me abraçou.

— Impossível — respondi, dando um selinho rápido em seus lábios.

Estávamos juntos há quase seis meses. Demorei séculos para tomar coragem e me aproximar dele. Sempre bonito e chamando a atenção das garotas de todas as idades — até das mais velhas, para o meu desespero. Estudávamos na mesma escola desde pequenos. Ele só olhou para mim no início desse ano, quando, por coincidência, nos esbarramos na festa da Marcinha. De lá para cá, ficamos várias vezes, até engatarmos o namoro com o qual eu sonhava desde os dez anos de

idade.

Igor era o garoto mais bonito e educado que eu já tinha visto. Era dois anos mais velho e, claro, nem olhava para a pirralha de cabelos castanhos ondulados que ficava sentada na arquibancada da quadra da escola vendo-o jogar bola todas as terças e quintas depois da aula. Eu, desengonçada, baixinha e com o corpo longe de ser desenvolvido, observava cada passe, cada jogada do seu corpo, cada camiseta molhada de suor, cada passada de mão no cabelo úmido. Adorava quando ele tomava água e deixava cair um pouco na camiseta e na cabeça. Odiava quando alguma menina se aproximava dele e eles saíam conversando. O que acontecia com certa frequência, para o meu azar.

Demorou um bom tempo para que ele me visse. Para ser mais exata, demorou todo o processo de desenvolvimento da infância para adolescência. Eu poderia parecer uma tola apaixonada, mas não negava que era exatamente o que eu era. Eu suspirava por onde ele passava. Era lindo de morrer.

Eu sabia qual era o carro dos pais dele, escrevia meu nome com seu sobrenome em todos os meus cadernos, era capaz de reconhecê-lo a metros de distância. Calma, isso aos dez anos de idade... e aos onze... e doze. Recusava-me a acreditar que aos treze eu ainda fazia esse tipo de infantilidade. Está bem, parei aos quatorze. Juro!

O fato era que, aos quinze, ele me viu. Não apenas isso, ficamos amigos e descobri que Igor era muito mais do que eu imaginava. Divertido, educado, engraçado. Ainda saía com as meninas, às vezes eu via, às vezes ele mesmo me contava, o que me matava por dentro. Aí, um dia, aconteceu o primeiro beijo. Foi mágico. Foi como se eu flutuasse por cima das nuvens, tamanha a minha euforia. Meu coração disparou, meus pelos eriçaram, minha cabeça se tornou um turbilhão. Foi tudo o que eu imaginei para o meu primeiro beijo.

Não, meu primeiro beijo não foi com ele, porém eu gostava de fingir que tinha sido. Afinal, os beijos trocados com outros meninos não chegavam nem aos pés da forma como me senti com o Igor. Uma sensação indescritível que só aumentou com o passar dos meses.

Era um namoro recente, porém, no que dependesse de mim, não acabaria nunca. Igor ainda não sabia, mas eu era completamente apaixonada por ele. Daquele tipo de paixão que você passa horas sonhando acordada e rabiscando coraçõezinhos. Espero que ele nunca tenha acesso ao meu diário, que, na verdade, era minha agenda. Eu morreria de vergonha.

— Você pode ir com a gente, Nat — sugeriu Elisa. — Não tem problema nenhum, né? — emendou, olhando para o Danilo.

Danilo era o namorado da Elisa. Ele também era dois anos mais velho que ela, que tinha a minha idade. Era amigo do Igor e jogavam na mesma equipe de futebol desde pequenos. Ele era bonito e legal. Às vezes, inconveniente, no entanto como não era o meu namorado, eu não falava nada. Elisa era doida por ele. Eu me sentia feliz por eles estarem juntos.

— É claro que não — Danilo respondeu, abraçando-a com força.

— Viu? — Igor levantou as sobrancelhas. — Problema resolvido.

— Porque eu adoraria ir de vela... — comentei petulante.

Eles riram.

— Larga mão de ser boba, Nat. O Danilo vai se comportar direitinho, não vai? — Elisa cutucou as costelas do namorado.

— O que você pensa que eu sou? — disse, dramatizando a situação, levando as mãos ao peito. — Algum tipo de monstro que não consegue manter a língua dentro da boca? — brincou Danilo, olhando fixamente em meus olhos.

Um arpejo percorreu minha coluna. Sexto sentido, talvez? Algo no olhar dele não parecia

muito acolhedor. Devia ser impressão minha. Fruto do desconforto causado por saber que o Igor não iria à festa.

— Não... você? Monstro? Até parece! — Dei risada. — Vou com vocês, então.

— Beleza! — Elisa deu pulinhos, batendo as mãos. — Vai ser muito legal, tenho certeza!

Eu não tinha tanta certeza assim, entretanto as festas da Márcia eram animadas. Mesmo sem a presença do Igor, eu me divertiria. Sempre haveria algum escândalo para deixar o evento interessante. Eu mal podia esperar.

— Natália?!

Ouvi a voz grave questionando e voltei para o presente. Deus, como era agradável ser assaltada por lembranças, principalmente quando eram boas. O impacto por tê-lo visto ali, sem que eu pudesse ter me preparado para o contato, passava lentamente. Meus sentimentos estavam um tanto quanto confusos. Eu não sabia qual sensação era mais gritante. Mágoa, rancor, asco, incredulidade. Mais de uma década e eu ainda não estava totalmente preparada para confrontar as sombras que ficaram no meu passado.

— É você, não é?

Levantei o olhar, que estava fixo na calçada de cimento da rua estreita e privada do condomínio, e observei o rosto dele. Com a cabeça inclinada, as sobrancelhas franzidas e a boca literalmente aberta, ele me encarava como se eu fosse o fantasma de uma pessoa que faleceu há mais de uma década. Bem, eu não havia falecido, mas sumi do mapa. Acho que era razoável a reação dele ser exagerada dessa forma.

— Caramba! Não acredito nisso! — Balançou a cabeça para um lado e para o outro. — Há quantos anos não te vejo por aqui?

Fiquei quieta, esperando que ele desse sequência ao monólogo, analisando suas reações nos mínimos detalhes. Fiquei impressionada por não sentir medo. Eu tinha certeza que sentiria. Isso era bom, me fortalecia, de certa forma.

— Nossa! Acho que não nos vemos desde... — Fez uma pausa e fechou a boca de supetão. Seus olhos se abriram de uma forma nada natural e ele se recompôs no mesmo instante, como se tivesse se lembrado de alguma coisa e não quisesse demonstrar que a lembrança o afetava. — Desde aquelas férias... ainda estávamos no ensino médio. Em que ano foi mesmo?

Permaneci muda, aguardando a conclusão do monólogo. Impressionante como uma pessoa conseguia levar uma conversa sem que a outra não respondesse nenhuma das perguntas.

— Dois mil e um?! Isso! Aquele verão... foi uma loucura! Um dos melhores da minha vida! Nossa, que saudade!

— Um dos melhores verões da sua vida? — indaguei, um pouco incrédula e irônica.

— Mas é claro! — respondeu depressa, sem notar o sarcasmo pingando na minha fala. — Como nos divertimos naquelas férias. Todos os dias, lembra? Eu, a Elisa, você e o Igor. Tenho ótimas lembranças — completou com um sorriso que exibia todos os dentes brancos e alinhados.

— Com certeza, ótimas lembranças — concordei, amarga e nada entusiasmada.

— E o que você está fazendo por aqui? Depois de sumir e não dar sinal de vida por tanto tempo? — perguntou, passando a mão nervosamente pelo cabelo curtinho.

Danilo era um homem bonito. Sempre foi. Só que sua beleza exterior não me enganava. Eu tinha plena consciência da composição do seu interior. Se eu pudesse, se tivesse opção, manteria distância.

— Eu moro aqui — respondi sem rodeios. — Acabei de me mudar.

— Jura? Isso é... — Engoliu a seco, se esforçando para não expressar nenhum sentimento. — Muito bom.

— Você mora aqui? — Apontei para a casa às minhas costas, ainda com a porta aberta.

— Eu? Não. — Deu uma risadinha sem graça, balançando a cabeça. — Minha mãe mora. Eu passo aqui algumas vezes por semana para visitá-la.

— Ah, sim. — Suspirei, aliviada. O que eu menos precisava agora era tê-lo como vizinho. Decidi que deveria entrar logo no assunto, antes que perdesse a coragem que me moveu por quilômetros de distância. — Olha, Danilo, foi bom te encontrar. Eu precisava mesmo falar com você, ia inclusive ligar para seu assessor e marcar um horário para conversarmos amanhã, se fosse possível.

— Claro, claro! — Ele arrumou a postura, claramente mais tranquilo com o rumo da conversa. Talvez imaginasse que eu quisesse falar sobre algo profissional, visto que mencionei seu assessor e sua agenda. — Pode passar no escritório amanhã de manhã. — Pegou o celular no bolso da calça social e desbloqueou. Passou os olhos na tela e continuou: — Tenho um horário às nove, pode ser?

— Estarei lá — confirmei. — Você tem um cartão com o endereço?

— Aqui. — Levou a mão ao bolso traseiro, tirou um cartão de visita da carteira e me entregou. Era todo preto, fosco, com seu nome no centro em alto relevo em cor branca, escrito em uma fonte estilosa e curvilínea. Atrás constava um endereço e um telefone comercial. Bem profissional, nada de números particulares.

— Obrigada.

— Por nada. — O silêncio gritava entre nós. — É, bem, foi bom te...

— Mãe?

Congelei ao ouvir a voz que vinha da porta da minha casa. Como o condomínio não era grande, as casas foram construídas próximas uma da outra. Pelo que percebi, era fácil escutar com nitidez o que se falava na calçada. Voltei a atenção para a porta da minha nova casa e avistei Mariana encostada no batente, com a cabeça pendendo para o lado, observando a cena com bastante interesse.

Danilo, que até o momento não tinha se movido, virou devagar e olhou para ela. Mesmo se não tivesse me chamado de mãe, ele saberia que era minha filha. As semelhanças eram inegáveis. Tínhamos os mesmos olhos, o mesmo formato de rosto, a mesma estatura baixa, as mesmas curvas, o mesmo formato da boca, o mesmo cabelo castanho ondulado. Passávamos por irmãs com facilidade. Quem me conheceu na adolescência identificaria a garota em um piscar de olhos.

— Sua filha? — indagou interessado, analisando Mariana à distância. — Caramba! Ela é a sua cara.

— Sim, eu sei — respondi orgulhosa.

— É uma adolescente. Qual a idade dela?

— Mãe, tá tudo bem? — Mari perguntou de longe.

— Está sim, já estava me despedindo. — Voltei-me para o Danilo, que ainda olhava para a menina, com um semblante estranho no rosto. Resolvi ignorar sua última pergunta. — Estarei lá amanhã de manhã.

— Certo — ele respondeu em voz baixa.

Dei um aceno com a mão direita, me despedindo, me virei e segui até a porta da minha casa.

— Mãe, aquele é o... — Mariana começou a falar, olhando atentamente para o Danilo, que

ainda permanecia estático na entrada da casa da mãe dele, com os olhos fixos na Mariana. Não deixei que ela terminasse a frase.

— É. O próprio — confirmei sua suposição, coloquei o braço no ombro dela e a guiei para dentro de casa, fechando a porta da sala. Não tinha motivo para mentir. A verdade era evidente para qualquer um que nos conhecesse. Principalmente para ela, que via o irmão todos os dias.

— Puta merda! Ele mora ali? — perguntou com a voz eufórica e cheia de surpresa. Ao mesmo tempo, pude notar certo tom de repulsa. — É nosso vizinho?

— Não! Deus, não! — Corri para responder.

— Ufa. Por um segundo fiquei gelada.

— Eu sei, filha.

— O que ele fazia aqui, então?

— A mãe dele mora ali.

Mariana arqueou as sobrancelhas.

— Mãe dele?

— Disse que sim.

— Isso é muito estranho — ela comentou.

— Eu sei. Põe estranho nisso.

— O que vocês estavam conversando? — Parou para pensar por um segundo e fez uma expressão de choque. — Você já falou com ele?

— Não, filha. Ainda não.

— Humm.

— Não faria isso aqui na porta. Marquei de conversar com ele amanhã, em seu escritório.

— Ele quem? — perguntou Guilherme, saindo da cozinha e vindo até a sala. — Com quem você vai conversar amanhã?

Mariana ignorou o irmão.

— Quer que eu vá com você? — propôs.

— De forma alguma, filha. Isso é algo que preciso fazer sozinha.

— Entendo.

— Eu não estou entendendo nada! — reclamou Gui. — Será que alguém pode me explicar o que aconteceu?

— A mãe “dele” mora aqui, na casa da frente — Mari esclareceu, fazendo aspas com os dedos.

— “Dele” quem? — quis saber Gui, imitando o gesto da irmã.

— Ai, Gui, quem você acha? — ironizou.

— Sério? — arregalou os olhos para nós duas. Guilherme era mais alto, devia ter uns 1,70 m. Então, precisava inclinar a cabeça um pouco para baixo para conversar com a gente. — E como você descobriu isso, mãe?

— Sem querer. Acompanhei seu avô até o ponto de ônibus, na entrada do condomínio. Na volta, ouvi um barulho alto e vi a porta da casa aberta. Achei melhor conferir se estava tudo bem. Fui surpreendida.

— Imagino — concordou Gui. — E aí? Isso que vocês duas estavam conversando? É com “ele” que você vai falar amanhã? — Imitou as aspas com os dedos mais uma vez.

— Exatamente. O quanto antes, melhor. E pare com as aspas, não precisamos evidenciar ninguém. — Andei rumo à cozinha e, por mais que eles tivessem o direito de saber toda a história sórdida, decidi que seria melhor não estender o assunto agora. — Estão com fome? Não sei se tem algo na geladeira, pensei em pedir uma pizza. O que acham?

- Ótima ideia. Tô morrendo de fome — concordou Gui.
- Novidade! Você sempre está com fome — implicou Mari.
- E por falar em geladeira, tá cheia — Gui emendou.
- Vovô deve ter comprado tudo — concluiu Mari.

Eles me seguiram até a cozinha e se sentaram nas banquetas ao redor do balcão, procurando pizzarias recomendadas na região pelo celular. Enquanto eu inspecionava o conteúdo da geladeira, peguei-me pensando na tarefa árdua que teria no dia seguinte. Há três semanas, eu não tinha ideia de como minha vida mudaria de curso tão rapidamente. Tudo estava indo tão bem em Belo Horizonte. Meus filhos adoravam a escola e a vida que levavam por lá. Apesar disso, nenhum dos dois se objetou a mudar de cidade. Assim como eu, colocavam a família em primeiro lugar.

Nosso relacionamento sempre foi baseado na honestidade. Desde pequenos, fui o mais transparente possível, com exceção de um detalhe. Eles começaram a questionar sobre o pai biológico quando compreenderam a diferença entre tio e pai. O tio Ronaldo, casado com tia Leila, muitas vezes, fez função paterna, entretanto, não assumiu papel de pai propriamente dito. O Gui e a Mari sempre souberam que o pai era ausente. Não sabiam o motivo, e, por mim, nunca saberiam.

Fechei a geladeira com a sensação de determinação aflorando em meu interior. Iria até o escritório do Danilo e tentaria resolver tudo. Ele saberia o que fazer. Sua posição social estaria a meu favor. Sem dúvida teria alguma resolução. Eu torcia para que realmente acontecesse isso. Ele tinha que saber o que fazer. Eu dependia dele. Eu e meu filho. Não tínhamos outra opção.

CAPÍTULO 3

— Nat, já escolheu a roupa que você vai usar? — indagou Elisa do outro lado da linha. — Se você for com aquele vestido vermelho, vou colocar o preto, pra gente não ir tão igual.

— Eu... ah... acho que vou com uma saia jeans e uma regatinha branca — comentei vasculhando dentro do meu guarda roupa.

— Branca? Não tem uma cor pior, não? Branco suja muito! Se espirrar vinho você perde a blusa!

— Vou de preto, então. — Bufei.

— Ótimo! Assim posso ir de vermelho. O Danilo ama quando uso vermelho, tenho certeza que será uma noite daquelas!

Ergui os ombros.

— Aposto que sim.

Elisa, minha melhor amiga, adorava qualquer tipo de evento social. Para ela, tudo era motivo de festa e diversão. Hoje não seria diferente, sabíamos que seria a festa do ano.

Todos os nossos amigos iriam, afinal, quem perderia uma festa na enorme casa da Marcinha? Nenhum adolescente em sã consciência, isso eu podia garantir. Seria uma festa diferente, durante o dia, com direito a piscina e churrasco. E muitos convidados. Mesmo sabendo que poderíamos dormir na casa dela, não faríamos isso. Já havíamos combinado com o Danilo, namorado da Elisa, de nos pegar aqui em casa e nos trazer no final do dia. Como ele era o único maior de idade da turma, ficou responsável por garantir que chegássemos sãs e salvas.

— O Igor não vai chegar a tempo, né? — perguntou Elisa, me tirando do devaneio.

— Não, ele volta só daqui a dois dias.

— Que pena! Vai segurar vela...

— Vela?! — Gargalhei. — Um castiçal, você quer dizer!

Escutei a risada da Elisa pelo telefone. Ela e o Danilo estavam juntos há alguns meses. Ele era um cara legal... na maior parte das vezes. No entanto, tinha algumas coisas que... não sei. Uns olhares estranhos, uns comentários indevidos. Tudo mascarado por um rosto bonito e uma personalidade carismática. Eu não gostava muito de pensar nisso e não queria interpretar mais do que deveria. Até porque, eu tinha o Igor com quem me preocupar.

Eu me considerava uma garota de sorte. Tinha uma melhor amiga e vários amigos na escola. Namorava um cara popular e lindo. Estudava em um colégio ponta de linha, com um futuro promissor pela frente. E eu queria tudo isso. Queria viver com intensidade tudo o que estava ao meu alcance, o que incluía “A Festa”.

Por isso, daqui a pouco, Elisa chegaria com Danilo e iríamos para o aniversário. Troquei de roupa correndo, apliquei uma maquiagem básica e fui esperar por minha amiga na sala. Meu pai estava sentado no sofá vermelho, lendo um livro. Ele levantou os olhos por cima dos óculos de leitura.

— Já está saindo?

Assenti.

— Elisa está chegando, o Danilo vai levar a gente.

— Que horas você volta?

— De noite — informei.

— Humm... vai ter bebida alcóolica?

— Provavelmente.

— Eu deveria pedir para você não beber, mas não acredito na inocência dos adolescentes,

então, não exagere.

— Pode deixar, pai. Não curto ficar de ressaca.

Ele me olhou desconfiado, contudo logo confirmou, balançando a cabeça para cima e para baixo. Escutei a campainha tocar e fui abrir a porta para receber Elisa. Ela me deu um abraço rápido e foi cumprimentar o meu pai.

— Oi, tio, o que está lendo agora? — perguntou após abraçá-lo.

— O Iluminado.

— Aquele do filme?

Meu pai fez uma cara de ultraje, como se estivesse ouvindo a confissão de um crime. Lá vamos nós.

— Nem pense em comparar o livro com o filme! Você já leu? — Ele agitava o livro fechado com uma das mãos.

— É... não... leio só os livros que a escola pede pra ler — Elisa respondeu, claramente confusa.

— Não sabe o que está perdendo, menina. Não sabe o que está perdendo. — Balançou a cabeça e voltou a ler. — Boa festa pra vocês, liguem se precisarem de carona.

— Tchau, pai. — Dei um beijo em seu rosto e saí atrás da minha amiga, que andava depressa em direção ao carro do namorado.

Entreí no veículo e me sentei bem no meio do banco traseiro. Elisa mal entrou e já estava grudada no Danilo, dando um mega beijo, como se eles não tivessem acabado de se ver.

— A-ham. — Limpei a garganta e eles se separaram, rindo.

— E aí, Nat? — Danilo olhou para trás e sorriu. — Vai beber todas hoje e terei que te carregar nos braços de volta pra casa?

Revirei os olhos.

— Melhor não! — rebateu Elisa, balançando a cabeça. — Se ela beber, vai acabar chorando pelo Igor não estar lá e passarei a noite toda alugando meu ouvido para lamentações.

Os dois gargalharam.

— Sorte que não tenho nada nas mãos, senão já teria lançado diretamente na cabeça de vocês!

— Relaxa, Nat — falou Danilo enquanto dava partida no carro. — Vou cuidar tão bem de você que nem vai sentir falta do seu namorado.

Olhei para o retrovisor antes que o carro começasse a se movimentar e vi os olhos de Danilo fixos nos meus. Ele podia estar brincando, mas seu olhar era tão contraditório que eu não sabia o que pensar. Deixei minha má impressão de lado, desviei o olhar para a janela e pensei na festa. Seria mesmo “A Festa”. Eu tinha certeza disso.

Acordei cedo, mais cedo que o necessário, para não correr o risco de me atrasar. Eu não estava acostumada com as linhas urbanas de Poços e, mesmo tomando conhecimento pelo site da empresa de transporte que, geralmente, o trajeto demorava uns quarenta minutos, preferi não arriscar. O terminal era localizado bem no miolo da cidade, entre as principais ruas do centro. Pelo endereço timbrado no cartão em minha mão, o escritório ficava a três quarteirões, em um edifício comercial. Pesquisei na internet na noite anterior e vi que se tratava de um prédio alto e espelhado, chamado Manhattan, difícil de ser confundido. Ele já existia na época em que fui embora. Era uma visão imponente.

Conferi o horário na tela do celular mais uma vez. Eu tinha meia hora e chegaria ao local em

dez minutos. Com tempo de sobra. Caminhei devagar pelas ruas do centro, sendo assolada por recordações.

Quando eu era adolescente, a cidade não possuía muitos atrativos para essa faixa etária, então restava ficar batendo perna na rua Assis — a rua com maior movimento de pedestres — de uma ponta à outra, ou dando volta nos quarteirões principais. Desse jeito, encontrávamos amigos e andávamos em turma, brincando e nos divertindo. Passei altas tardes gastando as solas dos meus tênis caminhando por ali.

Ao entrar na rua do Manhattan, senti que começava a ficar levemente apreensiva. As palmas de minhas mãos suavam e a temperatura do meu corpo aumentou. Eu dava um passo após o outro com calma forçada, calculada, dando graças aos céus por ter escolhido vestir sapatilhas. Caso estivesse de salto alto, correria o risco de torcer o pé.

Subi os degraus que decoravam a fachada do edifício e entrei pela porta de vidro. Peguei um dos três elevadores do térreo e aguardei que parasse no andar do escritório. Ao sair no corredor, notei que as janelas eram soldadas, com uma abertura limitada e estreita demais, servindo apenas para arejar o ambiente. Localizei a porta da sala rapidamente. Estava aberta e possuía uma plaquinha com os dizeres: “Escritório Político — Vereador Danilo R. Araújo”. A recepção era pequena, com quatro cadeiras estofadas pretas e uma mesa retangular de acrílico transparente. Um rapaz estava sentado à mesa, compenetrado, digitando freneticamente em um desktop moderno.

— Com licença? — anunciei minha entrada.

Ele levantou a cabeça e me olhou.

— Bom dia, em que posso ajudá-la?

— Vim conversar com o Danilo.

— Dr. Danilo só atende em horário marcado com antecedência. A senhora marcou horário? — indagou, abrindo uma agenda de couro marrom, provavelmente para conferir.

— Não, quer dizer, acho que não, a não ser que ele tenha avisado — esclareci. — Ele pediu que eu viesse hoje às nove horas. Falou que tinha um horário livre.

O moço olhou para mim com curiosidade e pareceu ponderar o que fazer. Vi no relógio de parede em cima dele que ainda faltavam quinze minutos para as nove.

— Só um minuto que vou falar com ele. Qual é o nome da senhora?

— Natália — respondi e ele continuou imóvel.

— Nome completo, por favor.

— Ah, sim, me desculpe. Natália Alves Guimarães.

Ele levantou a sobrancelha, esperando mais alguma informação que eu não sabia qual era. Franzi as minhas sobrancelhas como resposta.

— Natália de onde? Alguma empresa ou outro estabelecimento?

— Tenho certeza de que ele reconhecerá meu nome.

O rapaz assentiu e seguiu até uma porta branca atrás de si. Não levou mais que dois minutos para voltar.

— Logo você será atendida — disse ao se sentar à mesa novamente.

Agradei e me sentei. Apoiei os cotovelos nos joelhos e fiquei aguardando. Passaram alguns minutos. Entrelacei os dedos das mãos, meio nervosa pelo que aconteceria em seguida. Ele não sabia, mas muita coisa estava em jogo. Após mais alguns torturantes minutos, a porta branca se abriu e uma moça loira apareceu.

— Natália?

— Sou eu.

— Pode me acompanhar, por favor.

A moça abriu totalmente a porta da recepção e indicou a segunda porta em um pequeno corredor. Caminhei até lá e entrei. Danilo estava sentado em uma cadeira preta, atrás de uma mesa com design moderno e muito estilosa. Assim que o vi, senti minhas pernas bambearem. Sem querer demonstrar minha instabilidade, endureci a coluna e dei três passos firmes até a cadeira em frente à mesa. Ele se levantou e estendeu a mão para que eu o cumprimentasse. Olhei para sua mão e, mesmo não querendo, aceitei o aperto com educação.

— Natália.

— Danilo.

— Muito bom vê-la novamente — disse por educação. Eu não respondi.

Escutei a porta sendo fechada e barulho de salto ecoando perto de mim. Virei a cabeça e percebi que a moça loira tinha ficado dentro da sala. Estava se sentando em uma cadeira ao lado da mesa. Observei, confusa, a atitude dela. Danilo percebeu meu desconforto e tratou de se explicar:

— Não se preocupe com a presença da Vanessa. Ela é minha assistente e participa dos atendimentos ao público para realizar anotações.

— É... — Limpei a garganta. — Eu não acho que seria uma boa ideia ela presenciar essa conversa — comentei.

— Imagina! Vanessa é muito profissional, não nos incomodará. — Apontou para a cadeira. — Sente-se, por favor.

Foi o que eu fiz. Não queria ter essa conversa na frente de ninguém. Entendia que ele era profissional e que, se acreditava que eu pediria alguma coisa relacionada à cidade, estaria muito enganado a respeito do assunto que me trouxera aqui. Não me sentia confortável para argumentar na presença de ninguém. O assunto era delicado demais para ser exposto dessa maneira.

— Então, o que você precisa? — indagou de forma cordial.

— Bem, gostaria de ter essa conversa em particular, mas já que não há outra forma... — Olhei para ele, implorando com os olhos. A expressão em seu rosto se manteve impassível, então, continuei: — Eu tenho uma filha.

— Sim, a garota que vi ontem.

— A própria.

— Ela precisa de alguma coisa? Bolsa em escola particular? Vaga em escola pública? — Ele olhava em meus olhos de forma intensa, tentando interpretar a real motivação da minha presença em seu escritório. — Quantos anos ela tem mesmo? Doze?

Olhei para ele incrédula. Ele só podia estar de brincadeira. Mariana, doze anos? Eu precisaria ser mais assertiva. Fuzilei seus olhos negros e respondi:

— Quinze. Mariana tem quinze anos. — Observei atenta enquanto sua boca se abria e fechava como um peixe fora d'água. Seus olhos procuraram os meus e eu sabia que ele estava fazendo as contas, tentando determinar o ano de nascimento. — Ela faz dezesseis no dia 28 de setembro.

Ele apoiou os dois cotovelos na mesa e aproximou o corpo da beirada, levando uma das mãos ao queixo.

— Entendo. O que posso fazer por vocês? — perguntou um pouco perturbado. Olhou de relance para a assistente que anotava freneticamente todos os detalhes do diálogo em um bloco fixo por uma prancheta.

— Nós não precisamos de nada.

— Não estou entendendo aonde você quer chegar.

— Quem precisa é o Guilherme — esclareci.

— E quem é Guilherme? Seu marido?

Dei uma risadinha.

— Não. Guilherme é meu filho.

Seu rosto ficou surpreso por um segundo e ele disfarçou com perfeição.

— Ah, sim, me desculpe pelo engano. E do que ele precisa?

Respirei fundo e comecei a falar o que tinha decorado desde que decidi deixar BH.

— Recentemente, Gui foi diagnosticado com aplasia medular grave, uma patologia autoimune. Tem cura, mas ele precisa de um doador de medula óssea compatível. Se não encontrarmos, sua expectativa de vida é de, no máximo, dez meses.

Minha voz vacilou ao proferir as palavras que comprovavam a limitação da vida do meu filho. Danilo me olhava com cuidado e curiosidade. Percebi até um sinal de pena. Ele estava com pena de mim. Irônico.

— Humm. Nós temos um centro de coleta aqui na cidade, posso organizar uma campanha para tentarmos alguma coisa. Sou leigo nesse tipo de procedimento, mas sei que primeiro costuma-se testar a compatibilidade em familiares.

— Sim. A primeira opção é sempre um irmão consanguíneo. Mariana fez o teste e, infelizmente, não é compatível. O resultado do meu teste também foi negativo, assim como o do meu pai e dos meus tios. Ninguém se negou a testar.

— Já tentou o pai?

— Ainda não. Voltei pra Poços pra fazer exatamente isso. — Pontuei cada palavra para que ele interpretasse as entrelinhas. Ou ele não estava entendendo, ou se fazia de estúpido. Olhei para a assistente pelo canto do olho e dei continuidade: — Acho que não me expliquei bem.

— Estou ouvindo. — Levou os dedos ao colarinho da camisa e fez um movimento para afrouxar a gravata, como se estivesse sufocado.

— Gui também tem quinze anos.

Danilo arregalou os olhos e não conseguiu disfarçar o susto. Notei uma gota de suor bem pequena escorrendo em sua testa.

— Gêmeos? Você teve gêmeos?

Assenti, movimentando a cabeça para cima e para baixo deliberadamente, mantendo o olhar preso aos olhos dele.

— Gêmeos. — Respirei fundo. — Você entende que eu faria qualquer coisa para ajudar meu filho? Qualquer. Coisa.

— C-claro. Vou fazer o que estiver ao meu alcance. Anote aí, Vanessa, planejar uma campanha de doação de medula óssea nos próximos dias — concluiu, tentando se esquivar do fardo que caíria sobre si. — Vou pedir para que você passe todas as informações sobre o Guilherme para minha assistente. Tenho um compromisso daqui a pouco na câmara municipal, ao qual não posso faltar. Agradeço por ter vindo falar comigo sobre um assunto tão pessoal e delicado.

Ele se levantou e estendeu a mão para mim.

Não.

Enquanto ele esperava que eu aceitasse a despedida e a garota andava em direção à porta, abri minha bolsa e peguei uma fotografia recente dos gêmeos. Olhei para a mão dele, estendida em frente a mim, ignorei o gesto e escorreguei a foto por cima da mesa.

— Por favor, senhor vereador, perdoe a minha insistência, deixe-me ser um pouco mais clara. Sei que corro o risco de parecer uma mãe desesperada por atenção, mas preciso fazer isso por meus filhos. — Mostrei a foto. Os olhos dele quase saltaram das órbitas. — Esta é a Mariana,

que você viu ontem. Ela é a minha cara, como você mesmo observou. Este... — Aponte para o meu filho. — ... é o Guilherme. São gêmeos bivitelinos. Enquanto Mari se parece comigo, Gui é a cara do pai.

Danilo ficou sem fala. Empalideceu de forma memorável. Após engolir algumas vezes, disse:

— Vanessa, saia da sala e feche a porta. Antes de sair, chame o Gustavo e vão para o térreo tomar um café.

A garota parecia confusa. Ela não fazia ideia da imensidão do que tinha acabado de acontecer naquele local. Com um aceno rápido de cabeça, saiu e fechou a porta. Alguns segundos depois, ouvi outra porta sendo fechada.

Observei Danilo, que tinha saído do seu lugar na cadeira e deambulava no pequeno espaço atrás da mesa.

— O que você quer com isso, Natália?

— Eu? Quero que você faça um teste de compatibilidade. Você pode salvar a vida do meu filho. — Dizer isso era difícil, muito difícil. Assumir era dolorido. Ter essa conversa era o mesmo que aceitar o que tinha acontecido dezesseis anos antes.

— Isso é algum tipo de brincadeira? — questionou, apoiando ambas as mãos no tampo da mesa. — Isso é armação! Eu não tenho filho nenhum.

— Olhe nos meus olhos, Danilo! Você acha que eu seria capaz de inventar algo desse tipo? Pra quê? Não fosse a doença do Gui, eu nunca teria voltado a colocar os pés nessa cidade! Você jamais saberia da existência deles!

— Você só pode estar ficando louca! Esse filho não é meu! Esses adolescentes não têm nenhuma relação comigo.

— Acredite no que quiser. Mas eu lhe imploro, faça o teste. Por favor.

— De jeito nenhum! Isso é montagem! — acusou com a voz bastante alterada, apontando para a foto em cima da mesa.

— Danilo... por favor, seja razoável.

— Razoável? Eu? Me poupe, Natália! Como eu teria um filho com você...

— Filhos, são dois — corriji.

— Que seja! Como isso seria possível se nunca tive nada com você? Eu namorava a Elisa! Isso não tem o menor cabimento!

— Ah, eu sei muito bem disso. Sei também onde aconteceu e como.

Danilo virou o rosto de repente e me olhou como se eu estivesse desafiando-o.

— Impossível. — Soltou com um silvo. — Nós nunca fizemos nada! Nada! — tentou mais uma vez, enfático.

— Quer mesmo que eu refresque a sua memória? Dói, Danilo! Dói lembrar! Mas se é o que você quer, é o que você ouvirá! — Limpei uma lágrima, com raiva por estar sendo fraca e chorando na frente dele. — Na festa da Marcinha, Elisa passou mal porque bebeu. Fui atrás de você, para me ajudar a cuidar dela. Te encontrei, você foi comigo, muito solícito, só que, antes, exigiu que eu tomasse alguma coisa para me acalmar, pois eu estava muito agitada e só iria deixar Elisa pior. Aceitei o refrigerante que você pegou pra mim. — Vi que os nós dos dedos dele se tornavam brancos com a força que apertava as costas da cadeira. O maxilar estava trincado, ouvindo cada palavra que eu dizia. Dei sequência, entre lágrimas: — Subimos a escada que levava ao segundo andar da casa, onde ficava o quarto em que deixei Elisa.

— Isso é um absurdo!

— No meio do caminho, meu corpo parou de me obedecer. Você me segurou. Eu lembro de ter sido abraçada. Lembro também de ser carregada para um dos quartos. — Olhei para ele com

nojo.

Silêncio.

— Posso não me recordar de todos os detalhes, porque estava dopada, só que alguma coisa não funcionou muito bem na sua tática. Eu não consegui reagir. Meu corpo foi usado. Não consegui sentir, só que vi tudo. E não me esqueci de nada.

Silêncio.

— Sabe o que foi pior? Acordar no dia seguinte, sentindo dor pelo corpo todo, sem entender como e o porquê, mas com imagens nítidas na memória do rosto do namorado da minha melhor amiga se contorcendo de prazer, pairando em cima de mim.

Silêncio.

— Com o passar dos dias, lembrei ainda mais. Cada recordação me deixava arrasada. Não contei pra ninguém. Demorei pra aceitar. E, pra ser sincera, ainda não aceito muito bem. Tive que assumir a consequência. Você não sabe o peso que é ficar grávida de um estupro. Com dezesseis anos. De gêmeos!

Silêncio.

— Eu nunca quis nada de você. Nunca precisei de nada. Não quero que você assuma *meus* filhos, porque eles não são nada seus. Eles são *meus*. — Coloquei o indicador no meu esterno, enfatizando a colocação. — Só que preciso que você faça a porra do teste de compatibilidade! Nem que para isso eu tenha que fazer um escândalo! Porque, não tenha nenhuma dúvida, por meu filho eu faria qualquer coisa! Inclusive ficar cara a cara com o filho da puta que se aproveitou da minha ingenuidade e acabou com a minha adolescência.

— Você não pode provar nada. Ninguém irá acreditar em você.

— Não quero que acreditem, vereador. Quero apenas a saúde do meu filho intacta. E você vai fazer a porra do teste!

— Não vou fazer DNA!

— E precisa? — desafiei, erguendo as sobrancelhas.

Silêncio.

— Você sabe onde eu moro. Quero uma posição o mais rápido possível. A vida do meu filho está em jogo. Eu não queria que a sua carreira também estivesse. — Limpei as lágrimas com as pontas dos dedos. Peguei a foto de cima da mesa, virei e anotei o número do meu celular. — Aqui está meu telefone — disse com mais calma. — Você pode agir de forma humana pelo menos uma vez na vida. Sei que nem sempre você foi um monstro. Não compreendo o que aconteceu naquele dia. Faça diferente, Danilo — implorei.

— Eles sabem? — perguntou baixinho após uma pausa rápida.

— Que você é o pai deles?

Danilo assentiu.

— Sabem.

Ele fechou os olhos e exalou fazendo ruído.

— Eles sabem como...

— Não. Por mim nunca ficarão sabendo.

Aproveitei que ele ficou mudo e, sem ter mais o que fazer ali, me levantei e fui até a porta.

— Você sabe onde me encontrar. Por favor, não demore. — Girei a maçaneta e fui embora, pisando firme no piso frio do prédio espelhado.

CAPÍTULO 4

Eu tinha plena consciência de que minha conversa com Danilo seria pesada. Dezesesseis anos atrás, quando compreendi a dimensão do que tinha acontecido em minha vida, sabia que eu nunca mais seria a mesma. Nunca mais acordaria com aquela sensação leve e revigorante simplesmente por estar viva e disposta a viver. A adolescente divertida e animada foi corrompida de várias formas. As consequências do abuso destruíram as minhas estruturas junto a todas as minhas expectativas.

Na manhã após o incidente, acordei com náuseas, indisposta e vomitando. Não me lembrava direito de como tinha voltado para casa, sentia o corpo dolorido e tinha flashes de memória sobre o que poderia ter acontecido na noite anterior. Por estar em uma situação delicada, achei que seria melhor não contar a ninguém, principalmente para minha melhor amiga. Apesar de muito confusa, uma coisa era clara, eu reconhecia meu agressor. O rosto dele aparecia em todas as minhas recordações.

A primeira coisa que fiz foi chorar enquanto tomava banho. Chorei muito, como se as lágrimas tivessem capacidade de agir como um feitiço e arrancar a minha aflição. A dor no corpo nem se comparava à dor interna. Não fiquei com hematomas por não ter sido agredida com violência. Por mais que essa afirmação parecesse ridícula, era verdadeira. Pelo pouco que me lembrava e conseguia compreender, Danilo abusou do meu corpo, só que também o venerou. Eu sabia que soava estranho, mas ele não foi agressivo. Claro que eu não senti nada e que, se estivesse em sã consciência, nunca teria rolado. O nojo pelos atos dele continuava com a mesma intensidade. Violentar uma garota quase inconsciente era abominável.

Nessas horas, eu desejava que minha mãe não tivesse falecido quando nasci, para poder me abrir e chorar, sem medo de ser julgada. Meu pai era tudo para mim, no entanto, eu não tinha coragem de contar os detalhes do que ocorreu.

Foi o banho mais longo e dolorido que eu já tomei. Uma sessão de limpeza espiritual. Um momento decisivo, em que deixei de lado a garota que eu era e assumi outra postura. O que me doía era ter que abrir mão da minha vida como ela era. Não adiantava dizer que a vida seguiria como se nada tivesse acontecido, porque era uma grande mentira. Como eu teria capacidade de olhar para o Danilo todos os dias sem me lembrar de tudo? Seria impossível.

Sem dúvida seu esquema não contava que a minha consciência permanecesse em alerta. Não totalmente, todavia o bastante para identificá-lo. Provavelmente algum composto não fez efeito no meu organismo. Ele não seria burro o suficiente para correr o risco de ser desmascarado.

Eu me sentia envergonhada e diminuída. Meu corpo não me pertencia mais. Eu teria que desistir do Igor. Como olharia para ele guardando esse enorme segredo? E minha amizade com Elisa? Como contar para ela que seu namorado era um monstro? Como assumir que eu havia sido uma vítima? Que tinha sido abusada por ele em uma festa abarrotada de convidados e que ninguém percebeu? Ninguém viu. Ninguém ouviu. Ninguém apareceu para ajudar.

As semanas seguintes foram complicadas. Eu me isolei e passei o restante das férias fechada em casa, alegando cólica ou enxaqueca — o que eu ainda não tinha — sempre que alguém ligava me convidando para sair. Meu pai notou que alguma coisa estranha acontecia, entretanto me deu espaço para processar tudo.

Terminei o relacionamento com o Igor por telefone, da pior maneira que poderia ter feito. Ele ainda estava viajando e não aceitou a notícia tão facilmente. Disse que eu me arrependeria, tentou questionar meus motivos. Eu fui dura. E menti. Argumentei que nunca tinha desenvolvido sentimentos por ele, que estava tentando, experimentando, como toda adolescente fazia.

Expliquei que queria aproveitar os últimos anos do ensino médio, não queria desperdiçar oportunidades com outros garotos. Ele reagiu como um adolescente ferido reagiria. Foi arrogante e me dispensou como se eu não passasse de uma mosca.

Eu sabia que sua atitude era orgulho ferido. Não cheguei a saber se ele me amava, pois nunca tivemos chance de alcançar esse ponto do relacionamento. Eu o amava. Ele tinha sido o meu primeiro grande amor. No início, platônico, depois, verdadeiro. Foi com ele que tive a minha primeira vez. Tal como nosso primeiro beijo, foi maravilhosa. Tudo o que eu esperava. Cheia de amor, carinho e afeto. Foram poucas as vezes que nos aventuramos nesse sentido, visto as dificuldades dos adolescentes em encontrar oportunidades, porém, ainda bem que aconteceram. Nunca vivi algo tão puro com outra pessoa como foi com ele.

A possibilidade de contar para o meu namorado que fui violentada em sua ausência me desesperava. Eu nunca mais seria a garota ingênua que ele conheceu. Isso me causava repugnância. Terminar o relacionamento me destruiu, mas foi necessário. Eu queria que ele fosse feliz. Ao meu lado, não havia expectativa.

No primeiro dia de aula, Igor beijou uma garota na minha frente, na saída da escola. Apertei a blusa amarrada à minha cintura, coloquei os óculos escuros e o boné de aba curva, que agora faziam parte dos meus acessórios diários, e desci o morro que levava ao terminal de linhas urbanas, chorando por todo o trajeto. Eu estava sozinha, mais uma vez. Elisa tinha o Danilo, Igor estava fazendo o que eu afirmei que queria fazer, “curtindo a vida” com outras pessoas. Eu não tinha ninguém.

Três semanas depois da volta às aulas, comecei a passar mal. Crises de enjoo e vômito faziam parte da minha rotina, junto à sensação de fraqueza, excesso de sono e dores pelo corpo todo. Virei uma bagunça. No terceiro dia que fiquei de cama, meu pai me levou ao pronto socorro. A primeira pergunta da enfermeira que me atendeu foi “Existe a possibilidade de gravidez?”. Não, claro que não existia! Eu e Igor não fazíamos nada nesse sentido desde novembro e o meu ciclo veio normal em janeiro. Impossível. Por via das dúvidas, fizeram um batalhão de exames, incluindo urina e sangue.

Duas horas depois, eu encarava o resultado positivo no hemograma. Pela concentração de hormônio Beta HCG, a estimativa da idade gestacional era de quatro semanas. Quatro semanas. Um mês. O cálculo coincidia com a maldita “Festa do Ano”.

Fui para casa com meu pai em um silêncio total. Levando na bolsa vitaminas e um encaminhamento para o pré-natal de risco, por ser adolescente. No caminho, meu pai segurou a minha mão. Ele não precisava falar nada, eu sabia o que estava sentido. As primeiras lágrimas escorreram por meu rosto sem que eu percebesse. Eu me surpreendi quando ouvi meu pai soluçando ao meu lado. Eu o abracei e fizemos todo o trajeto do ônibus, do centro até a porta da nossa casa, chorando juntos, sem nos importar com os olhares curiosos das pessoas ao nosso redor.

Assim que chegamos, contei tudo. Sobre a festa, o abuso, as semanas seguintes. Não aguentava mais guardar segredo. Como todo pai, ele quis matar o Danilo. Implorei para que não tomasse nenhuma atitude. De que adiantaria? O tempo tinha passado, eu não me submeteria a um exame de corpo de delito e, mesmo se o fizesse, não haveria nenhuma prova no meu corpo, a não ser a gravidez. E desde quando gravidez era considerada uma prova de violência contra mulher? Ele alegaria que foi consentido e eu não teria argumento contrário. Eu já tinha perdido minha melhor amiga e meu namorado, divulgar o incidente somente faria com que eles pensassem em mim como uma mentirosa que os traiu bem embaixo dos seus narizes.

Convenci meu pai de que seria melhor deixar quieto. Muito transtornado, ele aceitou e

começamos a planejar o meu futuro estraçalhado. Uma gravidez não poderia me impedir de estudar. Nas palavras dele, “nossa família era muito pequena, uma pessoa a mais não seria tão ruim assim”. Só não queríamos que eu parasse minha vida por causa disso. Na manhã seguinte, ele ligou na escola e solicitou os papéis da transferência. Depois, telefonamos para minha tia, me mudei para BH e o restante da história você já sabe.

Relembrar esse momento não era agradável. Falar claramente sobre o assunto com o Danilo foi o mesmo que cutucar a ferida e tirar um fardo enorme das minhas costas. Um peso que carregava por dezesseis anos. Ameacei começar um escândalo, entretanto, essa não era a minha vontade. Eu faria, se fosse minha última alternativa. Diferente dele, eu não tinha nada a perder. Não tinha uma carreira em ascensão ameaçada por uma denúncia de estupro.

Eu contava com a minha intuição, que ele fosse esperto e fizesse a doação por caridade, fingindo para a sociedade que ficou tocado com a história do menino doente, filho de uma mãe solteira. Eu não permitiria que fossem divulgadas fotos do Guilherme, para proteger sua imagem, então ele estaria seguro para fazer uma boa ação e sair como o bom moço da história.

Pensando em tudo isso, caminhei até o centro de coleta local para atualizar o cadastro do Gui. Precisava indicar que agora morávamos em Poços de Caldas e não mais em Belo Horizonte. A alteração foi rápida e, logo em seguida, caminhei até a escola particular que eles frequentariam. Precisava apresentar os documentos da transferência e resolver outras burocracias. Saindo de lá, amaldiçoei meus pés pela sapatilha idiota que escolhi de manhã. Quando chegasse em casa, estariam cheios de bolhas. Teria que me lembrar de sair usando tênis da próxima vez.

Cheguei em casa tarde, já tinha passado da hora do almoço. A primeira coisa que fiz, assim que abri a porta, foi tirar as malditas sapatilhas, jogá-las no canto da sala e esticar os dedos dos pés. Como doíam! Fui até a cozinha e notei que o Gui e a Mari, ou um dos dois, tinha preparado o almoço. Havia louça secando no corredor em cima da pia e duas panelas tampadas sobre o fogão. Comecei a rir ao abrir as panelas. Macarrão em uma delas e molho vermelho com salsicha em outra. A comida mais fácil de ser feita. Ao menos eles sabiam se virar quando eu não estava em casa. Esquentei um pouco e comi. Até que estava bom.

Encontrei um bilhete da Mari na porta da geladeira, avisando que tinha descido no Parque Municipal, que ficava próximo de nossa casa, para fazer caminhada. Disse que voltava logo. Subi as escadas e encontrei o Gui dormindo, com o corpo espalhado na diagonal em cima do colchão de casal, embaixo de umas três cobertas. Eles iriam demorar um pouco para se acostumarem com a temperatura da cidade. Passei a mão levemente em seu cabelo escuro e curto. Ele era muito bonito, daqui alguns anos ficaria ainda mais, se tudo desse certo.

Descobrir sua patologia foi outro baque. Ele estava reclamando de cansaço e acne há meses, e pensamos que era consequência dos hormônios. Nunca cogitamos a possibilidade de ser algo mais grave. Os primeiros sintomas estranhos foram as tonturas, falta de ar e dor de cabeça. Procuramos um neurologista e não encontramos nada neurológico.

Nós nos assustamos quando começaram a aparecer manchas escuras no seu corpo. Hematomas grandes, que não faziam sentido, surgiam sem nenhuma explicação. Isso nos levou a outro especialista, um hematologista. Após o exame clínico e outros exames solicitados pelo médico, outras doenças foram desconsideradas e uma biópsia da medula óssea foi realizada. O médico nos avisou que, devido ao histórico patológico do Gui, que teve hepatite B quando era criança, a possibilidade de ter aplasia medular era alta, somando todos os sintomas. O resultado da biópsia, que sairia em poucos dias, definiria o diagnóstico.

Assim, não foi uma surpresa tão grande quando recebemos o resultado positivo para anemia aplástica. O especialista nos explicou todos os pormenores da doença, que até então não

conhecíamos. Como o fato de ser autoimune, o que significa que enfraquece o organismo, impedindo que ele combata doenças mais simples. Nos informaram também que tinha cura e que, dependendo do grau, é tratada sem grandes intervenções.

Óbvio que este não era o caso do Guilherme. Já havíamos sido alertados sobre a gravidade e sabíamos que o tratamento só seria possível através de transplante de medula. Apenas nos restava achar um doador compatível. Nosso tempo era curto, tínhamos poucos meses para encontrar alguém. Enquanto isso, os sintomas aumentariam e ele poderia falecer com alguma infecção.

Assim começou a nossa jornada. Se ele e a irmã fossem univitelinos, o problema seria resolvido com facilidade, já que ela seria, automaticamente, doadora. Infelizmente, nós não éramos compatíveis e não encontramos doadores no banco de dados governamentais. Todos os nossos conhecidos de BH foram testados sem sucesso. Por isso, decidimos voltar para Poços e tentar a família do pai. O preço a pagar pela vida do meu filho seria encarar o Danilo e implorar por ajuda. Isso estava ao meu alcance. Agora nos restava aguardar — não muito tempo — e esperar que ele agisse como homem e honrasse o seu dever.

Inclinei o corpo e dei um beijo na testa do meu filho. Estava saindo do seu quarto quando a campainha tocou. Desci as escadas com calma e abri a porta, sem conferir quem era. Não tive nem tempo de ver ou de cumprimentar a pessoa. Senti o tapa estalando a pele do meu rosto antes de ouvir o som do impacto que jogou minha cabeça para o lado.

— Como você ousa aparecer assim, sem avisar, depois de uma década e meia?

Escutei a voz estridente ao levar minha mão ao rosto, para tocar o local em que tinha sido atingida. Ardia como o inferno. Virei a cabeça devagar e vi uma morena alta, de cabelos negros e lisos na altura dos ombros. Usava óculos escuros, mas eu a reconheceria em qualquer lugar.

— Elisa?

— Quem mais seria? — respondeu com a voz pingando desgosto.

— O quê? Por que você me bateu? — Eu estava aturdida, tentando compreender o motivo de tanta raiva.

— Primeiro... — Ela apontava o dedo em minha direção. — ... por ter me feito de idiota e sumido do nada há dezesseis anos, sem deixar rastros. Por anos procurei por você na internet. Igor enlouqueceu quando viu que você tinha se mandado daqui. Você não tem ideia das coisas que ele passou.

Eu a encarava, ainda segurando a bochecha machucada. Ela devia ser no mínimo uns dez centímetros mais alta que eu. Era magra, usava sapato e roupa social. Tinha uma aparência impecável.

— Segundo, porque você resolveu aparecer após todo esse tempo com um tremendo golpe pra cima do meu marido! Quem você pensa que é para ameaçar o Danilo? — Ela me olhava como se eu não fosse nada.

Levantei as mãos com a intenção de acalmá-la. Eu não tinha ideia de que sua reação seria essa, nunca passou pela minha cabeça que ela fosse casada com o Danilo. Depois do estupro, preferi acreditar que ela percebeu o quanto ele era controverso por conta própria e acabou se afastando dele. Mantive essa esperança. Imaginava que nos reencontraríamos de uma maneira muito mais agradável do que a realidade.

— Elisa, abaixe o tom da voz. Temos muito o que conversar.

— Até parece que vamos conversar! Se você pensa que pode chegar assim, de repente, afirmando ter um filho do meu marido, você está muito enganada! — Ela bufava de tanta ira.

— Olha, eu não sei exatamente o que ele te contou, mas...

— Me contou o suficiente! Que você apareceu no escritório com um filho, falando que era dele. Pra cima de mim, não, Natália!

Após sua breve explicação, percebi que ela sabia apenas a metade da história. Começando pela parte em que eram dois filhos, e não um. Danilo não tinha sido honesto com a própria esposa a respeito de um fato indiscutível.

— Guilherme é filho do Danilo, Elisa. Eu gostaria que tivesse outra forma de termos essa conversa...

— Filho do Danilo! Você ficou louca? — Ela mexia as mãos com violência em frente ao corpo. Fiquei com receio de ser acertada mais uma vez e dei um passo para trás.

— Elisa, aconteceu antes que eu fosse embora, você precisa me ouvir.

— Mentira sua! Não existe possibilidade nenhuma de ele ter um filho com você! Isso é um golpe! Você amava o Igor, nunca teria saído com ele! Muito menos nas minhas costas! Pra mentira ficar ainda mais deslavada, só falta você falar que foi violentada!

Respirei fundo e olhei em seus olhos ocultos pelas lentes escuras. Ela gritava na porta da minha casa e isso não era legal. Já tinha constatado que aqui se escutava tudo com muita facilidade, quando a Mariana me chamou ontem.

— Elisa. — Olhei para ela, suplicando para que interpretasse o meu olhar.

— Ah, era só o que me faltava! Sério? Vai inventar que ele abusou de você?

— E se eu disser que foi exatamente isso que ocorreu? — Não aguentei mais ficar quieta. Se ela queria ouvir umas boas verdades, conseguiria! — Que eu fui embora porque fiquei grávida do seu namorado, quando ele resolveu me estuprar!

— Sua...

Ela levantou a mão para me bater outra vez, mas parou no meio do caminho. Seu olhar estava travado em alguma coisa atrás de mim, algo que a impediu de continuar a fala e o gesto. Virei o rosto e vi Guilherme, parado no meio da escada com uma expressão de fúria. Fechei os olhos e rezei para que ele não tivesse ouvido a minha última frase.

Voltei a avaliar Elisa, que permanecia congelada na mesma posição. Os sentimentos que passavam pelo seu rosto eram inúmeros. Raiva, compreensão, tristeza, decepção... tantos outros que eu não conseguia identificar. Dezesseis anos de distância fizeram com que eu desenvolvesse certa dificuldade de interpretá-la. Engraçado. Antes eu a entendia como se fosse um livro aberto. Só que uma coisa era nítida, ela parecia prestes a desmaiar. Ficou pálida, levou a mão ao rosto, tirou os óculos e deixou a mão cair. Dei um passo para frente e a segurei, apoiando meu braço por baixo das axilas dela.

— Gui, pegue um copo de água pra ela, por favor! — gritei e comecei a levá-la para dentro de casa. Elisa não chegou a desmaiar, mas perdeu boa parte da força que a mantinha em pé. Ajudei-a a se sentar no sofá e peguei o copo da mão do meu filho. Levei aos lábios de Elisa e ela tomou.

— O que foi isso? — Gui observava Elisa, que ainda o encarava como se ele fosse uma assombração.

— Nada com o que você tenha que se preocupar — garanti.

— Quem é ela? — Ele continuava conversando como se Elisa não estivesse bem ali na nossa frente.

— Elisa, esposa do Danilo. E uma antiga amiga.

— Amiga? E te bateu? — Ele ergueu as sobrancelhas.

— Você viu?

— Não, mas o vermelho no seu rosto denuncia.

— Ah. — Suspirei. — É complicado, Gui.

— Eu sei. Ouvi boa parte da discussão. — Ele me censurava com o olhar.

— Ai, Gui, não era pra...

— Não esquentá, mãe. Eu desci assim que ouvi a gritaria. — Soltei a respiração e deixei os ombros caírem. Tentei protegê-los da verdade por tanto tempo. — Isso é sério.

— Eu sei. — Confirmei com a cabeça. — Podemos conversar mais tarde, se você quiser, quando sua irmã chegar.

— Irmã? — indagou Elisa, que até o momento acompanhava a conversa sem se manifestar.

— É, irmã. Eu tenho uma irmã gêmea — Guilherme respondeu por mim.

— Ah, meu Deus! — Elisa levou uma das mãos ao peito. — Vocês têm quantos anos? — questionou com os lábios tremendo.

— Quinze.

Naquele momento, ela colocou as duas mãos no rosto, abaixou a cabeça e começou a chorar desesperadamente.

— Gui, você pode nos dar licença por um minuto?

— Me chama se precisar. — Ele saiu lentamente da sala, depois de olhar para mim e piscar.

— Natália, você... — Ela levantou a cabeça o suficiente para me ver. — Gêmeos?

Sentei na mesinha de centro e fitei seus olhos, assentindo.

— Nós temos que conversar, Elisa.

Ela concordou, soltando um longo suspiro.

CAPÍTULO 5

Peguei minha mochila e coloquei nas costas, saindo apressada da classe assim que tocou o sinal anunciando o término da aula. Eu gostava de chegar mais cedo à quadra, pois tinha tempo de me sentar, me ocupar com alguma coisa trivial e fazer cara de paisagem, como se estivesse ali naquele cantinho por acaso. Não que alguém prestasse atenção na garotinha desengonçada que ficava observando tudo quietinha. Mas era o que eu gostava de fazer, então, segui meu caminho pelos dois quarteirões e entrei na quadra da escola. Poucos alunos estavam lá e o time de futebol ainda não treinava.

Sentei-me em meu lugar de sempre, abri a mochila e peguei minha agenda. Ela já estava enorme, recheada de clips com pequenas recordações do meu dia a dia. Nela você encontrava tudo o que era relevante para a minha vida. Embalagens de bombons, pétalas de flores ressecadas, guardanapos (sim, às vezes me lembravam situações divertidas), fotos e alguns recortes de revistas. Ok, eu assumo, nela você também encontrava minhas declarações de amor eterno. Minha agenda era minha confidente.

Eu rabiscava uma página, desenhando um coração com o nome do Igor, quando o avistei entrando pela porta lateral. Cara, como ele era lindo. Estava de boné vermelho — o que sairia da cabeça em minutos —, camiseta polo do uniforme, uma bermuda preta esportiva e tênis de futsal. Não chegou sozinho. Uma galera orbitava ao seu redor, meninas que almejavam sua atenção e meninos que queriam ser como ele, ou aproveitar um pouco do que ele era. Porque ele era tudo. Tá, eu sei que nunca conversei com ele, só observava, mas ele era tudo para mim.

Se ao menos ele olhasse em minha direção...

Não, era melhor não olhar. Iria pensar que eu era uma pirralha boba que ficava babando por onde ele passava. Eu estava feliz com meu amor não correspondido e não descoberto. A paixão platônica, como nomeou o meu pai, me fazia muito bem.

Voltei minha atenção para a agenda e continuei decorando o coração com caneta de glitter vermelha. O nome dele seria escrito em preto, com uma letra bem caprichada. Até o final do treino, eu teria feito mais uma obra de arte que nunca seria exposta em lugar nenhum. Ainda bem. Eu passava mais uma vez a caneta, aperfeiçoando o efeito sombreado de um lado do desenho, quando uma voz me interrompeu.

— Não me diga que você vai escrever o nome de um garoto aí dentro. Isso é tão previsível.

Olhei para a lateral e vi uma garota alta de cabelos lisos e escuros, usando uniforme da escola, parada, estudando a minha agenda aberta. Fechei a agenda depressa. Quem era ela e o que ela estava fazendo ali? No meu espaço?

— Não precisa ficar com vergonha. — Deu um meio sorriso. — Eu também faço isso às vezes... só que não em público. — Ela olhou pela extensão da quadra.

— Eu estava sozinha. Não era para ninguém ter visto — eu me defendi.

Ela devia ter interpretado a minha fala como um convite e se sentou ao meu lado, soltando sua mochila entre seus pés, que estavam no degrau de baixo. Fiquei um pouco incomodada e sem saber como agir direito. Eu nunca tinha companhia na hora do treino. Eu era invisível.

— Eu percebi. Imagina se eu chegasse um pouco mais tarde e flagrasse o nome que seria escrito dentro daquele coração? E por falar nele, estava ficando lindo. Você é muito boa com desenhos.

Eu não sabia se agradecia o elogio ou se ficava irritada pela invasão de privacidade. Escolhi a primeira opção. Não queria ser mal-educada.

— Obrigada.

O treinador do time de futebol resolveu naquele exato momento apitar para o início do treino. Virei a cabeça na mesma hora, procurando e identificando Igor instantaneamente. Soltei um suspiro mais alto do que gostaria e isso chamou a atenção da garota enxerida que resolveu me infernizar no meu momento sagrado.

— Ah, sério? Ele faz futebol? — Fiz uma careta. — Ei, calma, não precisa ficar irritada. Eu sei como você se sente.

— Duvido — retruquei, um pouco amarga.

— Garanto que sei. Você sai da escola correndo, se esconde aqui nesse cantinho e fica assistindo ao treino, imaginando como seria bom se aquele cara maravilhoso olhasse pra você e se apaixonasse.

Eu não queria demonstrar que sua fala tinha me afetado, porém minha boca abriu contra a minha vontade, meu queixo quase alcançou o chão.

— Não precisa se preocupar... — Ela voltou o rosto para a quadra e seus olhos brilharam. — Eu também passo por isso.

Compreendi que ela disse isso para me acalmar, só que fez o efeito contrário. Trinquei os dentes e a fulminei com o olhar. Se meus olhos emitissem raios laser, com certeza ela já estaria carbonizada até o último fio do cabelo. Era só o que me faltava! Já não bastava as meninas que ficavam correndo atrás do Igor como um bando de cadelas no cio, agora me aparecia essa garota querendo falar sobre ele comigo?

— Cara, ele é perfeito. Não sei como ninguém parece notar.

Oi? Ela vivia no mesmo mundo que eu? Ninguém conseguia notar? Todo mundo sabia que ele era lindo. Todo mundo corria aos pés dele. Todo mundo, menos as covardes, como eu. Segui o seu olhar e vi que ela não estava observando o mesmo lado da quadra que eu. Ela fitava o lado oposto, onde a outra metade do time treinava. Mas... fiquei confusa. Se não era o Igor, era quem?

Voltei minha atenção para ela, interessada, esperando que me respondesse, até notar que eu não tinha perguntado nada.

— É... você não é correspondida? — Tentei não ser tão direta.

Ela sorriu e sua feição se iluminou de esperança.

— Ainda não. Um dia serei — respondeu, confiante.

— Queria pensar assim. — Vislumbrei a quadra, Igor me atraía como um ímã superpotente.

— Ah, não — ela falou desanimada. — Você gosta do Igor — disse com pesar.

— É tão óbvio assim?

— Não. — Balançou a cabeça para os lados. — Mas é que metade da escola gosta dele.

— Eu sei. — Fechei os lábios com firmeza. — Como eu disse, nem tem como ser confiante.

Ela enfiou a mão na minha frente, esperando que eu a segurasse.

— Elisa. Você é...

— Natália — respondi segurando a mão dela.

— Nós vamos dar um jeito nisso, Nat. Nós duas. Escreva o que estou falando: um dia, você será a pessoa mais importante para o Igor... e eu serei para o Danilo.

Esbocei um sorriso enorme, daqueles que exibem todos os dentes. Gostei dela. Tínhamos um plano. Elisa seria uma boa amiga, eu não tinha dúvidas disso.

Era estranho estar à frente de Elisa após tantos anos. Ela mudou. Estava mais bonita. Pelos

traços de sua expressão, dava para notar que amadureceu. Não só pela idade, afinal, ela também já havia entrado na casa dos trinta, mas pela forma como me observava. Seus olhos, nitidamente marcados pelas lágrimas, passavam a impressão de desafio, ambição e mais alguma coisa que eu não conseguia identificar. Precisei segurar o choro para iniciar a conversa. Deus, como senti falta da minha amiga nesse tempo todo. Sabe aquelas amizades que você sabe que são para a vida toda? Elisa teria sido assim se o destino não tivesse interferido e pisoteado com botas de ferro minhas expectativas adolescentes e ingênuas.

— Eu não sei muito bem como ou por onde começar. — Suspirei. — Acho que primeiro você merece um pedido de desculpas.

Ela limpou os olhos e ergueu as sobrancelhas.

— Você *acha*?

Respirei fundo e dei sequência. Eu gostava muito da Elisa, só que não a conhecia mais. Eu gostava da memória da amizade dela e teria que tomá-la como base, se quisesse que essa conversa funcionasse.

— Sei que tudo o que eu disser agora não irá justificar a forma como agi, ou como as coisas aconteceram. Só peço uma coisa, ouça tudo o que tenho a dizer. Eu precisei ir embora, Elisa. Naquelas férias minha vida foi atingida por um tornado. Não sei explicar direito como eu me senti, foi uma confusão indescritível. Só que tenho ciência de que não deveria ter me afastado e sumido sem me despedir. Sinto muito por isso.

Ela deu uma risada irônica e meneou a cabeça.

— Você está se desculpando só por isso? Por ter se afastado e sumido? Por favor, Natália, após ter conhecido o seu filho, isso é o melhor que você pode fazer?

— Eu não vou me desculpar por ter escolhido ter os meus filhos. Eles são a melhor coisa da minha vida.

Elisa levou a mão ao seu peito e falou de forma bem dramática:

— Sinto-me profundamente tocada pela demonstração de amor e por saber como sua vida ficou melhor após você ter se deitado com o meu marido! — Fiquei boquiaberta, mas ela não tinha terminado. — Porque ficou óbvio, depois de tê-lo visto em carne e osso, que não há dúvidas sobre a paternidade do garoto. Você foi baixa, Nat.

— Você não faz ideia do que está falando — retorqui indignada. — Eu valorizava nossa amizade, sempre valorizei. Eu nunca, *nunca*, trairia você dessa forma. Por isso não me desculpo. Não tenho motivos para me desculpar. — Olhei em seus olhos. — Se tem alguém que deveria fazer isso é seu marido. Ele foi o responsável por essa situação. Não eu.

— De todas os seus defeitos, Nat, o que eu menos esperava era que você fosse mentirosa. Eu vi seu filho. Acredito que Danilo seja o pai. Agora você vai argumentar o quê? Que ele foi feito por inseminação artificial?

— Não seja ridícula! Eu tinha dezesseis anos. Se você não se lembra, eu era completamente apaixonada pelo *meu* namorado! Faça um esforço e pense no que aconteceu naquele último verão. Você estava tão focada no seu namoro que não percebeu que sua melhor amiga definhava. Pensa que seduzi o Danilo? Me explica como eu faria isso? Qual seria a minha motivação para ser tão baixa? — Fiz uma pausa e aguardei. Como ela não falou nada, dei sequência: — Eu preciso ser direta, Elisa. E gostaria que você deixasse seu julgamento para mais tarde. — Inclinei a cabeça e me preparei para contar o pior episódio da minha vida. — Você se lembra das festas da Marcinha?

— Como não me lembraria? Nós não faltávamos. Conversávamos sobre elas durante o ano todo.

— Sim. Como foi a última festa? Quer dizer, a última a que eu fui? — emendei, acreditando que Elisa deveria ter ido em várias outras festas da Márcia depois de eu ter me mudado. — Aquela que o Igor não pôde ir? Você se lembra?

— Pouco. Você sabe que misturei bebida e passei mal. Lembro apenas do início da festa e de acordar na minha cama no dia seguinte. Mas o que a festa tem a ver com a história?

Assenti, confirmando que era a exatamente essa memória que eu queria resgatar.

— Tudo. Foi naquela festa do inferno que tudo aconteceu.

— Deixa eu adivinhar, você também não se lembra do que aconteceu lá. Não é? Corremos o risco de ter feito algo a três e não termos lembrança de nada... por isso você terminou com o Igor e fugiu. Não quis assumir a vergonha do que fizemos — começou a presumir o que tinha acontecido.

— Não. Eu, ao contrário, me lembro bem do que aconteceu. — Agitei a cabeça para os lados com veemência. — Não foi uma aventura entre três adolescentes bêbados, como você supôs. Eu estava sóbria e estava com você quando você passou mal. Te deixei em um dos quartos do segundo andar e fui procurar ajuda. Você não estava nada bem. — Parei para respirar e reunir forças. Entrelacei os dedos das mãos devido ao nervosismo. — Encontrei Danilo na cozinha. Ele viu o quanto eu estava aflita e me ofereceu uma bebida antes de me acompanhar até o quarto em que eu tinha te deixado. Aceitei o refrigerante, tomei depressa e o puxei para subir as escadas. Eu estava morrendo de medo de algo acontecer com você. Medo que fosse te encontrar em coma alcoólico e de ter que te levar para o hospital. Você era menor, seria um escândalo. Só que, enquanto eu subia as escadas, perdi o controle dos meus movimentos e quase caí estatelada com a cara nos degraus. Danilo me segurou bem a tempo e me carregou até o quarto mais próximo.

Observei que ela empalidecia. O tom rosado das maçãs do rosto foi esvaecendo, dando espaço a um olhar e expressão sem vida.

— Eu não quero entrar em detalhes, Elisa. Dói muito lembrar de tudo. Só que você precisa saber que eu não tive controle sobre minhas ações. Eu estava dopada. No dia seguinte... fiquei devastada.

— E quando você soube que tinha sido o Dan... — ela começou.

— Eu sempre soube — falei antes que ela pudesse terminar. — Durante aquelas horas, fiquei parcialmente consciente. Não senti e não pude me opor a nada. Mas me lembro do rosto dele. — Fechei os olhos. — Com muita nitidez. As semanas que se seguiram foram muito difíceis. Quando vi o Danilo na escola, ele conversou comigo como se nada tivesse acontecido. Fiquei transtornada e aliviada. Se coloque no meu lugar. Nós éramos melhores amigas. Eu guardava um segredo que podia deixar todo mundo arrasado e manchar as nossas adolescências. Eu não queria fazer isso com você. Não queria que isso marcasse nossa história. Por isso terminei com o Igor... me afastei de todos vocês. Pensei que, se escondesse, um dia deixaria de doer, um dia eu voltaria a viver normalmente. Eu estava lidando com tudo da única maneira que sabia. Achei que continuaríamos amigas, que era apenas uma fase. Eu não iria embora, tive que ir ao descobrir a gravidez. Fiquei desesperada, Elisa. Eu sabia que não era do Igor. Impossível ser dele, as duas vezes que transamos tinham sido antes de dezembro. E, de repente, eu apareceria na escola, grávida de outra pessoa e ninguém saberia de quem?

Elisa analisava o meu semblante, provavelmente absorvendo todas as informações que tinha acabado de escutar.

— Por que você não contou pra ninguém na época?

— Eu contei. Quando soube da gravidez, contei para o meu pai. Só que era tarde. Eu não tive coragem de falar com você, nem com outra pessoa. Muito menos com o Danilo.

— Se naquela época você não quis contar, agora você espera que eu acredite em você?

Fui pega de surpresa por sua reação mais uma vez. O que havia acontecido com a minha melhor amiga?

— Eu não espero nada de você, Elisa.

— Tem certeza? Talvez não espere de mim, mas espera do Danilo.

— Sim, nisso você tem razão. Eu gostaria, do fundo da minha alma, de nunca precisar de nada dele... só que não é o caso.

— Claro que não. — Ela revirou os olhos. — Agora que ele é vereador e tem uma longa e promissora carreira, com um passado intacto, você resolve aparecer, do nada.

— Você está equivocada.

— Estou? Vai ter a cara de pau de me dizer que não tem interesse nenhum?

— Não tenho. Preciso dele apenas por uma questão de genética.

— Sei... e pensou muito nesse seu plano antes de voltar pra cá, não é mesmo? Agora me diga, quantas noites você passou em claro pensando nisso?

— Você não sabe o que está falando, Elisa — alertei, sentindo o sangue ferver.

— Faça-me o favor, Natália, você foi tão calculista! Me impressiona seus filhos aceitarem essa sujeira toda. Inventar uma doença para conseguir a atenção do Danilo. Você deveria se envergonhar!

— O quê? Pelo amor de Deus, você está doida! Eu nunca inventaria uma doença!

— Que seja, usar a desculpinha de ter um filho doente para se aproximar do meu marido é muita cara de pau. Mesmo pra você, uma melhor amiga fajuta que se faz de santa para se deitar com o namorado dos outros.

Foi a gota d'água. Ouvi mais do que deveria. Levantei-me e apontei para a porta, claramente inconformada com a atitude daquela mulher asquerosa.

— Saia da minha casa! Não sei quem é você, mas está longe de ser a amiga que eu amava.

Ela riu.

— Muita coisa aconteceu para eu ser assim, Natália — ela disse, se levantando. — Pensa que você é a primeira que tenta se aproximar do Danilo para tirar dinheiro dele? Se bem que preciso ser honesta com você, é a primeira vez que uma vagabunda apela para o filho moribundo para...

Não consegui me conter. Quando dei por mim, a palma da minha mão estava ardendo, resultado do tapa que acertei em cheio no rosto dela.

— Não quero que você se aproxime de mim ou dos meus filhos. — Ela me olhava, com a mão no rosto. — Espero que você chegue em casa e pense nos absurdos que me falou. Morra de remorso por me tratar assim.

Andei até a porta e a abri para que ela saísse o quanto antes da minha frente.

— Eu, se fosse você, esperaria sentada.

— Você se tornou uma pessoa desprezível e amarga.

— Foi necessário.

A resposta surgiu na ponta da língua. Queria xingá-la, amaldiçoá-la, mandá-la para a puta que o pariu, entretanto, achei melhor me manter calada. Não fazia sentido dar continuidade a uma conversa que não levaria nenhuma de nós a lugar nenhum. Esperei que ela saísse, estalando o salto do *scarpin* vermelho pelo assoalho da minha sala. O que ela fez após ajeitar os óculos no rosto.

Fiquei alguns minutos petrificada na porta de casa. Meus músculos doíam, tamanha a tensão do meu corpo. Elisa era uma pessoa completamente diferente da garota agradável e divertida que eu conhecia. Imaginei que pudesse ter dificuldades quando revelasse a parte obscura do meu

passado às pessoas que precisavam ter conhecimento dela, mas nunca cogitei esse tipo de reação.

Eu precisava estar preparada. Depois desse encontro tenebroso, apostaria a minha vida que uma guerra estaria prestes a começar.

CAPÍTULO 6

Mariana chegou em casa depois de mais ou menos uma hora da saída da Elisa. Minha cabeça começou a dar sinais de uma crise de enxaqueca e me apressei a tomar um analgésico antes que ela se instalasse de vez. Eu já tinha que lidar com muita coisa, não precisava adicionar a sensação de um martelo batendo sem parar atrás do meu olho esquerdo. Isso sem contar o meu pé, que ainda doía. Levando em consideração apenas as dores físicas, obviamente.

Resolvi tomar banho para aliviar um pouco o desconforto. Após a cena testemunhada pelo Gui, não havia escapatória, eu teria que conversar honestamente com meus filhos. Por anos eu pensei que seria melhor que eles não soubessem a verdade sobre a concepção. Não queria que eles pensassem que eram um produto de um ato violento, mesmo sabendo que era exatamente o caso. Ao menos nós três sempre fomos muito unidos. Eu esperava que eles entendessem, não pensassem bobeira e não julgassem. Todavia, sabia que era um assunto muito delicado.

Ao sair do banho, vi que tinha recebido uma mensagem da minha tia, perguntando como estavam as coisas na casa nova. Respondi que tudo ia bem. Não iria contar sobre a parte ruim. O que ela poderia fazer a quilômetros de distância

Meus tios me ajudaram muito nos primeiros anos de vida dos gêmeos. Financeira e emocionalmente. Se não fosse por eles, eu não teria continuado a estudar. Os gêmeos nasceram enquanto eu cursava o segundo ano do ensino médio. Tirei a licença maternidade e me afastei nos últimos meses do período letivo, voltando só no início do terceiro ano. Quando eram bebês, tia Leila fez questão de cuidar dos dois nos horários em que eu estava na escola. Não atrasei os estudos. Estudar e cuidar de dois filhos ao mesmo tempo não foi uma tarefa simples.

Deixei de lado minha vida social. Festas, cinema, passear com amigos... tinha ficado no meu passado. Eu também me tornei paranoica com algumas coisas, como levar sempre a minha garrafa para onde eu fosse ou, se precisasse comprar em algum estabelecimento, ter certeza de que estava lacrada. Não tinha coragem de tomar nada cuja procedência eu não conhecesse.

Terminei o ensino médio com as notas dando para o gasto e emendei um curso superior em publicidade e propaganda. Fiz todos os estágios obrigatórios da faculdade na rede de supermercados dos meus tios. Comecei a receber salário como funcionária quando cursava o segundo ano da faculdade, ficando responsável pelas redes sociais da empresa e trabalhando com a divulgação da marca.

Eles não me deixaram gastar minhas economias com os gêmeos, fizeram questão de arcar com plano de saúde e escola, até que eu tivesse condição de bancar tudo sozinha. Morei na casa deles até completar vinte e cinco anos, três anos após me formar, quando, finalmente, consegui alugar um apartamento e pagar parte da mensalidade da escola que eles frequentavam. Usei um dos carros da rede até me mudar de BH.

Meu cargo na empresa permaneceu o mesmo, só mudou o nome, eu era a gerente de assessoria de imprensa e divulgação. Profissão que permitiria que eu trabalhasse em casa. Só era chamada pessoalmente em casos raros ou quando meu tio queria a minha opinião em algo específico a respeito da imagem da marca perante os fornecedores. Quando planejamos meu retorno para Poços, ficou estipulado que eu teria quinze dias de férias, tempo necessário para minha adaptação na nova moradia e que, quando voltasse à ativa, participaria das reuniões através de vídeo conferência.

Aproveitei o momento e liguei para uma empresa de serviço de internet, solicitando a instalação. O sinal de 3G/4G aqui na cidade oscilava demais, e não dava para trabalhar dependendo apenas de sinal de internet móvel. Não sei como a Mari e o Gui ainda não haviam

reclamado. Adolescente sem internet era um problema sério.

Fiquei um tempo descansando, espalhada na cama, pensando na vida. Em como ela faz curvas íngremes e que devemos permanecer com as mãos firmes no volante para impedir uma colisão. Às vezes não conseguimos sair intactos. Furamos um pneu, riscamos o carro, estouramos o para-brisa com uma pedra que acerta o vidro.

Depois de descansar, vesti uma roupa confortável e resolvi descer para comer alguma coisa. Dei uma olhada através da porta do quarto da Mari, que estava ouvindo música e mexendo no celular, e do Gui, que jogava videogame. Fui para a cozinha, conferi os medicamentos do Guilherme, separando os antibióticos que ele tinha que tomar após a refeição. Com a cozinha abastecida, escolhi preparar algo simples, porém saboroso. Arroz primavera com um filé cairia bem.

Quando o aroma começou a invadir a casa, Mari desceu e se sentou em um dos bancos da cozinha.

— O Gui comentou que uma mulher toda chique passou aqui hoje.

— Comentou, é? — respondi enquanto virava os bifes na frigideira. — Era uma antiga amiga minha. Mari, procura pra mim onde estão os descansos de panela, por favor? Ainda não consegui me localizar muito bem por aqui.

— Pode deixar que eu sei onde estão.

Ela arrastou a banqueta e se levantou. Foi até o gaveteiro do lado oposto ao fogão e abriu uma das gavetas, pegando lá dentro dois descansos e três peças de jogo americano. Coloquei os bifes dentro de uma travessa de alumínio e levei até a mesa. Depois, foi a vez da panela de arroz e dos pratos e talheres que estavam secos no esconderidor.

— Gui, a janta tá pronta! — Mariana gritou.

Não ouvi resposta, apenas o barulho dele descendo a escada.

— O cheiro tá bom! — comentou ao passar pela porta.

— Posso garantir que o sabor também. — Pisquei para ele e me sentei à mesa.

Levei uma garfada até a minha boca e percebi que, realmente, estava muito bom. Nada como uma comida caseira bem-feita.

— E então, mãe, o que a mulher queria? — Mari perguntou.

Lá se foi a minha ilusão de ter uma refeição tranquila.

— Tirar satisfação. Ela é esposa do Danilo.

Notei que os dois trocaram olhares.

— Você foi falar com ele hoje de manhã, né? — indagou Gui.

— Fui, por isso ela apareceu aqui em casa. Queria ter certeza de que eu falava a verdade.

— Não foi bem isso, dona Natália — censurou Gui. — Ela veio aqui te ameaçar.

Mariana, que levava o garfo até a boca, parou o movimento no meio do caminho.

— Como assim, ameaçar?

— Ela deu um tapa na mamãe.

— O quê?! — Mari gritou.

— Guilherme! — repreendi.

— E não é verdade? — Ele me olhou, fazendo cara de santo. — Só que a mamãe é durona! — continuou, apontando o garfo em minha direção. — Ela também bateu na megera. — Deu um sorriso divertido.

Suspirei.

— Como você sa... ficou espiando, Gui?

Ele levou o garfo à boca e respondeu com a boca cheia:

— Lógico! Ela chega aqui te ameaçando e você queria que eu fizesse o quê? Ficasse escondido no meu quarto? — Engoliu a comida e continuou: — Eu não gostei das coisas que ela te falou, mãe, mas fiquei feliz em ver que você sabe defender sua família! — Ele balançava o garfo no ar, enquanto argumentava. — Eu não sou a favor de bater em mulher, só que ela mereceu. Fiquei louco de vontade de dar um soco bem dado naquele rostinho bonito.

— Deus do céu, perdi o drama todo! — reclamou Mari. — Vamos por partes. Como foi com o Danilo?

— Meio complicado. Como vocês sabem, ele não sabia que tinha filhos.

— E a gente também não sabia que foi um estupro — completou Guilherme com tom acusatório.

Mariana arregalou os olhos, soltou os talheres em cima do prato, fazendo barulho, e levou as duas mãos à boca.

— O quê?! Que história é essa, mãe? — falou com uma voz horrorizada e abafada pelas mãos que impediam a saída do ar.

Respirei fundo e tentei controlar o trem desgovernado que descarrilhava bem no meio da minha cozinha. Maldita Elisa!

— Eu nunca contei por achar que vocês não precisavam saber da parte suja. É muito doloroso e não influencia no meu amor por vocês. Na minha cabeça, bastava que tivessem consciência da existência de um pai biológico que não se interessaria pela criação de vocês. — Gui balançava a cabeça, reprovando, e Mari descia as mãos lentamente. — Foi há muito tempo...

— Quase dezesseis anos.

Olhei para o Guilherme como se quisesse fazê-lo engasgar com as palavras que saíam de sua boca. Ele devia ter entendido o recado, porque fez sinal de que estava trancando a boca e jogando a chave por cima do ombro.

— Então é verdade? — Mari indagou com a voz enfraquecida, me olhando com os olhos marejados, enquanto eu assentia. — M-mãe! — exclamou entre soluços.

— Não, Mari, não fique assim... Como eu dizia, nós éramos amigos, eu, o Danilo e a Elisa, a mulher que passou aqui em casa hoje. Eles namoravam, eu tinha outro namoradinho que nunca mais encontrei. — Considerei desnecessário relatar o meu apego ao Igor nesse momento. — Aconteceu em uma festa, fui drogada com uma bebida...

— “Nunca aceitem nada de estranhos”... eu pensava que você estava exagerando quando repetia essa frase quase todos os dias — comentou Mariana com o rosto úmido e lábios oscilantes.

— Não, eu tinha um motivo muito sério para repeti-la. — Senti meus olhos umedecerem.

— Por isso que você leva garrafa de casa sempre que vamos em algum lugar?

— Exatamente. Enfim, aconteceu. Vocês não precisam saber os pormenores. Um tempo depois descobri que estava grávida. — Soltei o ar que segurava em meus pulmões. — Me mudei pra BH e vocês viveram o restante da história.

— Mas, mãe, você não o denunciou? Não sei se naquela época era permitido por lei, mas você poderia ter abortado.

Estranho quando sua filha de quinze anos, fruto da violência, faz uma pergunta desse tipo. Por que não optei por abortar os filhos que eram de uma pessoa que eu não amava. Que eu nem ao menos respeitava. Que eu odiava. Pergunta feita pela filha que, se eu tivesse optado por interromper a gravidez, não estaria comigo na cozinha.

Com os olhos lacrimejando e a garganta apertada, observei meus filhos sentados à mesa. Guilherme estava com uma expressão furiosa no rosto, o que indicava que ou queria esganar o

Danilo ou a mim, por tê-los privado da verdade por tanto tempo. Mariana parecia o oposto. Seu semblante era confuso, piscando repetidamente, se esforçando para evitar um choro. Agora que eles sabiam da verdade, não omitiria nenhuma informação. Era um direito deles ter ciência de tudo.

— Filha, se eu falar que não pensei em aborto, estarei mentindo. Os sentimentos que tive durante a gestação foram um tanto quanto contraditórios. Só que eu nunca conseguiria fazer algo assim. A gravidez foi fruto de uma covardia? Foi, mas era uma vida, na verdade, duas vidas. Sei que muitas mulheres escolhem finalizar a gestação. Eu tive apoio do seu avô, dos meus tios. Foi difícil, foi um trauma, no entanto... quando eu vi vocês naquela tela com imagem de baixa resolução do ultrassom... não consegui fazer nada, a não ser amá-los. Apesar de serem uma consequência de uma violência, vocês não tinham culpa dos atos de um criminoso.

— Mas isso muda tudo, não muda? — quis saber Mariana, ainda visivelmente abalada. Guilherme só observava a conversa, interessado.

— Muda o quê? — questionei.

— Ah, não sei. O cara não sabia que tinha filho... espera. Ele sabia que você sabia... você tava drogada, não tava?

— Estava.

— Então, era pra você não se lembrar de nada, não era? Ou estou errada? Porque já tive palestras na escola sobre esse tipo de droga. As vítimas não se lembram...

— Quase todas não se lembram. Eu me lembrei. Sempre soube quem tinha sido.

— Porra, mãe! Que barra!

— Sim, foi. Mas já passou. O que importa é que estamos bem...

Guilherme me olhou com uma expressão de quem está ouvindo besteira.

— Estamos bem, Gui. Você vai sair dessa — garanti. Pensar na possibilidade de perda do meu filho era demais para mim. Eu não faria isso até ser estritamente necessário. — Enfim, vamos esquecer essa história do meu passado. Colocar uma pedra em cima dela, tá legal?

Nenhum dos dois me respondeu.

— Eu não quero mais falar sobre isso. Ok? — Olhei pausadamente para cada um deles.

— Tá legal — concordou Mari.

— Eu não vou prometer nada — desafiou Gui. — Por hoje, não toco no assunto, mas se um dia alguém te chatear com isso, pode ter certeza que não vou ficar quieto.

Deixei os talheres descansando no prato e alcancei a mão dele.

— Fique tranquilo, Gui. Como você viu, sei me defender. — Dei um meio sorriso.

— Mãe, e o Danilo? — perguntou Mari. — O que ele disse?

— Primeiro tentou negar que vocês eram dele. — Olhei para minha filha.

Guilherme grunhiu.

— Idiota.

Virei o olhar para ele, que sorriu.

— Sim, idiota. Só que um idiota de que precisamos.

— Fato — Gui concordou.

— Depois, quando ele viu a foto de vocês, ficou tão chocado que mal conseguiu falar.

— Eu queria ter visto a cara dele. Agora que sei de tudo... imagina?! Deve ter sido hilária! — Mariana comentou.

— Não sei dizer, filha, só sei que ele ficou bem assustado.

— Ele vai ajudar? — indagou Gui.

— Não sei. Sinceramente, não sei.

— Mas isso do abuso muda um pouco as coisas, não muda? — Mariana quis saber.

— Um pouco.

— Você pode chantageá-lo — sugeriu Gui.

— De forma alguma — discordei com veemência.

— Ah, mãe! O cara te violenta e você vai se fazer de boba? Eu posso chantageá-lo, então.

— Guilherme! Você não vai fazer isso. — Percebi que ele olhava para a irmã, como eles faziam quando planejavam algo sem o meu conhecimento. — Escuta aqui, vocês dois. Não quero que façam nada com o Danilo. Nada!

Eles ficaram quietos.

— Quero cuidar desse assunto como uma adulta! Sem fazer escândalos ou chantagear ninguém. Entenderam? — Fui enfática.

Eles permaneceram em silêncio.

— Olha — comecei a falar, meio desesperada —, se acontecer de chegar a um ponto em que eu precise fazer algo drástico, vou fazer, está bem?

Eles concordaram.

— Não quero que vocês se envolvam com essa sujeira.

— Essa sujeira é a minha vida.

— Não diga besteira, Gui.

— E a minha.

— Mari! Parem com isso! — pedi, exasperada. — Sei que o que vocês ficaram sabendo hoje não é fácil de engolir. Sei que deve ser horrível ter conhecimento sobre a origem de vocês, só não esqueçam que quem passou por tudo e escolheu o nosso destino fui eu! Não digo que ele não seja um verme, sem dúvida agiu errado comigo, só que vocês não vão pagar por isso. Se alguém for pagar por alguma coisa, será ele!

Olhei mais uma vez para os dois. Senti que estavam mais calmos. Ainda bem. Não precisávamos de mais um problema. Os que já tínhamos era o suficiente.

— Escutem, antes de tudo acontecer, ele era meu amigo. Sei que, por dentro, ele é um cara legal. — Guilherme bufou. — E se não for, ele não vai arriscar a carreira política que tem por causa de um boato — desabafei.

— Boato? — interessou-se Mari.

— É... eu meio que... posso tê-lo ameaçado quando conversei com ele hoje de manhã — assumi.

Guilherme caiu na risada. Eu não consegui identificar se era de nervosismo ou por realmente achar engraçado.

— Então a gente não pode chantagear, mas você pode?

— Claro! Quero dizer, não! — corrigi assim que percebi que tinha dado com a língua nos dentes. — Vocês dois azucrinam tanto a minha cabeça que eu acabo falando demais.

Mari se juntou às risadas do irmão, o que me causou certo alívio. Após essa conversa que eu nem imaginava que aconteceria, eu precisava me preparar para qualquer tipo de reação. O bom é que a tendência na minha casa era distrair assuntos pesados com banalidades do dia a dia. Eu aceitaria de bom grado os sorrisos e as brincadeiras, por ora, e me preocuparia com as consequências depois, quando tivesse mais tempo para pensar.

— O assunto é sério! Vocês podem parar de rir?

Meu pedido fez com que eles rissem ainda mais. Joguei as mãos para cima e desisti. Comecei a rir com eles da desgraça que era a minha vida. Gargalhamos. Tivemos um ataque de riso coletivo, daqueles eufóricos que fazem sair lágrimas dos olhos.

Ter que ameaçar um vereador. Ridículo. Mas necessário, muito necessário.

Quando nos acalmamos, voltamos a comer, mesmo a comida estando gelada.

— Que merda o clima dessa cidade — reclamou Gui. — A janta já está uma pedra de gelo.

— O micro-ondas está bem ali. — Apontou Mariana para o eletrodoméstico ao lado da geladeira.

— Aí perde a crocância!

— *Crocância*? Essa palavra nem existe!

— Inventei agora. E você entendeu. O micro-ondas deixa a comida *puxa* tira a *crocância* — reafirmou.

— Gui, essa comida nem tem nada crocante. Só se levantar, dar dois passos, abrir a porta do forminho retangular, colocar seu prato lá dentro, fechar a porta, clicar no botão “30 segundos” e... pronto — Mari continuou, implicando.

— Não é a mesma coisa!

Terminamos a refeição nesse clima de brincadeira que marcavam meus momentos familiares. Eles me ajudaram a organizar a cozinha e, antes de subirem para seus quartos, lembrei-me de outro assunto tão importante quanto os anteriores.

— Vocês têm aula amanhã.

— Ahhh, a gente tem que ir mesmo? — reclamou Mari.

— Sim, vocês têm que ir. Já perderam três dias de aula, acabou a moleza.

— Mas, mãe, eu estou doente...

— Nem tente, Guilherme. Vida normal. E tome seus remédios antes de subir. — Indiquei o porta-comprimidos em cima do balcão. Ele os pegou e tomou com ajuda de um copo d’água.

— Começar aula em uma quinta feira é um saco, mãe! — Mari tentou novamente.

— Quinta, sexta, segunda, não faz diferença. Vocês serão novidade em qualquer dia da semana. Melhor já acabar com isso logo.

— Mas...

Levantei o dedo, impedindo que continuassem.

— Sem “mas”. Não tem discussão sobre esse assunto. Entrar em uma escola nova em agosto, bem no meio do ano letivo, não é tão simples. Vocês irão amanhã e fim de papo.

— E como nós vamos? A escola fica no centro, você está sem carro.

— Senhor Guilherme, não é uma pergunta com resposta óbvia? Enquanto eu não organizar tudo e tiver tempo para ver um carro, vocês usarão o transporte coletivo. Já olhei no site e o ônibus passa aqui na porta às 6h30. Chegam no centro às 6h45. É só subir três quarteirões no mais próximo morro visível e virar à esquerda. Fácil assim. Se precisarem, desenho um mapa pra vocês.

— Credo, mãe! Que coisa mais antiquada! Desenhar um mapa — desdenhou Mari.

— Deixa eu te explicar. Existe uma coisa que se chama GPS. Própria para indicar trajetos, inclusive para quem anda a pé — ironizou Gui. — E, por incrível que pareça, essa coisa espetacular cabe dentro de um celular! É só digitar a rua ou o local do seu destino e aparece na tela como mágica! Ah, ele ainda fala com você! Em tempo real!

— *Em 50 metros, vire à esquerda* — falou Mariana, com voz automatizada. — *Você chegou ao seu destino.*

Olhei para os dois com os lábios cerrados.

— Ela não fica bonitinha quando está irritada? — zombou Mari.

— Dá até vontade de apertar! — concordou Gui.

— Um... dois... — comecei a contar e eles saíram da cozinha rindo.

CAPÍTULO 7

No dia seguinte, acordei cedo para ajudar os gêmeos a se arrumarem para a escola. Está bem, isso era uma mentira. Eles já não precisavam de ajuda há um bom tempinho. A verdade era que eu provavelmente estava mais ansiosa com o primeiro dia de aula do que meus dois filhos juntos. O clima no café da manhã foi leve e divertido. Era comum que os dois implicassem um com o outro, ou comigo. Eu ousava dizer que pegar no meu pé era um passatempo rotineiro do Guilherme e da Mariana.

Aquela história que ouvíamos por aí, que dizia que filhos gêmeos possuíam um relacionamento mais profundo que os outros irmãos, era verdadeira. Pelo menos aqui em casa eles sempre foram muito unidos. Eu não sabia se era pelo fato de eles serem de sexo oposto, também não tinha um terceiro filho para comparar. Só podia afirmar que eles faziam tudo juntos. Não existia competição, inveja, rancor. A alegria perto deles era constante. E quando um sofria o outro deixava de lado o que estivesse fazendo para dar atenção. Era um relacionamento muito bonito de acompanhar.

E, naquele momento, eu roía as unhas das mãos — um hábito esquecido desde a adolescência —, angustiada para saber como eles estavam se saindo na nova escola. Apesar de ter afirmado na noite anterior que o Gui não deveria vestir a camisa da doença, sabia que seu caso não era brincadeira. Era certo que ele devia ter se cansado ao subir o pequeno morro que levava à escola. Deve ter chegado lá exausto, como se tivesse corrido uma maratona. Ele conhecia as restrições de sua saúde e não abusava. E eu sabia que deveria ter subido andando devagar, evitando o exagero. Porém, uma mãe sempre fica preocupada à distância.

Após o nascimento deles, descobri que uma das coisas mais apavorantes da vida era não ter controle sobre as vidas dos seus filhos. Você ensina, mostra o caminho certo, conversa sobre valores morais, ética, respeito... espera que eles sigam o seu exemplo — que nem sempre é bom, até porque, mães são humanas — e solta-os para o mundo. Não sou paranóica a ponto de ficar pensando o tempo inteiro no que está acontecendo com eles. Só que a preocupação sempre existiu. A doença do Gui exacerbou um pouco esse detalhe.

Às vezes eu me pegava pensando no que podia estar acontecendo com eles. A Mari sabia se virar, sabia se defender, no entanto, tendo como premissa o que aconteceu comigo, ela também poderia passar por alguma situação traumática. E quanto ao Gui, e se ele se machucasse? Seu organismo era incapaz de combater uma hemorragia...

Agitei a cabeça e decidi que não queria mais pensar naquilo. Não me traria nada positivo. Olhei para o relógio na tela do celular e vi que ainda eram 9h. Eles voltavam após as 13h. Eu tinha muito tempo livre, a cabeça cheia de caraminholas e estava de férias. A casa já estava organizada. Eu precisava arrumar alguma coisa para fazer. Com urgência.

Lembrei que, antes de ir embora daqui, na avenida do Parque Municipal, pertinho da minha casa, tinha várias concessionárias de veículos. Com o sol da manhã de agosto, o céu sem nenhuma nuvem e um vento gelado, saí determinada a encontrar um carro. Com o cabelo mais ou menos preso em um coque com elástico comprado em lojas de R\$1,99, uma calça jeans rasgada, um blusão vermelho mais grosso que o necessário e minha bolsa preta, desci a rua do condomínio rapidamente, caminhando de forma improvisada. Pelo menos dessa vez eu fui esperta e calcei tênis. Que se dane se os vendedores fizessem pouco caso da minha roupa e pensassem que eu não compraria nada.

Nessas horas eu queria ter escolhido outra profissão. Uma que remunerasse melhor. Não que eu não gostasse do que fazia, ou que fosse mal remunerada, mas bem que poderia entrar na

concessionária, retirar uma carteira de marca da minha sofisticada bolsa de grife, agitar meu cartão *black* — aqueles cujos juros só as pessoas importantes conseguiam pagar — no rosto do vendedor e sair de lá com o carro mais caro do estabelecimento.

Não se iluda, eu era feliz com a minha vida. Muito feliz. Não invejava os outros e nem era ambiciosa a ponto de almejar o carro mais caro da loja. Só que pensar nisso era divertido e me distraía da direção que meus pensamentos queriam tomar. Era uma fuga. Comprar um carro e pensar que os vendedores me julgariam pela forma como eu me vestia era uma excelente forma de me esquivar. Muito mais legal do que ficar presa ao que supostamente aconteceria no futuro da minha família.

Minha única ambição no momento era conseguir um doador de medula para o meu filho. Só isso.

Enquanto descia o morro, senti minha bolsa vibrando e parei para pegar o celular.

Número desconhecido: Bom dia, Natália. Não me senti bem depois que você saiu do escritório ontem. Podemos conversar hoje à tarde?

Humm. Eu não imaginei que Danilo fosse entrar em contato tão rápido. Pensei que levaria um tempo até sua consciência pesar e ele vir atrás. Adicionei seu número aos meus contatos e respondi.

Natália: Claro.

Doador: Ótimo. Será que poderia ser em outro lugar? Não quero tratar de assuntos pessoais no meu ambiente de trabalho.

Natália: Onde você sugere?

Assim que enviei a mensagem, me arrependi. Eu não ficaria sozinha com ele no mesmo lugar de jeito nenhum. Já era adulta, anos se passaram desde o ocorrido, porém não confiava nem um pouco nele. Digitei outra mensagem rapidamente e enviei antes que ele respondesse.

Natália: Pensei melhor. Posso te receber na minha casa.

Doador: Tenho uma reunião às três. Posso passar aí antes?

Uau. Ele realmente queria conversar logo.

Natália: Não vejo problema algum. Os gêmeos estarão em casa.

Não sei por que acabei revelando que eles estariam lá. Acho que talvez eu quisesse que ele realmente estivesse preparado para o que encontraria. Eu não era uma pessoa sozinha. Meus filhos estavam sempre comigo. Se ele iria fazer parte da minha vida, mesmo que de uma forma superficial e temporária, teria que aprender a lidar com a presença deles.

Ele demorou uns minutos para responder, como se estivesse ponderando.

Doador: Tudo bem. Obrigado.

Achei melhor não responder. Sabia que poderia ser considerado falta de educação da minha parte, mas ele não estava fazendo mais do que a sua obrigação.

Entrei na concessionária morrendo de calor e tratei de tirar o moletom, ficando de *babylook* azul-clara. Dei uma olhada na exposição de carros zero-quilômetro. Uma tentação. Brilhavam, coloridos e chamativos. Acenando: compre-me! Eu não poderia me dar ao luxo de adquirir um carro zero nesse momento. Tinha um dinheiro guardado, só que a imprevisibilidade do futuro do Gui me impedia de agir impulsivamente. Cheguei ali decidida a escolher um modelo usado, com valor acessível e que não arrancasse com garras afiadas todas as minhas economias.

Fui atendida de prontidão, o que fez a minha imaginação fértil de agora há pouco cair por terra. O vendedor foi extremamente atencioso e me levou para fazer *test-drive* em um Citroen C3 vermelho. Eu podia afirmar que o veículo era feito para mim, combinava até com o meu tamanho. Pequeno e redondo. Era *seminovo*, o que significava, no idioma dos vendedores, que era *usado*. O valor era agradável e aceitava financiamento. Eu poderia dar uma entrada e parcelar o restante até o final da minha vida. E, se a quantia inicial fosse um pouco mais alta, as parcelas e os juros seriam menores.

Antes de assinar os papéis, fiz alguns cálculos para garantir que eu não estaria pagando duas vezes por um carro só. Efetuei a transferência do valor de entrada pelo aplicativo no celular e saí de lá feliz com meu novo carro em mãos. Ainda tinha que visitar um despachante e fazer a vistoria, mas já estava motorizada!

Deixei para resolver a parte burocrática no dia seguinte, pois tinha passado das 13h e meus filhos deveriam estar quase chegando. Eles ainda não tinham cópia das chaves, então eu precisava estar em casa para recebê-los. Convenci-me de que era por esse motivo que eu acelerava na avenida, e não por saber da iminente conversa que teria a qualquer momento. Estava com fome, porém teria que deixar o almoço para mais tarde.

Estacionei o carro em frente ao portão de entrada do condomínio e, como não levei o controle, desci para abri-lo. O condomínio não tinha porteiro, por ser pequeno, não era necessário. Eu terminava de empurrar o portão até a parede oposta, quando outro carro, um esportivo azul com os vidros bem escuros, encostou ao meio-fio. Pelo canto do olho notei que os ocupantes do carro conversavam animados. Do lado de fora eu conseguia ouvir as risadas nitidamente. Arrumei a postura e caminhei de volta ao meu vermelhinho.

— Mãe! — Fui surpreendida pela voz da Mari.

Olhei para a origem da voz e vi que minha filha saía do carro azul estiloso. Confusa, dei alguns passos para me aproximar do veículo e vi Gui descendo do outro lado, saindo do banco ao lado do motorista.

— Conseguiram carona logo no primeiro dia de aula? — indaguei, interessada em conhecer a pessoa que fez essa boa ação.

— Você viu que sorte, mãe? Nosso professor de Química mora pra cima do bairro. Era caminho, ele ofereceu — Mari se justificava.

— Que ótimo! — Dei um abraço rápido nela e aguardei até o Gui se aproximar de mim para poder abraçá-lo também. Ao fazer isso, a porta do motorista abriu e eu perdi o controle das minhas pernas. Tive que me esforçar para permanecer quieta e não apoiar meu peso no corpo do meu filho.

— Olá, tudo bem?

Um homem alto, vestido com uma calça jeans escura e camiseta preta, acenava para mim, parado ao lado do carro. Tinha o cabelo loiro-escuro curto, com a parte da frente um pouco maior. A barba por fazer adicionava certo charme ao rosto de formato retangular. A expressão em seu rosto era indefinida. Não sorria, entretanto não demonstrava qualquer outro sentimento negativo. As sobrancelhas bem demarcadas contornavam os olhos cor de mel que estavam fixos

aos meus.

Se meu corpo sentiu um impacto ao ver Danilo pela primeira vez, após mais de uma década, aquelas reações não chegavam nem aos pés do que me arrebatava hoje. Descobri que não estava nem um pouco preparada para a avalanche de sentimentos e sensações que assolava cada partícula do meu organismo ao ver Igor depois de todos esses anos. Minhas pernas poderiam muito bem ter consistência de geleia. Minhas mãos e braços tremiam tanto que eu tive que escondê-las atrás do meu corpo. Ainda bem que meu moletom estava descansando no banco do passageiro do meu carro *seminovo*, caso contrário, eu estaria exibindo duas lindas e generosas pizzas embaixo dos braços. Sério, a temperatura deveria ter subido para uns quarenta graus. Em agosto.

Eu hiperventilava e mal conseguia respirar. E isso tudo aconteceu em menos de dois segundos, já que eu ainda abraçava o Gui. Quando ele se afastou, minha vontade era de grudar em seu corpo. Ele era mais alto, serviria de escudo ou de esconderijo. Eu não saberia dizer do que eu precisava mais nesse momento.

Respirei fundo e me preparei da melhor forma possível para o cumprimento mais sem graça da minha vida.

— Oi — respondi, levantando a mão, imitando o aceno dele.

— Mãe! Você comprou um carro! — Gui tagarelava ao meu lado e eu mal distinguia o que ele dizia. — Tinha que ser um carro tão feminino?

— Como se você fosse dirigi-lo — zombou Mari.

— Seus filhos são muito divertidos — Igor comentou, apontando para os dois adolescentes que vistoriavam o C3.

Céus, como eu conseguiria conversar com ele? Até agora só tinha tido a capacidade de falar uma única palavra, ou melhor, sílaba. Olhei para meus filhos, aproveitando a distração repentina do foco da conversa.

— Por que vocês não entram? — Peguei a chave de casa no bolso da calça jeans e entreguei para eles. — Eu iria esquentar o almoço, mas vocês podem fazer isso sozinhos.

Mari me olhou arqueando uma sobrancelha. Perfeito. O homem que fez a “boa ação” não tinha dito que me conhecia.

— Por favor. Quero dar uma palavrinha com o professor de vocês.

Dessa vez foi o Gui que me encarou com uma expressão curiosa.

— Ceeeerrrto — respondeu, puxando o R de forma exagerada.

— Vamos, Gui. — Mari puxou o irmão pelo braço e observei os dois caminhando para longe do portão.

Quando eles não podiam mais ouvir, virei-me para enfrentar o olhar fulminante do Igor.

— Quanto tempo, Natália — disse, sem esboçar nenhuma emoção.

— É.

— Sabe, hoje levantei pensando que seria um dia normal. Que eu acordaria, iria aturar centenas de adolescentes e voltaria para casa. — Desviou o olhar e deu um sorriso de lado. — Acho que você pode imaginar a surpresa que tive quando, ao fazer a chamada dos alunos, na minha primeira aula, me deparei com um aluno novo que tinha o seu sobrenome. Guilherme Alves Guimarães. Pensei ser uma coincidência. Isso até chegar à letra M. Precisei levantar os olhos da lista de nomes dos alunos e prestar atenção em quem estava respondendo.

Ele suspirou e eu fechei os olhos, ouvindo o monólogo.

— Não tenho ideia de qual foi a minha expressão facial ao ver sua filha. Eu estava em sala de aula, cercado por uns quarenta adolescentes, petrificado ao vê-la. Qualquer pessoa poderia ter

interpretado errado as minhas intenções. Quem imaginaria que eu mediria, da cabeça aos pés, uma aluna menor de idade, por ela ser uma réplica da minha ex-namorada que sumiu anos atrás?

— Igor...

Ele levantou a palma da mão, deixando óbvio que não queria que eu continuasse.

— Eu não terminei. Quando me dei conta de que ela era, no mínimo, uma parente próxima sua, cheguei a cogitar a possibilidade de ser uma irmã. Isso até eu voltar meu olhar ao garoto sentado atrás dela. — Bufou e deu uma risada nervosa. — Como foi estranho e muito nostálgico ver uma cópia do meu melhor amigo ali, na sala de aula, de um dia normal. Só não concluí que se tratava de uma ilusão porque o Danilo nunca estudou na mesma classe que você. Curioso os dois novos alunos terem o mesmo sobrenome. O seu sobrenome. Mais curioso ainda um deles ser parecido com o Danilo. Minha suposição de que Mariana poderia ser sua irmã caiu por terra.

Ele parou para respirar, passou a mão no cabelo e fitou meus olhos.

— Eu... — Merda! Eu não conseguia falar mais do que duas sílabas sem travar. Estava me sentindo como a garotinha de 12 anos que ficava olhando para ele sem ser vista.

— Você? — Ele pressionou. — Você me traiu com meu melhor amigo. É revigorante descobrir isso após dezesseis anos, Natália. Agora entendo o motivo do seu comportamento estranho e da sua fuga repentina. É lógico que você não queria ficar comigo, tinha deixado isso bem claro quando terminou. Mas precisava trepar com meu amigo? E pior, com o namorado da sua melhor amiga?

Porque era isso que minha vida havia se tornado. Lavar roupa suja na rua, onde qualquer um poderia ouvir, estava se tornando rotina. Tentei me acalmar e pensar em uma resposta que não fosse muito constrangedora.

— Não foi nada disso, Igor.

Ele riu.

— Não? Como você explica isso então? — falou, gesticulando para a rua da minha casa.

— Eu não *trepei* com o Danilo. Aconteceu, tá legal?

— Aconteceu? — Ele riu mais uma vez. — Eu pensava que você fosse uma pessoa íntegra, Nat. Ética. Incapaz de trair, de mentir. Eu estava muito enganado.

— Igor, eu queria...

— Queria o quê?

— Que as coisas fossem diferentes. Que tudo tivesse acontecido de forma diferente.

— Que não tivesse transado com meu melhor amigo? Ou que não tivesse ficado grávida dele?

— Cale a boca, Igor. Todo o respeito que sinto por você pode acabar se você continuar falando assim.

— Respeito... como vou respeitar?

— Eu não posso te contar a verdade.

— Não pode? Ou não quer?

— Não posso. E não quero. Pelos meus filhos.

— Entendo. — Ele concordava, subindo e descendo o queixo. — A gente se vê por aí, então — despediu-se e abriu a porta do veículo.

Antes que ele pudesse entrar, outro carro estiloso, dessa vez totalmente preto, estacionou do outro lado da rua. Observei, atônita, enquanto Danilo descia do automóvel e acionava a trava automática.

Era só o que me faltava.

Igor congelou onde estava e ficou olhando o amigo atravessar a rua e vir em nossa direção.

— Igor? O que você está fazendo aqui?

Ótimo.

Perfeito.

Danilo não poderia ter um *timing* pior. Durante a discussão com Igor, eu me esqueci do horário que tinha marcado com ele. E, pelo olhar disparando ódio que Igor exibia, os próximos segundos não seriam nada agradáveis.

Uma reunião entre antigos amigos que guardavam grandes segredos na porta, ou melhor, no portão da minha casa. Quem quiser sair e conferir a cena, fique à vontade, são meus convidados especiais.

Igor não respondeu à pergunta do Danilo. Simplesmente se afastou do esportivo, batendo a porta com força, e andou com firmeza até o amigo. Eu observei de camarote e gostaria de ter gravado para poder repetir a cena várias vezes — em câmera lenta. Igor fechou o punho com tanta força que dava pra ver os nós dos seus dedos ficando brancos. Levou o braço para trás e, em um segundo, acertou um gancho espetacular no maxilar do idiota. O impacto foi tão violento que Danilo foi lançado ao chão.

CAPÍTULO 8

— Seu filho da puta! — Igor cuspiu as palavras, mas não investiu outra vez.

Danilo segurava o queixo com uma das mãos e se levantava, apoiando na outra.

— Igor — começou quando estava de pé —, foi só um mal-entendido... Eu não tinha a intenção. Eu juro.

Eu não sabia como reagir. Não sabia se deveria reagir. Por mais que eu tivesse vontade de desmascarar o desgraçado, eu precisava dele e não queria que as pessoas comessem a olhar para os meus filhos como se eles fossem coitadinhos. Eu tentaria, de todas as formas, evitar que fôssemos rotulados. A adolescente grávida do estuprador e os filhos do estupro. Era a minha realidade, porém não havia necessidade de ser a realidade dos meus filhos. O fardo era meu.

— O que você disse? — Igor indagou trincando os dentes.

— Eu... droga! Eu fui longe demais. Eu era um moleque! Não pensava direito nas consequências — Danilo comentou, olhando para mim.

Idiota. *Consequências*. Como se o ato em si não fosse um problema.

— Longe demais? Você considera trepar com a minha namorada *ir longe demais*? E pensar que continuei sendo seu amigo por todos esses anos. Sem ter ideia disso. Aqui, você comeu todas as minhas outras namoradas?

— Cara, para com isso. Foi há um século. — Danilo desviou o olhar para minha direção e isso fez com que Igor lembrasse que eu estava atrás deles, testemunhando tudo. Ele me encarou com se tivesse que aceitar algo muito difícil de engolir. Igor me desprezava. Sentia nojo. Dava para perceber pelo seu semblante. Eu sabia muito bem como era se sentir assim. Era exatamente como eu me sentia em relação ao Danilo.

Despedaçada. Ali, naquele momento, eu me sentia despedaçada. E impotente.

— Quer saber? Que se dane! Vocês se merecem — falou enquanto se virava e andava até o carro.

— Igor... — Danilo tentou chamá-lo em vão. Em segundos ele já tinha arrancado e saído cantando pneu morro acima.

Permanecemos imóveis até o veículo sair de vista.

— Você poderia ter me avisado que ele estaria aqui.

— Claro, da próxima vez que ele der aula para os meus filhos e descobrir que um deles se parece com você, vou pedir que me avise com antecedência para que *você* saiba em primeira mão. — Olhei para ele e balancei a cabeça. — Você queria falar comigo?

— Vim aqui pra isso.

— Preciso guardar o carro. Você...

— Pode deixar que fecho o portão e te encontro na porta da sua casa.

Assenti e fui em direção ao vermelhinho, que ainda estava impedindo a passagem de qualquer vizinho que quisesse sair ou entrar do condomínio. Eu tentava manter a fachada, precisava disso para encarar uma conversa séria com Danilo. Mas por dentro estava dilacerada. Como machucava reencontrar com o Igor nessa situação. No meio do tumulto que era a minha vida, sei que não abri espaço para nenhum outro homem, que sentiria alguma coisa quando o visse, só não acreditei que tal sentimento seria tão forte. E tão difícil.

Tinha plena consciência de que nós não tínhamos futuro. Era impossível. Eu também nem sabia nada sobre a vida dele. Só que amadureceu e ficou lindíssimo. Só isso. Poderia estar casado, noivo, namorando. Poderia ter se tornado um cafajeste. Eu deveria manter distância, mesmo desejando correr e abraçá-lo, pedindo desculpa por ter sumido e implorar para que me

aceitasse de volta.

Sozinha no interior do carro, não consegui impedir as lágrimas que começavam a escorrer furiosas pelo meu rosto. Era muito. Muito para absorver. A doença do Gui. A mudança. Danilo. O transplante. Elisa, inferno, Elisa! Meus filhos sabendo a verdade. E agora o Igor, que apareceu do nada e entendeu tudo errado.

De que adiantou me afastar por esse tempo todo das pessoas que eu amava?

Eu estava uma bagunça. Tudo o que deveria ter pensado e sentido no passado me atingia com força total. Não conseguia raciocinar direito. Meus pensamentos eram atropelados, sem chegar a nenhuma conclusão.

Levei a mão ao câmbio e apertei os dedos com firmeza, engatando a primeira marcha. O carro se movimentou devagar. Não mudei de marcha, os poucos metros foram percorridos lentamente. Também não parei para conferir se Danilo fechou o portão. Meu objetivo era chegar em casa. O que era muito difícil, com minha visão turva pelas lágrimas.

A mão que segurava o volante tremia tanto que achei melhor não manobrar o carro na garagem. Estacionei rente à calçada. Pisei no freio, desengatei a embreagem, puxei o freio de mão e desliguei o carro. Fiquei imóvel, olhando para frente, deixando que os últimos resquícios de desespero abandonassem o meu corpo.

Danilo que se explodisse, se estivesse com pressa. Eu precisava desse momento a sós comigo mesma.

Olhei para o retrovisor e vi que meus olhos estavam vermelhos. Eu não chorava como uma dama. Meu rosto sempre denunciava. Principalmente vinte e quatro horas depois, quando a tonalidade verde da íris ficava ainda mais clara, as pálpebras inchavam como uma bolha e demoravam para voltar ao aspecto normal.

Bem, teria que enfrentar o Danilo desse jeito mesmo. Desci do carro e notei que ele estava a poucos metros de distância, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça social. Lembrei que tinha que ser educada porque o Gui precisava dele. Caminhei até a porta da minha casa, que estava fechada apenas com o trinco, e fiz sinal para que ele me acompanhasse. Ele não disse nada. Ainda bem.

A cena que se passou no portão pareceu ter durado horas, entretanto não foi tanto tempo assim. Entramos em casa e ouvi barulho vindo da cozinha. Provavelmente a Mari e o Gui estavam cuidando da louça. Indiquei o canto do sofá para que Danilo se sentasse e me acomodasse no outro, o mais afastada que o pequeno espaço permitia.

— Estou ouvindo — pressionei. Ficar no mesmo ambiente que ele era desagradável, eu não queria estender o momento.

Danilo limpou a garganta.

— Desculpe pela cena lá no portão. Eu...

— Não quero suas desculpas. — Cheguei à conclusão de que não tinha a capacidade de aceitar bajulações vindas dele.

— Mesmo assim. Igor ainda é um grande amigo, homens fazem burradas de vez em quando, ele vai acabar entendendo.

— Burradas? — Comecei a rir, balançando a cabeça. Incrível como ele conseguia fazer com que eu perdesse a paciência com uma única palavra. Na verdade, uma paciência que com ele eu não tinha.

— Não vamos entrar nesse assunto de novo. Assumo que errei. Foi uma atitude impensada.

— Atitude impensada. Nossa, estou lisonjeada com os termos que você usa para definir um abuso.

— Nat, vamos ser realistas. Não foi exatamente um abuso. Na teoria, pensando de uma forma ampla, pode até parecer, mas, se me lembro bem, você correspondeu.

— Eu estava drogada! Não posso ser responsabilizada pelos reflexos do meu corpo.

— Não foi bem assim — insistiu com o absurdo. — Essa história de abuso tirou o meu sono. Tenho certeza de que você teria aceitado uma investida independentemente de...

— Você me drogou, Danilo. É um fato. Não tente argumentar o contrário. Não existe possibilidade nenhuma de ter sido consentido. Eu era totalmente apaixonada pelo Igor. Que isso fique bem claro.

Observei enquanto ele suspirava. Eu estava vacinada contra sua tentativa de manipulação do cenário.

— Mas eu...

— Danilo, vamos encerrar esse assunto — afirmei, não daria brecha para dúvidas. — Não adianta insistir. O que aconteceu está bem nítido na minha memória. Nada que você falar irá apagar sua culpa ou isentar a responsabilidade dos seus atos. Já disse e afirmo novamente: a única coisa que espero de você é que faça um teste de compatibilidade para doação de medula. Só isso. Se você consegue dormir ou não, não é problema meu.

Assim que terminei a frase, Mariana apareceu na porta da cozinha, seguida por Guilherme, que estava com o rosto muito abatido.

— Está tudo bem, Gui? — Ignorei a presença do elefante na sala e voltei minha preocupação para o meu filho.

— Um pouco de tontura, só isso. — Deixou os ombros caírem.

Através da minha visão periférica, vi Danilo se levantando do sofá e dando dois passos para frente, em direção aos gêmeos.

— Essa é a Mariana e esse é o Guilherme — falei.

— Oi, eu sou...

— Não precisa fingir interesse — Gui cortou a ridícula tentativa de apresentação, se aproximando do sofá e se sentando ao meu lado. Soltou o corpo como se estivesse extremamente exausto, o que deveria ser realidade. — Nós sabemos muito bem o que está acontecendo aqui.

— E o que aconteceu no passado — completou Mariana, com a voz amarga.

— Entendo. — Danilo piscava freneticamente. — Sinto muito por não ter feito parte da vida de vocês por todos esses anos. Fiquei sabendo que sou pai recentemente. Ontem, para ser mais exato.

Mariana riu. Guilherme não expressou nenhum tipo de reação.

— Como se você tivesse sonhado que seu crime resultou em um dano colateral dessa proporção. — Mari apontou para ela e para o irmão com ironia. — Nós sabemos de tudo — falou, olhando nos olhos dele. — Tudo o que você fez com a minha mãe.

Danilo estava nitidamente confuso. Ainda em pé, olhou para mim com as sobrancelhas franzidas, como se estivesse indagando o que era “tudo” que Mariana alegou saber.

— Eles sabem — esclareci. — De tudo.

— Mas você tinha dito...

— Não sabiam. Elisa fez um escândalo...

— Elisa? O que Elisa tem a ver com isso? — ele questionava, com os olhos incrédulos e fixos aos meus.

Dei uma risadinha sem graça.

— Sua esposa apareceu aqui em casa ontem à tarde, tirando satisfação sobre o pai biológico dos meus filhos. — Ele suspirou e fechou os olhos enquanto eu dava sequência. — Tentei

explicar, mas ela não permitiu. Por fim, não tive alternativa a não ser confirmar o inevitável. No que ela não acreditou, obviamente.

Ele levou a mão ao rosto, esfregou os olhos e apertou a ponte do nariz.

— Ah, Elisa! Ela não facilita. Acaba interferindo em todos os meus assuntos pessoais. — Arfou e desceu a mão. — Espero que ela não tenha ofendido vocês.

Guilherme levantou a cabeça e olhou para ele.

— Se bater na minha mãe não for uma ofensa, você pode ficar tranquilo. — Percebi que sua voz estava entrecortada, com a respiração ofegante.

— Droga! Elisa não tem freio! — Danilo retorquiu, exasperado. — Olha, foi uma surpresa saber da existência de vocês. Desculpe pelo que minha esposa causou. Quero que saibam que, se eu tivesse ficado sabendo antes, teria assumido minhas responsabilidades. Vocês não teriam crescido sem um pai.

Olhei para ele chocada. Não era isso que esperávamos. Não era isso que queríamos.

— Ah, é? — Mariana intercedeu. — Eu acho que já é tarde demais pra isso. E eu não quero um pai como você. — Terminou a frase com lábios trêmulos.

Ela estava visivelmente abalada, com os olhos marejados.

— Não fale assim — tentou Danilo. — Eu posso ajudar...

— Você *vai* ajudar — Mari enfatizou, cruzando os braços na frente do seu corpo.

— Eu vou. Vou fazer o que puder — Danilo respondeu assentindo. A sinceridade na voz dele era clara, poderia até ser tocante, caso a situação fosse diferente.

— E como planeja fazer isso? — questionei.

— Começando pelo teste de compatibilidade.

Essa foi a frase mais bonita que já ouvi. Suspirei aliviada e sorri, tirando um caminhão de tensão das minhas costas.

— Ótimo — desabafei. — Quando você pode fazer isso?

— Assim que eu descobrir como funciona o cadastro de doadores. O que preciso fazer? — Danilo indagou.

Ou ele estava realmente interessado na resposta, ou era um ator exímio. Partindo da premissa de que ele era um político, eu não sabia no que acreditar. Talvez na segunda opção.

— Você terá que comparecer ao Hemocentro o mais breve possível e realizar o exame de histocompatibilidade. Demora alguns dias para sair o resultado. Se for compatível, será chamado para realizar outros exames de saúde para constatar a viabilidade do transplante.

— Certo, irei lá amanhã cedo — respondeu olhando para cada um de nós. — É... se eu não for compatível, vou tomar a liberdade de falar com a minha família, para aumentar a chance de encontrar um doador. Vocês concordam?

— Sem dúvida. Faço qualquer coisa para salvar a vida do Gui.

— Bem, quanto a isso, estou de acordo. Eu gostaria que não surgissem boatos a respeito do...

— Balançou a cabeça. — ... de como foi. Sou uma pessoa pública, desconhecidos vão suspeitar da paternidade. Minha família saberá que vocês são meus filhos à primeira vista — falou, dirigindo o olhar ao Gui. — Não há como negar, Natália. Pretendo mobilizar a família inteira.

— Não vejo problema nenhum — respondi sincera.

— A questão é que isso pode se tornar um problema. Não para mim. Se vocês permitissem, eu seria o melhor pai que já existiu na face da Terra.

Mariana arregalou os olhos, atônita. Fiquei aguardando para ver aonde o discurso chegaria. Uma coisa era certa, não estávamos esperando por esse tipo de atitude.

— Não olhem pra mim desse jeito. Evidente que gostaria de me envolver. Não tenho filhos.

Sempre quis ser pai. Minha mãe morreria se soubesse que possui dois netos adolescentes, mas que não pode ter contato com eles. — Parou desobstruindo a garganta. — Não tenho sobrinhos. Meu irmão é casado, porém não quer ter filhos. Não posso privar minha mãe de ser avó, mesmo se vocês forem contra o meu papel de progenitor. Mobilizar a minha família em busca de alguém compatível com Guilherme vai trazer consequências para vocês. — Ele passou a mão no cabelo. — Droga, pretendo mobilizar a cidade, se for necessário. Sei que não mereço a atenção de vocês, e vou fazer o que estiver ao meu alcance para sanar qualquer inconveniência.

Após um minuto de silêncio estarrecedor, ouvimos a voz baixa e vacilante de Gui ao meu lado.

— Comece pedindo desculpas para a minha mãe.

A falta de cor em seu rosto e a dificuldade de emitir a fala começavam a me preocupar. Alcancei a sua mão e segurei. Estava fria.

— Concordo. — Mari caminhou até o sofá e se sentou ao lado do irmão.

Nós três olhávamos para ele, aguardando a desculpa deslavada.

— Eu... — Danilo pigarreava. — Natália, na adolescência, eu gostava muito de você. — Levou as duas mãos ao cabelo, em um sinal evidente de desespero. — Na minha cabeça de moleque, eu não tive alternativa de me aproximar. Não foi planejado, aconteceu. Isso é verdade. Eu estava mal, você apareceu no lugar errado, na hora errada. Fiz uma besteira. Você pode não acreditar, mas eu não tinha a menor intenção de machucá-la. Nunca tive. Me arrependo por ter feito isso. — Olhou em meus olhos no final da diarreia verbal. — Não tenho como voltar no tempo e mudar os meus atos. Sinto muito pelo que te fiz passar.

Deixei que ele falasse sem interrompê-lo. Eu precisava ouvir sua mísera desculpa.

— Bom... — disse Mari — eu não acredito em nem metade do que você acabou de dizer. Foi uma boa tentativa. Abusar de uma garota, de uma mulher, nunca é certo. Não importa a motivação. Penso que nunca serei capaz de te aceitar como pai. Não após saber a verdade.

— Somos dois — concluiu Gui.

— Acho que terminamos por aqui. — Levantei-me e fui até a porta. Minha preocupação com meu filho era maior do que a vontade de continuar ouvindo as explicações do Danilo. Elas não mudariam o que eu sentia por ele. — Conversamos uma outra hora. Agradeço por se propor a ajudar. Me avise quando fizer o exame.

Muito sem graça, Danilo assentiu e se despediu à distância dos meus filhos. Não trocou mais nenhuma palavra comigo até passar pela porta, quando simplesmente disse:

— Vou entrar em contato o quanto antes.

Virou-se e desceu a rua, indo até o portão. Ele deveria ter a chave. Não fiz questão de acompanhá-lo.

— Gui, você está bem? — perguntei assim que fechei a porta da sala.

— Estou sentindo muita fraqueza, mãe. Posso me deitar aqui?

— Claro, tomou seus remédios?

— Sim. Acho que me cansei na escola. E com tudo isso.

Ajudei o Gui a se deitar. Pedi que Mari trouxesse cobertas para esquentá-lo e tratei de ligar o aquecedor. Em poucos minutos ele estava dormindo. Em mais alguns estaria aquecido.

Fiquei parada na sala, observando meu filho dormir enquanto milhões de pensamentos metralhavam o interior da minha cabeça. Gui tinha consulta marcada para a próxima semana, no entanto, se continuasse assim, eu teria que levá-lo para o hospital. Não queria que ele precisasse de transfusão sanguínea, só que estava fora do meu controle. Ultimamente ele andava muito cansado, o que poderia indicar alguma infecção. Nesse momento, esse era um dos piores dos

meus pesadelos. O outro era não encontrar um doador.

Deixando de lado as preocupações com o Gui, refleti sobre a confusão que se instalou na minha vida. Eu tinha voltado há três dias. Nesse tempo, enfrentei, ameacei e recebi um pedido de desculpas do Danilo. Reencontrei Elisa e me decepcionei com a pessoa que ela se tornou. Reencontrei o meu amor de infância da pior forma possível e fui julgada por ter feito algo que não fiz.

Assumo que algumas coisas que aconteceram foram boas. Rever meu pai, a cidade, ter uma casa própria, comprar meu carro. A facilidade de acesso ao Danilo e sua aceitação, não apenas da existência dos filhos, como também de ser um possível doador. A disponibilidade dele e o empenho em envolver a família. Fazer uma campanha. Isso teria que valer a pena. Teria que dar certo.

Passei pela cozinha e peguei uma fruta. Estava sem comer desde cedo, mas não tinha estômago para almoço. Subi as escadas devagar, com receio de fazer barulho. Ia para o meu quarto, quem sabe tentar tirar um cochilo e espairecer um pouco sobre tudo o que me rodeava. Fui impedida de prosseguir com meu plano ao passar pela porta do quarto da Mari.

A imagem à minha frente me deixou despedaçada.

CAPÍTULO 9

“Na trigésima quinta semana o bebê já possui os dois rins completamente desenvolvidos e o fígado é capaz de processar alimentos que não precisamos. A gestante pode sentir falta de ar, devido à proximidade do útero da costela, e o peso do útero pode apertar a bexiga, fazendo com que aumente a frequência de visita ao banheiro.

O volume do líquido amniótico se encontra diminuído. O tamanho do feto é por volta de 45 cm. Pesa em torno de 2.400 kg. Comparado a uma fruta, seria mais ou menos proporcional a um coco.”

Parei de ler a página que acessei na internet e olhei para a minha barriga enorme. Coco! Quem dera! Estava mais para melancia. Se bem que o site não sabia que eu esperava gêmeos, não teria como acertar o tamanho dos bebês. Dizia meu médico que gêmeos são menores que os bebês que habitam uma barriga sozinhos. Então, se um feto normal tinha o tamanho de um coco, os meus bebês tinham tamanho do quê?

Em todos aqueles meses, segui as orientações médicas e dos sites especializados na internet. Confesso que também segui as informações de sites nada técnicos. Um deles dizia que era comprovado que o bebê ouvia tudo de dentro do útero, então, eu estava sentada com um grande fone de ouvido apoiado na parte de cima da minha barriga pontuda. Torcia para que eles gostassem de rock, porque era o único tipo de música que eu tinha em Belo Horizonte.

Por mais trágica que minha história parecia ser, eu tentava curtir a gravidez. Eu me incomodava com a azia constante, com os quilinhos a mais, com a vontade de fazer xixi sem parar e com o novo formato do meu corpo.

Tirei o fone de ouvido e me levantei da poltrona de amamentação. Coloquei o notebook em cima do trocador de fralda da cômoda, localizada entre dois berços, e fiquei em pé em frente a um espelho. Minha cintura já era. De perfil, uma bola de basquete ocupava o lugar da barriga antes chapada. Soltei as alças do macacão jeans próprio para gestante, que se tornou a minha peça de roupa favorita nos últimos meses, levantei a bata e abaixei a meia calça de alta compressão — aquelas usadas para evitar a aparição de varizes — que chegava até a parte inferior dos meus seios.

Graças a Deus o meu umbigo não saltou para fora!

Minha barriga era bonita e enorme. Eu estava saudável. Os bebês estavam bem. Precisei retirar o minúsculo *piercing* que decorava meu umbigo — que eu tinha feito apenas dois meses antes de engravidar. O desenvolvimento da gestação esticou muito a pele do meu abdômen. Por orientação médica, eu tinha que besuntar tudo: barriga, lombar, nádegas e coxas. Com óleo de amêndoas, para evitar estrias.

Eu seguia todas as recomendações. Bem, quase todas, detestava passar aquela bucha grosseira e áspera no mamilo. Queria esganar o médico infeliz que inventou que esfregar aquela maldita esponja nas aréolas ajudava a esfoliação e o endurecimento da pele, o que auxiliaria a amamentação. Médico idiota! Sem dúvida nenhuma era homem! O procedimento doía pra burro! Minha vontade era de sugerir que ele esfregasse o escroto com a tal bucha e me contasse qual foi a sensação.

Era estranho saber que, mesmo sem os gêmeos terem nascido, já saía um líquido amarelo bem clarinho dos meus seios. Colostro, me ensinaram. Diziam que era normal ser produzido antes.

O mais engraçado era que nem sempre a barriga permanecia com o formato redondo, como vemos em fotos de mulheres grávidas. Quando os bebês se mexiam, ela deformava. Sério, isso

era mais comum do que você imagina. Outra coisa, não sei qual dos dois adorava enfiar o pé na minha costela. Doía! Como doía.

Com trinta e cinco semanas — para quem não sabe quanto tempo, é só dividir por quatro — eu já tinha começado a sentir pequenas contrações. Todos diziam que era normal a gravidez de gêmeos não chegar até o final, no entanto eu fazia o possível para que eles permanecessem mais um tempinho ali dentro. Seria melhor para eles.

Ainda não sabia o sexo dos bebês. Escolhi não saber, então toda a decoração do nosso quarto era branca com laranja. Não quis verde, nem azul, nem amarelo, considerava cor pastel muito triste. Eu não queria tristeza.

Okay, eu pensava no meu passado quase sempre. Confesso, todos os dias. As recordações eram nítidas. Eu sentia falta do meu pai, da Elisa e do Igor. Só que tentava não me afundar no desespero. Eu tinha uma missão: ser mãe.

Olhei mais uma vez para o meu reflexo no espelho e senti uma contração junto a uma vontade imensa de fazer xixi. Corri ao banheiro, desci o restante da roupa, me sentei no vaso e me aliviei. Esperei terminar.

Esperei, esperei, esperei.

Esperei mais um pouco.

Estranho. Não parava de fazer xixi.

Resolvi limpar e me levantar. Nada feito. O papel saiu muito molhado, incolor, como se tivesse sido molhado por água. Senti minha barriga endurecendo de maneira fora do normal e fui atingida por uma dor violenta.

— Ahhhhhhh! — Abracei minha barriga e gritei.

Em segundos minha tia estava ao meu lado, dentro do banheiro.

Assim que a dor passou, olhei para ela.

— Você está bem? — perguntou com olhos preocupados.

— Não consigo parar de fazer xixi. Para e volta. Para e volta. E dói.

— Nat, acho que devemos ir para o hospital. Sua bolsa deve ter estourado.

— Não. Ainda não está na hora... AHHHHHHHHH!

A dor fulminante voltou com tudo.

Enquanto eu sofria sentada no vaso, minha tia corria pelo quarto, pegando minhas coisas. Jogou em meu colo um absorvente noturno.

— Coloque, se levante e suba a roupa. Vamos direto pro hospital.

Fiz o que ela pediu. Levamos meia hora para chegar ao hospital mais próximo. No trajeto, eu tive mais umas trinta contrações muito doloridas. Também sentia uma vontade tremenda de ir ao banheiro para fazer o número dois. Porque, lógico, eu teria essas vontades bem na hora de ter filho.

Cheguei ao hospital com o absorvente pesando de tão encharcado. Levaram-me direto para a maternidade e, ao ser examinada, nada de dilatação. Não era possível! Uma dor lacerante e nada de dilatação? Isso não era natural!

A médica me explicou um monte de coisa que eu não teria nenhuma capacidade de saber ou entender e, quando vi, vestia a roupa cirúrgica e me pediam para que eu me sentasse e encostasse a cabeça entre os joelhos. Anestesia. Eu teria que ser submetida a uma cesárea por diversos fatores técnicos e científicos. Foi tudo muito rápido.

Enquanto minha barriga era cortada, eu só consegui pensar no tanto que o tubo de oxigênio me dava vontade de espirrar. Muito irritante.

Depois de alguns minutos, ouvi um grito estridente.

Ah, meu Deus!

Uma enfermeira apareceu ao meu lado com um bebê bem pequeno. Ela me mostrou as mãos, os pés, o pênis e o rostinho.

Um menino!

Lindo e saudável.

Meu coração iria explodir, foi tomado por uma sensação diferente, a qual eu não conseguia explicar. Comecei a chorar, esquecendo totalmente o incômodo causado pelo tubo de oxigênio.

Levaram-no para longe de mim e, logo depois, ouvi outro grito. De novo, a enfermeira se aproximou, mostrou os pés, as mãos, o rostinho e abriu as perninhas.

Menina.

Eu tinha ganhado uma menina.

Um casal!

Dei vazão às lágrimas que escorriam com força. Eu era mãe. *Mãe.*

Naquele momento, com os sentimentos à flor da pele, eu soube que minha vida tinha mudado de forma radical. Não que eu já não tivesse passado por mudanças suficientes nos últimos meses, só que agora era definitivo. Eu nunca mais conseguiria me desvincular daquelas duas miniaturas de seres humanos fascinantes que tinha acabado de conhecer. Não interessava mais a forma como aconteceu ou quem era o pai biológico. O que importava era a proteção, a segurança, o amor.

Eu nunca deixaria que nada de ruim acontecesse com eles.

Apostaria minha vida nessa afirmação.

Com fones de ouvido, Mariana estava com parte do corpo sentado e parte deitado, com as costas apoiadas na cabeceira cama, os olhos fechados e a cabeça encostada em um travesseiro alto. Lágrimas abundantes escorriam de seus olhos. Ela tentava chorar baixinho, mascarando o som com uma música que ressoava do celular, mas eu conseguia ouvir seus soluços e suspiros. Fiquei desolada ao vê-la daquele jeito. Se tudo o que estávamos vivendo era muito para mim, uma adulta de trinta e um anos, imagina o que se passava pela cabeça de uma adolescente de quinze?

Tirei os tênis e caminhei com passos lentos até me aproximar da cama. Antes que ela pudesse me ver ou impedir que eu a confortasse, me deitei ao seu lado e a abracei. Percebi que ela chorava ainda mais ao sentir os meus braços ao seu redor.

Existem momentos em que precisamos de conforto e não sabemos como pedir. Mariana era uma garota forte, entretanto sua vida havia se tornado um tumulto após as novidades ininterruptas e complicadas demais para seu entendimento.

Permaneci ao lado dela por um bom tempo, até que sua respiração pareceu se acalmar e as lágrimas se tornaram mais escassas. Nós duas precisávamos de consolo, de conforto, de carinho. Era um momento de cumplicidade entre duas mulheres que sofriam quietas. Que mantinham o semblante, não gostavam de expor fragilidade, mesmo quando o interior estava um caco.

Ela levou a mão ao ouvido e retirou um dos fones.

— Mãe, eu te amo ainda mais após saber o que você passou — disse fungando.

— Querida, eu sei. Você e seu irmão foram os melhores presentes que ganhei na minha vida. Nunca duvide disso.

— É difícil... saber que meu pai te estuprou... que sou consequência de um abuso. — Limpou uma lágrima que voltou a cair. — Não sei como você conseguiu aceitar. Me sinto... Deus, mãe,

eu me sinto suja, como se não tivesse o direito de ter nascido. Como se eu fosse... filha de um monstro.

— Não se sinta assim, Mari. Você jamais deve pensar desse jeito — respondi com toda honestidade que possuía.

— Eu não conseguiria ter um filho assim. Nessas condições.

— Eu sei... — continuava tentando confortá-la.

— Tenho nojo dele.

— Eu também.

— Não quero vê-lo. Tenho vontade de esganá-lo. Ele tinha que estar na cadeia.

— Isso é impossível. — Suspirei.

— Eu sei e isso me mata por dentro! Como você pôde? Como você conseguiu viver... ele era seu amigo, não era? — Assenti devagar. — Você nem o denunciou!

Seus olhos verdes brilhavam devido à umidade, consequência da explosão de revolta. Ela estava certa e deveria desabafar tudo o que pensava.

— Filha... — Eu não sabia direito como começar. Resolvi fazer o que sempre fiz, ser sincera. Respirei fundo e continuei: — Quando estava grávida, em alguns dias, eu tinha vontade de morrer. Passei semanas... meses chorando. Se uma gravidez na adolescência já é complicada por si só, imagine sendo vítima de um abuso... Só que eu acreditava que existia algo além de mim, algo que me movia, que me passava a sensação de que tudo ficaria bem. Era como um sexto sentido. Alguma coisa me dizia que o desespero e aflição seriam temporários. No fundo eu sabia que um filho, ou dois filhos, não seria tão ruim assim. Me convenci de que o pai biológico não importava e me dediquei a vocês. Me dediquei às partes boas da vida. Amei você e seu irmão desde o início. A cada chute, a cada dor na costela vinda de um pé ou um braço, o meu amor crescia. Se tornava algo maior do que eu esperava. Ignorei o abuso e me concentrei na gravidez. Quando dei por mim, o amor superou o ódio. Jamais olhei pra vocês e vi outra coisa a não ser meus filhos. Criados e amados por mim. Todo o restante acabou se tornando um detalhe.

— Mesmo assim, mãe. Não me conformo! Você deveria tê-lo denunciado. Feito alguma coisa.

— Ela agitava a cabeça para os lados.

— Não era tão simples, Mari.

— Claro que era!

— Sabe o seu professor?

— Igor? O que tem ele?

— Lembra que eu comentei que tinha um namoradinho?

— Meu Deus! Era ele?

— Era. — Suspirei. — Ele não era apenas um namoradinho. Igor era o amor da minha vida. Eu me apaixonei quando tinha dez anos. Era inocente e ingênuo. Puro. E, pra ser sincera, platônico. Demorou anos para que ele finalmente me visse e me desse atenção. — Parei para recuperar o fôlego. Vasculhar lembranças antigas trazia outros sentimentos à tona. — Danilo era o melhor amigo dele e namorado da minha melhor amiga. Eu estava feliz, apaixonada. Tinha uma vida perfeita e uma adolescência espetacular.

— Mais um motivo pra ter colocado a boca no trombone — Mariana me repreendeu.

— Eu sei como parece. Sei que, na sua cabeça de quinze anos, eu deveria ter feito o possível para expor o abuso. Eu fiquei muito mal, filha. Não consegui voltar a ser eu mesma. Por vários dias me fechei em casa e não quis conversar com ninguém. Desisti do Igor no dia seguinte.

— Você desistiu dele?

— Não podia ter feito diferente. Se eu falasse com alguém, seria rotulada como a garota que

foi estuprada. Não teria sossego. Na minha cabeça, fez sentido manter o segredo e fingir que nada fora do normal tinha acontecido. Eu odiava o Danilo, fechar os olhos era muito difícil. Eu estava sofrendo pelo fim do meu namoro. Quando percebi, algumas semanas haviam passado e comecei a passar mal. Descobri a gravidez e acabei contando tudo para o seu avô.

— E ele não tomou nenhuma atitude? — indagou, ainda abismada.

— Ele quis matar o Danilo. Queria ir à polícia e dar queixa. Eu não deixei que ele fizesse nada, Mari. Primeiro, porque não me levaria a lugar nenhum. Mexer com isso somente faria com que eu ficasse exposta e ainda mais pra baixo. Segundo, já tinha passado mais de um mês. Com exceção da gravidez, seria complicado haver vestígios no meu corpo que indicassem o abuso. Seria a minha palavra contra a dele, porque, sem nenhuma dúvida, ele alegaria que tinha sido consentido. Eu teria que conviver com ele durante a gravidez toda e a criação de vocês. Já imaginou a minha preocupação caso vocês tivessem que ser obrigados pela justiça a passarem fins de semana com seu pai? Pior, ele poderia entrar com pedido de guarda compartilhada! Eu não queria isso, não queria ainda mais problemas, entende?

Olhei para Mariana, que assentia com a cabeça devagar.

— Eu entendo, mas não consigo imaginar como foi. Só de pensar na possibilidade de ter que conviver com ele, fico toda arrepiada.

— Eu sei. Na época, confesso que não pensei em todos esses detalhes porque eu não tinha idade e nem cabeça pra isso. Eu só chorava. Mas meu pai pensou. Depois, quando estava mais calmo, sentamos e conversamos. Nas palavras dele *“filho não é o fim do mundo, é o começo de um”*. E, além disso, já parou para imaginar como seria educar vocês dois com a cidade inteira sabendo o que tinha acontecido? A família do Danilo é tradicional em Poços, é conhecida, todo mundo saberia. Vocês cresceriam rotulados, seriam os filhos do estuprador ou da garota que mentiu e tentou incriminar um coitadinho. Por isso, resolvi ir embora e deixar a vida que eu tinha para trás.

Peguei a mão dela e apertei com força.

— Eu não me arrependi de nenhuma das minhas escolhas, filha. Principalmente de ter vocês, de ter escolhido fazer o que fiz, do jeito que fiz. Não se sinta mal por saber a verdade sobre o meu passado.

Terminei o discurso com os olhos marejados. O momento que vivíamos era único e precioso. Ela deveria dar vazão ao que sentia. Muito melhor do que omitir o sentimento e acabar descontando de outra maneira.

— E agora, temos que engolir o Danilo. Deixar isso de lado e pensar no Gui. — Escutei sua voz vacilante.

— Temos — respondi e ficamos em silêncio. Encostei a cabeça em seu ombro e fiquei sentindo o movimento de sua respiração. Acabamos pegado no sono. Só me dei conta quando abri os olhos e percebi que o quarto estava escuro e silencioso.

CAPÍTULO 10

Após uma tarde exaustiva, passei a noite assistindo a filmes com meus filhos. Foi bom para nos distrairmos dos assuntos que tomavam o meu tempo ultimamente. No dia seguinte, acordei cedo, dessa vez não com uma desculpa, entretanto com um motivo palpável, levar os gêmeos à escola. Minha preocupação com o Gui estava tomando uma proporção maior do que eu gostaria. Ainda não beirava a paranoia, mas eu corria seriamente o risco de cair em tentação e ficar fiscalizando o garoto a cada dez minutos... como se isso fosse necessário.

À mesa, preparados para tomar o café da manhã, percebi o quanto Mariana parecia estar bem. A conversa de ontem devia ter sido fundamental para que ela pudesse processar o que estava sentindo. Eu nunca havia impedido que eles conversassem comigo sobre seus problemas pessoais, só que era evidente como a doença do Gui mexia com nossa base familiar. Antes de descobrirmos a patologia, vivíamos em um clima leve e divertido. Não que a diversão tenha deixado de existir, no entanto o clima pesou. Tínhamos liberdade para conversar sobre o assunto, porém eu sabia que meus filhos acabavam guardando parte da preocupação para eles.

Era complicado conviver com a dúvida, com a impotência, com a possibilidade de ver minha família ter o número de integrantes reduzido. Eu, como mãe, era incapaz de imaginar a sensação de perder um filho. Sem dúvida devia ser a pior dor psicológica que existe. Assim que esse pensamento surgia em minha mente, eu já o jogava para o fundo da minha cabeça e ordenava que permanecesse quieto e esquecido.

Outra coisa que fiz foi tentar falar com o Gui sobre o abuso. Mariana tinha uma compreensão feminina, se colocava no lugar da vítima com facilidade e temia por acontecer o mesmo consigo. Já o Guilherme, se eu partisse do pressuposto de que nos identificamos de acordo com o gênero, poderia estar se colocando no lugar do pai. Do agressor. Por mais que ele tenha sido um menino muito bem educado com princípios e valores morais e religiosos, eu temia o que ele poderia estar pensando. Não imaginava, de forma alguma, que ele cogitasse abusar de alguém, entretanto, ter consciência de que sua vida foi uma consequência de um ato inescrupuloso poderia ser tão ruim para ele quanto foi para Mari.

Minha tentativa de abordá-lo saiu pela culatra. Gui era especialista em fazer piada nas horas mais indevidas, com os temas mais complicados. Assim que comecei a tocar no assunto, ele já me cortou, dizendo que eu não precisaria me preocupar. Claro, a conversa não parou por aí, apenas se tornou algo divertido. Apesar do bom humor, só o deixei em paz quando fui convencida de que ele realmente estava bem com aquela história. A única coisa que ele me disse foi *“não se preocupe, mãe, resolvo meus problemas de outra forma, não preciso destrinchar todos os detalhes em voz alta”*. Bem, depois dessa, desisti. Mas continuei com a pulga atrás da orelha e resolvi manter os olhos bem abertos. Ele lidava muito tranquilamente com tudo, uma hora isso poderia eclodir, não poderia?

Independente disso, agora, sentada à mesa, percebi que ele tinha falado a verdade. O café da manhã foi um momento prazeroso, repleto de piadinhas e conversas aleatórias. Não poderia ser diferente, já que Mari acordava extremamente rabugenta e Gui era a animação em pessoa. O contraste entre o humor dos dois, a ironia e o sarcasmo completaram o clima de leveza temporário.

Depois de deixá-los na escola, recebi uma ligação do meu pai nos convidando para almoçar na casa dele. Aceitei e voltei para casa, tentaria ler algum livro de comédia romântica, nada que fizesse meus canais lacrimais voltarem a trabalhar. Eu corria um sério risco de eles começarem a exigir salário, visto o tanto que foram utilizados nas últimas semanas. Finalmente consegui me

desvincular dos problemas e relaxar lendo um romance de época bem levinho e engraçado.

Algumas horas mais tarde, eu encostava o vermelhinho na porta da escola, dez minutos antes do horário da saída. O tempo extra, sentada ali, em frente a um local que eu conhecia, me fez ter recordações e sentir-me um tanto nostálgica. Os gêmeos estavam matriculados na mesma escola que estudei. Na mesma escola que conheci a Elisa e passei anos observando o Igor.

Com tudo o que aconteceu ontem, não deixei que o ocorrido com o Igor me preocupasse. Ele era uma pessoa importante na minha vida, só que não fazia mais o papel de protagonista. Permiti que meus pensamentos vagassem até as boas lembranças da minha adolescência, tentando esquecer o gigante mal-entendido.

Olhando para a fachada da escola, eu queria me convencer de que não tinha chegado mais cedo sendo movida pela expectativa de vislumbrar meu ex-namorado indo embora. Seria uma atitude muito infantil. Tentei acreditar que não estava ali, parada dentro do carro, esperando que ele saísse pelas portas de vidro e caminhasse em minha direção. Não. Eu definitivamente não queria isso.

O que eu esperava? Que após dezesseis anos ele ainda sentisse algo por mim? Nem eu sentia alguma coisa por ele! Minha explosão emocional de ontem poderia ser facilmente explicada como um acúmulo de tensão, não tinha nada a ver com a presença do Igor na porta da minha casa e com o *flashback* dos nossos momentos juntos. De forma alguma. Eu encarava as paredes de vidro da escola à toa. Por não ter o que fazer.

Meu Deus, quem eu estava querendo enganar? Meu coração até batia mais rápido sabendo que ele estava ali dentro. Eu me sentia mais uma vez como a garotinha boba que o observava à distância. Só que não conseguia evitar. Minha curiosidade e vontade de vê-lo novamente quase me matavam. Como se eu pudesse fazer alguma coisa ao vê-lo na porta da escola, cercado por adolescentes. Ou por professores. Ou por professoras bonitas e arrumadas.

Olhei para minha calça jeans, camiseta e tênis e comeci a rir do quanto minha vida amorosa era patética! O quão ridículo era uma paixão platônica! O quão ilusório era o pensamento de poder, um dia, ter algo com Igor novamente. Não pense que eu sempre exerci o papel de tola apaixonada, porque não é verídico. Eu tinha, sim, assuntos mal resolvidos com ele, e, depois de ontem, ficou evidente que eles só aumentaram. Só que, depois de vê-lo à minha frente, tive a impressão de que meu coração ficou adormecido por todo esse tempo. Que todos os rolos e namoricos que tive nesses anos não passaram disso: rolos e namoricos.

Eu era ridícula. Trinta e um anos nas costas, dois filhos adolescentes, problemas sérios a serem resolvidos e estava ali, me preocupando com a possibilidade de ver um homem.

Um. Homem.

Um homem que me desprezava, vamos falar com um português bem claro. Um homem que acreditava que eu era uma traidora. Um homem que jamais saberia a verdade.

E essa constatação colocava um belíssimo ponto final nas minhas divagações. Nada faria com que eu me aproximasse dele outra vez.

Era melhor assim, afinal, eu não queria mais complicações do que já tinha. E Igor com certeza seria uma complicação.

Fui distraída pelo som do celular e enfiei a mão na bolsa que estava atrás do banco do passageiro para pegá-lo.

Doador: Acabei de sair do hemocentro. Espero que dê certo.

Natália: Obrigada.

Doador: Está em casa?

Está em casa? Como assim? O que ele estaria planejando agora?

Natália: Não.

Doador: Certo. Falo com você depois.

Eu terminava de ler a mensagem quando ouvi o sinal ressoar, avisando sobre o final do horário de aula. Em poucos segundos, vislumbrei os corredores ficarem abarrotados de alunos querendo ir embora para suas casas. Mari e Gui estavam entre eles, conversando com uma turma de adolescentes. Era bom saber que eles começavam a se enturmar na nova escola e observá-los interagindo. Eles se aproximaram do carro entretidos com os colegas. Entraram contando sobre as aulas e os novos professores. Pelo menos isso continuava normal.

Olhando por cima das inúmeras cabeças enquanto manobrava o carro para sair da vaga, aceitei que não seria dessa vez que eu veria o Igor. Ótimo. Melhor assim.

Sem nenhum outro compromisso, seguimos direto para a casa do meu pai. Passar pelas ruas do meu antigo bairro também servia como gatilho para a libertação de sentimentos há muito tempo enterrados. A diferença era que hoje eu me sentia revigorada, como se tivesse acabado de sair de uma sessão de terapia, olhando para o mundo de outra forma. Talvez a conversa com a Mari também tenha causado um efeito positivo em mim.

Assim que estacionei o carro na porta da casa branca com muretas baixinhas e grade avermelhada, meu pai abriu a porta com um sorriso largo no rosto. Como sempre, o bom humor exalava de seus poros. Mariana e Guilherme desceram do carro e foram cumprimentá-lo. Eles ainda não conheciam a casa do avô e estavam animados em conhecer o local onde vivi os primeiros anos da minha vida.

Andei em direção aos três e vi pelo canto de olho um movimento na frente da casa vizinha. Virei o rosto para ver melhor e avistei uma menininha linda, com cabelo castanho-claro na altura dos ombros e um rosto adorável. Ela conversava com uma mulher adulta, provavelmente sua mãe, que não reconheci à primeira vista, porém, prestando um pouco mais de atenção, percebi que era a Larissa, minha antiga vizinha.

Quando eu era criança, passei muitas tardes brincando na casa dela. Éramos muito amigas, daquelas que faziam tudo juntas e se consideravam irmãs. Nós nos afastamos na adolescência. Ela estudava em uma escola diferente da minha e não possuíamos o mesmo núcleo de amigos. Todavia, sempre tive um grande respeito por ela. Independente da distância, nos tratávamos com consideração.

Dei um sorriso sincero, por notar como ela estava bonita ao lado da filha.

— Pai, pode entrar com a Mari e o Gui que eu já vou — comentei olhando para Larissa. — Vou dar uma palavrinha com a vizinha. Faz muito tempo que não a vejo.

— Ah, sim, claro! — Ele assentiu e encostou o portão, ao caminhar para dentro de casa.

Aproximei-me da frente da casa dela, animada em revê-la. Era um sentimento muito bom possuir lembranças que não estavam marcadas por situações indesejadas. Minhas recordações do tempo em que brincava com a Lari eram puras e agradáveis. Quem sabe eu não conseguiria recuperar o vínculo que um dia tivemos?

— Larissa? — chamei através da grade do portão.

Na mesma hora, a mulher que estava agachada na grama com a pequena menina virou a cabeça e me encarou. Após alguns segundos me olhando de forma confusa, vi os cantos da sua

boca e de seus olhos se curvando lentamente, formando um sorriso.

— Natália? É você? — indagou se levantando e limpando as mãos na frente da calça jeans. — Caramba! Faz séculos que não te vejo!

— Alguns anos, eu diria — respondi rindo.

— Você não mudou quase nada!

— Posso falar o mesmo. Você continua ótima! A idade só te deixou mais bonita — comentei com sinceridade. Larissa era uma morena lindíssima, sempre tinha sido. Arrancava olhares por onde passava. Pude testemunhar seu efeito avassalador nas festas de adolescência em que nos encontrávamos por acaso. — E essa garotinha linda?

— Essa é a Clarinha, minha filha — disse, olhando carinhosamente para a menina.

— Nossa, e pensar que a gente brincava nessa mesma grama quando éramos pequenas.

— Sim, foi uma época muito boa.

— Concordo. Você ainda mora aqui?

— Sim! Voltei pra cá há pouco mais de um ano, na verdade.

— Sério? Acabei de voltar pra cá, vim de Belo Horizonte.

— É estranho, né? Voltar depois de tanto tempo? Eu fiz faculdade em São Paulo e acabei ficando por lá. Mas com a Clarinha crescendo, achei melhor voltar para o interior. Você é casada?

— Eu? — Comecei a rir. — Não! Somos só eu e meus filhos.

— Você também é mãe?

— Sou, tive gêmeos ainda bem nova. Eles têm quase dezesseis.

— Jura? Eu nunca mais te vi, não sabia que tinha engravidado tão cedo.

— Pois é, aconteceu.

— Eu te entendo. Clarinha também aconteceu — ela disse rindo. — Fazer o que, né?

— Então. — Olhei para a casa do meu pai e me lembrei de que precisava almoçar. — Tenho que entrar, meu pai e meus filhos estão me esperando para o almoço — falei, apontando para a casa ao lado.

— Nat, a gente podia sair qualquer dia. Para conversar — sugeriu.

— Claro! Seria ótimo! Ando tão preocupada ultimamente que seria uma boa distração.

— Então está combinado. Esse fim de semana a Clarinha fica com o pai. Se você puder, podemos marcar alguma coisa amanhã. Nem que seja uma caminhada.

— Eu topo! Estou morando perto do Parque Municipal, podíamos caminhar de manhã, o que você acha?

— Uma ótima ideia! Me passa o número do seu celular — Larissa pediu e respondi. Seria muito bom ter alguém com quem conversar. — Assim que entrar em casa te mando uma mensagem.

— Perfeito! Foi muito bom te ver, Lari — falei, me despedindo. Inclinei o corpo para baixo e acenei para a menininha que ainda brincava sentada em cima da grama, observando a conversa ao seu redor com curiosidade.

Voltei para a casa do meu pai, pensando em como era bom conversar com alguém sem ter nenhum peso nas costas. Sem remorso, sem preocupações, sem desconfiança, sem mágoa. Sair com a Larissa seria um excelente escape para a minha situação atual. Poderíamos começar a caminhar e marcar algumas vezes por semana. Ela era uma boa pessoa, seria muito proveitoso retomar a amizade.

— Ei, mãe, você não tinha contado pra gente que o seu quarto ainda existe — falou Gui, assim que entrei na sala.

— Existe? — Dei uma risadinha nervosa. O clima leve que vivenciei do lado de fora se alterou quando entrei na casa do meu pai. Fazia muito tempo que eu não entrava ali, lógico, mas não queria me apegar aos detalhes. Notei que um móvel ou outro mudou de lugar, a cor do estofado era outra, os quadros na parede continuavam os mesmos. Fotos de uma menina banguela e sorridente tomavam conta da estante. Lembranças, muitas lembranças. Ainda bem que a maioria era boa e eu conseguiria tirar de letra o desconforto. — Você não tinha me falado isso, pai! — acusei.

— Vamos dizer que, lá no fundo, eu mantive uma pequena esperança de que um dia vocês voltariam para cá. Não mais de uma década depois, só uns dois anos, mais ou menos... — Olhou em meus olhos e percebi que suas pupilas transbordavam emoção.

— Sei... e passados os dois anos...? — pressionei.

— Ah, não seja boba! — Ele movimentou as mãos como se fosse pouca coisa. — Você sempre teria um espaço nessa casa. Mesmo a quilômetros de distância. Era o seu cantinho, como eu poderia ter me desfeito de tudo?

— Meu quarto está igualzinho? — perguntei, incrédula.

— Não, fiz umas mudanças. Guardei algumas coisas que você deixou para trás em caixas e coloquei dentro do armário — explicou. — Sua coleção de artigos dos Backstreet Boys está dentro de uma delas.

— Backstreet Boys? Minha mãe, que fez a gente ouvir rock desde pequenos, era fã de uma *boyband*? Ah, não! Eu preciso ver isso! — exclamou Gui, batendo a mão na perna animado.

Meu pai sorria de orelha a orelha. Ele ia me pagar por isso.

Senti meu rosto se aquecendo. O que mais ele teria guardado naquelas caixas? Eu tinha tanta coisa infantil naquele quarto, coisas às quais eu tinha apego emocional e não queria me desfazer quando fui embora. Isso foi antes, óbvio, mas... meus diários... meu Deus! Meus diários! O conteúdo deles era muito pior do que a coleção de revistas e recortes dos BSB.

— Pai! — falei quase gritando, chamando a atenção dos três. — O que mais você guardou?

— Ué... algumas coisinhas. Depois você confere. Estou morto de fome!

— É, mãe, depois a gente fuça os seus segredos mais obscuros! Backstreet Boys... — comentou Mari, dando risada e balançando a cabeça.

Seguimos até a cozinha, que estava arrumada com o melhor jogo de jantar. A travessa no centro da mesa quadrada exibia um assado com um aroma exímio. Minhas papilas gustativas salivavam imaginando o sabor do prato. Eu precisava comer melhor. Estava ficando sem me alimentar repetidamente, sem perceber.

Como imaginei, a refeição estava esplêndida. As brincadeiras e risadas na mesa foram constantes. Acabou sendo um momento tão divertido que não me importei com nada além de aproveitar ao máximo a minha família. Eu me sentia completa.

Após o almoço, antes de vasculhar as caixas que meu pai guardou por todos esses anos, voltei ao carro para pegar os agasalhos que tinham ficado lá dentro. No sol, a temperatura estava agradável, mas, dentro de casa, parecia que entrávamos em uma geladeira.

Com as blusas em mãos, travei o carro e caminhei até o portão. Quando o fechei, vi através da grade um carro esportivo azul se aproximando e diminuindo a velocidade. Não. Seria muita coincidência ser o carro do Igor. Porém a cor... o modelo... mesmo eu sendo péssima para memorizar modelo de automóveis, a cena de ontem estava gravada na minha memória. Poderia, sim, ser o carro dele.

Parada como uma estátua junto à grade do portão, observei o veículo estacionando na frente do meu. Fiquei boquiaberta com o que aconteceu em seguida.

Não era possível.

Era ele. Igor. Mais bonito que no dia anterior.

Ele desceu do carro e foi até a fachada da casa da Larissa. Eu não consegui ouvir o que foi dito e, de onde estava, grudada ao portão, só enxergava parte do corpo dele. Entretanto, uma coisa eu vi com muita clareza. Em poucos minutos, Igor se afastou da porta da casa vizinha de mãos dadas com Clarinha, que acenava sem parar para trás, provavelmente para Larissa.

— Te ligo no domingo, Lari. — Ouvi a voz dele.

Eu era incapaz de me mover. Permaneci com os pés grudados, como se tivessem sido soldados ao chão, observando enquanto Igor prendia Clarinha no banco traseiro do esportivo azul.

“Esse fim de semana a Clarinha fica com o pai.”

A voz da Larissa ecoava na minha cabeça. Eu não sabia definir o que sentia naquele momento.

Igor andou até o outro lado do carro e virou a cabeça em direção à casa do meu pai. Àquela altura do campeonato, eu não tinha como me esconder. Já estava fazendo papel de ridícula, observando de enxerida o que ele fazia ali.

Ao me ver, Igor deu um sorriso irônico e me encarou com frieza.

Deus, o que mais iria acontecer?

CAPÍTULO 11

Ver Igor partindo da casa da Larissa não foi nada fácil. Não pelo fato de ele ser pai. Eu não era hipócrita a ponto de acreditar que ele continuou me amando por todo esse tempo, principalmente levando em consideração os motivos que aleguei para o final do namoro. A imagem dele beijando outra garota da escola era nítida em minha memória, e, apesar de mais de uma década ter se passado, eu não tinha dado chance real a nenhum outro homem, então não podia afirmar que era imune a ele. Pior que isso, para minha decepção, havia constatado o quanto ele ainda mexia comigo quando nos vimos na porta da minha casa. Meus sentidos quase me nocautearam.

Evidentemente, não passei todos esses anos me iludindo e pensando que ele me amava. Também não criei nenhuma expectativa de dar continuidade ao que um dia começamos a ter. Tivemos a chance de viver uma história e ela passou. Segui minha vida e ele também. Entre as responsabilidades e correria do dia a dia, acabei me dedicando a outras facetas, deixando de lado o quesito amoroso. Amor era a última coisa em que eu pensava, não fazia parte dos meus planos.

Talvez seja por isso que, agora, de volta a Poços, eu esteja passando um bom tempo pensando no que aconteceu entre a gente e no que poderia hipoteticamente acontecer. Eu tinha noção de que era ilusório e começava a me cansar da minha atitude infantilizada, passiva e platônica. Queria poder fazer algo. Agir diferente. Demonstrar que, dentro de mim, ainda existia uma faúlha do sentimento que ele nem chegou a saber o quanto era fulminante.

Seu semblante, antes de entrar no carro, me deixou devastada. Você pode pensar que eu era uma trouxa acreditando que ele tenha olhado para a casa do meu pai com expectativa de me ver ali, como acontecia com frequência no passado, mas ver o sorriso dele se desfazer e assumir uma expressão de frieza fez com que meu interior se corresse, estraçalhando todas as expectativas que eu cogitava erroneamente.

Ainda mais tendo outro agravante no cenário. Saber que ele tinha uma filha com Larissa foi uma surpresa. Ficou óbvio que eles viveram algum tipo de relacionamento seguido de atrito. Como eu gostaria de tentar restabelecer contato com ela, seria uma relação delicada. Eu não sabia como eles se relacionaram ou como era o vínculo atualmente. E se Larissa gostasse dele? Era um risco, afinal, tinham história. Cá entre nós, a existência de uma filha implicava uma história muito maior do que os ínfimos meses que namoramos na adolescência.

Eu seria capaz de me envolver com alguém nessa situação? Provavelmente não.

Pensando na Larissa e em todas as coincidências que nos cercavam, assim que cheguei em casa com meus filhos mandei uma mensagem, confirmando a caminhada na manhã seguinte. Mesmo testemunhando a interação entre eles, com consciência de que tinham um passado em comum, resolvi que não abriria mão da possibilidade de uma amizade verdadeira. Iria correr o risco sem me preocupar com o Igor.

Eu estava concentrada, organizando as roupas que havia colocado para lavar, quando ouvi alguém bater na porta da frente de casa. Diferente da vez que abri para Elisa e fui surpreendida com um tapa na cara, olhei pela janela antes de levar a mão à maçaneta. Uma senhora de cabelos pretos e roupa casual aguardava do outro lado. Abri devagar por não reconhecê-la.

— Pois não?

— Você é a Natália? — indagou, analisando cuidadosamente o meu rosto.

— A própria. Em que posso ajudá-la? — Observei enquanto a senhora inspirava fundo e soltava o ar bem devagar.

— Sou Celeste. — A senhora levantou a mão e estendeu para que eu a cumprimentasse. Aceitei o gesto por educação. — Você não me conhece, mas creio que precisamos conversar.

— Me desculpe, não quero ser rude, mas sobre o que exatamente?

— Seus filhos. Meus netos.

Senti um arrepio percorrer minha coluna. *Netos*. Isso queria dizer que aquela mulher bem alinhada à minha frente era a mãe do Danilo. Depressa, soltei a mão dela e dei um passo para trás, avaliando-a de cima a baixo.

— Você é a mãe do Danilo — afirmei, reparando nos traços de seu rosto, analisando as semelhanças entre ela e o Gui.

— Então é verdade? — A senhora olhava para mim com expectativa. — Eu realmente sou avó?

A pergunta dela me deixou um pouco confusa. Até que ponto ela sabia sobre a existência dos netos?

— É... me desculpe mais uma vez, mas preciso saber uma coisa. Foi o Danilo que te contou?

Ela deu uma risada amarga e balançou a cabeça.

— Até parece. Se não fosse a escandalosa da esposa dele, eu não estaria sabendo. — Estalou a língua antes de continuar. — Elisa não consegue esperar chegar em casa para lavar roupa suja. Almoçamos juntos hoje no centro, e, sem querer, eles começaram a discutir em voz baixa na minha frente. No início, não me importei com o que falavam, até que algumas frases distintas chamaram a minha atenção. *Seus filhos. Aquela vizinha da sua mãe. Exame pra quê. A Natália é uma vadia folgada* — ela remedava cada sentença com uma voz irritante. — Sabe, minha filha, eu não sou idiota. Liguei dois mais dois e, entre toda ladainha, imaginei que eles tinham um pequeno segredo. Pequeno não... enorme. Assim que cheguei, resolvi bater na sua casa. Conheço os outros vizinhos, só poderia ser você.

Eu não conseguia falar nada, apenas observá-la. Ela sabia da existência dos gêmeos, entretanto, parecia não saber mais nada além disso. Fora nosso endereço.

— Eles são meus netos, não é mesmo? — Celeste olhava em meus olhos profundamente. Por um segundo, pelo movimento lento de suas írises, senti como se ela pudesse ler a minha alma. — Creio que sim — concluiu. — Onde estão? Quero conhecê-los. — Sorriu de orelha a orelha.

Danilo tinha razão. Pela postura determinada com que a senhora se portava na porta da minha casa, ela não desistiria de ter contato com os netos. Eu teria que aprender a conviver com essa nova realidade em que meus filhos tinham uma família além de mim, do meu pai e dos meus tios. Teria que me conformar.

— O que a senhora sabe sobre eles? — questionei, interessada na resposta.

— Somente que são meus netos. E que, pelo seu jeito cauteloso, você não é nenhuma vadia folgada... — Analisou-me mais uma vez. — Não. Isso é implicância da Elisa. Você é uma boa pessoa. É uma boa mãe. Posso apostar.

A mulher tinha a capacidade de me surpreender ainda mais.

— Não sabe a idade deles?

— Não. Danilo e Elisa falaram sobre eles no plural, então são mais de um, não é mesmo?

— São dois. Um casal — informei. Parecia estranho, rápido e inesperado, entretanto eu começava a gostar da avó biológica dos meus filhos. Algo nela passava confiança. Abri a porta mais um pouco e indiquei a sala. — Entre. Eles estão lá em cima. — Dei espaço para que ela passasse e mostrei o sofá.

Ela entrou. Parecia ansiosa para o que estava por vir. Mais ansiosa do que eu. Antes de voltar para cá, nunca imaginei que pudesse ter qualquer vínculo social com a família do Danilo. A situação era muito delicada para pensar na possibilidade de Danilo fazer algo além da obrigação. Estava surpresa pelo envolvimento tanto dele quanto da mãe dele, só que eu era madura o

suficiente para saber que a culpa da covardia do que ele fez comigo não se estendia aos seus familiares. Era um direito dos meus filhos escolher se queriam ou não fazer parte da família dele. Eu não negaria isso a eles.

— Obrigada por me receber. Eu estava nervosa. Sem saber o que aconteceria, sem saber se era verdade. — Suspirou. — Me conte, minha filha, o que aconteceu? Quando você teve essas crianças?

— Dona Celeste...

— Pode me chamar apenas de Celeste.

— Bem... — Ponderei o que diria a seguir. Eu nunca contaria para uma mãe que seu filho me estuprou, não era vingativa dessa forma e não queria manchar a vida dos meus filhos. — Nós éramos muito novos. Eu engravidei aos dezesseis anos e...

— Pelo seu rosto posso ver que não foi uma situação boa. A gravidez... aconteceu sem que você quisesse, estou errada?

Deus, a mulher era um raio. E muito sábia.

— Não, não está.

Ela assentiu.

— Espero que meu filho não tenha sido um idiota e falado que não era dele.

— Não. — Levantei a mão para enfatizar. — Ele não sabia da existência dos dois até poucos dias atrás.

Celeste ainda olhava para mim e eu começava a sentir medo do que ela poderia ler nas entrelinhas.

— Espero que ele não tenha...

— Celeste, perdoe-me, mas não vamos nos ater ao passado.

Ela analisou minha expressão mais uma vez, com os olhos negros fixos nos meus, e assentiu.

— Como quiser, querida. Danilo que me aguarde. — Meneou a cabeça. — Então você foi mãe nova. Você disse dezesseis? — Confirmei. — Certo. E quantos anos têm as crianças?

Dei uma risada e, sem dúvida, exibi uma expressão toda orgulhosa, como acontece com toda mãe quando fala sobre um filho.

— Não são crianças. São adolescentes. Gêmeos. Fazem dezesseis em setembro — esclareci.

Celeste ficou branca. Seu rosto foi perdendo a cor e ela deixou que os braços e as mãos caíssem ao lado do corpo.

— Dezesseis? Gêmeos? Meu Deus, menina! Por que diabos você não nos procurou antes?

— Eu não... olha, assim que descobri a gravidez, fui embora para Belo Horizonte. Não voltei mais.

— Danilo deve ter agido como um grande filho da puta pra você ter feito isso — Celeste comentou e eu cerrei os lábios. Ao mesmo tempo, ela me lançou um olhar conhecedor e explicou: — Sei que ele aprontava. É meu filho, mãe sabe essas coisas. Mas Danilo mudou, cresceu, amadureceu. Se tornou o homem que eu sempre esperei que fosse — acrescentou, dando um meio-sorriso.

Não respondi. Qualquer coisa que eu falasse poderia revelar o quão filho da puta ele tinha sido. Além disso, eu ainda não engolia a figura de bom moço que ele pintava, provavelmente nunca acreditaria. Resolvi que seria melhor mudar de assunto.

— Vou subir e falar com a Mari e o Gui. Não posso garantir nada, já que sua visita é uma surpresa. Se estiver tudo bem, logo descemos. Não sei se vão querer conhecê-la, é tudo muito novo pra gente, mas vou tentar.

Celeste concordou e eu subi as escadas. Encontrei o Gui deitado na cama da Mari, enquanto

ela estava sentada ao seu lado, fazendo dever de casa.

— Quem é a visita? — perguntou Gui logo que entrei no quarto.

— A mãe do Danilo.

Guilherme arqueou as sobrancelhas e Mariana bufou.

— Não façam essa cara. Celeste não tem culpa dos atos do filho.

— Ele foi rápido — rebateu Mari. — Aposto que mal saiu daqui e já foi contar pra mamãe.

Balancei a cabeça. Era sensata a atitude dela. Eu não poderia obrigá-los a nada.

— Não foi assim. Ela descobriu por acaso, pelo que me disse — informei. — Pra variar, Elisa deu com a língua nos dentes.

— E você acredita nela? Nessa tal Celeste? — inquirei Gui.

— Até o momento? Sim — respondi assentindo. — Conversamos pouco, mas ela parece ser uma boa mulher. Algo me diz que será interessante tê-la ao nosso lado. — Percebi que eles me encaravam sem acreditar no que eu dizia. — Olha, se isso quer dizer alguma coisa, ela xingou o Danilo de filho da puta.

Os dois riram.

— Se é assim, acho que vou gostar dela — afirmou Mari.

— Não sei... — duvidou Gui.

— Mas vai dar uma chance — adivinhei seu pensamento e ele assentiu. — Você é meu filho, educado por mim, não vai acusar e apontar o dedo para ninguém antes de saber se a pessoa merece. — Pisquei para ele.

— Às vezes eu te odeio, sabia? — comentou, se levantando da cama. — Sempre adivinhando o que se passa na minha cabeça. Fico imaginando... se eu pensar em mulheres em posições inadequadas, você também vai adivinhar?

— Guilherme!

— Só pra confirmar até que ponto posso deixar minha imaginação fluir quando estiver ao seu lado.

— Argh! Você é indecente, garoto! Toma jeito! — reclamou Mariana enquanto dava a volta na cama.

— Espero que você não pense em mulheres quando está ao meu lado. Sério, é meio doentio. — Olhei para ele, rindo.

— Relaxa, mãe! — Deu um tapinha nas minhas costas. — Só quando estou sozinho e...

— Chega! Já ouvi demais — cortei o assunto, levando as mãos às orelhas de brincadeira. Mesmo sabendo que ele não se envolvia com ninguém, principalmente por causa da doença, não era algo que eu precisava saber. Ou imaginar. — Está tudo bem pra vocês em conhecê-la? — questionei mais uma vez, antes de descermos.

— Ah, mãe, do jeito que as coisas estão indo, mais uma pessoa não vai fazer diferença — respondeu Mari.

Olhei para o Gui e ele concordou, assentindo.

— Então vamos, Celeste está aguardando. Já vou adiantar e dizer que ela está ansiosa para conhecer vocês. Não me façam passar vergonha!

— Mãe! Nós não temos mais cinco anos! Nunca faríamos isso — retrucou Gui.

— Aham! Claro! — Balancei a cabeça sorrindo e descí as escadas, seguida pelos dois.

Assim que chegamos à sala, Celeste se levantou, observando nossos movimentos com muita atenção. Com os olhos brilhando, cheios de expectativa, primeiro, mediu Mariana da cabeça aos pés.

— Celeste, essa é a Mariana — apresentei.

— Como você é linda, menina! E a cor desses olhos? — Olhou de relance para mim e pude notar lágrimas surgindo. — Vejo que tem a quem puxar. Linda como a mãe! Vem cá, posso te dar um abraço?

Celeste abriu os braços e Mariana se aproximou meio receosa. A senhora envolveu os braços ao seu redor e, lentamente, Mari levou os dela ao encontro do corpo da avó recém-descoberta.

— Fico imensamente feliz por poder conhecer vocês — comentou enquanto se afastava. Limpou os olhos rapidamente e voltou a atenção para o Gui.

— E esse é o Guilherme — apresentei novamente.

— Deus do céu! Você é igualzinho ao Danilo! Eu saberia que é meu neto mesmo sem que me contassem. — Abraçou Gui da mesma forma que fez com a Mari. — Só precisa engordar um pouquinho. Você deve estar desnutrido, menino! Sua mãe não te alimenta direito? — Ela olhou para mim, sorrindo entre lágrimas enquanto se afastava dele.

— Eu tenho aplasia medular — Gui respondeu na lata, levando embora todo o clima divertido. Celeste, nitidamente confusa, olhou para nós três esperando uma explicação.

— E o que é isso?

— Minha medula óssea está parando de funcionar. Ela que produz o sangue, sabe? Então tenho pouco sangue... poucas hemácias, plaquetas, leucócitos... tudo o que aprendemos em Biologia. O lado ruim é que posso morrer, o lado bom é... não sei se tem um lado bom. Acho que não — Guilherme explicou de forma resumida.

— Ah, meu Deus! — Celeste levou as mãos à boca. — Meu filho! Como...?

Ela trocava olhares comigo e com os dois, como se procurasse uma resposta divina para sua pergunta. Permanecemos quietos. Não havia o que dizer. Guilherme escancarou a verdade em frente à nova avó, não tinha como amenizar a situação.

— E isso tem cura? — Celeste indagou com um pouco de pânico no olhar.

Eu imaginava como devia ser chocante acabar de descobrir a existência de um neto e, ao mesmo tempo, ficar sabendo que ele estava correndo risco de morte.

— Tem, mas é difícil — Mariana se intrometeu. — O Gui precisa de um transplante de medula — comentou, torcendo o lábio. — Se conseguir um doador compatível, pode ficar bem.

— Como assim, pode? Se encontrar um doador, é só fazer o transplante e tudo resolvido, não? — Ela olhava freneticamente de um para outro, esperando um sinal.

— Não é bem assim, Celeste — esclareci. — Tem uma série de fatores que interferem no sucesso do procedimento. Mas a gente acredita que vai conseguir um doador. Não ficamos pensando na parte ruim.

— Meu Deus! — A senhora parecia inconformada, tentando entender e processar as informações. Seus olhos, antes emocionados pelo encontro com os netos, agora estavam devastados. — Quanto tempo temos para fazer isso?

— Uns seis meses.

— E como vocês conseguem agir com tanta naturalidade?

— De que adianta se desesperar? — respondi honestamente. — Não podemos prever o futuro, então decidimos levar a vida adiante. É uma doença grave, mas não vamos viver em função dela.

Celeste ajustou a postura, se sentou no sofá e posicionou os cotovelos nas pernas.

— Vou pedir para a minha família inteira ir ao Hemocentro — falou, olhando para o chão. — Qualquer pessoa pode doar?

— Tem uma triagem, mas geralmente qualquer um entre dezoito e cinquenta e cinco anos — informei e caminhei até o sofá. Meus filhos me seguiram e se sentaram ao meu lado.

Com o semblante um pouco mais animado, ela continuou:

— Eu ainda posso! Tenho cinquenta e três.

— Celeste, só tem uma coisa. Quando a gente faz o cadastro de doador, a amostra fica disponível no banco de dados do governo enquanto você estiver dentro dos parâmetros necessários para ser caracterizado como doador. Não tem como se disponibilizar a doar apenas para o Gui. Daqui a um tempo, pode ser que você seja chamada para um transplante por ser compatível com alguém desconhecido. Doação é algo muito sério. É um comprometimento, uma responsabilidade com a vida de alguém.

— Não me importo, querida. Faço o cadastro porque quero. — Levantou o olhar e me encarou com aquelas pupilas negras exibindo resolução. — Vou conversar com meus parentes. Tenho uma família grande, podemos aumentar as chances de encontrar um doador para meu neto.

— Fico feliz em saber. Quanto mais pessoas estiverem dispostas a ajudar, maiores as chances do Gui. — Esbocei um sorriso e olhei para ele.

— Cara, isso é muito estranho — comentou Gui.

— O quê? — Celeste se interessou.

— Ter uma avó — ele respondeu, mudando de assunto drasticamente. — Tipo, éramos só nós três e meus tios em BH. Aqui a gente recebe visita quase todo dia e agora temos uma avó. Muito doido.

Celeste riu.

— Se eu soubesse da existência de vocês, vocês teriam uma avó há muito mais tempo. E daquelas bem corujas.

— Tia Leila é como uma avó — falou Mari. — Sabe, nossa tia de BH.

— Na verdade, não sei. Vocês terão que me contar tudo! — Ela olhou para mim e deu um sorriso sincero. — Onde estão os álbuns de fotos? Quero saber tudinho sobre vocês! Quando começaram a andar, a falar, como vai a escola... tudo!

Por incrível que pareça, Celeste se mostrou realmente uma mulher muito legal e conquistou a mim e a meus filhos logo de cara. Nós quatro passamos umas boas horas conversando. Ela estava interessada em todos os aspectos da vida dos meus filhos. Não deixava passar nenhuma vírgula, atenta a cada palavra que contávamos.

Foi uma tarde divertida. Entre fotos de bebês, relatos de artes infantis e micos de adolescentes, demos altas risadas.

Notei que ela era muito esperta e cuidadosa. Em nenhum momento tocou no nome do Danilo ou da Elisa, e isso fez com que o Gui e a Mari se soltassem e tagarelassem sobre a vida deles.

CAPÍTULO 12

Em um dado momento, entre conversas sobre o passado, meu celular vibrou com uma mensagem.

Larissa: Nat, tive um imprevisto e não vou poder caminhar amanhã de manhã. Você pode sair à noite? Faz tempo que não saio e queria tomar uma cerveja.

Natália: Humm... não conheço nd aqui.

Larissa: Isso é um sim?

Natália: Acho q é. Tenho q ver com meus filhos.

Larissa: Não se preocupe com o lugar, dou um jeito.

Natália: Ok, te aviso daqui a pouco.

Pelo visto, se conseguisse falar com meu pai e ele ficasse com o Gui e a Mari, eu teria um compromisso à noite. Há tempos eu não saía. Seria algo totalmente fora dos meus hábitos. Acho que a última vez que saí à noite foi quando cursava faculdade. Há séculos...

Ainda segurando o celular, digitei outra mensagem antes que mudasse de ideia.

Natália: Pai, vc pode ficar aqui em casa hoje à noite?

Meus pensamentos deveriam estar estampados no meu rosto, já que Mari logo interrompeu meus devaneios.

— O que foi, mãe?

— Que foi o quê? — retorqui.

— Tá com uma cara de boba, sorrindo à toa.

— Acho que vou sair hoje à noite — respondi.

— Você? Saindo à noite? — indagou Gui. — Desde quando você faz isso?

— Aonde você vai? — perguntou Mari.

— Ainda não sei... nem sei se vou — falei, esquecendo totalmente a presença da Celeste.

— Ahhh... mamãe vai pra balada! — Riu Gui.

— Não! Imagina, eu...

— Fica tranquila, Natália — Celeste interferiu. — Se está com receio de deixar seus filhos sozinhos, eu moro logo em frente. Eles podem me chamar a qualquer momento. — Piscou para eles.

— Nós crescemos, mãe. Relaxa e vai fundo — Gui incentivou.

Balancei a cabeça, sorrindo.

— Vou falar com seu avô. — Cortei a ideia maluca de ficarem sozinhos, ainda mais com uma avó recém-apresentada. — Se ele puder vir aqui, eu saio.

Mari revirou os olhos.

— Mãe, relaxa, a gente não é mais criança.

— Não mesmo, mas são adolescentes e minha responsabilidade. Além disso, tem o controle dos remédios do Gui. Eu tenho que...

— Não tem nada. Eu resolvo — adiantou-se Mari, olhando para Celeste. — Minha mãe não sai há muitos anos. Na verdade, não lembro quando foi a última vez que ela fez algo sem a gente.

— Ah, minha filha! — Celeste se aproximou de mim através do espaço do sofá e pegou minha mão. — Sei que é difícil, mas você precisa se divertir. É jovem ainda.

Incrível como em minutos eu tinha dois adolescentes e uma mulher quase desconhecida decidindo o que eu deveria ou não fazer com a minha vida social. Como se eles tivessem esse poder.

O fato era que eu me dedicava demais à vida de mãe e de profissional. Antes do diagnóstico do Guilherme eu já me isolava, depois do veredicto, ficou ainda pior. Eu precisava mesmo pensar em mim, extravasar e deixar de lamentar pelo que aconteceu no passado. Precisava conhecer gente nova, investir em vida social, independente de Igor, Elisa, Danilo e dos problemas que eu tinha dentro de casa.

— Eu sei. Acho que vou — comuniquei a eles.

— Vou te ajudar a escolher a roupa! — Mari pulou do sofá e me puxou pela mão.

— Calma, Mari, estamos com visita — repreendi.

— Pode ir, Natália — respondeu Celeste. — Eu já estou saindo.

— Vou acompanhá-la até a porta — comentei.

— Não precisa, pode subir, mãe. Vai falar com o vô. Eu cuido disso — garantiu Gui.

Olhei para os dois e assenti.

— Obrigada, Celeste, por ser tão compreensiva.

— Imagina! Não faço mais do que a minha obrigação. Aliás, tenho muitos anos para compensar — ela disse, com um semblante simpático. — Posso passar aqui mais tarde? Trazer uma pizza, talvez?

— Adoro pizza — respondeu Gui. — De calabresa.

— Deixa comigo.

— A gente não precisa de babá — comentou Mari.

— E quem disse que serei babá? — Celeste não parava de sorrir. — Só quero conversar mais um pouco!

— Beleza! Até mais tarde! — Mari se despediu apressada e um pouco mal-educada e começou a me puxar escada acima.

Em segundos, eu estava no meu quarto com metade do meu guarda-roupa espalhado em cima da cama. Mariana tinha talento para moda, coisa de que eu passava longe.

— Eu quero ir com jeans e bota, Mari. Não preciso de muita coisa.

Ela me olhou com as sobrancelhas franzidas.

— Jeans, bota... uma blusinha linda... — Retirou uma blusinha verde frente única do cabide e jogou na cama.

— Está frio, não posso ir com roupa muito aberta. — Peguei a blusa e devolvi para dentro do armário.

— É, mas também não vai molambenta. — respondeu, pegando um vestido preto justo.

— Nem de vestido — completei, pegando o pedaço de pano das mãos dela e colocando de volta no lugar. — Você não confia no meu gosto?

Mariana olhou para mim de cima a baixo.

— Não. — Balançou a cabeça.

— Mari! Assim você me insulta!

— Mãe, na boa, você tem bom gosto pra escolher roupa pra ir ao supermercado, pra buscar a gente na escola e até pra fazer caminhada. Mas pra sair? Melhor não arriscar — respondeu rindo.

— Já chega! Eu sei me vestir — pontuei sorrindo.

Ela se deu por vencida e se sentou na cama.

— Então tá, me mostra o que você quer usar.

Fui até o armário e peguei uma calça jeans *skinny* escura, uma blusinha preta de gola solta, minha bota preta que quase alcançava os joelhos e um casaco vermelho de lã.

— Nada mau — disse em aprovação.

— Viu? Foi fácil! — Sorri, exibindo os dentes. — Agora, vou tomar um banho pra poder arrumar o cabelo a tempo. — Olhei para ela e, antes que pudesse sair do quarto, perguntei: — O que você achou da Celeste?

Mariana deu meia-volta e me encarou.

— Ela é legal, mas... não sei...

— O quê?

— Ah, mãe... aparecer assim, do nada... é estranho. É tudo estranho. — Percebi que, apesar de estar com dúvidas, parecia tranquila. — A gente não tinha ninguém, agora começa a surgir uma galera...

— Eu sei, também me sinto assim. Parece uma avalanche de novidades, né? — perguntei, tentando diminuir a tensão do que vivíamos. — Vocês não precisam conviver com ela se não quiserem. Mas acho que devemos esperar pra ver... ela pode ser diferente do filho.

— É, talvez...

— E por falar em esperar, seu avô respondeu. — Conferi a tela do aparelho para confirmar. — Ele chega daqui a pouco — informei.

— Você pediu mesmo pra ele vir? Pra quê? — perguntou indignada.

— Acha realmente que eu deixaria vocês dois sozinhos aqui? Em uma cidade desconhecida, dependendo de pessoas estranhas?

— Mãe, não precisava chamar o vô. A gente sabe se cuidar...

Comecei a sorrir. Eu não duvidava que eles sabiam se virar sozinhos, no entanto, uma coisa era ficar em casa por um tempo curto quando eu tinha ido ao supermercado ou a algum outro lugar durante o dia. Outra coisa completamente diferente era ficarem sozinhos quando eu saía à noite. Você pode até me considerar superprotetora, porém eu não mudaria meu modo de pensar até que estivéssemos acostumados à nossa nova realidade.

— Não adianta tentar mudar minha cabeça, Mari. Logo ele estará aqui.

— Tá bom, mãe coruja! — assentiu, revirando os olhos.

— Agora, vá que preciso me arrumar! — Agitei os braços, indicando que ela saísse do quarto. — Dá uma olhadinha no Gui, por favor.

— Pode deixar! — Mari respondeu, fazendo sinal de continência antes de sumir pelo corredor.

Assim que ela se foi, comecei a pensar em tudo o que aconteceu ontem e hoje. Foram dois dias relativamente bons. Nenhuma surpresa desagradável, nada muito fora do normal. Com exceção da visita da Celeste, que acabou sendo surpreendente de forma positiva. Ainda bem. Minha vida já tinha drama demais.

Meus filhos estavam certos, eu precisava sair, me divertir, deixar os problemas de lado e assumir uma postura mais ativa.

Quem sabe não esbarraria em alguém interessante? Não sabia se esse seria o momento ideal para embarcar em um relacionamento, provavelmente não, todavia, se eu continuasse assim, deixando minha vida de lado em favor de outras responsabilidades, logo eu estaria sozinha. A vida passava muito depressa. Daqui a uns anos eles estariam na faculdade, talvez até longe de mim, e eu ficaria aqui... sozinha.

Eu não precisava me envolver, entretanto poderia me esbaldar.

Peguei o celular e enviei uma mensagem para Lari. Nós nos encontraríamos às 20h em um boteco no centro da cidade que ela disse ser muito bom. Eu tinha quase duas horas para me arrumar. Iria de ônibus, o risco de beber e dirigir não combinava comigo. Isso se eu tivesse coragem de beber, visto minha obsessão de não beber em lugares estranhos.

Dediquei grande parte das duas horas me arrumando e dando coordenadas aos meus filhos. Independentemente da idade, mãe era mãe, e nunca saía de casa sem fazer alguma consideração. Lembrei Gui dos seus remédios, recomendei que fossem educados com a Celeste, que respeitassem o avô e pedi que me ligassem a qualquer problema. Eles me dispensaram sem enrolação, com o famoso “*tá bom, mãe*” e seu inseparável irmão “*pode deixar, mãe*”.

Saí de casa meia hora antes do horário, pouco depois de o meu pai ter chegado, e fui para o ponto de ônibus. O trajeto era curto e, em poucos minutos, eu estava no centro da cidade, caminhando pelas calçadas da movimentada rua Assis Figueiredo, considerada pelos turistas um shopping a céu aberto. O vento gelado sacudia meus cabelos, embaraçando o que eu tinha acabado de escovar. Segurei minha pequena bolsa com firmeza e deixei que as botas sem salto me guiassem até o boteco.

O boteco ficava em uma das esquinas da rua Assis, bem no centro da cidade, com mesas e cadeiras espalhadas pela calçada. Procurei pela Larissa, espichando o pescoço e olhando por cima das mesas, mas não a encontrei. Peguei o celular e avisei que eu já tinha chegado. Andei até a mesa localizada o mais próximo possível do balcão do bar, atitude que eu tomava com frequência. Gostava de observar o atendimento, principalmente como as bebidas eram servidas, antes de pedir algo para mim. Paranoia, eu sabia.

Fiquei observando o corre-corre do garçom entre as mesas e aguardei minha amiga chegar para fazer o pedido. Tudo parecia perfeitamente normal no balcão, concluí que pedir uma bebida não seria um problema.

— Nat! Desculpe o atraso. — Lari se aproximou e se sentou à minha frente.

— Imagina, acabei de chegar.

— Já pediu alguma coisa?

— Ainda não.

— Toma cerveja?

— Tomo, pode pedir.

Chamamos o garçom e fizemos o pedido.

— E então? Me conta! Por que você voltou pra Poços? — perguntou Lari, olhando em meus olhos.

— Vou resumir, porque não é nada simples — comentei enquanto ela assentia. — O Gui, meu filho, tem aplasia medular e precisa de um doador de medula.

— Não brinca! — Vi os traços do seu rosto murchando em uma careta.

— Pois é, descobrimos há alguns meses.

— Que barra, Nat! Nossa, nem imagino como deve ser descobrir algo tão difícil.

— Não queira imaginar. Foi e é bem complicado — expliquei, enquanto ela assentia. — As chances de doadores serem familiares é maior, por isso resolvi voltar e procurar pelo pai dele.

— Você não tinha contato com seu ex?

— Não! — Dei uma risadinha irônica. — Ele nunca foi meu ex. Foi algo que aconteceu, coisa de uma vez só.

— Jura? Caramba, Nat.

— Pois é, voltei pra procurar o pai deles e implorar ajuda, se fosse necessário.

— E você já o encontrou? — indagou preocupada.

— Já. Não perdi tempo. Foi a primeira coisa que fiz quando cheguei, procurá-lo e explicar tudo. Ele até que foi compreensivo.

— Ih, sinto cheiro de confusão aí. Ele não quis assumir os filhos?

— Só reagiu mal quando ficou sabendo. Agora, até me surpreendeu. Está disposto a fazer o possível para ajudar.

— Que maravilha, Nat! Nossa, tomara que tudo dê certo! — ela comentou com um sorriso no olhar. — Eu conheço o cara?

Fiz uma careta ao ouvir a pergunta.

— Talvez... — respondi antes de parar para pensar. Claro que ela conhecia. Se tinha um vínculo com Igor, muito pouco provável não ter conhecido os amigos dele. — Quero dizer, tenho certeza que sim.

Ficamos em silêncio enquanto o garçom colocava os dois copos na mesa e servia a cerveja. Quando ele se retirou, Larissa não esperou um segundo sequer.

— Quem é? — indagou curiosa.

— O Danilo.

— Danilo? — Franziu as sobrancelhas e abriu os olhos de repente, assustada. — Espera, você está querendo dizer que o pai dos seus filhos é o Danilo Araújo?

Concordei, balançando a cabeça para cima e para baixo.

— Meu Deus! Claro que conheço! Ele é amigo do Igor, meu ex.

Meu ex. Hummm.

— O próprio.

— Mas... espera! E a Elisa? Como ficou com essa história?

— Desnorteada? — Tomei um gole da cerveja. — Acho que essa é a melhor palavra para descrever sua reação.

— Nat, ela é muito possessiva. Imagino o baque que deve ter sido.

— E foi — respondi, descendo o copo na mesa.

— Quando eu e o Igor estávamos juntos, ela pegava superpesado. Não deixava o Danilo em paz.

— Faz tempo que vocês desistiram? — Mudei o assunto deliberadamente. Eu não queria saber sobre o Danilo e a Elisa e estava curiosa a respeito do relacionamento dela com o Igor.

— Faz. Namoramos por dois anos durante o mestrado. Não deu certo. Mas tivemos a Clarinha, que é a melhor coisa que existe.

Dei um sorriso sincero.

— E vocês ainda são amigos? Se dão bem? — Eu não queria ser enxerida, só que não consegui me segurar. O impulso era mais forte do que eu.

— Muito! Igor me ajuda demais. Revezamos os fins de semana, mas no dia a dia, ele que busca a Clarinha na escola.

— Deve ser bom ter com quem contar para dividir as tarefas familiares — comentei.

— Com certeza! Ele é um cara bem legal, você iria gostar dele.

Você nem imagina o quanto.

— Espera... — Larissa avaliou o meu rosto. — Você o conhece? Se conhece o Danilo...

Respirei fundo, peguei mais uma vez meu copo e entornei. Vamos lá. Voltei o copo para a mesa.

— Conheço — assumi. — Tivemos um namorinho bobo na adolescência.

— Você e o Igor?! — exclamou com os olhos bem abertos. — Não creio! Que mundo

pequeno!

— Eu que o diga. Parece que todo mundo que conheço ou conhecia tem algum tipo de vínculo — comentei rindo.

— Cidade pequena, Nat. — Larissa sorveu sua cerveja. — Você gostava dele? Do Igor?

Levantei o olhar, assustada. Meu coração disparou contra meu peito. Não queria que ela pensasse que eu...

— Vamos... sua cara está te denunciando. Está ficando vermelha da cor do seu casaco...

Fomos interrompidas por uma garota distribuindo um panfleto sobre uma festa que teria em um pub chamado New York, naquela mesma noite.

— Gostava — confessei, quando a garota se afastou. — Na verdade, desisti dele na época em que descobri a gravidez. Foi bem difícil. — Assim bastava. Eu não iria entrar em detalhes. Não era necessário.

— Ah, entendo. Ele descobriu sobre você e o Danilo e terminou?

— Não. — Comecei a rir e peguei a garrafa para servir mais para nós duas. — Eu terminei antes disso. Na verdade, ele descobriu sobre meus filhos esses dias, por acaso. Assim que eu soube da gravidez, fui embora pra BH e nunca mais voltei. Bem, até agora.

— Espera aí! Eu me lembro da mãe do Igor comentar sobre uma decepção amorosa na adolescência. — Ela me fitava devagar, os olhos prestando atenção em todos os meus movimentos. — Você é a garota que sumiu! — Larissa falou exaltada. — Meu Deus! Nat! Você é famosa! — continuou, rindo.

Fiquei muito sem graça, sem saber como responder.

— Não acredito nisso! Ele ficou mal, Nat... a mãe dele me contou. Ele meio que criou uma aversão a relacionamentos depois de você. Nenhuma garota era o suficiente, inclusive eu.

Larissa seguia falando, me informando, sem querer, o motivo do fracasso do seu relacionamento com o ex. Como se a situação não pudesse ficar ainda mais delicada. Agora eu sentiria culpa por ter atrapalhado a vida amorosa do Igor. Por ter me tornado um fantasma no seu passado.

— Não precisa se sentir desconfortável. — Ela esticou o braço em cima da mesa e pegou uma das minhas mãos. — Sei que teve seus motivos e não a culpo por isso. E não pense que você tem culpa por meus problemas com ele, nossa história é longa...

Eu apenas assentia, incapaz de falar.

— É sério, Nat. Não tenho mais nada com ele. A não ser a Clarinha. — Ela soltou minha mão e ajeitou o cabelo cacheado. — Quando namoramos, eu estava saindo de um relacionamento abusivo, me joguei na primeira oportunidade que apareceu. Igor é uma excelente pessoa, mas não era pra dar certo, entende?

— Entendo — respondi, finalmente. — O que tivemos não foi grande coisa também, Lari. Foi namoro de adolescência. Passou. Eu também não tenho nada com ele. O que aconteceu ficou lá atrás.

Ela me avaliou com o olhar e resolveu acatar minha explicação furada. Como eu iria revelar para a Larissa, ex do Igor e mãe da filha dele, que eu poderia ser apaixonada pela mesma pessoa após todos esses anos? Seria ridículo admitir tal fato. Até porque, nem eu mesma sabia o que sentia.

— E o Danilo? O que ele achou de tudo isso? Vai te ajudar?

Larissa interrompeu meus devaneios.

— Vai. Pra ser sincera, acho que ele gostou. Fazia muitos anos que eu não conversava com ele, não foi fácil. Tem muita coisa envolvida. Mas, no fundo, acho que ele gostou da ideia de ser

pai. Honestamente, eu que não sei como aceitar isso ainda.

— Calma, Nat. Tudo vai se ajeitar. — Larissa me olhava com compaixão. — Eu acredito que existe uma força superior que nos guia. Nada é por acaso. Por exemplo, a gente se rever após todo esse tempo... isso pra mim é um sinal do destino.

Senti os cantos da minha boca se erguendo em um sorriso.

— Também penso assim. Tomara que dê tudo certo.

Larissa encarou demoradamente o panfleto em cima da mesa e me olhou, arqueando a sobrancelha.

— Como nada é por acaso, o que acha de irmos ao pub?

Olhei para ela sem compreender direito o que propunha.

— Quê? Você quer ir à essa festa? — Apontei para o *flyer* que já estava molhado pelo suor das garrafas de vidro.

Ela assentiu.

— Vamos?

— Não sei.

— O que você tem a perder? É aqui pertinho!

Olhei para ela, que exibia um sorriso divertido no rosto, e decidi.

— Quer saber? Por que não?

— Isso! É disso que eu estou falando! Vamos aproveitar o que o destino nos reserva.

Larissa pegou seu copo, que estava mais uma vez cheio, e levantou em um brinde. Imittei seu gesto e levamos os copos à boca. Eu não sabia se ir ao New York era uma boa ideia, mas, por dentro, estava ansiosa para conferir e extravasar após essa conversa mais que perturbadora. Seria, no mínimo, interessante, afinal, meu histórico com festas era, de certa forma, bem desastroso.

CAPÍTULO 13

Eu tinha passado o mês inteiro ansiosa para a chegada da festa da Márcia. Todo ano eu era convidada, mas, dessa vez, seria uma superfesta que prometia muita diversão.

Eu tinha colocado um vestido verde que realçava o tom dos meus olhos e um cinto preto largo, marcando o quadril. Era a última moda, de acordo com a Elisa. Tínhamos passado a tarde do dia anterior andando de loja em loja até encontrar algo bonito que eu conseguisse comprar. Sorte que vestiu como uma luva. Prendi meu cabelo com um elástico enfeitado com strass e vesti uma sandália preta de salto anabela e tiras largas.

Respirei fundo antes de entrar na casa da Marcinha. Meus amigos estavam lá dentro, daria tudo certo. Na verdade, Elisa estava lá dentro, e isso bastava. Entrei com passos tímidos e vacilantes, em cima do salto que não costumava usar. A mãe da Marcinha me cumprimentou e pediu que eu fosse para o andar de baixo. Desci as escadas lentamente, com cuidado para não tropeçar. O esforço não adiantou muito, já que, ao chegar ao último degrau, alguém sem educação passou por mim correndo e trombou no meu ombro. Fui lançada para frente e só não dei com a cara no chão porque uma pessoa me segurou antes que eu me estatelasse no piso.

— Você tá legal? — perguntou a pessoa que me ajudou a levantar.

— Tô — respondi quando terminei de arrumar meu vestido no lugar certo. Olhei para cima e quase engoli a língua. Era o Igor. Ali. A meros centímetros do meu corpo.

— Cara, desculpa, eu desci correndo e não desviei a tempo.

Eu só conseguia assentir.

— T-tá tudo bem.

— Tem certeza? Não parece... — Arqueou uma sobrancelha enquanto analisava o meu rosto.

— T-tenho — confirmei, agitando a cabeça rapidamente.

— Acho que você precisa de uma água. Vem cá.

Ele agarrou a minha mão e abriu caminho entre os convidados, me levando para perto do filtro de água potável. Pegou um copinho de plástico transparente, encheu de água e me deu. Aceitei e tomei tudo. Não iria fazer a desfeita de não tomar. Eu ainda não acreditava. O Igor! Ali, falando comigo, me servindo água.

— Obrigada.

— Relaxa, não foi nada. — Ele encostou o quadril no balcão e olhou para mim. — Você... não me é estranha. — Levou uma das mãos à boca enquanto pensava. — Natália? É esse seu nome, não é?

Arregalei os olhos e fiquei encarando aquele rosto que aparecia nos meus sonhos mais secretos. Meu coração pulava como se estivesse curtindo um trio elétrico no carnaval de Salvador.

— A-acho que é — disse e ele começou a rir. Droga, eu precisava dar um jeito nas minhas emoções se quisesse conversar com ele direito. Tá bom, ele era o Igor, mas eu podia fazer isso. — É. Natália — falei com mais firmeza.

— Eu sou o Igor. — Ele levantou a mão para que eu o cumprimentasse.

— Eu sei — respondi ao pegar sua mão.

Ele levantou as duas sobrancelhas, como se quisesse saber como eu o conhecia.

— Ah, vai dizer que não sabe que todas as meninas te conhecem? — As sobrancelhas subiram mais alguns milímetros. Comecei a rir. — Todo mundo sabe quem você é... agora, ninguém sabe quem eu sou. Como você sabe o meu nome? — indaguei ainda segurando a mão dele.

— Você está no primeiro ano B. — Soltou a minha mão. — Digamos que já te vi por aí...

— Você me viu por aí e descobriu meu nome assim, do nada? — pressionei.

— Tá legal, eu sei porque perguntei.

Opa, isso estava ficando interessante. Pedi em silêncio para que meu sangue parasse de dançar conforme o ritmo do trio elétrico, que ainda batucava no meu coração, e tentei controlar a respiração que queria entrar na farra do meu organismo.

— Perguntou...? — Agora era minha vez de erguer as sobrancelhas.

Ele deu uma risadinha e cruzou os braços.

— Eu estava curioso. Já tinha te visto algumas vezes na quadra da escola. Por coincidência, sempre estava lá no horário do meu treino. Um dia, perguntei pra um colega meu, e ele me contou.

Eu não sabia direito o que fazer com essa informação. Só que minha respiração não aguentou e cedeu aos encantos do ensaio da bateria de escola de samba que acabou de ocupar o lugar do trio elétrico.

De alguma forma, Igor tinha me notado.

Inacreditável.

— Eu gosto de estudar... lá... — comentei, sem graça.

Vi os cantos da boca dele se curvarem para cima.

— Jura? No horário do treino?

Limpei a garganta.

— É... tipo... é bom pra concentração.

— Sei. — Ele cruzou os braços em frente ao peito.

Eu não ia olhar. Não ia. Não deixaria que meus olhos descessem e encarassem a protuberância do músculo peitoral ou as demarcações dos músculos dos braços dele. De jeito nenhum.

— É sério! — insisti na mentira deslavada. — Você pode tentar se concentrar e estudar durante um treino de vôlei, pra ver se não tenho razão.

— Treino masculino ou feminino?

Ele soltou aqueles braços delineados e levantou a mão até meu rosto. Fiquei imóvel, aguardando o que ele faria. Bem devagar, ele ajeitou atrás da minha orelha uma mecha de cabelo que havia soltado do prendedor.

Limpei a garganta e respondi. O que foi difícil, sendo que a mão dele ainda estava perigosamente próximo do meu corpo.

— Masculino! Claro! — Eu nuncaalaria para ele assistir ao treino feminino. Muitas pernas em evidência.

— Sei... — Riu. — A gente podia ir junto no próximo treino... de vôlei, se é que você me entende. Acho que não consigo me concentrar sozinho. Você poderia me ensinar...

Olhei para ele e, ao ver seu semblante sério, não aguntei. Caí na risada.

— Se isso foi uma tentativa de marcar um encontro, foi muito ruim.

— Ei, não zombe das minhas táticas. Você prefere que eu diga o quê? Que você tem olhos lindos? Que seu vestido combina perfeitamente com eles? Que te convide para ir ao cinema?

Eu devo ter ficado branca.

— Eu tô falando sério. Quer ir ao cinema?

— Nós estamos em uma festa. — Olhei ao redor e não vi ninguém por perto.

— Não hoje. — Ele fitava meus olhos com intensidade. — Hoje curtimos a festa. Amanhã vamos ao cinema.

Amanhã! Ele queria sair comigo amanhã! A bateria da escola de samba estava frenética, sem controle! Concordei, balançando a cabeça.

— Tá legal.
— Você não vai se arrepender. — Piscou.
— Disso eu não tenho certeza — comentei.
— Duvida que posso ser uma companhia legal?
— Não... acho que pode ser legal demais.
— E isso não é bom?
— Não... nem um pouco... — Eu não ia dizer que não era bom porque eu já estava caidinha por ele há muito tempo. Ainda mais agora, que estava conseguindo conversar de forma normal.
— Você é diferente, Natália do primeiro ano B.
— E você é galinha, Igor do segundo ano D.
— Rá! Eu não falei em que sala eu estudava. Você também andou perguntando por mim! — acusou, apontando o indicador em minha direção.
— Claro que não! — menti mais uma vez. — Todo mundo sabe em que sala você estuda!
— Aham...
— É sério! Você tem uma legião de fãs. Falam de você em todo lugar. É muito difícil estudar na mesma escola e não saber sobre você e sua fama.
— E você?
— O que tem eu?
— Faz parte da legião de fãs?
Soltei uma gargalhada.
— Eu? Até parece! Eu...
— Você...
— Eu nada. Sou somente uma aluna do primeiro ano B.
— Não... você está errada. Você é algo mais. Não tenho ideia de como sei disso, mas tenho certeza. Algo me diz que você é mais que “somente uma aluna do primeiro ano B”.

A primeira coisa que eu fiz quando decidimos ir ao pub foi enviar uma mensagem para o Gui. Isso depois de conseguir localizar seu número. Meu filho era perito em alterar seu nome no meu celular. Sorri quando o encontrei.

Natália: Tá td bem aí?

Melhor filho do universo: Não, mãe. Tô morrendo...
...de saudade de você! Volta logo.

Natália: Rá-rá. Engraçadinho, tô falando sério!

Melhor filho do universo: Eu tb! Kkkkkkk

Natália: Guilherme...

Melhor filho do universo: Natália...

Natália: É sério, como vc está?

Melhor filho do universo: Normal, mãe. Cansado, fraco e entediado. Acho q vc poderia fazer uma boa ação e me dar um jogo novo de PS4, pra resolver o problema do tédio...

Natália: Senta e espera. A Celeste foi aí?

Melhor filho do universo: Tá aqui. Gente boa, ela.

Natália: Sim, tb achei. Seu vô ainda tá aí? Vou chegar um pouco mais tarde q o previsto.

Melhor filho do universo: Tá sim. Blz. Eu aviso a Mari.

Natália: Juízo vcs dois.

— Eles devem ser divertidos — comentou Lari enquanto terminávamos a segunda garrafa de cerveja.

— Meus filhos? — perguntei enquanto levantava a cabeça do celular.

— Sim, você precisava ver o sorriso no seu rosto ao digitar as mensagens.

— Eles são ótimos. Aprontam, mas nada fora do normal.

— Nem me fale em aprontar! Só de pensar no que fiz na adolescência, morro de vergonha!

Sorri e terminei de tomar o último copo. Acertamos a conta e caminhamos por dois quarteirões até o pub, onde tinha uma pequena fila para a admissão. Esperamos alguns minutos e logo entramos. O ambiente era rústico e agradável. Música ao vivo ressoava pelo recinto. Fomos cortando caminho entre as pessoas que dançavam na pista. Meus passos estavam vacilantes e eu sentia o corpo levemente embriagado devido à bebida alcóolica que não bebia desde os anos de faculdade. Mesmo gostando da sensação, já havia me decidido que não tomaria mais nada por hoje. Pelo menos não ali dentro. Dessa forma, eu não precisaria ficar verificando a procedência dos drinques, nem ficar parada vistoriando balcão do bar.

Larissa me guiou até o lado oposto da pista, onde paramos e começamos a dançar, balançando o corpo no ritmo do rock nacional que animava o estabelecimento. Eu não conhecia a banda e Lari me avisou que era local. O som era bom, então permiti que meu corpo ditasse meus movimentos. Era revigorante poder me soltar e dançar, deixando as preocupações temporariamente adormecidas.

Em dado momento, um moreno alto e bonito se aproximou de nós duas, trazendo um amigo a tiracolo. Dançamos juntos por um tempo considerável, cada um deles com uma de nós. O moreno dançava bem e levava meu corpo com ele, segurando a minha cintura. Não perguntei seu nome. Se trocamos duas palavras, foi muito. Mas não me importei, estava determinada a aproveitar a noite sem amarras e ele era atraente.

Após algumas músicas e um pouco mais de intimidade com o desconhecido, ele se retirou para pegar uma bebida. Ofereceu trazer uma para mim, o que evidentemente recusei, mesmo estando morta de sede. Olhei ao redor e não avistei a Larissa. Lembrava-me de tê-la visto se afastando com o rapaz que dançava com ela. Não deveria ter ido muito longe, talvez estivesse em algum canto, afastada do tumulto.

Resolvi ficar ali mesmo, aguardando o retorno do moreno enquanto dançava, agitando o corpo para lá e para cá. Ainda me sentia um pouco entorpecida pelo álcool, entretanto grande parte do efeito havia passado.

Poucos minutos depois, duas mãos grandes repousaram em meus quadris e me puxaram para trás. Não foi um movimento agressivo, porém firme, demonstrando possessividade. Dei um sorriso e continuei dançando. O moreno sabia se movimentar e eu gostava dessa sensação há tempos desconhecida.

Deixei que as batidas da música e suas mãos me conduzissem a uma dança sensual, porém

inofensiva. Mesmo estando de costas para ele, não era nada vulgar. A única parte do meu corpo que tinha contato com o corpo dele era o quadril, e, mesmo assim, era esporádico. De vez em quando, nossos quadris se esbarravam ao ritmo da música.

Após um tempo embalados, dançando afastados, ele puxou meu corpo para um pouco mais perto do dele, encostando o peito nas minhas costas. Coloquei as minhas mãos em cima das dele e as segurei. Senti o leve roçar de uma barba curta em meu pescoço. A sensação era maravilhosa. Permiti que minha cabeça pendesse para o lado, esperando que as carícias se tornassem um pouco mais ousadas.

Deus, há quanto tempo eu não sentia isso. Há quantos séculos eu não me sentia desejada por alguém.

Aos poucos, seus dedos apertaram meu quadril com mais firmeza e seus lábios encostaram levemente em meu pescoço. Levantei uma das mãos para levá-la à cabeça dele, abri os olhos e estaquei. A visão à minha frente não fazia o menor sentido. O moreno com quem eu dançava estava a poucos metros de distância, segurando um copo plástico em uma das mãos, com os olhos arregalados em minha direção.

Meu Deus! A pessoa que me abraçava não era ele.

Sentindo-me a pior das mulheres, mesmo sem conhecer o cara, me afastei do corpo aquecido e estranho que me envolvia, indo contra todos os impulsos do meu organismo, que desejava continuar exatamente onde estava, grudada àquele corpo que sabia se movimentar e me conduzir. Só que eu não era assim. Eu não trocava de parceiro dessa forma, mesmo que fosse apenas uma dança.

Eu sabia que minha linha de raciocínio não fazia o menor sentido no momento, já que eu mal o conhecia para alegar que não me envolvia com estranhos. Ainda mais depois de permitir que outro estranho tirasse uma casquinha. Só que eu respeitava as pessoas. Eu não teria me esbaldado com outro, sendo que estava começando algo com o primeiro. Confuso, mas você entendeu.

Dei um passo para frente para tentar ao menos me desculpar com o rapaz, só que minha atitude foi tardia. Ele já tinha se virado e caminhava na direção oposta à que eu estava. Percebendo que minha tentativa de aproveitar a noite sem vínculos e me desculpar com o moreno tinha sido um fracasso, me virei, determinada a fuzilar o responsável por ter feito com que eu pagasse esse mico.

Por um breve segundo tudo parou.

Meu coração, minha respiração, minha corrente sanguínea, minhas sinapses nervosas. A sensação era a mesma de ter sido atingida por um balde de gelo... pensando melhor, por uma onda de lava. Meu sangue fervia, minha cabeça se tornou um turbilhão, minha pele eriçou e pressenti que algo grande poderia acontecer.

O sorriso de lado e o ar de descontração nos olhos intensos que me encaravam me pegaram de surpresa. Nunca, dada a situação atual, eu imaginaria que o Igor estaria ali, bem na minha frente, sorrindo de forma travessa. A cerveja que tomei deveria ter alguma coisa, porque isso era impossível.

— Atrapalhei seus planos? — ele falou por cima da música.

— O que você faz aqui? — perguntei, indignada com a presença dele no pub e com o fato de ele ter dançado comigo sem que eu soubesse que era ele. Inferno, ele me instigou com a barba, com os lábios... com o quadril. Não era à toa que eu tinha sentido tanta conexão com os movimentos atrás de mim. Eu queria que o chão se abrisse e me engolissem.

— Não é óbvio? — Ele riu. — O mesmo que você! Estou aproveitando a noite com uma estranha.

As palavras dele não poderiam ter me machucado mais. *Aproveitando a noite com uma estranha*. Com apenas uma frase, ele tinha o dom de me fazer sentir a pessoa mais rasa e superficial do recinto. Eu não queria isso. Não tinha ido até ali para isso.

Não me dei o trabalho de responder. Virei o corpo e saí andando no meio da multidão que pulava animada. Minha noite havia se tornado algo completamente diferente do que eu tinha planejado. Queria dar o fora dali. Ergui a cabeça e comecei a procurar pela Larissa. Aonde ela havia se metido?

Com passos firmes, como se estivesse marchando, me aproximei da parede lateral da boate. Queria o máximo de distância daquele sorriso idiota que me perseguia. Droga, eu iria sonhar com o toque dele. Com a barba dele. Com os lábios dele. Com a sensação do seu corpo colado às minhas costas, me envolvendo em uma dança lenta e sensual.

— Argh! Inferno! — falei em voz alta.

— Nat...

Eu me virei e vi que Igor tinha me seguido. O que era péssimo, já que agora estávamos em um lugar menos movimentado e mais escuro do que a pista de dança. Seria melhor esclarecer o grande mal-entendido, falar umas verdades e seguir com a minha vida longe dele. Estava me desgastando sem motivo algum.

— Olha, Igor, eu não vim aqui pra isso, tá legal? Eu só precisava espairar, fugir um pouco da minha realidade. — Ele tentou falar e o impedi. — Não me interessa o que você pensa de mim! Se acredita que sou uma vadia por ter transado com seu amigo, que seja! Você nunca vai saber o que aconteceu de verdade! — ataquei. — Independente disso, mereço respeito! Não quero ouvir desaforos, não mereço ser destratada em público. Se você achou legal dançar comigo, se aproveitando da minha ingenuidade enquanto eu acreditava que você era outra pessoa, tudo bem, entendo que seja um tipo distorcido de vingança. Mas estou sem paciência para joguinhos. Você não faz ideia de como é a minha vida e de que como foi difícil seguir adiante.

Ele levantou as duas mãos, em um clássico sinal de paz.

— Eu não disse nada, você que tirou suas próprias conclusões.

— E precisa dizer? Ficou na cara que você aproveitou a primeira oportunidade para se aproximar e me fazer de idiota.

— Não fiz isso...

Ele começou a se explicar e eu ergui as sobrancelhas.

— Tá legal, eu fiz isso. Eu vi que você estava dançando com o cara. Esperei que ele saísse e fingi por uns minutos...

— Aí está sua resposta. Eu não sou assim, Igor, por mais que você pense que eu seja. Não sou uma vadia qualquer. Não troco de parceiro dessa forma. Isso quando eu tenho um! — Bufei. — Olha, quer saber? Eu sei o que você pensa sobre mim e sei que você tem razão. Então, faça o favor de esquecer tudo e seguir a sua vida.

— Nat, você não me deixa falar — ele tentou.

— E o que você teria pra falar? Pra começo, você não deveria estar em casa com a Clarinha?

Ele analisou o meu olhar vagorosamente antes de responder.

— Como você conhece a minha filha?

Não me controlei e deixei escapar uma risada exagerada.

— Como conheço sua filha? Por “coincidência” ela é filha da vizinha do meu pai, que, “por um acaso”, é minha amiga de infância.

— Eu não sabia que você conhecia a Larissa.

— Conta outra, Igor! É claro que você sabia.

Ele passou a mão no cabelo, bagunçando os fios castanho-claros.

— Não, digo, eu a conheci em São Paulo, só depois, quando voltamos para Poços que vi que ela era vizinha do seu pai e que poderia ser sua conhecida.

— Que seja, você não me deve satisfação! — interrompi. — Nós não tivemos nada sério mesmo.

— Isso é o que você pensa? — Ele se aproximou de mim, me encurralando contra a parede. — Você pensa mesmo que não tivemos nada sério?

— Eu...

— Nós podíamos ser adolescentes, Natália, mas eu tenho plena consciência de que o que tivemos era mais do que sério. Você pode negar o quanto for, só que eu *sei* que você me amava.

— E por que eu negaria? — respondi, erguendo o queixo de forma petulante. — O que eu sentia era evidente. Os seus sentimentos que eram uma incógnita. Comigo, agia de um jeito. Quando terminei tudo, agarrou a primeira garota que passou na sua frente. Não negue. Não fui nada pra você, nem sei por que ficou tão irritado ao conhecer meus filhos.

A proximidade entre nossos corpos estava me deixando sem ar. Igor olhava profundamente em meus olhos.

— Eu agarrei a primeira garota que se jogou em cima de mim porque eu não queria sofrer — ele cuspiu as palavras em meu rosto. — Não queria assumir que tinha sido deixado pela primeira menina que amei. Beijar outras garotas era o que eu poderia fazer pra te esquecer. Eu não entendia o que tinha dado errado. Até essa semana... — Parou para dar uma risada inconveniente. — Depois de conhecer seus filhos tudo se encaixou. Me largou porque queria o meu amigo.

— Você não faz ideia do que está falando, Igor.

— Então me explique! Se existe outro motivo, me explique! — ele pediu exasperado.

Eu me contorcia fisicamente, tentando me desvencilhar do corpo dele, só que minha tentativa de fuga foi interpretada de forma diferente. Apesar da escuridão, eu podia ver a mudança no olhar nele, na expressão que estampava o seu rosto. Podia sentir o volume no cóis da sua calça se apertando contra a minha barriga. Desejo. Igor me desejava. Após todos esses anos e todos os empecilhos, ele ainda me desejava.

Senti uma chama avançando sobre o meu coração e todo o meu corpo se inflamou. Por mais que fosse loucura, não consegui deixar de pensar que, se ele me desejava, eu ainda tinha uma chance de recuperar o que um dia tivemos.

— Eu não posso! — repliquei. — Pelo bem dos meus filhos... eu não posso.

— Porra, Nat! Seja coerente! Pelo menos assuma suas atitudes!

Eu olhava para ele, suplicando compreensão.

— Igor, você é pai. Você sabe que abrimos mão de muita coisa por nossos filhos. Não me peça para fazer algo que está além da minha capacidade.

— Você me confunde, Nat — ele disse, abaixando a cabeça e encostando-a no meu ombro. Ao mesmo tempo, subiu as mãos. Uma levou ao meu cabelo, e outra, à minha cintura. Com cuidado, embrenhou os dedos no meu cabelo, acariciando a minha escápula. Falou baixinho em meu ouvido: — Quando me convenço de que não existe nada, nem uma faísca entre nós, meu corpo grita em contato com o seu. Como vou conseguir te desprezar sabendo que você está a poucas casas de distância? Quando você tinha sumido do mapa era muito mais fácil.

Soltei a respiração ao ouvir suas palavras. Como éramos complicados. A atração era nítida, tão nítida a ponto de ser palpável. Não fossem nossos problemas, poderíamos aproveitar a situação

sem amarras. Permitir que o desejo eclodisse.

Receosa, levantei a mão direita e apoiei em seu ombro. Deixei que a esquerda descansasse em sua lombar. Senti a barba resvalar meu pescoço mais uma vez. Isso não ia prestar.

CAPÍTULO 14

— Vamos embora — falou baixinho em meu ouvido. — Vamos embora comigo.

— Igor... eu não...

— Não finja, Nat. — Mordiscou meu pescoço. — Você quer... tanto quanto eu.

Suspirei, me dando por vencida. Ele devia ser bipolar. E a bipolaridade afetava meus sentidos, me puxando, me incitando a fazer uma loucura.

— Você veio de carro?

Balancei a cabeça em negação.

— Eu te deixo em casa. Vamos sair daqui.

— Não posso... — Fechei os olhos, sofrendo para responder. — Estou com uma amiga.

— A gente procura por ela antes de sair.

— Estou com a Larissa.

Isso fez com que ele levantasse a cabeça de repente.

— A Larissa? — Olhou para mim confuso. — Minha ex?

Assenti envergonhada. Que bela amiga eu era. Pensando na possibilidade de sair com o ex da Larissa sem que ela soubesse que eu ainda poderia gostar dele.

Igor se afastou da parede e meu corpo sentiu a falta do seu calor no mesmo instante. O espaço foi preenchido por uma onda de vento gelado, totalmente diferente da temperatura que eu sentia antes.

Ele estendeu a mão em minha direção.

— Vem comigo.

Peguei sua mão meio insegura, sem saber o que ele faria a seguir. Igor me guiou no meio da pista de dança, até o outro lado do salão, próximo à entrada. Notei que lá havia algumas pessoas descansando. Entre elas, Larissa estava sentada ao lado do rapaz com quem dançava mais cedo, praticamente devorando a boca dele.

— Lari? — Igor chamou e eu quis me esconder de vergonha. O ex interrompendo o beijo da ex para anunciar que estava indo embora com a amiga dela.

Larissa se afastou do rapaz e nos olhou. Em segundos, baixou o olhar e viu que estávamos de mãos dadas. Arqueou uma sobrancelha e sorriu. Caiu na gargalhada.

— Namorinho bobo! — comentou rindo e balançando a cabeça.

— Você tem carona pra casa? — Igor perguntou.

— Tenho, pode ficar tranquilo — ela respondeu olhando para o rapaz sentado ao seu lado.

— Beleza. — Igor assentiu. — Estou levando a Natália — comunicou e saiu me puxando atrás dele.

Mal tive tempo de acenar antes de segui-lo quase tropeçando. Ela ria enquanto fazia um sinal de telefone com a mão, avisando que ia me ligar... ou para que eu ligasse para ela.

Saímos da boate e andamos até o carro esportivo azul que estava estacionado quase na esquina. Ao entrar no veículo, fui assolada por um perfume masculino marcante. Delicioso, por sinal. *O que eu estava fazendo?* Eu não estava cogitando embarcar em uma noite de aventura com ele... eu não poderia fazer isso... não com o Igor. Não dessa forma.

— Igor, eu...

Não consegui terminar frase. Assim que virei o rosto, a mão dele envolveu meu pescoço e começou a acariciar minha nuca lentamente. Aos poucos, como se estivesse hipnotizada, ele foi me puxando em sua direção. Nossos lábios se encontraram com leveza, resvalando suavemente uma boca na outra, sem pressa ou ansiedade.

Meu coração se elevou de forma instantânea, inflado, como um balão. Sentir sua carícia e seu cuidado fez com que minha insegurança saísse pela janela afora, abrindo espaço para a mulher que sabia muito bem o que queria, como queria e com quem queria.

Sem pudor, permiti que minha língua saísse para experimentar a textura dos lábios dele. Igor respondeu da mesma forma. A sensação da sua língua passeando por meus lábios ocasionava uma explosão em meu interior. Minha corrente sanguínea fervilhava. Quando senti meu lábio inferior sendo puxado por seus dentes, não suportei a lentidão e agarrei seu cabelo com força, intensificando o beijo, deixando que minha boca tomasse as rédeas da situação. A língua dele brincava com a minha, se entrelaçava em meus dentes. Seus lábios sugavam e os dentes mordiscavam.

Deixei que minhas mãos percorressem as suas costas. Por cima da camiseta de algodão, pude notar a superfície musculosa da sua pele. Eu queria mais, queria chegar mais perto, pressionar meus seios em seu peitoral, permitir que ele tirasse proveito da situação, como eu estava fazendo. Queria me entregar e ser recebida de braços abertos. Sem amarras, sem empecilhos, sem um passado nos assombrando.

Como dois adolescentes, permanecemos no carro alguns minutos, aproveitando o clima quente e despreocupado que nos envolveu. De madrugada, a rua estava sem movimento e não nos importamos com os vidros embaçados que denunciavam um casal em um momento de intimidade irresponsável dentro do veículo. Claro que não chegamos ao ponto da irresponsabilidade, entretanto o fogo era tão óbvio que qualquer pedestre interpretaria a cena como algo mais.

Entre sussurros e respirações ofegantes, eu me deixava mergulhar em um mundo totalmente novo. Um mundo no qual eu não era julgada como traidora, que não precisava me comportar e manter a fachada de mãe responsável. Porque, para mim, que desde os dezesseis anos adotei uma postura muito controlada, não era tão simples fazer esse tipo de coisa. Desvincular-me da figura materna e me permitir esbaldar-me como mulher era algo muito raro.

Igor segurava meu cabelo com as duas mãos e tentava se aproximar na medida do possível. O interior do carro não era tão confortável para tais acrobacias. Nossos corpos mal tinham contato, separados pelo espaço reservado ao câmbio.

Após muita carícia, nos afastamos, ambos respirando rapidamente, e nos encaramos. Ele me fitava com uma expressão difícil de identificar.

— Ainda não sei o que pensar sobre você, Nat. Eu te odeio... mas ao mesmo tempo quero te carregar pra cama e fazer você gritar como o adolescente que você conheceu nunca foi capaz de fazer.

— Eu não via nenhum problema no adolescente...

Igor riu e deu partida no carro.

— Você está diferente — comentou.

— Mais madura? Muito clichê, você não acha? — Sorri.

Ele continuou rindo e saiu com o carro pelas ruas do centro. Permanecemos em silêncio. Após o beijo e nossa discussão dentro do pub, me sentia confusa e sem saber como proceder. Conversar? Tentar me aproximar? Ou seria melhor ficar quieta?

Percebi que ele estava muito pensativo e resolvi aguardar por algum sinal do que poderia acontecer entre a gente. Eu estava pegando carona. Nada mais que isso. Exceto pelo beijo. E que beijo!

— Não consigo aceitar que você tenha dois filhos adolescentes — disse quando foi obrigado a parar no sinal vermelho.

Não respondi.

— Com o Danilo... — Bufou.

— Igor, eu não quero discutir agora. — O que eu menos queria era falar sobre o que aconteceu mais de uma década atrás.

— Eu sei, Nat. — Ele suspirou e voltou a acelerar ao ver a luz verde do semáforo acender. — Você me enlouquece! É tanta coisa pra pensar. Eu definitivamente não gostei de conhecer seus filhos daquela forma...

— Eu também não — respondi sem ter outra alternativa. Eu estava dentro do carro dele, e, pelo visto, ele queria falar sobre o grande obstáculo que existia entre nós.

— Você ao menos pensou em me procurar? — indagou me olhando de relance.

— Eu...

— Quando você voltou, tinha a intenção de me procurar? De me contar tudo? — Igor voltava o olhar para mim quando podia, já que estava dirigindo. Apesar do seu tom de voz continuar estável, suas mãos seguravam o volante com força e os nós dos dedos começavam a ficar brancos.

Pensei muito antes de dizer alguma coisa. Eu sabia que a resposta para essa pergunta teria o poder de definir o meu relacionamento com ele dali para frente. Se eu confirmasse e tivesse uma boa justificativa para não tê-lo procurado até ele ter conhecido meus filhos, ele poderia, hipoteticamente, me desculpar e, talvez, teríamos alguma chance. Caso minha resposta fosse negativa, corria o risco de desvalorizar o que vivemos no passado e demonstrar pouca consideração com os sentimentos dele e com os meus. Só que eu não podia mentir. Não sobre um assunto sério como esse.

— Eu tinha... — Engoli em seco. — ... intenção de te procurar — completei a frase, sentindo o peso das palavras atingindo as minhas costas como se pesassem uma tonelada.

— Mas não o faria — Igor concluiu por mim. — Não é mesmo?

Esse era o momento que eu temia, a pergunta que me assombraria por noites seguidas se eu me permitisse ficar lembrando tudo, como se um filme passasse na minha cabeça. Como sempre, optei pela honestidade.

— Sim. Quer dizer, não. — A confusão era exatamente o que eu sentia, não tinha como esconder ou evitar que ela desse as caras. — Eu queria te procurar, conversar com você, tentar me redimir... mas não sabia quando teria coragem.

Ele assentiu, sem dizer nada.

— Eu sei que é confuso. Eu sei que te machuquei. Desculpe por isso. — Em troca da minha franqueza, Igor permaneceu quieto. O silêncio não era reconfortante, apenas gritava os conflitos que tínhamos entre nós. — Por favor, diga alguma coisa.

— Eu não tenho o que dizer — ele soltou e me olhou pelo canto do olho.

— Sei... — Tudo começava a se tornar insuportável. — Me deixe em casa — pedi.

Era nítido o desconforto que ele sentia. Era palpável a tristeza que carregava o ar entre nós. Depois de conversarmos, eu não seria capaz de me envolver com ele, não hoje, por mais que nosso beijo tenha sido espetacular. O olhar dele me dizia tudo o que ele não conseguia colocar em palavras. Amargura. Mágoa. Receio. A leveza dos minutos anteriores tinha se esvaído com a mesma velocidade que apareceu. Senti o coração pesar atrás da minha caixa torácica. Não daria certo. Nós dois não daríamos certo.

— Você me perguntou sobre a Clarinha — Igor falou após um tempo. — Ela está com meus pais... e seus filhos? Estão com o Danilo? — indagou com uma pitada de ironia enquanto acelerava pela avenida que dava acesso ao meu bairro.

— Isso não te diz respeito.

Escutei a risada sarcástica que ele emitiu como se sentisse um tapa no meu rosto.

— Você está aqui, comigo, saindo de um pub... enquanto eles estão com o pai. Deve ser muito legal brincar de casinha com ele...

— Você não sabe o que está falando.

— Você continua repetindo isso. Tenha a decência de esclarecer!

Levei a mão à cabeça e massageei a ponte do meu nariz com o indicador e o polegar.

— Não quero discutir, Igor. Apenas me deixe em casa, por favor.

— Claro... como quiser.

Ele acelerou o carro pela avenida e quase ultrapassou um sinal vermelho. Segurei com firmeza no apoio da porta, quando ele pisou no freio de supetão. Meu corpo foi jogado para frente ao mesmo tempo em que uma ambulância do SAMU, com a sirene ligada, passou em disparada na frente do carro. Por pouco não colidimos com o veículo.

Olhei para o Igor, que tinha fechado os olhos ao meu lado. Eu não o conhecia mais. Não sabia o que esperar. Só sabia que tinha que sair dali o quanto antes.

— O que estamos fazendo? — Balancei a cabeça. — Não precisamos disso, Igor. Não temos que passar por isso.

Ele apenas escutou.

— Temos um passado legal. Não vamos manchá-lo — pedi. — Vamos esquecer tudo o que aconteceu hoje, por favor.

— Como quiser — foi a única resposta que recebi.

Em minutos estávamos na porta do meu condomínio e ele estacionava o carro para que eu pudesse descer. O clima continuava tenso, então não ousei olhar em sua direção. Ele não desceu, mas vi que aguardou que eu atravessasse a rua. Talvez estivesse esperando que eu entrasse para ir embora.

Eu abria o portãozinho quando o portão eletrônico começou a se mover, permitindo a saída de um veículo preto. Ao prestar atenção, vi que não era qualquer carro preto.

Era o carro do Danilo.

E, no assento do passageiro, estava Mariana.

Com o rosto pálido, como se tivesse visto um fantasma, dei dois passos em direção ao carro, sem entender o que minha filha fazia ali, ao lado do Danilo. A porta de trás foi escancarada, Celeste desceu correndo e puxou a minha mão.

— Natália! Minha filha! — ela disse entre lágrimas.

Eu olhava para ela sem entender.

— Que foi? — Olhei para os lados, tentando compreender o que acontecia.

— O Guilherme...

Senti o pânico tomando conta de mim. Meu filho! MEU FILHO!

— Cadê o Gui?! — gritei no meio da rua, sem me importar com o horário ou com quem pudesse ouvir.

Celeste me guiou para dentro do carro e eu a segui como se fosse um robô.

— Mari! Cadê seu irmão? — perguntei assim que me sentei no banco de trás. Danilo não esperou que eu colocasse o cinto de segurança e arrancou com o carro.

— Está sendo levado para a Santa Casa — Danilo respondeu com calma.

— Levado? Como assim?

— Pelo SAMU — Celeste acrescentou. — Ele caiu na escada. Não sabemos se desmaiou antes ou depois de cair. Ligamos pedindo ajuda quando vimos que ele estava demorando demais

para voltar ao normal. Seu pai foi com ele na ambulância...

Meu Deus, *Igor quase colidiu com uma ambulância do SAMU!*

Senti o mundo começar a girar ao meu redor. A aflição tomava conta do meu corpo. Com as mãos geladas eu tentava encaixar as peças e entender o que tinha acontecido.

— Mari? — Alcancei minha filha através do banco. — O que...

— Não sei, mãe — ela disse entre lágrimas.

— Não se desespere. — Celeste colocou a mão na minha perna. — Vamos esperar até chegar lá.

CAPÍTULO 15

Eu aguardava no saguão do hospital, sentada na cadeira plástica verde, segurando um copo descartável cheio de água que fui orientada a tomar. Era o sexto copo que tive que enfiar goela abaixo, sem que me deixassem ir ao banheiro. Logo minha bexiga explodiria. Já me cansava de sentir o incômodo no ventre inchado e estufado.

Sem nenhum conforto, eu assistia à TV minúscula que exibia um episódio antigo de uma novela qualquer. Eu até gostava de novelas, fato que mudou um pouco quando minha vida se tornou um folhetim. Enquanto tia Leila preenchia minha ficha de admissão com a funcionária, passando todos os meus dados de menor de idade, eu batia os pés no chão repetidamente, o que ilustrava o quanto eu estava ansiosa.

Fazia dois dias que eu havia chegado a Belo Horizonte, uma decisão tomada de última hora, tendo em vista as consequências trágicas das férias de janeiro. Aqui eu não conhecia ninguém, a não ser meus tios, e tinha esperança de que tudo não passasse de um pesadelo. Eu sei que fiz exames em Poços, entretanto, não acreditaria que meu problema seria real até que eu visse com meus próprios olhos.

Grávida!

Humpf!

Estava errado, o laboratório estava errado. Não quanto ao aparecimento do hormônio Beta-HCG no exame de sangue, mas sobre a gravidez. Eu não podia estar grávida. De jeito nenhum. Depois de ter me assustado e desesperado na presença do meu pai e de termos decidido que eu moraria com meus tios, aproveitei o primeiro momento que tive sozinha na minha nova casa — o que era raro, após ter ido para lá como uma fugitiva — e pesquisei na internet sobre resultados falso-positivos.

E não é que existiam de verdade?

Claro que não comentei com minha tia sobre a minha suspeita. Era algo que eu sentia lá no fundo... que tinha certeza! Minha intuição não costumava falhar.

Então, ali, sentada naquela cadeira gelada, eu estava ansiosa para me ver livre de qualquer possibilidade de gestação na adolescência.

Além disso, eu tinha me convencido de que não voltaria para Poços. Queria um novo começo, longe de tudo e de todos. Por mim, eu nunca mais pisaria naquela cidade. Ainda não estava lidando bem com o que ocorreu na festa da Marcinha e viver a vários quilômetros de distância fazia milagres com o meu humor. Parecia que a mágoa, a tristeza e a melancolia ficaram para trás. Ali eu me sentia eu mesma, como se nada tivesse acontecido. Era um novo começo, uma nova perspectiva de vida.

— Natália Guimarães — a funcionária chamou e me levantei, caminhando até a minha tia, que ainda estava em pé perto do balcão de atendimento ao público. — Terceira porta à direita, seguindo por esse corredor. — A mulher indicou o corredor ao lado dela.

Senti os dedos da minha tia segurando a minha mão e me puxando. Caminhamos juntas até a tal porta. Lá dentro, outra funcionária pediu que eu entrasse em um banheirinho, explicando que eu ainda não podia fazer xixi, mesmo que minha bexiga implorasse por alívio. Orientou que eu tirasse a blusa e vestisse um avental pardo, com abertura na frente. Saí de lá pisando apenas com as pontas dos pés, morrendo de medo de fazer xixi na calça, e fui até à maca, onde me deitei para esperar que fosse feito o ultrassom.

O médico que entrou era baixinho e tinha o corpo redondo. Ele sorriu, simpático, e se aproximou do grande equipamento ao meu lado. Espremeu uma bisnaga, parecida com aquelas

de ketchup que encontramos em lanchonete, em cima da minha barriga e começou a movimentar um aparelho curvado, espalhando o gel geladinho bem embaixo do umbigo.

A vontade de fazer xixi só aumentava.

Concentrada, ele mexia o aparelho, apertando em alguns lugares e observando uma tela em preto e branco que emitia uma péssima imagem e mostrava um monte de escritos cujo significado eu não sabia. Mexia pra lá... mexia pra cá...

— Qual a data da sua última menstruação? — indagou analisando a tela.

— Acho que foi lá pro dia 05 de janeiro? Eu não conto...

Ele apenas meneou a cabeça e continuou a me apertar.

— E você tem quantos anos?

— Dezesseis.

— Está tudo bem, doutor? — Tia Leila segurava o meu ombro, tentando me passar segurança.

Ele assentiu e continuou o exame.

— Aqui. — Apertou um pouco mais o aparelho na minha pele e levantou a mão esquerda, apontando para a tela. — Esse é o saco amniótico. — Demarcou o contorno com o dedo. — E essa coisinha pequeninha aqui... — Ele mostrava uma manchinha que mais parecia um feijão. — ... é o feto.

Não. Não podia ser. Eu não podia estar realmente grávida.

O médico clicou em alguns botões e, de repente, um som irregular ecoou pela sala. Parecia o som de ondas do mar, porém muito mais rápidas, curtas e barulhentas. Senti minha tia apertando o meu ombro.

— O coração está perfeito...

Espera! Coração?

— Só um minuto. Parece que...

Escutei uma oscilação no som, como se o aparelho tivesse sendo afetado por alguma interferência de sinal. Ou como se duas estações de rádio fossem sintonizadas ao mesmo tempo. Era estranho.

Ele mexeu mais um pouco e o segundo som, que antes era fraco e tímido, se sobressaiu e ressoou com força pela sala de exame.

O médico deu um sorriso e olhou para mim.

— Está ouvindo? — Concordei com a cabeça, indignada com o sorriso que ela exibia. — Parabéns! Seus bebês estão ótimos!

— Ah, meu Deus! — tia Leila falou ao meu lado.

— Espera... bebês? — indaguei, encarando o médico.

— Sim, você está grávida de gêmeos... e eles estão perfeitamente bem. A parede do útero está saudável... são dois sacos amnióticos distintos... bivitelinos. — Olhou para mim, ainda sorrindo. — O que quer dizer que não serão gêmeos idênticos.

Eu não conseguia compreender o que ele dizia. Meu sangue congelou a ponto de doer por onde circulava. Meus pensamentos entraram em choque. Balancei a cabeça repetidamente. Não fazia sentido.

Eu estava grávida.

Fetos.

Saudáveis.

Dois!

A sala começou a girar, o médico se levantou e tudo ficou preto.

Entrei no hospital às pressas, procurando o acesso à ala do pronto socorro. Era para lá que levavam os pacientes recém-admitidos, não era?

— Ei, a senhora não pode entrar aí sem permissão! — Escutei a voz de alguém, provavelmente a moça que estava na recepção.

— Preciso ver meu filho — respondi enquanto tentava forçar a porta de vidro que impedia o meu acesso ao Gui.

Senti uma mão repousar em meu ombro e me virei, me deparando com o rosto sério do Danilo.

— Eles não estão me deixando entrar — reclamei.

— Você precisa se identificar primeiro, Nat — respondeu e foi me guiando até a bancada da recepção.

Por mais que eu não gostasse do toque dele no meu ombro, permiti que me levasse. Eu não estava sendo nada racional, então, ter alguém para me guiar, mesmo que fosse o inescrupuloso do Danilo, teria alguma serventia.

Olhei para trás e vi que a Mariana estava com a Celeste, ambas sentadas nas cadeiras almofadadas do salão, de mãos dadas.

— Guilherme Alves Guimarães — escutei Danilo falando com a moça que não me deixou entrar no pronto socorro. — Veio de ambulância com o avô, essa é a mãe dele. — Apontou para mim com o indicador.

— Creio que estão falando sobre o rapaz que chegou agora há pouco. Ainda não temos informações precisas sobre o caso dele — a moça falava, dando um meio sorriso para o Danilo. — Sinto muito, mas não posso liberar até que o sistema seja atualizado e eu tenha acesso à ficha do paciente.

— É meu filho! Eu tenho que entrar! — insisti.

— Sinto muito, senhora. Terá que aguardar. Assim que a ficha for atualizada no sistema, libero sua entrada.

Minhas veias borbulhavam de ódio. Eu sentia tanta raiva que fulminava a mulher com o olhar. Se eu tivesse a capacidade de lançar raios laser pelas órbitas oculares, sem dúvida ela já teria se tornado um amontoado de cinzas. Não que eu fosse uma pessoa violenta... porém, como mãe, me transformaria em um touro se fosse necessário.

Considerei avançar sobre a bancada e apertar o botão que destravava a porta, como uma criança petulante, mas, antes que eu pudesse fazer isso, Danilo segurou a minha mão, o que me trouxe de volta à realidade. Tratei de me desvencilhar na mesma hora.

— Mãe? Senta aqui.

Virei-me para Mari, que acompanhava tudo com os olhos e dava tapinhas no assento ao seu lado. Ela estava tão preocupada quanto eu. Dei alguns passos em sua direção, sem saber direito como confortá-la, já que eu mesma estava muito nervosa para conseguir acalmar outra pessoa.

Ao me sentar, peguei a mão dela e apertei. Permanecemos assim por um tempo, sem dizer nada, absorvendo o clima gélido do hospital. As paredes pálidas, o ambiente sem vida, a televisão que estava ligada sem som, o barulho das teclas do computador em que a recepcionista digitava. Era como qualquer hospital em que eu já tinha entrado. Frio, carregado por um clima ambíguo de esperança e luto.

Dessa vez, apesar do motivo da espera ser diferente do que vivi há dezesseis anos, o nível de ansiedade era quase o mesmo. A incerteza do que aconteceria nos próximos minutos fazia com

que eu agitasse os pés no chão.

Deveria ser proibido ter relógio em recepções. O objeto ficava exposto na parede atrás da recepcionista. O ponteiro dos segundos parecia levar minutos para se mover. Aqui dentro o tempo não passava, o que me deixava ainda mais com os nervos à flor da pele.

Fui distraída quando senti a outra mão da Mariana me segurando. Olhei para seus pequenos dedos, que subiam e desciam em meu braço, mantendo um ritmo constante. Fiquei impressionada com como uma adolescente de quinze anos conseguia ter mais calma que uma adulta de trinta e dois. Impressionante e vergonhoso. Teoricamente, era eu quem deveria estar confortando minha filha, e não o contrário. Entretanto, a realidade enfatizava outra história. Eu preferia acreditar que nós duas estávamos nos confortando. Que a ansiedade e nervosismo eram o que ambas sentíamos.

— Senhora?

Levantei o rosto e me dei conta de que a recepcionista falava comigo. Mari deu um leve apertão no meu braço, me encorajando a levantar, gesto que quase passou despercebido, pois pulei do assento e me dirigi ao balcão instantaneamente.

— Recebi a ficha de atendimento do seu filho e preciso de alguns dados para completar o cadastro, antes de liberar o seu acesso. — Acenei com a cabeça, concordando. — Pode me passar o seu nome e o nome do pai completos, por favor?

— Natália Alves Guimarães.

— E o pai?

Olhei para o lado ao notar a presença de alguém. Danilo estava em pé ao meu lado, me observando pelo canto do olho com intensidade, atento à minha resposta.

— Danilo Rodrigues Araújo — respondi voltando a atenção à recepcionista, que arregalou os olhos surpresa e moveu a cabeça de mim e para o Danilo umas duas vezes, antes de dar um sorrisinho sem graça e disfarçar, voltando a olhar para a tela do computador.

A reação da moça me fez pensar no quanto foi bom eu ter esperado tanto tempo para voltar para Poços de Caldas. Ela reagiu exatamente como eu esperava que outras pessoas fizessem quando descobrissem que o jovem vereador bonito era o pai biológico de dois adolescentes.

Enquanto me perdi em devaneios, notei que Danilo continuou respondendo outras perguntas fúteis feitas pela recepcionista.

Balancei a cabeça, pensando na ironia de toda a situação. Danilo poderia ser enquadrado no papel de par perfeito para um relacionamento, principalmente depois da atitude que tomou ao saber da existência dos filhos. Uma pena a forma como tudo tenha acontecido. Lamentável que, frente às pessoas, ele pudesse até bancar o cidadão exemplar, mas nunca posaria como pai de família. Não à custa dos meus filhos.

A atitude da atendente fez com que eu lembrasse de anos atrás, de todas as motivações que me levaram a ir embora, quando meu maior medo era a fofoca. Hoje, a existência dos gêmeos, caso caísse na boca do povo, nos traria atenção desnecessária e irrelevante. Eu estava cada vez mais certa de que morar em BH tinha sido a melhor ideia que eu e meu pai tivemos. Antes de ser figura pública na política, a família dele já era conhecida. Se a população soubesse os detalhes da concepção, teria sido devastador.

— Data de nascimento? — a moça deu sequência ao questionário, me tirando do transe momentâneo.

— Vinte e oito de setembro de 2001 — respondi.

— Possui plano de saúde particular?

— Sim. — Peguei a carteira dentro da bolsa e passei por cima do balcão, agradecendo

internamente por sempre carregar comigo a carteirinha dos dois.

— Vou liberar o acesso dos responsáveis, mas, por causa do horário, só posso permitir a entrada de um dos pais — informou. — Aqui está a identificação, precisa ficar à mostra o tempo todo em que vocês permanecerem dentro do hospital. — Ela deu uma etiqueta para cada um, com nosso nome e o nome do Guilherme, junto a um grande escrito “visitante”. — Ele foi encaminhado para o quarto 201, seguindo o corredor, no segundo andar, à esquerda da rampa — finalizou e ouvi um clique vindo da porta de vidro que dava acesso ao corredor.

— Obrigada. — Saí em direção à porta, sem nem me dar o trabalho de olhar para o Danilo. — Trouxe seu celular, Mari? — perguntei antes de ultrapassar a porta, e ela assentiu. — Logo te mando notícias.

Aguardei que ela concordasse e segui pelo caminho indicado. Encontrei o quarto com facilidade. Com porta cor de creme e paredes brancas, era pequeno e apático, assim como a recepção. Meu pai estava encostado próximo à porta entreaberta. Um médico estava parado ao lado da cama, anotando alguma coisa em uma prancheta de madeira.

Senti meu coração acelerar ao avistar o Gui deitado, acordado, com uma tubulação saindo de seu braço. Ali, naquele ambiente insípido, ele parecia muito pequeno e frágil, apesar de estar coberto por mantas verdes hospitalares. Estava com o rosto abatido e sem cor, com um grande curativo na testa. Ele me seguiu com os olhos desde que me viu entrando no quarto e, com um sorriso fraco, brincou:

— Ei, mãe, não foi dessa vez! Ainda tô vivo!

Aproximei-me da cama com os olhos lacrimejando e peguei a mão dele. Comecei a passar o polegar para cima e para baixo, tentando repassar toda a emoção que eu vivenciava por meio de um carinho simples.

— A senhora é a mãe dele? — o médico perguntou.

— Sim.

— Sou neurologista, estava de plantão quando ele deu entrada no pronto socorro e acompanhei os exames de rotina. Ele nos deu um pequeno susto hoje, né, Guilherme? Mas pode ficar tranquila que foi apenas isso mesmo, viu, mãe? Um susto — comentou, tentando aliviar a minha tensão. — O avô nos informou que ele tem aplasia medular assim que chegaram ao hospital. Acredito que já foram informados que é comum acontecer fraqueza e vertigem devido à falta de sangue na circulação.

Concordei, balançando a cabeça para cima e para baixo.

— Penso que foi o que aconteceu com seu filho, o azar foi ele estar subindo uma escada quando passou mal. Quando chegou aqui, já estava se sentindo melhor e foi recuperando a consciência aos poucos.

— E o curativo na cabeça? — indaguei.

— Ele sofreu uma pequena laceração e precisamos dar dois pontos externos para conter o sangramento. Nada preocupante — respondeu, olhando para o Gui. — Entretanto, quero mantê-lo aqui até amanhã para observação e para que ele seja examinado pelo hematologista, que, provavelmente, irá encaminhá-lo para alguns exames mais específicos no setor de oncologia.

— Certo.

— Ele já está tomando medicação controlada?

— Já.

— Temos que investigar se não contraiu alguma infecção, o que pode interferir no estado de saúde, causando mais fraqueza. Você sentiu diferença de uns dias pra cá, Guilherme?

— Sim.

— Amanhã, explique tudo para o hematologista ou oncologista. Não sei qual dos dois atenderá você primeiro — disse, deixando a prancheta de lado. — Agora, sugiro que descansem. Terão um dia cheio amanhã.

Assim que ele se retirou, me acomodei na poltrona bege ao lado da cama e inclinei a cabeça para meu filho, que tinha fechado os olhos e respirava profundamente.

— Pai, você pode ficar com a Mari? — pedi quase cochichando. Não queria atrapalhar o sono do Gui.

— Claro — ele garantiu —, trabalho só amanhã à noite. Vou levá-la comigo pra casa.

— Obrigada.

— Boa noite, filha. Tente dormir um pouco — falou enquanto saía do quarto, me deixando sozinha com o Gui. — Qualquer coisa, me ligue.

Eu sabia que precisava perguntar outras coisas para ele, só que, no exato momento, estava muito exausta para raciocinar direito, então deixei que saísse sem interrompê-lo.

Mais uma bateria de exames. Sempre que enfrentávamos uma, era a mesma coisa. Más notícias e um prognóstico pior que o anterior. Eu havia notado que o Gui estava mais fraco, todavia, era de se esperar. Tínhamos sido avisados sobre o ciclo da patologia e sabíamos que bastava um doador para que tudo se resolvesse. Ou uma infecção para que tudo piorasse e colocasse a vida dele ainda mais em risco.

Peguei o celular e digitei uma mensagem para a Mari, avisando que, por ora, estava tudo bem, mas que precisaríamos pernoitar no hospital e que ela dormiria na casa do avô. Sem objeções, antes de se despedir, pediu que eu a avisasse sobre qualquer mudança no quadro do Gui.

Guardei o celular na bolsa e, ainda segurando a mão do meu filho, respirei profundamente, deixando que minha cabeça caísse para trás, fechando os olhos.

Acordei com a lateral do pescoço latejando de dor e estiquei o corpo, levando a cabeça para os lados. Devo ter dormido de mau jeito, já que não conseguia esticar o pescoço do lado esquerdo. Rodei os ombros e abri os olhos, lembrando-me dos acontecimentos da noite anterior. Ou melhor, da madrugada anterior. Peguei o celular para conferir o horário e vi que era pouco mais de sete horas da manhã.

Levantei-me da poltrona de forma desengonçada e me aproximei da cama do Gui, esticando as pernas e os braços e sentindo um leve desconforto na lombar. Ele ainda dormia tranquilamente, com o conteúdo do tubo do soro quase no final, pingando devagar.

Corri ao banheiro, procurando não fazer nenhum barulho, e, após resolver as necessidades básicas, me olhei no espelho. A maquiagem da noite anterior tinha escorrido, enfatizando as duas lindas olheiras que demarcavam meus olhos verdes. A base que usei para disfarçar as sardas havia sumido e meu cabelo estava amassado. Prendi a armação ilimitada com um elástico e fiz o melhor que pude para remover a maquiagem da noite anterior.

Estava compenetrada, limpando o rímel e sombra amanhecidos com um pedaço de papel higiênico úmido, quando ouvi vozes do lado de fora do quarto. Saí devagar do banheiro e percebi que, não uma, mas duas vozes distintas e exaltadas vinham do corredor. Abri a porta com cuidado e prestei atenção no que diziam.

— Não acredito que você passou a noite aqui! Francamente, Danilo! Acha que vai ajudar o garoto se ficar plantado no corredor?

— Por Deus, Elisa, podemos deixar para conversar sobre isso em casa? — Ouvi Danilo

responder.

— Casa? Como se você fosse pra casa! Desde que descobriu a existência desses... bastardos fica enfiado na casa da sua mãe!

Eu não conseguia ver, mas tinha plena ciência do casal e do que eles discutiam no corredor.

— Como se eles fossem te aceitar como pai. Você é ridículo!

— São meus filhos, Elisa! Vê se coloca isso na sua cabeça. Vou fazer de tudo para ter contato com eles!

— Mesmo que isso acabe com nosso casamento? — Elisa perguntou e eu permaneci imóvel. Sabia que era errado ouvir, só que eles estavam em público, então, não me senti envergonhada por fazer isso. — Vamos! Me responda!

— Elisa, por favor, se acalme.

— Você quer que eu tenha calma? Primeiro, descobre que é pai de adolescentes! Depois, descobre que o filho é um moribundo e se prontifica a ser doador! Agora isso?

— Eu entendo sua frustração, mas é meu filho! Você vai ter que aprender a conviver com essa nova realidade! E, como madrasta, o mínimo que tinha que fazer era se cadastrar para doar! — Danilo respondeu de forma curta e firme.

Escutei uma risada sarcástica e, ao mesmo tempo, senti minhas pernas se enfraquecerem. Precisei me apoiar no batente da porta ao absorver a afirmação que ouvi em seguida.

— Rá! Eu já fiz cadastro, meu amor! Há anos! E quer saber? Me ligaram há algumas semanas, avisando que eu era compatível.

— Elisa...

— Só que nunca, escreve o que estou te falando, NUNCA irei doar merda nenhuma pra salvar um filho que não é meu!

CAPÍTULO 16

Uma avalanche sensorial devastou o meu corpo. Em segundos, fui acometida por todas as estações climáticas imagináveis. Fui mergulhada no gelo do ártico e lançada ao fundo de um vulcão. Noventa por cento do volume da minha corrente sanguínea fervia a minha cabeça, me fazendo perder o controle sobre minhas ações. Esqueci completamente que estávamos em um hospital e, quando recobrei a consciência, estava pisando firme, marchando em direção ao casal.

— Como é que é? — Olhei de um para o outro, indignada.

— Não é nada... — Danilo tentou amenizar.

Não dei ouvidos e me concentrei na mulher detestável à minha frente.

Elisa bufou.

— Você foi chamada para doar? E se negou? — Cerrei os pulsos nas laterais do meu corpo, contendo a vontade de enfiar a mão na cara dela.

— Relaxa que não era pro seu filho — comentou com desdém, como se o seu ato fosse humano.

— E como você sabe disso?

— Porque foi antes de você ter voltado pra cá.

— O cadastro é nacional, Elisa, pode muito bem ter sido para o Gui.

Ela revirou os olhos e eu a encarei, boquiaberta, como se nunca a tivesse visto na vida.

— Inacreditável... você tem a possibilidade de salvar a vida de alguém e nega por puro capricho?

— Puro capricho... querida, você sabe como é feito um transplante de medula? — desafiou, erguendo os ombros, demonstrando ar de superioridade. — Jamais irei me submeter àquela medicação pesada que possui vários efeitos colaterais!

— Você é... desprezível, Elisa... — Eu balançava a cabeça sem conseguir absorver o que ouvia.

Ela deu uma risada.

— Não, Natália, eu tenho os pés no chão e sei muito bem o que quero. Colocar a vida em risco por uma pessoa desconhecida não está nos meus planos.

— E por que você fez o cadastro, então? — Eu sabia que não deveria estar perdendo meu tempo com uma discussão fútil, mas não conseguia ficar calada.

— Porque fiz o cadastro quando um conhecido precisou, e minha amostra fica lá, eternamente — respondeu com a voz ecoando indiferença. — Já me ligaram duas vezes, se quer saber... não fui em nenhuma.

Respirei fundo e dei um passo adiante, colando meu corpo no dela. Ergui a cabeça e dei uma boa olhada em seu rosto.

— Sabe de uma coisa? Não desejo nada de ruim pra ninguém, inclusive pra quem me faz mal. Só que você... você merece.

— Vai me ameaçar?

Ela sustentou meu olhar com a mesma intensidade.

— Ei, ei, vocês duas, vamos parar com isso? — Danilo tentou intervir, mas ninguém cedeu.

— Não... não vou fazer isso. — Inclinei a cabeça para o lado, sentindo o incômodo no pescoço. — Só espero, do fundo do meu coração, que um dia você tenha filhos. — Minha garganta ficou apertada e meus olhos começaram a embaçar. — E que receba de volta a mesma consideração e solidariedade que tem com os outros.

Ela cerrou os olhos e tentou, em vão, mascarar o desconforto, demonstrando dificuldade em

manter o sorriso aberto e falso. Foi a primeira vez desde que voltei para a cidade que tive um breve vislumbre da fragilidade da antiga Elisa, a mulher compreensiva que tinha sido minha melhor amiga.

Antes que ela pudesse responder, senti as mãos de Danilo nos meus ombros, me puxando para trás com firmeza. Ele tentava me proteger, me afastando fisicamente da esposa. O gesto não passou despercebido por Elisa, que me fuzilou com o olhar.

— Ah, que lindo... finalmente vai assumir que tem um caso com meu marido?

— Elisa, pare com isso! — Danilo pediu, tirando rapidamente as mãos do meu corpo. — Estamos em um hospital!

— Você e o Igor são patéticos! — cuspiu para o marido.

— O que o Igor tem a ver com isso? — Danilo perguntou.

— Se você ainda não viu, não sou eu que vou te contar — respondeu rindo. — As máscaras caem, Natália — ela voltou a falar comigo. — Pode me julgar por não querer ser uma doadora, mas não finja que não existe nada entre vocês dois.

— Meu Deus! Você enlouqueceu? — falei com a voz baixa, porém exaltada. A vontade de chorar de segundos atrás sumiu como poeira no vendaval, sendo substituída por indignação. — Uma vida tá em jogo e você só consegue pensar em si mesma! É o cúmulo do egoísmo. — Arfei.

— Não, minha querida, o cúmulo do egoísmo é trair sua melhor amiga na cara dura e não assumir o que fez!

— Quantas vezes terei que repetir que não houve traição nenhuma? — retorqui entre dentes.

Elisa apenas balançou a cabeça e voltou a atenção para o marido, que ainda estava imóvel às minhas costas. Ela abriu a boca para falar, contudo foi interrompida pelo segurança do hospital, que se aproximou de forma sorrateira no auge de nossa discussão.

— De acordo com as normas hospitalares, vocês não podem permanecer no corredor — avisou com voz baixa. — Vou acompanhá-los até a saída.

— Desculpe, senhor — eu me apressei em responder —, mas vou continuar aqui, meu filho está internado e sou a acompanhante dele.

Ele assentiu.

— Então, por gentileza, volte para o quarto do seu filho, senhora. — Olhou para cada um de nós e continuou: — Quem não for da família, peço que me acompanhe até a saída.

— É... — Danilo pigarreou —, eu sou o pai...

Elisa arregalou os olhos para o marido ao perceber que ele não iria embora com ela. Na mesma hora, o segurança indicou o caminho da saída com a mão. Sem alternativa, ela bufou e o seguiu, pisando alto e olhando repetidas vezes por cima do ombro, até que eu a perdesse de vista quando ela desceu a rampa.

Olhei para o Danilo sem a mínima vontade de falar com ele. Meu corpo doía. Estava exausta devido à balada da noite anterior, aos acontecimentos da madrugada e à noite mal dormida em uma poltrona de hospital. Além disso, uma leve ressaca começava a aparecer e meu estômago estava fundo consequência da má alimentação.

— Pode voltar para o quarto. Vou ficar por aqui — ele falou. — Me chame se precisar...

— Obrigada, mas não precisa fazer isso.

— Faço questão — Danilo me interrompeu. — Não acompanhei nada nos últimos anos... já disse que pretendo fazer parte de tudo.

Assenti devagar e me virei para voltar ao quarto, sem interesse de estender o diálogo. Queria conferir como estava o Gui. Também precisava comer.

— Você está com fome? Sede? Quer que eu traga alguma coisa? — ofereceu antes que eu

entrasse.

Parei para absorver o que ele havia dito e virei o rosto lentamente em sua direção, querendo analisar seu semblante e constatar se ele também tinha percebido o que acabara de fazer. Se ele também se lembrava de que foi exatamente com essa intenção, de me “servir alguma coisa”, que tudo começou anos atrás.

— Desculpe, mas nunca vou aceitar nada que venha das suas mãos.

Ele fechou os lábios com firmeza e me olhou com pesar.

— Eu sei... — falou com ar derrotado. — Eu jamais me aproveitaria dessa situação...

Deixei escapar uma risada.

— Até porque já fez isso...

— Natália, eu... — Ele deu um passo para frente e ergueu a mão, como se quisesse tocar o meu rosto, mas desistiu, deixando-a cair no meio do caminho.

— Não, Danilo — enfatizei, balançando a cabeça. — Esse assunto já está encerrado.

Ele assentiu mais uma vez e deu um passo para trás.

Virei os calcanhares e caminhei em direção ao quarto sem me despedir. Encostei-me contra a porta com a intenção de decifrar o que sentia. Era demais, tudo era demais. Essa nova faceta do Danilo mexia comigo de um jeito que eu não estava disposta a aceitar. Por mais de uma década, convivi com a lembrança de uma pessoa inescrupulosa, egocêntrica e aproveitadora. Pensar nele sempre desencadeava um sentimento de raiva, mágoa e rancor.

Eu não estava preparada para aceitá-lo de outra forma. Esse novo Danilo, que se mostrava educado, solícito e interessado na minha vida e na vida dos meus filhos, ia além da minha compreensão e me deixava tensa. Fechei os olhos e respirei profundamente por alguns segundos, armazenando essa descoberta controversa bem no fundo da minha consciência.

Após alguns minutos quieta, abri os olhos e levei meu corpo cansado até a poltrona desconfortável. Permaneci sentada, digerindo o episódio desagradável que tive com a Elisa, quando ouvi uma suave batida na porta. Estava determinada a enxotar o Danilo dali.

Com alívio, vi que não precisaria fazer isso, porque quem entrou foi uma simpática funcionária do hospital, trazendo o café da manhã para o Gui e para mim — graças aos céus!

Guilherme acabou acordando com o movimento no quarto e se arrumou para fazer o desjejum. Sua comida era leve: banana, bolachas de água e sal e suco. A minha era um pouco diferente: pão francês acompanhado por um potinho de margarina e geleia de amora, uma maçã e um suco.

Assim que a moça saiu, devorei todo o conteúdo da minha bandeja e esperei que o Gui fizesse o mesmo. Mal conseguimos trocar duas palavras, pois a porta se abriu novamente, dessa vez com o hematologista, que, conforme previu o médico que nos atendeu de madrugada, precisou levá-lo para realizar uma avaliação mais específica.

Como eu sabia que a bateria de exames demoraria para terminar, aproveitei o tempo sozinha para ligar para o meu pai e para a Mari e deixá-los por dentro do que ocorria no hospital. Eles queriam vir até aqui para me fazer companhia, entretanto os convenci de que não havia necessidade.

Também acessei as mensagens e, ao me deparar com alguns recados da Larissa, me lembrei de como minha “tentativa de diversão” tinha saído pela tangente na noite anterior.

Larissa: E aí? Como acabou a noite? =D

Deve ter sido ótima, nem visualizando as msgs vc tá! Kkkk

Nos falamos amanhã! ;)

Deixei para responder mais tarde. Eu tinha muito o que pensar e não queria bagunçar ainda

mais as coisas. Igor era importante, mas não mais que o Gui... e a situação com Elisa mais cedo me deixou extremamente emotiva. Eu não me conformava. Como uma pessoa tinha a capacidade de ser tão fria daquele jeito?

O ato solidário de fazer parte do banco de dados dos doadores era muito mais que uma boa ação, era se comprometer em ajudar e estar pronta para fazer isso quando chegasse a hora.

Pensar na atitude dela fez com que eu me sentisse infinitamente desestruturada. Será que muitas pessoas agiam assim? No ápice de alguma campanha, simpatizavam com os pacientes e se sujeitavam a fazer os exames, sem o mínimo de responsabilidade com os resultados futuros positivos? Envolviam-se com o programa sem ter a noção de que o cadastro era armazenado por várias décadas e que o doador poderia ser chamado sempre que houvesse compatibilidade?

Doação é um assunto sério. Fico desolada só de imaginar que por aí existiam pessoas que se negavam a doar quando recebiam ligações, mesmo sabendo que por trás daquele telefonema existia alguém em risco de morte, dependendo apenas da boa vontade de alguém desconhecido. A bile subia pela traqueia e a garganta apertava só de saber que existia a possibilidade de o meu filho ter um doador e essa pessoa se recusar a realizar o procedimento.

Perdida em pensamentos que faziam com que eu me sentisse mal, não escutei a porta do quarto se abrindo. Somente percebi que não estava mais sozinha quando uma jovem mulata com o cabelo crespo lindo e solto, vestindo um jaleco branco, se materializou à minha frente.

— Natália? — indagou olhando em meus olhos.

— Sim?

— Muito prazer, sou Ida, psicóloga do setor de oncologia — ela se apresentou, esticando o braço para um aperto de mão. Aceitei e aguardei que continuasse. — Conheci o Guilherme, seu filho, quando realizávamos os exames da triagem e rotina da oncologia. Enquanto ele está aguardando para fazer uma tomografia, aproveitei a oportunidade de conhecê-la.

— Está tudo bem com meu filho? — questionei desconfiada.

— Aparentemente sim, o doutor Júlio deve passar aqui mais tarde para te passar o prognóstico e orientações pertinentes ao caso. Isso no que diz respeito ao biológico — acrescentou, enquanto entrelaçava as mãos em frente ao corpo. — Mas minha preocupação é com o psicológico do seu filho. Tudo indica que a queda que ele sofreu ontem, devido à fraqueza excessiva, foi de cunho emocional.

Permaneci estática, procurando compreender o significado do que ela dizia.

— Durante a triagem, são feitas algumas perguntas pessoais, e Guilherme respondeu todas de uma forma muito específica, sempre reagindo com ironia, piadinhas e sarcasmo.

— Isso é um problema? — argumentei. — Ele sempre foi assim, brinca com tudo.

— Pode não ser encarado como um problema, todavia também pode ser caracterizado como um tipo de mecanismo de defesa, como se ele brincasse com situações sérias sob o pretexto de fugir e se recusar a enfrentar seus problemas pessoais — ela explicou com seriedade.

— Entendo.

— Posso estar equivocada, afinal, não conheço o histórico de vida familiar de vocês, porém, pela minha experiência clínica, entendo que lidar com uma aplasia medular pode ser muito complicado para um garoto de quinze anos. — Ela soltou as mãos e as colocou nos bolsos do jaleco.

— Sei.

— A adolescência por si só já é um momento delicado para o jovem. A perda da infância, as mudanças corporais e hormonais, o distanciamento dos pais e aproximação dos amigos... tudo gera um alto grau de ansiedade e insegurança — explicou. — Acrescente a essa fase a mudança

de cidade, fato que faz com que muitas pessoas, não apenas os adolescentes, procurem psicoterapia para auxiliar na adaptação à nova realidade. — Ela respirou fundo antes de dar sequência. — No meio de tudo isso, ele ainda tem um diagnóstico e prognóstico patológico muito agravante. A vida dele depende do ato solidário de outra pessoa. É uma incerteza. Lidar com a incerteza de vida ou morte é muito delicado nessa fase do desenvolvimento.

Ida parou de falar por um momento, permitindo que eu absorvesse tudo o que tinha escutado. Eu estava impressionada com a facilidade que ela demonstrou em analisar o estado psicológico do meu filho apenas a partir de perguntas básicas de uma triagem. Isso sem contar o fato de que ela não conhecia nem metade da história. Não sabia nada sobre a realidade em que vivíamos, não sabia que o Gui era fruto de uma concepção traumática e não planejada, muito menos que descobriu esse detalhe há poucos dias.

Eu tinha ciência da carga emocional do Gui, inclusive já havia parado para refletir sobre esse assunto várias vezes. Só que acabei me convencendo de que ele se sentia bem, na medida do possível... que o fato de não agir com rebeldia, mudança de comportamento ou expor seus sentimentos de forma tempestuosa era um indício de que ele estava lidando bem com tudo.

Eu estava enganada.

— Somando todos esses aspectos, creio que seu filho pode apresentar outras crises, lapsos, desmaios e apagões de consciência, como o episódio de ontem — Ida prosseguiu. — Você compreende que tudo o que ele vivenciar daqui em diante irá interferir no seu bem-estar psicológico? O qual, provavelmente, já está muito sensível?

— Claro, você tem toda razão — concordei, movimentando a cabeça para cima e para baixo.

Ela assentiu, retirou um folheto do bolso do jaleco e me entregou.

— Nós temos alguns grupos de acolhimento e terapêuticos no setor de oncologia. Seria interessante que ele participasse de um deles pelo menos uma vez por semana. — Voltou a mão para o bolso do jaleco. — Se ele não se sentir confortável em expor seus conflitos em público, outra opção seria que ele fizesse psicoterapia com algum psicólogo especializado em oncologia.

— Vou providenciar.

— Faça isso. Vai ser bom pra ele — disse e ergueu a mão para mim. — Foi um prazer conhecê-la. — Aceitei o gesto e nos despedimos. — Só mais um adendo — comentou quando abriu a porta —, talvez seja interessante que você também faça algum tipo de acompanhamento.

— Vou pensar nisso, obrigada. — Dei um meio sorriso ao vê-la se retirando do quarto.

Mais tarde, Gui voltou para o quarto acompanhado por um terceiro médico, o oncologista. Ele levou o resultado de alguns exames, que não apontaram nada fora do normal, levando em consideração a sua condição de saúde. Os resultados de outros exames demorariam alguns dias para chegar, então deveríamos voltar ao centro oncológico para novas orientações. Como já esperávamos, o prognóstico que recebemos em BH permanecia inalterado, meu filho tinha baixa perspectiva de vida, se não conseguisse um doador nos próximos seis meses.

Gui estava se sentindo bem e quis descer caminhando as rampas até a saída, dispensando a cadeira de rodas que o enfermeiro havia trazido. Com os braços dados, andamos devagar e em silêncio. Era sempre assim quando saíamos de alguma consulta, um clima pesado, difícil de engolir.

Encontramos Danilo sentado em um dos sofás de couro preto que ficava no canto do corredor. Sem falar nada, ele se levantou e enfiou as mãos nos bolsos da calça jeans. Olhei para o

Gui e vi que ele deu um leve aceno com a cabeça, como uma permissão para que o pai biológico nos acompanhasse. Voltei a olhar para ele e dei um pequeno sorriso antes de retomarmos a descida. Não precisei olhar por cima do ombro para saber que Danilo estava em nosso encalço.

Por um momento, me permiti pensar que a presença dele ali trazia certo conforto e segurança. Se eu parasse para pensar melhor, chegaria à conclusão de que isso era ridículo, principalmente devido ao abuso. Entretanto, essa foi a impressão que tive, me senti amparada. E me dar conta dessa descoberta era assustador.

Depois de viver dezesseis anos sozinha, encarando as dificuldades da maternidade sem auxílio de uma figura paterna presente, reconhecer que o cafajeste que me fez sofrer e mudar todo o percurso de vida estava disposto a passar a madrugada e o dia todo no hospital, apenas para estar presente à distância, me forçava a ter outra perspectiva sobre ele. Uma nova impressão, diferente e inesperada. Quem era esse cara? O que ele queria?

Minha cabeça era um turbilhão e eu começava a sentir um leve incômodo na região frontal.

Não, eu ainda não era ingênua o suficiente para acreditar que ele tinha apenas boas intenções, só que talvez... talvez... eu possa ter tomado atitudes precipitadas no passado. Não a respeito do abuso. Isso eu tinha plena consciência de que não era certo e nunca poderia ser justificado. Mas acerca da responsabilidade com a paternidade. Se ele realmente teria feito um escândalo que prejudicaria minha família.

E, claro, como tudo na minha vida, minha saída do hospital não seria tão simples. Ao ultrapassarmos a porta de vidro, aquela que custou para ser aberta na madrugada, ficamos frente a frente com uma cena que eu não esperava nem em meus sonhos mais absurdos. Com o coração batendo mais forte que uma britadeira, vi Igor sentado na cadeira dura da recepção, com os cotovelos apoiados nos joelhos, segurando a cabeça com as mãos, vestindo a mesma roupa do dia anterior.

CAPÍTULO 17

— Juiz ladrão!

— Vai roubar lá na casa da sua mãe, seu desgraçado!

A torcida de alunos gritava indignada ao meu redor após o time da escola rival ter marcado um gol originado de um lance de pênalti.

— Viado! — berrou Elisa a plenos pulmões, fazendo com que eu tapasse os ouvidos, protegendo meus queridos tímpanos. — Aí! Agora o seu querido Igor vai ter que ralar pra conseguir um empate! — comentou analisando o placar que tinha acabado de ser alterado no centro do ginásio, mostrando 3x2.

Estávamos perdendo e faltava cerca de dez minutos para o final da partida. Elisa tinha razão. Igor jogava na posição de atacante e precisaria de um milagre para conseguir empatar. Não que os outros jogadores da equipe não fossem bons, mas todos esperavam que Igor desse conta do time sozinho. Ele ficava sobrecarregado e, às vezes, irritado com tal suposição.

Fazia quase dois meses que tínhamos ido ao cinema depois da festa da Marcinha. Fazia exatamente cinquenta e sete dias que ele havia me beijado pela primeira vez, na porta da escola. O momento foi tão fofo que eu queria ter uma câmera no bolso para ter registrado. Ele não marcava bobeira. Percebeu que eu corresponderia e me surpreendeu enquanto conversávamos, me beijando sem que eu percebesse que iria fazê-lo.

Evidente que, como toda boa garota sonhadora, eu tinha imaginado essa cena milhares de vezes, e, em todas as minhas ilusões, ele seria como um príncipe. Primeiro colocaria uma das mãos na maçã do meu rosto, depois passaria o polegar suavemente pela região, fazendo um carinho adorável, em seguida levaria a outra mão à minha nuca e, por fim, aproximaria os lábios dos meus — em câmera lenta e com fogos de artifício explodindo no fundo da imagem.

Todavia, contudo, entretanto, porém, minha vida nunca foi um conto de fadas, e nada saiu como o planejado.

Assim que senti os lábios dele nos meus, não me controlei, de tão eufórica que me senti, e subi as mãos no seu cabelo, puxando com força. Ele gemeu... não interprete errado, aqui não tem nenhum duplo sentido. Ele gemeu de dor. Coloquei tanta força nas mãos que acabei machucando-o e ele precisou se afastar.

Tá legal, talvez não tenha sido assim tão fofo quanto eu afirmei antes. Foi trágico. Assumo que me excedi um pouco... confesso, me excedi muito, mas você precisa entender que aquele era o Igor. O menino dos meus sonhos. Minha paixão platônica. Não tinha como ter sido diferente. Fui com muita sede ao pote e acabei morrendo de vergonha quando ele se afastou.

Fechei os olhos e fiquei esperando a bronca. Ele ficaria bravo, não? O que eu fiz era condenável.

Mas não foi isso o que aconteceu. Ainda de olhos fechados com firmeza, eu o escutei caindo na gargalhada. Ele ria tanto que chegou até a roncar. Abri um dos olhos para observar melhor a sua reação e o peguei secando lágrimas nos cantos dos olhos. Não sabia se eram de dor ou de tanto rir da minha cara. O que eu sabia era que ele nunca mais me beijaria. Era impossível ele querer repetir esse fiasco. Se entre a gente existiu sequer uma possibilidade de relacionamento, eu tinha acabado de pisar na jaca com gosto.

Levei as mãos para cima e segurei minha cabeça, querendo me esconder e esquecer o que tinha acontecido. Não pude fazer isso, porque logo senti a mão dele segurando os meus pulsos e revelando o meu rosto, que estava da cor de um pimentão. Para completar a tragédia, meus olhos começaram a lacrimejar.

— Ei, não fica assim.

Ele tentava olhar em meus olhos, só que eu me esquivava, olhando para qualquer lugar, menos para ele.

— Nat?

Ele agachou na minha frente e conseguiu fazer o que tanto queria. Foi levantando devagar e, quando ficou em pé, sustentou meu olhar e levou uma das mãos ao meu rosto, acariciando lentamente. Aos poucos, senti a outra mão se posicionando na minha nuca e me puxando. Inclinou o rosto e resvalou os lábios nos meus. Quase tive uma síncope. Juro que fiquei com os ouvidos prontos para escutar os fogos de artifício. Foi como magia. Esse, sim, o segundo beijo, foi como eu imaginei. Romântico, apaixonado e intenso. E, sim, ouvi fogos de artifício... dentro da minha cabeça, claro.

Só que tal momento maravilhoso foi há quase dois meses, agora, o que acontecia era o maldito jogo. Eu precisava interromper minhas divagações e prestar atenção nos minutos finais.

— Filho da mãe!!! — reclamou Elisa mais uma vez.

O placar ainda era o mesmo, mas o cronômetro tinha alcançado os últimos segundos. O assobio do apito chegou aos nossos ouvidos ao mesmo tempo em que a torcida começou a se retirar das arquibancadas. Perdemos.

Ficamos mais uns minutos sentadas, aguardando enquanto o ginásio se esvaziava. Os jogadores se cumprimentaram e foram para o vestiário. Eu e Elisa descemos para esperar pelos meninos perto da porta. Um a um, os jogadores foram saindo com olhares desolados e ombros caídos. Uns tinham tomado banho, outros não. Danilo apareceu após um tempo e me informou que o Igor iria demorar para sair.

Eu havia notado que praticamente todos já tinham ido embora, então pedi que me esperassem e entrei no vestiário masculino.

Com passos vacilantes e ouvidos atentos a qualquer sinal de chuveiro ligado, caminhei pelo pequeno corredor que levava à sala comprida, decorada com bancos de madeira que os alunos usavam para descansar. Não era a primeira vez que eu estava ali dentro, porém era a primeira vez que estava ali sozinha, procurando pelo garoto por quem eu era apaixonada.

Eu não fazia ideia de como o encontraria. Geralmente, ele saía dos jogos superanimado, até porque sempre ganhavam.

Como era a primeira vez nesses dois meses que eu tinha presenciado uma derrota, estava ansiosa com o que veria.

Não foi difícil encontrá-lo. Igor estava sentado no canto de um dos bancos, com o corpo curvado para frente. Com os cotovelos apoiados nos joelhos, ele segurava a cabeça com as mãos. Ainda usava o uniforme do time.

— Ei... — falei baixinho, caminhando até onde ele estava.

Ele ergueu o rosto e passou a mão no cabelo molhado de suor.

— Oi — respondeu.

— Que droga, hein?

— É...

— Posso fazer alguma coisa pra melhorar seu humor? — tentei a sorte.

Ele meneou a cabeça.

— Hummm.

Parei para pensar por um segundo e uma ideia maluca surgiu em minha mente. Talvez eu não pudesse melhorar o humor, mas poderia distraí-lo.

— Nem isso ajuda? — perguntei, levando a mão à barra da minha camiseta do uniforme.

Enganchei o polegar no tecido e comecei a erguer a blusa devagar, analisando a reação dele. Passei por cima do umbigo e continuei subindo, até me aproximar do sutiã.

— Nat... — ele arfou.

Dei um sorriso. Ele não estava mais cabisbaixo, muito pelo contrário, os olhos brilhavam e ele começava a erguer os cantos da boca.

— Não brinque com fogo — alertou.

— Não estou brincando — respondi, ainda segurando a blusa perigosamente perto do sutiã.

— Você não iria tão longe...

— Não tem como você saber, tem? — desafiei.

Ele se levantou e deu dois passos em minha direção, como se fosse um predador. Na mesma hora, soltei a blusinha, que escorregou de volta ao lugar, ocultando a minha barriga.

— Você não ousaria...

— Não? — retruquei, olhando nos olhos dele com a mesma intensidade com que ele costumava olhar para mim. — Só que antes... — Levantei o indicador e coloquei bem no meio do peito dele, impedindo que continuasse a avançar. — ... você precisa tomar um banho. Sua aparência está um lixo!

— Um lixo, é? — ele brincou, erguendo as sobrancelhas. — Vou te mostrar o que é lixo!

A risada dele foi a última coisa que eu lembrava ter ouvido. Nos próximos segundos ele me pegou no colo e me jogou no ombro.

Depois da minha ousadia em me insinuar mostrando a barriga no vestiário masculino, em um momento nada propício, passamos a tarde toda em um clima apaixonado. Diferente do que você pensa, não avançamos mais nenhum sinal. Igor brincava, tentava, até porque, bem, possuía hormônios, mas me respeitava, e eu o amava ainda mais por causa disso.

Independentemente de não ter rolado nada mais ardente, foi um dos momentos mais agradáveis que passamos juntos. E eu podia garantir que envolveu muitos beijos cheios de paixão.

Fiquei paralisada por uns segundos e me esqueci momentaneamente de que precisava me dirigir até o balcão para entregar à recepcionista a alta hospitalar. Precisei segurar o papel usando mais força que o necessário, visto que começou a tremer em minhas mãos.

Como se sentisse a minha presença, ou melhor, percebendo que alguém havia parado como uma estátua e estava atrapalhando o acesso de outras pessoas ao interior do hospital, Igor ergueu a cabeça e me encarou. Não estávamos próximos, todavia, apesar da distância, foi possível notar as olheiras escuras embaixo dos olhos e o cabelo todo bagunçado, marcado por inúmeras passadas de mão. Ele parecia estar exatamente como eu me vi no espelho do banheiro quando acordei: exausta, com dores no corpo e o rosto denunciando uma noite mal dormida.

— Mãe...

A voz do Guilherme me despertou do transe, me lembrando do que eu precisava fazer antes de ir embora dali. Movimentei a cabeça para os lados e caminhei até o balcão, onde entreguei a alta. A recepcionista carimbou o documento, nos devolveu e fomos burocraticamente dispensados.

Ao me virar, vi que Igor havia se levantado e estava parado ao lado da porta da frente do hospital. Respirei fundo, sentindo-me confusa por estar sendo “escoltada” pelo Danilo até a saída e aguardada pelo Igor, tentando decidir o que faria em seguida. Eu não poderia ficar ali, conversando com ele na presença do Gui, principalmente perto do Danilo. E também não queria

passar a ideia errônea de que algo existia entre mim e o pai biológico do meu filho, o que Igor já pensava que acontecia de alguma forma.

Sem alternativa, eu sabia que teria que ir embora de carona, já que vim para cá no carro do Danilo de madrugada. A questão era, com qual dos dois?

Eu não confiava no Danilo, porém a reflexão que tive de manhã a respeito de suas atitudes no presente indicava que eu poderia cogitar dar uma chance. Ainda era cedo para isso, contudo muito plausível. Afinal, ele fez mal para mim, e não para meus filhos. Eu não queria confiar, só que não poderia privar meus filhos de terem um pai, se eles escolhessem isso.

Quanto ao Igor, eu não tinha do que reclamar, a não ser a questão de ele não compreender a necessidade de eu esconder o motivo da minha fuga para Belo Horizonte. A discussão, os beijos, a forma como me abordou ontem... voltaram como um terremoto sensorial, ativando todas as terminações nervosas do meu organismo. Comecei a pensar nos diversos “ses”... Se eu confio nele? Talvez. Se eu gostaria de me reaproximar dele? Sem dúvida. Se meus filhos tinham algo contra ele? Que eu soubesse não.

— Ei — Danilo cumprimentou Igor quando o alcançamos.

— Ei — Igor respondeu, se afastando da parede e se aproximando da gente. — Eu vi vocês saindo ontem em disparada e imaginei que algo devia ter acontecido, então segui vocês. Sei sobre a condição do Gui, me contaram na escola.

Bem, isso explicava um pouco as coisas.

— Passou a noite aqui? — perguntei, mesmo sabendo a resposta.

Ele assentiu.

— Não quis ir embora sem saber se você estava bem, cara — respondeu, olhando para o Gui. — Ofereci para levar seu avô, sua irmã e a dona Celeste para casa. Depois voltei pra cá e aguardei para ter notícias, o que a recepcionista não podia me dar, já que não sou da família. Você tá bem?

— Tô normal, forte como um potrinho que acabou de nascer — Gui respondeu rindo.

A brincadeira sutil me lembrou das palavras da psicóloga e do que eu precisaria enfrentar quando chegasse em casa: convencer meu filho sobre a importância de fazer terapia.

— Bem, vou indo. — Levantou a mão em um aceno e começou a se virar. — Fico feliz por você estar bem, Gui. Te vejo segunda?

— Claro! Firme e forte — Gui afirmou.

— Espera! — pedi antes que Igor pudesse dar mais um passo para longe de nós. — Você pode nos dar carona até em casa?

Seus olhos brilharam e ele assentiu, parado a poucos passos de distância.

Olhei para o Danilo, que agora estava ao lado do Gui, com um semblante nada agradável.

— Obrigada por ter ficado aqui... é... importante — concluí.

Danilo cerrou os lábios e manteve a expressão séria no rosto.

— Não foi nada — respondeu curto e grosso.

— Tá legal... — Olhei para o lado e dei um leve aperto na mão do Gui. — Então, vamos?

— Tchau... valeu! — Gui se despediu do pai biológico e saímos caminhando.

O trajeto do hospital até a nossa casa foi tranquilo. Igor ligou o rádio do carro e fomos ouvindo o programa de humor que tocava em uma das rádios locais. Eu não sabia exatamente como me portar, o que causava certo desconforto e um clima estranho no interior do veículo.

Chegamos em casa em poucos minutos, e pedi que Igor entrasse com o carro na garagem, para evitar que o Gui andasse e se cansasse. Sabia que era desnecessário, mas depois de passar o dia no hospital, não iria me preocupar por mimá-lo. Dessa forma, estávamos estacionando na

fachada da minha casa.

— Vamos entrar? — convidei assim que ele desligou o carro.

— Ah, Nat, não acho que seja adequado.

— E por que não? Estou convidando — insisti.

— Vocês estão cansados, vamos deixar para uma outra hora.

— Ihh, cara, desencana — Gui comentou. — Pra você ela nunca vai estar cansada.

— Guilherme! — repreendi e Igor deixou escapar uma risadinha.

O que foi em vão, pois ele já estava abrindo a porta do carro e descendo sozinho. Resolvi fazer o mesmo e, ao dar a volta no veículo, vi que Igor tinha descido. Segui meu filho até a porta de casa e aguardei para ver o que Igor faria. Ele caminhou até o local em que eu estava e me olhou com intensidade.

— Desculpe por ontem... agi como um idiota — disse e enfiou as mãos nos bolsos.

— Imagina, Igor. Eu entendo... e também tenho minha parcela de culpa — admiti.

— Você precisa entrar... — comentou, apontando para a casa.

— Preciso...

— Me passa o número do seu celular...

Ergui uma sobrancelha e deixei que um dos cantos da minha boca se curvasse para cima.

— Para...?

— Saber notícias do Guilherme — ele respondeu com um sorriso torto. — Não pensou que era por outro motivo, né?

— Não... de jeito nenhum... — retorqui sorrindo e passei o número para ele.

Igor salvou no celular e guardou o aparelho no bolso.

— Conversamos mais tarde — prometeu, caminhando até o carro.

— Combinado.

— Ah, Nat? — falou, segurando a porta do carro. — Descanse um pouco, sua aparência está um lixo. — Piscou sorrindo e entrou no carro.

— Como se você estivesse melhor! — gritei enquanto observava o carro saindo da rua privativa do condomínio.

Um lixo. *Um lixo!* Não me passou despercebido já ter ouvido essa expressão em um dos nossos momentos juntos, e eu não sabia como interpretar isso. Teria sido uma coincidência? Ou Igor estava brincando com as palavras e comigo?

Entrei em casa balançando a cabeça e me esforçando para memorizar a imagem dele sentado atrás do volante com um sorriso aberto no rosto. Mesmo após passar a noite em claro, ele continuava lindo, e era assim que eu gostava de me lembrar dele: sorrindo, brincando e feliz.

E só de pensar que ele se lembrava de um detalhe da nossa história de um dia que tinha sido tão marcante para mim já fez valer a pena.

Eu portava um sorriso de *megawatt*. A felicidade se sobressaía entre todas as situações ruins que eu tinha vivido hoje e nos dias anteriores. Mesmo sendo a curtíssimo prazo. A responsabilidade como mãe voltou ao normal assim que fechei a porta da sala.

Meu pai e a Mari estavam em casa, e, pela falta de movimento no andar inferior, deduzi que poderiam estar falando com o Gui. Passei na cozinha correndo antes de subir, para pegar um lanche rápido. Enquanto estava lá, vistoriando a geladeira, ouvi vozes aleatórias vindo do andar de cima, o que comprovou minha dedução.

Subi as escadas pensando na melhor forma de abordar a terapia com o Guilherme. Eu poderia estar muito enganada, porém algo lá no fundo me avisava que não seria simples. Nada na minha vida era simples.

Dei um pulo no meu quarto para descartar a roupa do dia anterior e tomei um banho vapt-vupt. Eu precisava, e muito, ficar embaixo d'água por uns quinze minutos, para me livrar de parte do cansaço e da inhaca de hospital que eu carregava... só que eu não podia fazer isso agora. Assim, coloquei uma roupa qualquer, daquelas largonas de ficar em casa, e fui ao quarto do Gui, onde estava todo mundo.

— Você está com uma cara de acabada — comentou a Mari virando a cadeira de rodinhas e ficando de frente para mim.

— Novidade... — respondi, sentando-me na beirada da cama.

— Tem resto de almoço na geladeira, se quiser, filha — emendou meu pai. — Fiz a mais porque não sabia se vocês voltariam a tempo ou não...

— Obrigada.

— E não precisa se preocupar em me levar pra casa, vou direto para o trabalho daqui, o ônibus da empresa passa na rua de baixo.

Sorri para ele. Sempre tão prestativo e compreensivo... eu que era a filha desnaturada que até me esqueci de oferecer de levá-lo para casa. Tinha me esquecido até de que ele precisava trabalhar essa noite.

— Pode cochilar no meu quarto, pai — ofereci —, sei que gosta de dormir um pouco antes de trabalhar.

— Ah, vou mesmo. — Estendeu a mão e segurou a minha. — Mas você também precisa dormir...

— Fico no quarto da Mari.

— Tá legal. — Levantou-se da cama e seguiu rumo à porta. — Está tudo bem com vocês dois?

Olhei para o Gui, que descansava o corpo na cabeceira da cama, com as pernas esticadas em sua frente. Ele sorriu e olhou para o avô, me levando a fazer o mesmo.

— Tá sim, vô.

— Foi só um susto — completei.

— Então chega de susto, né? Tá louco! — ele comentou rindo e saiu do quarto.

Voltei a atenção para o Gui, que segurava o controle do videogame e já tinha voltado a olhar para a televisão. Segui seu olhar e notei que a Mari me encarava. Ela abriu a boca e perguntou “tá bem mesmo?”, sem emitir som. Inclinei a cabeça para um lado e para o outro, indicando que mais ou menos, e fiz sinal para que ela saísse do quarto. “Depois conversamos”, gesticulei e ela fez o que pedi.

— Não precisa ficar falando em código perto de mim. Não sou mais um bebê.

Voltei a olhá-lo, assustada com sua atitude, e o peguei me observando.

— Desculpe, filho, eu não estava falando nas suas costas.

— Não é o que parecia. — Levantou as sobrancelhas e olhou para a televisão, tentando me ignorar.

— Gui... quando você estava fazendo os exames — comecei com cuidado —, a psicóloga do hospital veio falar comigo.

— E o que ela queria? — Ele me olhou de relance.

— Falar sobre a triagem...

— Foi normal, por quê? — Ele olhava para mim e para a TV.

— Sim, falei isso pra ela... e, pelo que ela me disse, você agiu de forma normal, mas... — Parei de falar, pensando em como explicar.

— Mas? — ele pressionou.

— Gui, ela sugeriu que você fizesse terapia — soltei logo de uma vez.

Ele me olhou dando um sorriso irônico.

— Sério? Ela acha que preciso de terapia?

— Acha... — Ele começou a rir. — E eu também... acho.

— Ah, não começa. Não preciso de terapia! — exclamou e voltou a olhar para a TV.

— Filho...

— Não, nem vem! — Ele agitava a cabeça para os lados em negativa.

— Ela me explicou que talvez você precise de alguém para conversar... — tentei.

Ele bufou.

— Puta merda, mãe! — gritou, jogando o controle do videogame contra a parede. — Já não basta estar à beira da morte e descobrir que meu pai é um bosta de um estuprador? Ainda tenho que *conversar com alguém* sobre isso?

CAPÍTULO 18

— Gui! O quê...

Por um breve momento, a única atitude que tomei foi ficar olhando para meu filho em choque. Nunca, em todos esses anos, ele havia explodido dessa forma. Eu seria hipócrita se afirmasse que jamais ouvi respostas atravessadas. Óbvio que já aconteceram, porém não de forma tão agressiva ou desrespeitosa.

Com os olhos arregalados, Guilherme me encarava, como se ele mesmo não acreditasse no que havia acabado de fazer. Ele abriu a boca como se fosse falar algo, mas fechou, sem coragem de prosseguir.

Olhei para o chão, onde o controle do videogame estava e fiquei surpresa por não ter quebrado, tamanha a força e o barulho do baque contra a parede.

Ouvi passos apressados ressoando pelo pequeno corredor, e logo Mari estava imóvel no batente da porta, olhando para nós dois e tentando entender a cena à sua frente.

Estranhei meu pai não ter aparecido também, entretanto, ao ficar em silêncio, ouvi o chiado de um chuveiro, o que explicava sua ausência.

— O que aconteceu? — Mariana indagou ao notar o controle espatifado no chão.

— Nada — respondeu Guilherme, se levantando para pegá-lo.

— Mãe? — ela tentou mais uma vez.

— Pode ficar tranquila, Mari, estamos apenas conversando — afirmei e acenei com a cabeça para que ela se retirasse.

Sem mais uma palavra, ela saiu do quarto do irmão.

Guilherme voltou para a cama, virando o controle para todos os lados, provavelmente procurando por alguma marca que a força da queda deveria ter ocasionado. Em vez de sentar próximo à cabeceira, ele ficou ao meu lado e pegou minha mão.

— Mãe, eu...

Apertei a mão dele e observei seu perfil. O nariz levemente arrebitado, as maçãs do rosto demarcadas por ossos fortes, o cabelo escuro e curto, os olhos pretos... Gui sempre foi um menino muito animado, simpático e brincalhão. Sua presença em um ambiente fazia com que as pessoas dessem sorrisos intermináveis. Essa doença não era justa, o que ele sofria não era justo.

— Eu não sei o que...

— Gui... — Soltei a respiração. — Você precisa fazer terapia. Olha o que acabou de acontecer.

— Eu não... — ele arfou, largou a minha mão e levou as dele ao rosto. — Eu não pensei, eu...

— Eu sei, filho. — Coloquei a mão em seu ombro, na tentativa de consolá-lo. — É muita coisa pra absorver. Eu não sei se conseguiria ficar bem se estivesse no seu lugar. O transplante, a mudança, o seu pai biológico...

— Você foi estuprada, mãe! — Ele me olhava, balançando a cabeça. — De tudo o que estou vivendo, sabe, essa é a parte mais difícil de engolir! Eu nasci desse estupro... isso é... cara, não sei nem o que dizer!

— Gui, não precisa dizer nada. — Olhei no fundo dos seus olhos e continuei: — Aconteceu há muitos anos. Não vou mentir. Não foi fácil, mas passou. Amo você e sua irmã, não sei o que seria da minha vida sem vocês.

— Eu quero matar aquele desgraçado — falou entre dentes. — Toda vez que o vejo, tenho que me segurar pra não voar em cima dele.

— Eu sei. Acredite, eu sei. Eu também já quis fazer isso várias vezes.

— Aí, ele aparece aqui pra ajudar... como se fosse um cara legal... é difícil definir, mãe. O filho da puta aparece aqui e quer ser pai?

— Isso também me pegou de surpresa — confessei.

— E eu não quero fazer terapia. Já tinha te falado isso lá em BH.

— Eu lembro, mas as coisas mudaram — tentei argumentar enquanto ele balançava a cabeça.

— Lá em BH você foi orientado a procurar ajuda para aceitar sua condição...

— Minha morte, você quer dizer, pra aceitar que estou morrendo...

— Guilherme, pare com isso. Pare de ficar afirmando que irá morrer como se fosse algo certo.

— Mas é algo certo! — ele gritou.

— Não sabemos! — retuquei com a voz alterada. — Não temos como saber e eu não vou perder o tempo que temos juntos pensando no pior! — Olhei bem para ele. — Conversamos sobre isso em BH, quando a situação era diferente. — Ele tentou argumentar e levantei a mão, impedindo-o. — A psicóloga me explicou que seu estado de saúde pode piorar caso você não consiga lidar com tudo sozinho. Seu desmaio de ontem? Culpa da pressão psicológica, Gui. Pensa um pouco nisso...

— Eu penso, caralho! — respondeu com a voz um pouco mais calma. — O tempo todo! E isso está me enlouquecendo! — Puxou os cabelos e jogou a cabeça para trás.

— A terapia pode ajudar, filho. Falo por mim... como você acha que eu consegui aceitar uma gravidez aos dezesseis anos após ter sido violentada? Fiz terapia por mais de um ano. Não foi legal, mas foi necessário.

Ele deixou os ombros caírem e me olhou desolado.

— Eu não sabia...

— Não, e por mim nem teria ficado sabendo. Mas fazer o quê? É a minha vida, é o que tive que viver. E você tem que viver a sua — falei, alcançando a mão dele mais uma vez e entrelaçando seus dedos nos meus. — Em BH, depois do diagnóstico, conversamos e combinamos que você continuaria a viver como um adolescente “normal”, lembra?

— Lembro.

— Pois é, muitos adolescentes “normais” fazem terapia.

— Aff, eu sei! Só de pensar em ter que contar tudo...

— Pode te ajudar, Gui. Falo por mim. Tem coisas que não queremos reviver, não queremos comentar... mas fazer isso pode tirar um grande peso das suas costas. — Apertei sua mão. — Confia em mim.

Ele retribuiu o aperto e me puxou para um abraço.

— Mãe, eu te amo. Muito. Ainda mais depois de saber o que você viveu — falou com a cabeça apoiada em meu ombro.

— Não me ame por causa disso. Não pelo que passei, mas, sim, pelo que somos hoje — respondi com a garganta apertada e os olhos lacrimejando. — Você é especial, filho, e também te amo muito. Pra mim, não importa como você foi concebido. O que importa é que você é meu filho. Só isso.

Ficamos mais um tempo abraçados em silêncio. A conversa fora carregada de sentimento. Uma das mais pesadas que tivemos. Por mais que eu não soubesse o que estaria à nossa frente, o amor que permeava minha família sempre havia sido o bastante para sobrevivermos. Eu lutaria até o final para que isso continuasse.

— Pode marcar, mãe. Não vou gostar, mas não vou me opor — Gui falou ao se afastar dos meus braços.

Dei um sorriso e concordei com a cabeça.

— Vou fazer isso. — Levantei e caminhei rumo à porta. — Descanse um pouco, se eu estou cansada, imagino você — comentei antes de sair.

Ele riu.

— Se minha cara estiver igual à sua, estou perdido! — ele retrucou. — Você tá acabada, mãe! — falou rindo.

— Ah, é?! — respondi sorrindo. — Porque você não se olhou no espelho! — Saí do quarto ouvindo a gargalhada dele.

Era bom ver que ele continuava o mesmo, apesar da explosão e da alta carga emocional da nossa conversa. Eu esperava que ele realmente conseguisse conversar com um profissional e que isso fizesse bem para ele.

Agora, eu precisava da minha cama. Com urgência.

Mas, antes que eu pudesse me jogar nela, lembrei que a tinha emprestado para o meu pai.

Fui para o quarto da Mari e pedi que ela ficasse com o Gui. Expliquei que estava tudo bem e que não tinha com o que se preocupar. Quando ela saiu de lá, deixei que meu corpo caísse no colchão de casal e me esqueci da vida.

Quando você ouvir alguém dizendo que você nunca mais consegue viver tranquilamente após ter filhos, não duvide. É a mais pura verdade.

Perdi a consciência assim que encostei o corpo no colchão e fechei os olhos.

Horas depois, acordei com o corpo pesado, se recusando a sair da cama. A casa estava silenciosa. Não se ouvia um barulhinho sequer fora do quarto da Mari, a não ser o ronco exagerado do urso morto de fome que habitava minha barriga. O lanchinho de antes não foi o suficiente para saciá-lo, o bicho estava faminto.

Procurei meu celular para conferir as horas e deslizei os dedos pela tela.

Merda.

Duas horas da manhã.

Várias mensagens da Lari, do Doador, do meu pai e da minha tia. Uma notificação de mensagem de um número desconhecido.

Ah. Meu. Deus.

Um número desconhecido!

Desbloqueei a tela, supercuriosa.

Doador: Como vocês estão? Envie notícias...

Minha mãe deve passar aí para vê-lo.

Tudo bem se eu visitar amanhã?

Lari: Dá sinal de vida, mulher! Vou começar a pensar que o Igor te sequestrou!

Pai: Estou pegando o fretado. Fiz o Gui e a Mari jantarem. Eles estavam bem quando saí. Se cuida e me liga de manhã. Boa noite, filha.

Número desconhecido: Ei, Nat... sou eu, Igor. Como tá o Gui? E vc? Conseguiu descansar? É... pensei um pouco e acho q devemos conversar. Não agora, qnd vc tiver disposta. Dorme aí e me responde qnd puder. ;)

Com o coração palpitando, respondi:

Nat: Ei... o Gui tá bem.

Travei e não consegui elaborar outra resposta. Eu não tinha pressa e, com certeza, ele

responderia somente no dia seguinte. Deveria estar dormindo.

Respondi às mensagens da Lari, explicando resumidamente os acontecimentos da noite anterior. Depois foi a vez do meu pai e do Danilo. Não, eu não queria vê-lo amanhã. Queria paz. Distância desse drama. Pelo menos por um dia.

Deixei o celular na cama e caminhei até a porta. Não fui muito longe, pois ao olhar para o aparelho, a tela acendeu e voltei correndo para pegá-lo, envergonhada por minha atitude imatura.

Igor: Acordada a essa hora?

Os três pontinhos indicavam que ele ainda escrevia. Meu coração batia descontrolado e o celular escorregava da minha mão devido ao suor.

Igor: E vc? Não perguntei só sobre seu filho...

Nat: Tô bem.

Respondi. Nossa, como eu parecia uma idiota.

Igor: Sei... sobre o q mandei antes... talvez a noite anterior tenha sido um pouco precipitada.

Meu coração despencou. A felicidade e animação dignos de um folião no carnaval se tornou um abismo de escuridão. Eu tinha imaginado que o “precisamos conversar” tinha outro significado completamente diferente.

Nat: Entendo.

Igor: Desculpa se passei outra impressão. O beijo, a discussão... gosto muito de vc, Nat, admiro a adulta q se tornou, mas não sei se consigo superar.

Nat: Humm.

Igor: Pra vc é passado, pra mim, não. Descobri agora, ainda não engoli.
(...) *digitando*.

Igor: E não quero ser infantil e acabar me vingando ou te fazendo de boba...

Arregalei os olhos com a honestidade.

Nat: Ok

Igor: Amigos?

Engoli o carço que se formou na minha garganta e soltei uma risada irônica.

Nat: Claro...

Amigos.

Ainda bem que ele não estava me vendo, caso contrário saberia o quanto suas palavras me magoaram. Eu sabia que não deveria ter criado expectativa, já que tudo indicava que nada aconteceria. Eu e minha cabeça... eu tinha que aprender a não me iludir dessa forma. Não tinha mais dezesseis anos, droga! Apesar da minha vida romântica ter parado no tempo, eu não parei. Tinha maturidade o suficiente para seguir a vida morando na mesma cidade que um ex-namorado.

Por Deus, eu tinha ficado anos sem pensar nele! Por que agora me sentia assim? Não precisava disso!

Sentindo-me a mais infantil das mulheres, joguei o celular na cama e desci as escadas em silêncio. Encontrei na geladeira o restante da comida do dia anterior e coloquei um pouco de cada coisa na frigideira para aquecer. Nada melhor que um mexidão quando você está com fome. O aroma dava água na boca. Meu pai sabia mesmo cozinhar. Era um detalhe que eu tinha esquecido.

— Que cheiro bom! — Gui apareceu no batente da porta.

— Senta aí que esquento pra você. — Despejei o conteúdo da frigideira no prato que tinha pegado para mim e o coloquei à mesa.

— Deixa que eu esquento...

— Relaxa, Gui, já estou fazendo mesmo — respondi, abrindo a geladeira para pegar mais dos “restos”. Voltei a panela ao fogão e olhei para ele, notando que sua aparência estava bem melhor. — Como você está?

— Bem — falou com a boca cheia.

— E a fraqueza?

— Hum-hum... — Balançou a cabeça para os lados enquanto engolia. — Sumiu.

Peguei outro prato, me servi e sentei ao lado dele.

— *Minha* vó passou aqui, você tava dormindo. — Levantei o olhar para ele, erguendo as sobrancelhas. — O quê? Ela é legal, não tem culpa do filho ser um idiota...

Comecei a rir.

— Nisso eu concordo.

— Ela ficou aqui um pouco... não tem problema, tem?

— Nenhum. Ela parece uma boa pessoa.

— É... — Ele apoiou os talheres no prato e me observou de canto de olho. — E o Igor?

— O que tem ele? — respondi, olhando de forma fixa para o prato. De repente a comida tinha ficado muito interessante.

— Ah, mãe? Sério? O que tem ele? — comentou dando risada. — Você tá caidinha pelo cara.

— Até parece! — retorqui ao passo que Gui arqueou uma sobrancelha. — Não estou caidinha... nós temos história. Mas faz tanto tempo que nem adianta criar esperança.

— Aham... falou a mulher que pegou carona com ele hoje no hospital. E, por falar em hospital, não era à toa que ele tava lá, né?

— Temos assuntos mal resolvidos. Por isso ele estava lá. Somos *amigos* — resumi.

— Deixa eu adivinhar... o babaca do meu pai deve tá envolvido nisso...

Assenti.

— E, além disso, o sentimento que tenho por ele é meio infantil, sabe? — Olhei para o Gui, lembrando que falava com um adolescente. — Esquece... você não vai entender.

— Claro, sou muito novo pra falar de amor... sem essa, mãe. Você e o professor...

— Passado, somente passado — concluí. — E agora não é hora de me relacionar com ninguém.

Dei um sorriso torto e voltei a comer. Eu bem que queria me envolver com alguém. Com o Igor seria ainda melhor... no entanto, como ficou evidente na noite passada e na troca de mensagens de hoje, não aconteceria. Eu teria que aceitar e continuar como sempre fiz.

Quem sabe um dia eu não conseguiria ter um relacionamento decente no qual pudesse me apoiar em outra pessoa, sem precisar ser lembrada o tempo todo do que aconteceu no passado? Um relacionamento leve e sem *vingança*?

Enquanto esse dia não chegasse, eu continuaria feliz com o andamento da carruagem. Eu e meus filhos. Meu pai e meus tios. Bastava.

Nas próximas semanas, nada muito dramático aconteceu. Tudo aparentemente voltou ao normal. Guilherme começou a fazer terapia e estava cada dia mais envolvido nas conversas com a psicóloga. Acabou que a insegurança foi em vão, ele gostou muito e fazia questão de não faltar ou se atrasar para os horários marcados.

Ela me chamou para conversar duas vezes: quando ele foi à primeira consulta, para que eu o acompanhasse e relatasse um pouco do nosso histórico de vida, e quando quis me passar uma devolutiva. Seguimos todas as orientações da psicóloga e dos médicos, com exceção de um detalhe: a sugestão de que ele deveria ficar mais em casa e não frequentar a escola. Os profissionais alegavam que não seria prudente que o Gui tivesse contato com várias pessoas e ambientes diferentes, o que poderia facilitar a ocorrência de uma infecção. Visto o estado de saúde debilitado e frágil, uma infecção aceleraria o ritmo da aplasia e faria com que os meses que ele ainda tinha de vida diminuíssem consideravelmente.

Era uma questão delicada, já que uma infecção poderia levá-lo à falência.

Só que o Guilherme queria viver, e não ficar preso dentro de casa. Ele queria aproveitar o tempo que tinha nas mãos, e, por mais que seja estranho um adolescente gostar de escola, meu filho valorizava muito o tempo em sala de aula. Inclusive começou a frequentar o ginásio, sem praticar esportes, óbvio, apenas para acompanhar a rotina dos novos amigos.

O passar do tempo não fez com que minhas expectativas se esvaíssem. Eu ainda não tinha perdido a esperança de encontrarmos um doador, mesmo que isso parecesse impossível. Era complicado olhar para meu filho e ver sua saúde cada vez mais debilitada. Doía vê-lo assim, cada dia mais fraco, esperando por um milagre que começávamos a duvidar que aconteceria.

Independente disso, levávamos a vida sorrindo. O bom humor do Gui começou a oscilar, o que me deixou aliviada. Após a conversa com a psicóloga do hospital, eu tinha receio sempre que ele sorria demais ou fazia piadinhas inconvenientes em momentos inapropriados.

Um dia, ele desmaiou ao sair do banho. Eu estava em casa para socorrer e não foi tão grave quanto da outra vez, que teve como consequência a queda da escada e o machucado na testa. Ele recuperou a consciência em segundos e não precisamos correr ao hospital. Apenas um telefonema ao oncologista sanou nossas dúvidas e nos preparou para o que enfrentaríamos em seguida. Devido ao estado delicado de saúde, caso não encontrássemos um doador e com o avançar da patologia, Gui precisaria fazer sessões de quimioterapia e transfusão, o que poderia acontecer em breve, se os episódios continuassem.

As visitas da Celeste se tornaram frequentes. Todos os dias ela fazia questão de passar lá em casa. A Mariana e o Guilherme já estavam acostumados com a presença dela. Até eu comecei a me encantar com ela, e não estranhei quando ouvi os dois chamando-a de avó. Celeste ficou tão radiante que quase saiu dando pulinhos de alegria. Seu sorriso era capaz de comover qualquer entranho que ela encontrasse por aí.

Meus tios também nos visitaram em um fim de semana. E ainda bem que foi apenas um! Trouxeram presentes caríssimos para os gêmeos. Ambos estavam desfilando com iPhones, Gui ganhou cartões com crédito para adquirir *games online* e Mariana ficou deslumbrada com kits importados de maquiagem.

Eu também não podia reclamar. Ganhei um vale-viagem sem data prevista, o que só iria utilizar sabe-se lá quando. Eles alegaram que eu precisava relaxar, que estavam apenas a um

telefonema de distância e viriam ficar com meus filhos.

Como se fosse simples.

No estado de nervos em que eu me encontrava, nem pensava em nada a não ser na impossibilidade do transplante.

Voltar a trabalhar ajudou a espairecer. Eu aproveitava a ausência dos gêmeos no período da manhã e colocava tudo em dia, deixando somente o monitoramento das redes sociais para o período da tarde. Quando não estava trabalhando, grudava no Gui e na Mari, e eles sinceramente não gostavam muito. Mas era a forma que encontrei de me sentir bem. A proximidade com meus filhos me fazia plena.

Igor me cumprimentava na porta da escola e mandava mensagens com *gifs* e *emojis* aleatórios. No início, quando ele pegou meu celular, achei que ainda teríamos uma chance de retomar o que tivemos. Mesmo sob o pretexto da *amizade*. Com o decorrer dos dias, vi que havia me enganado. Ele se mantinha distante, e eu me corroía por dentro.

Elisa sumiu, graças a Deus!

Danilo aparecia de vez em quando, geralmente acompanhado pela mãe. Suas visitas eram sempre tensas. Nenhum de nós três se sentia à vontade, entretanto o tratávamos com educação.

Absorta em pensamentos, escutei meu celular tocando e desviei os olhos da nova campanha publicitária que estava montando para o supermercado. Era um número desconhecido. Estranho.

— Alô?

— Bom dia, preciso falar com Natália Guimarães, ela se encontra? — indagou a voz fina de uma mulher.

— Quem gostaria? — perguntei desconfiada. Odiava receber ligação de bancos oferecendo cartões e condições especiais.

— Meu nome é Júlia Falheiros e o assunto é somente com ela — ela informou.

Revirei os olhos.

— Olha, eu sou a Natália, e não quero nenhum cartão de crédito, estou desempregada — dei a resposta fajuta que dava a todos que me telefonavam oferecendo serviços bancários e me preparei para desligar o telefone.

— Não, senhora, não ligo a pedido de banco nenhum. — A moça riu do outro lado da linha. — Estou ligando do REDOME para informar que encontramos um doador compatível com o seu filho, Guilherme Alves Guimarães.

Com um baque, o celular caiu no chão.

CAPÍTULO 19

Ah, meu Deus!

AH. MEUS. DEUS.

Eufórica e com os dedos tremendo, alcancei o aparelho celular que estava no chão e o coloquei às pressas na orelha. Eu tinha escutado aquilo mesmo? Encontraram um doador compatível com o Gui?

— Como é que é? — indaguei afoita.

— O resultado do teste de histocompatibilidade deu positivo há algumas semanas. Entramos em contato com o doador e acabamos de receber os resultados da segunda bateria de exames. O doador já foi comunicado e está à espera do agendamento da data do transplante.

Com os olhos cheios de lágrimas, eu tinha uma séria dificuldade de formar palavras.

— Ah, meu Deus. Eu... é sério mesmo?

A moça riu do outro lado da linha.

— Sim. Pode respirar, Natália. Agora só precisamos organizar o procedimento e esperar que tudo corra bem.

— Obrigada! Ah, Deus, obrigada!

Eu sabia que parecia idiotice ficar clamando por Deus o tempo todo, mas você não tem ideia de como eu estava emocionada. Uma medula! Alguém com o coração bom estava colocando seu corpo à disposição do meu filho. Alguém estava salvando a vida do meu filho!

Tentei descobrir se era o Danilo, porém a moça avisou que não podia informar. Ainda durante a conversa com a funcionária do REDOME, combinamos uma série de burocracias. Guilherme teria que fazer alguns testes antes de finalmente passar pela cirurgia. Os profissionais precisavam ter certeza absoluta de que o estado de saúde do meu filho era adequado para a realização do procedimento. Nesse quesito, eu estava mais do que confiante. Estávamos sendo acompanhados de perto, e as sessões de quimioterapia tinham começado há uma semana.

Além disso, teríamos que ir para São Paulo, onde seria feito o transplante, já que Poços de Caldas não tinha autorização para executar o procedimento. Eu já esperava que, mesmo após a realização da cirurgia, nós teríamos que ficar um tempo maior na capital paulista. O período pós-cirúrgico era bem delicado e extenso, também teríamos que voltar ao hospital com certa frequência para consultas pós-transplante. Todavia, isso seria o menor dos problemas. Na verdade, ficar viajando não seria nenhum problema. Afinal, ele faria o transplante e estaria saudável. Não custaria nada ficar viajando para lá e para cá com intuito de monitorar sua saúde. Isso se tudo desse certo.

Deus!

A vida do meu filho estava sendo salva!

Não esperei que os gêmeos chegassem em casa para ligar para o médico do Gui. Consegui ser atendida após quatro tentativas. Ele ficou contente com a novidade e já agendou uma consulta para o dia seguinte.

Com o coração palpitando e sem pensar duas vezes, mandei a mesma mensagem contando a novidade para os meus tios, para o meu pai, para a Larissa e até para o Danilo. Eu estava tão contente que não cabia dentro de mim. Queria espalhar para os quatro cantos do mundo o que eu sentia.

Em menos de cinco minutos, Danilo batia na porta da minha casa. Abri correndo e praticamente pulei em cima dele, esquecendo por um momento toda a reserva e receio que me tomava quando ele estava por perto. Ele respondeu meu abraço com a mesma intensidade, rindo

alto.

— É uma notícia maravilhosa! — disse ao pé do meu ouvido.

Agitei a cabeça para cima e para baixo, concordando.

— O Gui tem uma chance! Ele tem uma chance! De verdade!

Comecei a sentir as lágrimas se formando e embaçando minha visão. Afundei ainda mais a cabeça em seu pescoço e deixei que elas rolassem.

— Fico aliviado, Nat. Sei que os conheço há pouco tempo, ainda nem sei direito o que significa ser pai, mas sinto um alívio sem tamanho.

Danilo apertou os braços ao meu redor e começou a subir e a descer as mãos pelas minhas costas. Não interpretei o gesto como algo vulgar ou com segundas intenções. Era estranho, entretanto sua presença trazia certo tipo de conforto.

— Eu achei que ele... que não ia... — As palavras sumiram.

— Shhh... eu sei...

— Ai, Danilo!

Afastei-me e olhei para ele. O rosto comprido com o maxilar quadrado. Os lábios finos, nariz reto e olhos escuros. Olhos que me encaravam demonstrando compreensão e solidariedade. Não estavam firmes nem fulminantes, como em todas as outras vezes em que trocávamos olhares. Eu não estava recriando. Ele não estava fingindo.

E se eu consegui sentir tal mudança, ele também conseguiu.

— Desculpe — ele falou olhando dentro dos meus olhos, com calma. Nós dois estávamos tão emocionados, que acabamos tocando no assunto que eu mais evitava. Apesar de difícil de engolir, foi de extrema importância. — Desculpe por tudo que te fiz passar. Por todos esses anos em que teve que criar os dois sozinha. Por ter agido como um canalha naquela maldita festa.

Fiquei imóvel, sem falar nada. Trazer esse assunto à tona nunca era uma boa ideia. Sempre me deixava com as emoções à flor da pele... só que se existisse um dia em que falar às claras sobre o estupro poderia não me deixar alterada, seria hoje. Logo após ter tido uma excelente notícia. Afinal, o que era o meu passado perto da vida do meu filho? Apenas isso: passado.

Caminhei para dentro da sala e me sentei no sofá. Danilo me seguiu após fechar a porta com o trinco.

— Eu gostava de você. Não só como amiga. Tinha algo mais e coloquei na minha cabeça que você também se sentia assim.

— Isso não justifica — retruquei.

— Sei que não. — Respirou fundo. — Nat, eu me senti péssimo. Nada justifica meus atos. Nada. Mas você precisa saber que eu não te forcei. Eu sabia que a bebida da festa tinha sido alterada, sabia que estava com mais álcool do que deveria. Na casa da Marcinha isso era normal. Quando você me procurou dizendo que Elisa estava fora de si, pensei que poderíamos ter um momento sozinhos... Eu queria que você se soltasse, só isso. Então aproveitei o que pensei ter sido um momento em que você se permitiu... você se jogou nos meus braços, beijou meu pescoço... eu não aguentei.

— Não me joguei nos seus braços! Eu perdi a consciência corporal! — respondi, indignada.

— Eu sei... hoje eu sei... mas, naquele dia, eu não sabia. — Ele levou as mãos ao rosto como se estivesse sofrendo. — Se coloca no meu lugar, a garota de quem eu gostava às escondidas e que nunca tinha me dado bola, de repente, precisando de mim... correspondendo... — Arfou. — Só percebi que tinha algo muito errado quando estávamos no fim e você chamou pelo Igor. Foi devastador. Você transou comigo acreditando que eu era o Igor. Eu fiquei inconformado!

— Eu não correspondei, Danilo — argumentei, porém, continuei ouvindo. Por mais que não

fosse mudar o que eu sentia, era interessante saber o outro lado da história. Eu nunca tinha entendido o que levava o namorado da minha amiga a fazer aquilo comigo.

— Sei que não. Depois de levar você e a Elisa pra casa, voltei à casa da Marcinha. Eu precisava entender o que tinha acontecido. Precisava entender por que você me chamou de Igor! Não foi difícil. Assim que cheguei lá, encontrei com o Caio e ele estava se gabando por ter tirado a virgindade de uma garota sem consentimento. Joguei verde e ele contou que batizou uma garrafa de dois litros de guaraná. Tinha colocado bomba o suficiente para dopar umas dez garotas.

Abri a boca para comentar, mas não saiu nada. Seria possível que, após todos esses anos pensando no abuso que sofri, Danilo fosse tão vítima quanto eu? Continuei escutando, tentando entender tudo o que ele me falava, percebendo que ele poderia estar sendo honesto.

Minha cabeça estava dando um nó.

Todas as vezes que falamos sobre o passado foram em momentos conturbados. Eu não tinha dado abertura para que ele se explicasse. Para mim, era algo que não precisava de explicação. Lembrei-me de quando fui ao escritório, acusando-o da paternidade e exigindo uma postura, das discussões perto da Elisa, da conversa na frente dos meus filhos...

— Depois, quando você se afastou e parou de sair com a gente, me senti o pior homem do mundo. Eu não conseguia encarar o Igor, muito menos olhar para você. Tinha traído o meu melhor amigo da pior forma possível. Eu não sabia ao certo o que você recordava e rezava para que não se lembrasse de nada. Seria melhor assim. Se você falasse com alguém, eu estaria ferrado. — Parou para retomar o fôlego. — Minha consciência se tornou um inferno! Como conviver com o fato de ter transado com a namorada do meu amigo somente porque ela estava sob efeito de droga? Uma droga que eu nem sabia que estava naquela porcaria daquele refrigerante?

— Eu...

— Espera, eu preciso terminar. Por favor — ele pediu, me interrompendo.

Assenti e aguardei.

— Eu imaginei que você se recordava de alguma coisa quando terminou com o Igor. Fiquei esperando que me procurasse para tirar satisfação, o que você nunca fez. Pouco depois, você foi embora... sumiu do mapa. Elisa ficou inconsolada e Igor quase enlouqueceu, pensando que era culpa dele. Quanto a mim? Me senti aliviado. Eu gostava de você, mas não queria ter que enfrentar um problema dessa proporção. Não conseguia aceitar que tinha sido protagonista de um abuso. Era melhor pensar que você estava vivendo feliz bem longe daqui.

— Não sei o que dizer... — comentei incrédula.

— Não precisa dizer nada, só entender o meu lado. Ou tentar, pelo menos. — Ele me olhou intensamente. — O tempo passou, segui minha vida, casei com Elisa porque ela sempre foi uma garota legal e eu, de certa forma, a amo. Tudo ia bem até você voltar. Quando te vi aqui na porta fui pego totalmente desprevenido. Achei curioso você ter uma filha adolescente. Saber que meu *abuso* tinha gerado filhos foi uma tortura. Saber que você tinha consciência de tudo, que se lembrava de tudo, foi pior ainda. Me senti o pior espécime dos seres humanos. Ter que assumir um estupro e a realidade das consequências desse ato hediondo acabou comigo, Nat. Eu destruí a sua vida.

— Danilo, para.

— Não... eu sou um canalha que se impõe pra cima de uma garota dopada e a deixa grávida. Não tente me tranquilizar. — Bufou e olhou para mim. — Não sei como você conseguiu aceitar a gravidez.

— Eu quis morrer — desabafei, com lágrimas nos olhos. — Eu não queria ser mãe adolescente... saber que o pai era um estuprador...

Ele fechou os olhos com força.

— Nunca vou conseguir me desculpar da forma que você precisa, Natália. Na verdade, não espero que você me desculpe. Não mereço perdão.

Eu olhava para ele como se estivesse ouvindo que seres humanos começaram a conviver com extraterrestres. Era muito estranho e fazia sentido ao mesmo tempo. Dezesseis anos de acusação, de julgamento. Dezesseis anos de mágoa e ressentimento.

Não me iludi pelo cenário que ele descrevia agora. Sua versão não mudaria a forma como eu me senti esse tempo todo, eu continuava sendo uma vítima de estupro. Só que começava a entender que talvez ele também não tivesse controle da situação. Ele escolheu, sim, se deitar comigo, só que suas motivações não deviam ter sido tão ruins quanto eu imaginava.

Eu precisava de ar.

— Danilo, isso é... difícil de aceitar.

— Não estou te contando tudo com esperança de que o passado seja alterado. Eu sei o que fiz, Nat, e vou passar o resto dos dias me sentindo péssimo por ter feito você sofrer tanto. Só quero que você entenda que essa nunca, *nunca*, foi minha intenção.

— Não sei o que dizer... saber a verdade não altera o que aconteceu.

— Sim, eu sei. Passei esses dezesseis anos pensando na besteira que fiz. Nunca me esqueci, mas não importa, foi um ato covarde. Eu fui um covarde. Nada que eu diga irá amenizar o que aconteceu. Você tem todo o direito de me acusar.

— É difícil, Danilo. Eu entendo seu lado, mas... eu não esperava por isso...

— Só quero que você saiba que pode contar comigo. Sempre que precisar. E saiba também que eu quero ser pai, mesmo não merecendo a confiança de vocês.

Assenti, em silêncio.

— Principalmente agora. Quero acompanhar o transplante de perto. Não me prive disso — implorou.

Como estávamos sentados lado a lado, peguei a mão dele entre as minhas e olhei profundamente em seus olhos. Eles estavam marejados, indicando medo genuíno de se abrir e não ser aceito, como se fosse apenas um menino prestes a enfrentar o maior desafio de sua vida. Dei um sorriso por compaixão e falei o que pensava:

— Não posso prometer que vamos conviver como uma família feliz, mas podemos ver o que vai acontecer daqui pra frente. Essa é a única coisa que posso garantir.

— Obrigado — foi o que ele respondeu e, com um sorriso de aceitação, se levantou do sofá e caminhou até a porta.

Observei enquanto ele se retirava e minha consciência começou a corroer. Eu podia fazer mais, não queria por ser orgulhosa e assumia que não estava preparada para dar abertura para ele. Porém, compreendia que ele havia dado um passo enorme no que condizia ao relacionamento dele comigo e com meus filhos.

Levantei-me em um sobressalto e fui atrás dele. Eu podia fazer melhor que isso.

— Danilo, espera! Vou te acompanhar até o portão. — Ele parou com a mão na maçaneta e olhou para mim. Abri a porta e indiquei a saída. Descemos juntos a rampa de entrada do condomínio em silêncio. Quando estávamos quase lá, retomei a fala: — Acho que podemos tentar ser amigos. Não sei se a Mari e o Gui vão se interessar em ouvir o seu lado da história, mas acho que seria um bom começo. É bom que eles saibam que têm um pai com consciência.

Ele sorriu, deixando todos os dentes alinhados à mostra.

— Obrigado. Juro que farei de tudo para me redimir do que fiz no passado.

Eu estava me despedindo dele com um abraço amigável, quando ouvi um carro encostando ali perto. Claro que era o Igor, trazendo meus filhos da escola. Evidente que a última pessoa que deveria me ver em uma situação estranha com o Danilo estava ali, a meros metros de distância. Murphy realmente me odiava.

Mariana e Guilherme desceram do carro me olhando com uma expressão confusa no rosto. Não era todo dia que você flagrava sua mãe aos abraços com o seu pai na porta de casa, ainda mais um pai com o histórico que tínhamos.

— Vou indo, desculpa por... — Danilo comentou e olhou para o Igor.

— Não é culpa sua. Obrigada por tudo. — Acenei e ele saiu, não sem antes cumprimentar os gêmeos, que o olhavam com certa desconfiança.

— Estão amiguinhos agora? — ironizou Gui quando se aproximou para me dar um beijo no rosto.

— Você não sabe da missa o terço — comentei baixinho com um sorriso enorme no rosto.

— Ihhh, prevejo problemas...

— Não! Nenhum problema! — comecei a me exaltar, sem conseguir me segurar para contar a novidade. A cena com o Danilo seria totalmente justificada quando eles ouvissem a notícia. — Na verdade, temos é que comemorar!

— Mãe, você tá estranha... — Mari disse ao passar por mim.

— Não estou, não! — Olhei para o Igor, que estava na porta do carro, observando tudo com atenção, e acenei para que ele se aproximasse. Ele me olhou de forma duvidosa, como se aquele momento não fosse o ideal, mas o encarei, implorando que viesse. — Vem logo! Tenho uma coisa pra contar!

Ele veio, com passos lentos, mas veio. Passei pelo portão e fiquei esperando que ele me seguisse. Os gêmeos já estavam no meio do caminho, subindo a rampa.

— Nat, não acho que seja uma boa ide...

— Larga mão de bobeira e vem! Tenho uma coisa pra contar e acho que você vai gostar de saber.

Ele confirmou com a cabeça e me seguiu até a porta da minha casa.

— Mãe, desembucha, o que aconteceu pra você agir assim? — Mari me olhava, curiosa.

— Recebi um telefonema hoje — comecei depois de confirmar que eles estavam sentados para ouvir. — Do REDOME.

— Ah, meu Deus! — Mari exclamou, levando a mão à boca.

— O que eles queriam? — Gui perguntou com esperança no olhar.

— O que eles queriam... — Fiz uma pausa para criar um clima de suspense antes de revelar. — Era avisar que encontraram um doador compatível!

— Jura? — ele perguntou.

— Ah, meu Deus! — Mari gritou novamente.

— Juro! Você vai fazer o transplante, filho. Vai poder se livrar dessa doença! — Ajoelhei em sua frente e segurei seus joelhos, olhando diretamente em seus olhos. — Nós vamos vencer essa batalha!

— Mãe! — Ele sorria como um bobo e, por mais que quisesse esconder a emoção, lágrimas apareceram e começaram a escorrer.

— Sim! Pode chorar, Gui! Você merece! — Ele me abraçou com força e começou a soluçar no meu ombro. Eu, como a boba emotiva que sempre fui, também chorei, encharcando sua camiseta de uniforme escolar.

Quando me afastei, olhei para a Mari, que também se debulhava em lágrimas. Ela não esperou nem um segundo e partiu para cima dele, tão emocionada quanto nós dois. Levantei-me e dei espaço para que eles se abraçassem e chorassem juntos. Era um alívio para a família toda.

— Que notícia maravilhosa!

Ouvi a voz grave às minhas costas e me lembrei de que Igor estava ali, presenciando a cena com um sorriso de megawatt. Limpei as lágrimas de qualquer jeito e fui até ele. Não era momento de me preocupar com a distância que ele nos impôs, então, sem pensar, me joguei em seus braços, afundando o rosto em seu peito.

— É a melhor notícia que já recebi na vida! Ah, Igor, você não sabe como... — Parei antes que pudesse falar algo que não devia, tipo, me declarar eternamente e fazer papel de boba.

— Eu sei, sim — ele me confortou, passando as mãos carinhosamente pelas minhas costas.

— E quem é o doador? O Danilo? — indagou Mari quando se desvinculou do Guilherme.

Poderia ter sido impressão minha, porém senti o corpo do Igor ficar imóvel por um segundo. Ignorei o pressentimento, estava tão mexida que com certeza era coisa da minha cabeça.

— Não, não sei quem é. E pra que precisamos saber? O que importa é que o Gui tem uma chance, e sempre serei grata a quem nos ajudou, mesmo sem saber quem foi!

Concluí a frase pensando que queria ficar daquele jeito para sempre. Nos braços do Igor e olhando para meus filhos com esperança no olhar, mesmo que isso fosse apenas um sonho.

CAPÍTULO 20

— Por isso que o Danilo estava aqui? — Igor questionou.

— Foi. Fiquei tão contente que abraçaria até o político mais corrupto do país! — respondi no impulso, sem pensar no que tinha acabado de proferir. — Quer dizer, não penso que ele seja corrupto, foi só uma metáfora...

Igor riu.

— Não precisa se explicar, eu entendi.

Fiquei observando seus olhos, absorta na profundidade e intensidade daquele poço de sedução infinito. Ele não desviou e permaneceu me fitando, como se estivesse aguardando que eu mudasse de assunto. Era como se ele esperasse que eu fosse me jogar em seus braços e implorar sua atenção. Percebendo que o clima pesou e que estávamos mudos como lápides, apenas nos encarando, meus filhos me salvaram antes que eu cometesse uma loucura.

— A gente devia fazer uma festa! — Mari comentou, animada.

— Argh, pra quê? — resmungou Gui.

— Pra comemorar! — ela continuou empolgada, batendo palmas. — A gente tem que fazer alguma coisa, mãe!

— É só uma medula! — Guilherme reclamou, mas percebi um sorriso teimoso se formando nos cantos da boca.

— Só uma medula? Até parece! — Mari o repreendeu e olhou para mim, com olhos pidões. — Mãe, por favor, a gente precisa comemorar! Deixa a gente fazer uma festa?

— A gente quem? Vocês dois? — Apontei para eles com o indicador, querendo passar bem longe de um bando de adolescentes.

— É! Vou chamar o pessoal da escola e...

— Ah, Mari, não sei. Não temos nada aqui em casa para servir e vocês sabem que estou sozinha com vocês. Hoje seu avô tem turno, não vai poder aju...

— Eu ajudo — Igor se prontificou, fazendo com que meus olhos se prendessem em seu rosto bem desenhado mais uma vez. Eu estava me tornando repetitiva. — Do que vocês precisam? Só tenho que almoçar antes, porque estou morrendo de fome. Depois, tenho a tarde e a noite livres.

Pisquei duas vezes para sair do transe e voltei a atenção para os gêmeos, me sentindo como se tivesse entrado com o pé direito em uma emboscada. Não que eu fosse contra festas, contudo, era tanta coisa para pensar... para resolver... e o mais importante, a empolgação era da Mariana, não do Gui, quem deveria querer comemorar.

— Mari, seu irmão aparenta não querer festa...

— Quem disse que não? — Gui me interrompeu, forçando um sorriso enorme. — Que horas começa? — falou, pegando o celular no bolso e começando a digitar.

— Vocês querem mesmo uma festa? Aqui em casa? — tentei mais uma vez. Quem sabe eles mudassem de ideia? Não custava tentar.

— Calma, Nat, posso ajudar, sério — Igor interveio.

Eu me sentia encurralada, só que no bom sentido. Levantei as mãos, me rendendo aos três.

— Tá bom, tá bom! Podem chamar alguns amigos então.

— Uhulll! — Quantos?

— No máximo dez.

— Só isso? Minha medula merece mais, mãe! Trinta?

— Chantagista! Quinze.

— Trinta...?

— Doze.

— Ah, mãe! — Mari entrou no meio. — Vinte...

— Tá bom! — concordei bufando. — Só não quero que saia do controle!

— Isso! — Gui se levantou do sofá e veio até mim, dando um abraço rápido.

Observei, sorrindo, os dois caminhando até a cozinha. Eles conversavam sobre quem seria convidado. Ainda bem que estudavam na mesma sala e tinham os mesmos amigos, senão eu estaria lascada!

— Você é uma boa mãe.

Olhei para o Igor e revirei os olhos ao vê-lo encostado na parede com as mãos no bolso. Meu coração dava pulinhos de alegria por perceber que ele estava tão confortável dentro da minha casa. Eu queria muito ter a liberdade de me aproximar dele e demonstrar o que sentia sem criar um abismo de estranheza entre a gente.

— Tento ser... — respondi para aquela voz aveludada que acariciava meus ouvidos e logo balancei a cabeça, afastando o pensamento. Aquela não era a hora de me distrair com veludo ou carícias... — Quero ver você comentar isso mais tarde, quando eu tiver que colocar todo mundo pra correr... — Ele caiu na risada e se desencostou da parede, dando a entender que já estava de saída. — Eu te convidaria para almoçar aqui, mas fui pega desprevenida com essa história toda.

— Fica tranquila. Vou pra casa e volto daqui a uma meia hora, pode ser?

Se podia ser?

Eu estava eufórica, querendo sair saltitando como uma criança em um pula-pula de tanta felicidade dentro de mim. Primeiro a ligação do REDOME, agora, Igor passaria a tarde comigo, cuidando de uma turma de adolescentes. Tudo parecia se encaixar. Era difícil me convencer de que a festa não seria um encontro, o que eu tentava explicar miseravelmente para meu coração esperançoso.

— Nat?

— Ah, sim, pode! Claro que pode!

Óbvio que pode, evidente que pode, certeza que pode, lógico que pode... E aqui estou eu, agindo como uma adolescente de novo. Droga!

E ele percebeu. O sorriso malandro no rosto denunciava. Ótimo, eu fazia papel de idiota na frente do Igor novamente. Maldição! Por que eu tinha que me sentir assim quando estava perto dele? Não era racional!

— Tá legal... eu vou...

— Tá bom.

— E volto...

— Tá certo.

Ele oscilou um pouco, como se tivesse a intenção de me abraçar antes de sair, porém não o fez. Fiquei na porta, olhando suas costas e passadas largas pela calçada do condomínio.

Quando entrei, não me contive, dei uns pulinhos e fiz uma dancinha, rebolando o quadril, não conseguindo mascarar a felicidade. E foi nesse exato momento que vi meus dois filhos parados na mesa da cozinha, olhando fixamente para mim. Eles sorriam descaradamente da minha dancinha improvisada. Arrumei a postura e fingi que nada acontecia.

— Do que vocês estão rindo?

— Nada.

— Podem tirar esse sorriso do rosto então! — comentei entrando na cozinha, seguindo direto para a geladeira. Não sabia por que cargas d'água minha garganta estava tão seca.

— Você viu como ela tá vermelha? — Gui cochichou.

— Vermelha? E a dança da minhoca que ela acabou de fazer?

— Ei! Não fiz nenhuma dança da minhoca! — Virei-me para encará-los e os flagrei rindo descaradamente. — Seus...

— Relaxa, mãe. — Gui levantou e veio até mim, deu um tapinha no meu ombro, como se estivesse me consolando, e soltou: — Não vamos contar pra ninguém que você arrasta um caminhão pelo professor.

— O quê?! Guilherme! — repreendi enquanto Mariana piscou para mim, empurrou a cadeira e saiu atrás dele. — Eu não arrasto nada pelo professor... Voltem já aqui!

— Aham... — Escutei minha filha de longe. — Só tá caidinha por ele...

Bufei. Não ia adiantar falar com eles. Até porque, lá no fundo, bem lá no fundinho mesmo, eles tinham razão.

Olhei para a mesa e vi que deixaram a louça suja onde estava.

— E podem voltar pra cá que a louça não se lava sozinha! — gritei. Eu tinha que sair por cima de alguma forma.

— Ah, mãe! Quebra essa pra gente?

— Mais essa? Já quebrei muita coisa pra vocês hoje!

— Pra gente, não, só que quebrou o pescoço olhando para o traseiro do Igor...

— Guilherme! — gritei sorrindo e, em vão, já que, em segundos, a casa foi tomada por música sertaneja no volume máximo.

Sertanejo?

Sério que era isso que iriam ouvir o dia todo?

Eu estava errada. Muito errada! Sertanejo era ótimo comparado ao funk que ouviam agora. A casa estava lotada de adolescentes. Eu não tinha certeza, mas pelas minhas contas, eles deviam ter convidado o dobro do combinado.

— Acho que eles não levaram muito a sério “*apenas* vinte amigos”. Parece que estou vendo a turma inteira do ensino médio dentro da sua casa! — Igor gritou ao meu lado enquanto me ajudava a montar os mini cachorros-quentes.

Por causa da muvuca e do vai-e-vem de gente entre os cômodos, eu estava meio desatenta e fazia a maior bagunça com o molho. Perdi a conta de quantas salsichas já tinha deixado escorregar e cair, só porque tentava prestar atenção nos adolescentes, na comida e em quem chegava perto das garrafas de refrigerante. Minha obsessão por olhar as bebidas e o que eles faziam com elas estava beirando o ridículo. Eu sabia que eles não tinham nada a ver com o fato de eu ter caído em um “truque” e ter sido dopada uma vez, entretanto, como mãe e responsável, me preocupava com a possibilidade de alguém ter a mesma ideia idiota.

Tirando tudo isso, ainda havia a presença do deus grego ao meu lado, o que piorava, e muito, o meu estado de nervos. Suspirei profundamente e peguei mais uma salsicha no panelão.

— Você acha? Deus, e essa música infernal? De onde eles tiram isso?

Igor caiu na risada.

— Você não tem escutado rádio ultimamente, tem?

— Bem capaz! — respondi, colocando o lanche no prato descartável. — Toca isso nas rádios? — indaguei, preocupada com os ouvidos da população. Ele assentiu e retorqui com uma cara de nojo. — A nossa época foi bem melhor!

— Não tenho dúvida — comentou com uma intensidade que eu não previa.

Notei que ele havia parado de se mover e levantei os olhos. Ele olhava para mim com a mesma profundidade que senti em sua voz. E eu estava coberta de molho. Fiquei roxa de vergonha e voltei a mexer nos pães, mesmo sem saber direito o que precisava fazer com meus dedos. O que era mesmo?

Ainda sem comentar nada, Igor levou a mão para dentro do saco de papel e esbarrou na minha sem querer. Ou eu achava que foi sem querer. Mas essa não era a questão, o que importava era que meu corpo pareceu ter recebido uma descarga elétrica daquelas. Tudo acelerou, ficando sensível e sobrecarregado. Principalmente a temperatura da cozinha. Alguém poderia, por favor, desligar o forno?

— Quando imaginei nossa tarde juntos, não pensei que seria assim...

— O-oi? — O que ele queria dizer com isso?

— Pensei que seria mais chata.

— Ah...

Enquanto ele imaginava que seria chata, não chegou nem perto de como eu tinha pensado que seria uma tarde junto dele, o que envolveria mais mãos e corpo do que eu jamais assumiria... mas não ser chato já era um começo. Não era?

Peguei a bandeja e segui para a sala, onde a maioria dos amigos dos gêmeos estava. Coloquei-a em cima da mesa de centro e voltei com passos de tartaruga, com a intenção de observar de perto como o novo círculo social dos meus filhos se comportava. Eu queria muito entender como se fazia amizade tão rápido! Talvez a idade ajudasse.

Vi que Gui estava distraído, conversando com uma garota negra de cabelos crespos e levemente dourados. Ela tinha os olhos cor de mel bastante expressivos, que combinavam em perfeita sintonia com o sorriso em seu rosto. Eles eram velhos conhecidos meus, muito parecidos com o olhar que eu mesma exibia na presença do Igor. Eu esperava que meu filho se atentasse para o fato de que aquele olhar era mais do que especial e que fosse capaz de valorizá-lo.

Procurei pela Mari e a encontrei no outro canto da sala, conversando animadamente com uma turma de garotas. Ela pensava que enganava alguém, entretanto os olhares furtivos que lançava a um grupo de garotos entregava onde estavam seus pensamentos. Só não consegui identificar qual deles era o alvo. Talvez, se eu ficasse mais um pouco ali, olhando, conseguiria...

— Nat, o que você tá fazendo? — Ouvi Igor perto de mim. Bem perto de mim. — Deixa seus filhos se divertirem! — falou às minhas costas.

Virei meu corpo, que ainda estava encostado na moldura da porta, e me deparei com ele a meros centímetros de distância, segurando duas garrafas de refrigerante e olhando para mim de forma engraçada.

— Estou deixando — eu me defendi. — Eles precisam de...

— Eles não precisam de nada. — Ele riu, o que fez com que seus olhos brilhassem, me lembrando do quanto ele ficava lindo quando estava radiante. O contorno de sua boca apenas atiçava minha vontade de me aproximar e aproveitar o momento. Dei um passo para frente, diminuindo o espaço entre nós, e percebi que eu estava prestes a beijá-lo ali mesmo, na minha cozinha bagunçada, cercada por adolescentes.

Tratei de recuperar o meu bom senso. Levei alguns segundos para me convencer de que era uma péssima ideia.

Amigos, Natália, vocês são apenas amigos. Ele está aqui para te ajudar em uma situação única, e não para fazer parte da sua família ou se tornar seu amante.

Assim que tal pensamento invadiu minha mente, fechei a cara, desviei daquele ser espetacular de 1,80 m e entrei marchando pela cozinha. Vi pelo canto de olho que ele meneou a cabeça e

saiu para levar os refrigerantes. E, claro, isso me lembrou de que eu tinha que ficar de olho nas garrafas. Voltei para a porta e observei quem estava próximo às bebidas. Parecia tudo normal. Nesse meio tempo, Igor retornou e me encontrou novamente parada como uma alcoviteira.

Levantei as mãos em minha defesa.

— Não estou vigiando, juro!

— Não é o que parece. Você não consegue relaxar? Fica espiando os garotos a cada cinco minutos. — Igor ergueu as sobrancelhas.

Se eu não conseguia relaxar? Evidente que não. Voltei minha atenção para a mesa e ele me seguiu. Quando estávamos novamente com as mãos na massa, achei que precisava justificar meu comportamento obsessivo.

— Não é que eu não consiga ficar tranquila. Estou só conferindo se ninguém vai colocar algo nas bebidas e... — Fechei a boca na hora. Eu e minha língua solta! Quase falei mais do que devia.

Igor parou o que estava fazendo e se virou para mim, cruzando os braços em frente ao corpo.

— E por qual razão eles colocariam algo na bebida?

— Ah, Igor, você sabe... são adolescentes, não pensam direito nas coisas — tentei me esquivar.

— Não, você não está sendo sincera comigo.

— Imagina! Não é isso, é que... — Encarei seus olhos, implorando por compreensão. — Lembra das festas da Marcinha? Sempre batizavam os refrigerantes.

Ele me analisou por um minuto e desistiu de questionar.

Suspirei, aliviada, mas ao mesmo tempo decepcionada por ele ter desistido tão rápido. O tumulto em minha cabeça não conseguia definir o que queria. Tinha hora que dava vontade de falar tudo, de me abrir como eu nunca havia feito e despejar todo o meu sofrimento e minha mágoa do que aconteceu quando éramos novos. Só que esses rompantes duravam pouco e logo eu recuperava a consciência e me lembrava de como deixar tudo às claras seria uma péssima ideia.

Voltamos para os lanches sem trocar mais uma palavra. Provavelmente, e com razão, ele devia ter ficado chateado comigo. Eu queria me chacoalhar e parar de ser tão evasiva na presença dele. Queria poder fazer as coisas de forma diferente e me arriscar mais. Era complicado, parecia que eu deixei parte de mim lá atrás e não existia meio de recuperar. A Natália aventureira e corajosa morreu há anos. Em seu lugar ficou um prospecto do que eu era no passado. Evidente que essas mudanças não estavam previstas, porém aconteceram, e eu não poderia ignorar.

Isso fez com que eu voltasse a pensar na conversa com o Danilo. O que ele me falou era o que eu menos esperava ouvir saindo da boca dele. Uma paixão não correspondida que culminou em um abuso não compreendido. Eu entendia o que ele quis me dizer, acreditava, em partes, em sua inocência. Só que ainda era muito cedo para saber se eu seria capaz de desculpá-lo. A dimensão dos danos causados pela “confusão” que o abuso teve em minha vida era muito ampla para ser esquecida e perdoada após uma conversa.

Eu odiava me lembrar daquele dia, no entanto, sempre achei estranha a forma como ele agiu. As poucas partes que minha consciência permitia que eu recordasse eram marcadas por carinho e veneração. Isso sempre deu um nó na minha cabeça. Estupro e carinho não cabiam na mesma frase! E agora... encaixava perfeitamente com a versão dele dos fatos. Para ele não foi um estupro. Para ele não foi um abuso.

É.

E quanto a mim?

Para mim, foi.

Fui eu quem teve o corpo violado, manuseado, agredido e invadido. Eu que fui corrompida fisicamente e destruída ao me lembrar do rosto dele em cima de mim. Eu que senti o mal-estar e tive que modificar o curso da minha vida para lidar com as consequências das escolhas dele. Eu não tive escolha. Não tive voz. Fiz parte de uma fantasia da imaginação dele e paguei muito alto por isso. Não foi ele que teve que abrir mão da sua vida, se mudar de cidade, enfrentar uma gravidez na adolescência — uma gravidez de gêmeos —, e criar responsabilidade muito antes do previsto para lidar com todas as consequências.

Isso sobrou para mim.

Não.

Eu não tinha capacidade de perdoá-lo. Pode me considerar imatura, mas essa boa ação não estava nos meus planos.

Limpei o canto do olho com o dorso da mão, evitando que me sujasse ainda mais de molho, e o gesto chamou a atenção do Igor.

Droga.

— Nat? O que foi?

Fechei os olhos com força e respirei o mais profundamente possível.

— Nada — neguei com o olhar fixo na panela à minha frente.

— Olha pra mim.

— Melhor não. Temos muitos lanches para fazer ainda. Esses adolescentes comem como uma manada de elefantes! — mudei de assunto.

— Por que você não se abre comigo? — ele falou ao meu lado, com a voz carinhosa, sem um pinga de agressividade. Devia ter percebido o quanto eu estava sensibilizada.

— Não posso — expliquei pela vigésima vez. Ele devia me achar uma idiota por me privar de esclarecer tudo.

— Sabe de uma coisa? — acrescentou enquanto mexia com os pães. — Quando voltou pra Poços, eu não queria me envolver por acreditar que você não valia nada. Só que parece que estava enganado. Esse tempo que estamos passando juntos só prova que você ainda é a mesma garota que conheci anos atrás. Só precisa de um ombro amigo para desabafar, poder colocar tudo para fora, sem medo. Porque, obviamente, está passando por um momento muito delicado. — Vi que suas mãos ficaram imóveis e olhei para cima, me deparando com um olhar sincero e um rosto marcado por preocupação. — Não sei se é somente por causa do estado de saúde do Guilherme, mas sei que posso ser esse amigo. Gostaria muito de fazer esse papel, se permitir.

Nesse momento, ao processar o que ele dizia, meus olhos lacrimejaram como torneiras abertas. Sem pensar duas vezes, e com as mãos lambuzadas de molho de tomate, me lancei ao seu encontro e ataquei sua boca sem me importar com mais nada.

CAPÍTULO 21

Palmas.

Em um mundo muito distante eu ouvia palmas. E alguns assovios.

— Uhulll! — alguém gritou ao longe.

— Olha só, o professor mandou bem!

Oh-ou!

Igor se afastou de mim ao ouvir as exclamações de seus alunos. Droga! Onde eu estava com a cabeça? Beijar o Igor desse jeito, sem me importar com os trezentos adolescentes ao meu redor. E pior, alunos dele! Ai, que vergonha!

Olhei para ele em súplica, esperando que me desculpasse e compreendesse. Eu havia sido assolada por um sentimento que não fui capaz de conter e fiz com que ele fizesse papel de ridículo. Igor engoliu em seco e arfou, piscando algumas vezes.

— Podem parar com a gracinha! — falou para os jovens que estavam mais próximos à cozinha. — Nunca viram ninguém beijar, não?

As risadinhas só aumentaram após seu comentário infeliz.

— Acho que eles estão preocupados porque não beijaram ainda... — falei baixinho, mas alto o suficiente para que me ouvissem.

Ouvi um muxoxo generalizado e aos poucos o foco se desviou de nós dois. Ainda bem.

— Desculpa. Não queria te envergonhar na frente deles.

Ele torceu os lábios e assentiu, sem emitir uma palavra sequer. E era exatamente isso que eu merecia: silêncio. Para aprender a não me deixar levar por emoções e hormônios indevidos. Respirei fundo e virei o corpo para retomar o preparo dos lanches.

Passamos um bom tempo dessa forma, um ajudando o outro a servir e a montar as bandejas, até que uma visita inusitada se anunciou na cozinha, interrompendo nosso trabalho em equipe.

— Vocês formam um casal lindo sujos de molho. E pensar que aparentemente não fui convidada para a festa do ano! — Larissa entrou no cômodo carregando um pacote pardo gigantesco. — Mas não se preocupem, fiquei sabendo que estavam em apuros e vim ajudar. — Piscou, apoiou o embrulho em cima da pia e começou a retirar de lá diversas embalagens de batata chips.

— Larissa.

— Oi, Igor.

Levantei as mãos e me aproximei dela, dando um leve beijo em seu rosto.

— Como você soube?

— Cansei de te enviar mensagens e não ter retorno. Já estava ficando irritada! Você me manda aquela notícia bombástica sobre o Gui e some do radar! — reclamou e começou a fuçar os meus armários até encontrar umas vasilhas de alumínio. — Aqui! Isso serve.

— Lari! Fiquei tão eufórica que me esqueci completamente do celular! — Lavei as mãos e observei enquanto ela distribuía porções de batatinhas entre os recipientes.

— Não esquentar! Sorte que seu pai me viu na porta de casa e soltou que estava preocupado com você dar uma festa sem ajuda. Por isso estou aqui. — Ela sorriu ao olhar para mim e depois para o Igor. — Mas vejo que não sou tão necessária assim. — Piscou e saiu andando, carregando duas vasilhas.

Rapidamente, ela foi até a sala e voltou com os braços vazios.

— Menina, como eles comem! Mal coloquei na mesa e já atacaram!

Comecei a rir.

— Espera até a Clarinha crescer pra você ver! Comem o que veem na frente — Igor comentou.

— Mas me conta! Como você está? — Lari se encostou na mesa, cruzou os braços e esperou.

— Nas nuvens. A possibilidade de conseguir um doador era tão escassa que após a notícia permiti até que fizessem uma festa — constatei o óbvio.

— Fiquei muito feliz por vocês. Não consigo imaginar o que passaram sozinhos. Ainda bem que voltaram pra cá, onde são muito amados por todos. Não é mesmo, Igor? — Ela olhou para ele, com a intenção de incluí-lo na conversa.

— O quê? — Ele olhou para cima, nitidamente distraído com alguma coisa.

— Não foi uma excelente ideia a Nat voltar pra cá e ficar perto de pessoas que a amam? — Larissa exagerou um pouco ao falar “a amam” e fuzilei minha amiga com o olhar.

Igor pigarreou.

— Humm, é claro! Ficar perto da família é essencial num momento desses.

— Ai, Igor! Não estou falando em família, mas, sim, das pessoas mais próximas! Eu, o pai das crianças, você... — Ele fechou a boca e, infelizmente, ficou ouvindo a Lari tagarelar. — E por falar no pai deles, cadê o Danilo? Ele devia estar aqui comemorando e ajudando vocês, não devia?

Olhei de relance para o Igor antes de responder à Larissa.

— Ele passou aqui mais cedo, assim que ficou sabendo sobre a disponibilidade do doador. — Ela mantinha as sobrancelhas bem arqueadas, aguardando uma justificativa. Que situação mais inconveniente. Como explicar sem revelar muita coisa que ele não era tão bem-vindo em minha casa? — Ficou feliz com a novidade.

— Mas não o suficiente para comemorar com vocês?

Limpei a garganta.

— Ele não foi convidado...

Larissa franziu a testa, ponderando essa informação.

— Vocês ainda não se resolveram?

— Com licença. — Igor jogou o pano de prato manchado em cima da mesa e começou a se retirar da cozinha.

— Igor! — tentei intervir, mas não fui ágil o bastante. Fiquei estacada, observando enquanto ele se afastava.

Evidente que a fala da Lari foi interpretada da forma errada. “Vocês ainda não se resolveram” foi uma escolha específica de palavras. Eu não queria pensar que ela pudesse ter a intenção de atrapalhar minha interação com seu ex, entretanto, será que era esse o caso? Será que Larissa ficou ressentida por saber que nós tínhamos algo e que ela não fazia parte? Por mais que eu pensasse que não, que por ela estava tudo bem, podia ser que não fosse tão simples quanto imaginei.

— Merda! Desculpa, Nat. Não tive a intenção. Você sabe que sou super a favor de você e o Igor ficarem juntos. Só que pensei que estava tudo bem entre vocês três. Afinal, terão que conviver de forma pacífica, não? Ele é o pai dos seus filhos.

— Não sei direito, Lari. Eu e Danilo temos uma história traumática demais para ficarmos bem tão cedo. Já o Igor, ficou na cara que não aceita a paternidade dos gêmeos. Acho que essa sua ideia de paz entre nós três está muito longe da realidade. Isso se um dia acontecer realmente.

— Mas achei que você e o Igor estavam juntos.

— Não. Somos apenas amigos.

Ela me observou por um tempo antes de continuar.

— Se é o que você pensa...

— Não é o que eu penso, é o que é real. Eu queria mais, só que preciso da compreensão dele antes disso. Não quero me arriscar de forma impulsiva, me envolver e me arrepender. Enquanto não chegamos a um acordo, vamos levando o barco. — Sequei as mãos com um pano limpo e achei que esse era um bom momento para me abstrair, aproveitando que minha amiga estava ali para ajudar. — Você pode ficar aqui um pouco? Vou dar uma olhada no que acontece por aí.

— Sem problemas! Aproveita e procure o Igor. Traga-o arrastado de volta pra cá, se for preciso!

Assenti, sorrindo, e saí pela sala, mais uma vez entre os adolescentes, que agora me olhavam com curiosidade e tentavam dar risadinhas discretas. A fofoca sobre o beijo devia ter corrido rápido. Andei entre eles e vi meus filhos em um grupo de amigos. Que bom que eles conseguiam se distrair.

Não demorou muito para que eu encontrasse o Igor. Ele conversava com alguns alunos e parecia não estar tão afetado assim pelos acontecimentos da cozinha. Fiz sinal para que ele voltasse quando pudesse e caminhei até o fogão, tratando de me ocupar com alguma coisa. Alguém precisava ferver o molho com as salsichas.

Passamos o restante da tarde e boa parte da noite cuidando dos jovens convidados. Eram quase 21h quando o último foi embora. Estávamos em cinco, então a organização da casa não foi tão difícil e demorada, como eu temia. Em meia hora, tudo estava limpo e no lugar. Agradei à Larissa e ao Igor infinitas vezes. Sozinha eu levaria horas para organizar tudo, provavelmente terminaria só no dia seguinte. Com tudo arrumado, eles se despediram e se foram. Tirando o beijo e o momento delicado com a Lari, não aconteceu mais nenhum desastre no tempo em que ficamos juntos. Graças aos céus.

Antes de ir, Igor não falou no beijo nem no ocorrido com a Lari, para minha tristeza e alívio. Eu queria conversar e esclarecer o mal-entendido das palavras dela, mas ao mesmo tempo sentia que seria mais uma conversa que não chegaria em lugar nenhum. Eu começava a acreditar que nunca conseguiríamos ficar juntos se houvesse algum segredo entre nós. E não se tratava de qualquer segredo, era *o senhor* dos segredos. Suspirei e resolvi deixar para lá. De que adiantava ficar queimando neurônios quando não existia jeito de resolver esse rolo?

Subi as escadas arrastando os pés pelos degraus e apoiando boa parte do meu peso no corrimão. Estava morta de cansaço por passar o dia em pé e precisava com urgência de um bom banho, daqueles que eram capazes de lavar até a alma! Vi o Gui e a Mari jogados em cima da minha cama, ambos tão cansados quanto eu.

— Ei, mãe! — Mari me chamou.

— Diga — falei seguindo rumo ao guarda-roupa.

— Obrigada por hoje.

— É, foi ótimo. Eu precisava disso — Gui acrescentou.

— Que bom que deu tudo certo — comentei.

— Ainda bem que o professor veio ajudar. E aquela sua amiga, vizinha do vovô.

— Sim. Foi muita sorte — respondi em meio a um bocejo exagerado. — Não durmam sem tomar banho — avisei antes de me retirar para o banheiro. Eu amava falar com eles, mas estava quase morrendo de exaustão. — Boa noite.

— Boa noite, mãe! — Mari retorquiu.

— Te amo! — Gui completou.

Entrei embaixo do chuveiro pensando na vida. Por isso valia a pena ter passado por tudo que passei. Pelo amor incondicional que era demonstrado nas piores horas ou nos momentos que

sabíamos valorizar. Acordei pensando que hoje seria um dia normal, com escola, preocupação com a saúde do Guilherme, trabalho e tempo com meus filhos à noite. Acabou sendo totalmente diferente do previsto, com direito a festa, beijo e desconforto. E existia coisa melhor que isso? Não. Não existia. Fui deitar sem me preocupar com cabelo úmido e desmaiei assim que encostei a cabeça no travesseiro.

— Mãe? — Senti um empurrão no ombro. — Mãe?

— Hummm... — resmunguei, sem querer me virar e com muita dificuldade de abrir os olhos. Que horas eram?

— Conseguiu acordá-la? — disse uma voz distante.

— Ainda não. Está acabada. Não acorda de jeito nenhum! — retorquiu outra voz mais próxima.

— Mãe, estamos saindo. Você perdeu a hora.

— O-oi? — consegui responder. — Que horas são?

— Quase sete. O Igor já está vindo nos buscar.

A menção do nome dele soou como um alarme em meus ouvidos. Sentei na cama e olhei ao redor. O sol brilhava entre os vãos da veneziana. Eles tinham razão, perdi a hora. Não que eu precisasse estar acordada para que eles saíssem, mas eu sempre acompanhei. Isso era inédito.

— Acha que ela tá grávida? — perguntou Gui, ao lado da porta.

— Será? — ponderou Mari antes que eu pudesse responder. Meus neurônios estavam mais lentos que o normal.

— Que grávida! Enlouqueceram? — respondi limpando os olhos.

— Sei não. Dizem que os primeiros meses de gravidez dão muito sono — Gui continuou com o discurso insano.

— É, só que estão se esquecendo de algo essencial. Para estar grávida, eu precisaria de um homem. Estão vendo algum aqui? — Apontei para a cama e me levantei.

— Humm... não, mas depois do beijo pornográfico em plena cozinha ontem... — Mari repreendeu.

— Na frente de todo mundo... — Gui instigou.

— Argh! Vocês não vão me deixar esquecer disso, né? — falei, indo em direção ao banheiro.

— Hum-hum. — Mari balançou a cabeça em negativa. — Foi tão romântico.

— Romântico? Eles precisavam de um quarto, isso sim. Cara, que vergonha. Minha mãe e meu professor se agarrando na cozinha — emendou Gui.

— Como vocês são dramáticos! — gritei através das paredes azulejadas. — Foi só um beijinho rápido. Vocês, adolescentes, têm o talento de aumentar tudo! — reclamei e encarei o espelho compenetrada.

— Tamo indo, mãe!

— Até mais tarde!

Escutei os gritos e os passos se afastando do meu quarto. Lavei o rosto, amarrei o cabelo que estava um caos absoluto e saí à procura de uma roupa decente. Eu tinha muita coisa para fazer hoje, a começar com os preparativos do Gui para o transplante. Ainda era muito cedo para entrar em contato com o médico dele, então dedicaria umas duas horas para colocar em dia o trabalho de mídia do supermercado. Havia deixado alguns *banners* para serem finalizados ontem à tarde, o que obviamente atrasou.

Antes de descer e tomar o café da manhã, procurei meu celular por toda parte. Onde será que eu tinha deixado? Não estava em nenhum lugar. Avistei minha bolsa socada dentro do guarda-roupa e resolvi tentar a sorte. Bingo! Peguei o aparelho e desbloqueei. Ainda tinha bateria, por

incrível que pareça! Em uma questão de segundos, fui bombardeada por quinhentas mensagens e algumas ligações perdidas. Consequência de ficar sem o celular por uma tarde toda! Passei o olho pelas mensagens da Lari, porque já sabia o conteúdo, respondi às do meu pai e dos meus tios. Enviei um texto bonitinho, agradecendo a ajuda do Igor e da Lari, ambas iguais, para não dar a entender algo que não devia. Feito isso, chequei meu *e-mail* ao descer as escadas, separando o que era útil e o que se tratava de lixo eletrônico.

Quando descia o último degrau, vi uma notificação vermelha em cima do aplicativo da agência bancária. Eu já havia recebido salário esse mês e não tinha nada para ser creditado. Estranho. Acessei o aplicativo e aguardei carregar as informações de movimentação na conta corrente. Quase deixei o celular cair ao ver o saldo disponível.

Não.

Aquilo não era possível. Havia quinhentos mil reais a mais no meu extrato. Quinhentos mil reais! Encarei o número exorbitante que olhava para mim da tela do celular e dava risada da minha expressão assustada. *Como assim?* Isso estava errado. Completamente errado! Entrei na última movimentação para averiguar se eu estava enganada e levei mais um susto. O depósito foi nominal. Feito por...

Isso era um absurdo!

Quem o Danilo pensava que era para depositar essa fortuna na minha conta?! Era ridículo! E totalmente desnecessário!

Fui até a cozinha, batendo os pés com tanta força que o barulho podia ser ouvido lá da rua. Se ele achava que iria me comprar, estava muito enganado! Quem ele pensava que eu era? Uma aproveitadora qualquer que estava atrás da fortuna da família dele? Isso não iria ficar assim!

Arrumei o café e me sentei para o desjejum. Danilo maldito! Eu já tinha o suficiente para me preocupar e ele me vinha com essa! Nunca pedi ajuda dele! Nunca precisei de sua ajuda financeira!

Dei uma mordida no pão, arregaçando o coitado do alimento que não tinha culpa nenhuma da minha raiva fervilhante. Ele ia ver só! Eu teria que perder parte da minha preciosa manhã para tirar satisfações, mas faria isso com vontade. Precisava colocar alguns pingos nos is, ou não me chamava Natália!

Tomei o café de uma vez só, quase engasgando com o líquido quente, quando um pensamento passou por minha cabeça. E se esse dinheiro fosse repassado para meus filhos? Duzentos e cinquenta mil para cada um estaria de bom tamanho e daria para bancar a faculdade dos dois. Sorri com minha ideia genial. Eu iria descer, passar no escritório do vereador dos infernos para tirar satisfação e depois iria ao banco abrir uma conta-poupança para cada um dos meus filhos.

Isso!

Não tiraria um centavo do que pertencia a eles.

Danilo que me aguardasse, porque ele iria ouvir!

Ah, se iria!

CAPÍTULO 22

“Querido Diário,

Você não vai acreditar em quem foi na festa da Marcinha! O Igor!

E sabe o que mais? Ele falou comigo!

E...

Me convidou pra sair com ele! Ahhhhhhhh!!!!

Eu vou morrer! Fiquei tão feliz, mas tão feliz, que...”

— Elisa! — Coloquei correndo a mão em cima da agenda para tampar o que eu escrevia dos olhos curiosos da minha amiga.

— Ah, relaxa, Nat! Já sei tudo o que você vai escrever! Igor é lindo, Igor é demais, Igor isso, Igor aquilo... — Ela piscava rapidamente como uma tola apaixonada, ou melhor, imitando uma tola apaixonada. — Não tem nada aí que eu não saiba. Tem?

— Não é isso! É que um diário é algo pessoal! Eu não mexo no seu!

— Não mexe porque não tenho. E você sabe tudo sobre minha vida, não preciso esconder.

Fechei a agenda e virei a cadeira, já que não tinha privacidade para escrever as novidades. Elisa voltou para a cama e se jogou em cima dela.

— Eu não escondo nada de você. Você sabe disso.

— Viu? Então não precisa ficar brava.

Suspirei, desistindo de discutir.

— E o Danilo? Não vai me dizer que nada aconteceu porque eu vi quando vocês sumiram juntos.

— Mas nada aconteceu. — Ela sorriu.

— Ah, sim, nada. E esse sorrisinho bobo? Me conta!

— Não tem muito o que contar. A gente só deu uma volta no quintal.

— Aham, sei. Naquele quintal enorme e cheio de árvores? Ficaram só conversando?

Ela apoiou os cotovelos na cama e levantou a cabeça para olhar em meus olhos. Balançou a cabeça bem devagar.

— Ele disse que eu sou linda e que já tinha me visto na escola. — Arqueei as sobrancelhas e fiquei esperando mais. — Depois paramos entre os troncos das árvores e ele se aproximou bem devagar. — Levei o corpo para frente, totalmente compenetrada no seu relato. — Ele tirou uma mecha de cabelo do meu rosto e ajeitou atrás da minha orelha. Depois segurou minha cabeça com as duas mãos e...

— E...

— E nada, boba! — Começou a gargalhar. — Eu estou brincando! Esse lance da mecha de cabelo atrás da orelha li em um romance de banca, que por sinal você precisa ler. — Usou uma das mãos para se abanar.

Peguei minha borracha e joguei para cima dela, que continuou rindo.

— Você me pegou direitinho!

— Isso porque você sonha com contos de fadas! Danilo tem mais atitude que isso. Ele me empurrou na árvore e roubou um beijo bem descarado.

Encarei Elisa e deixei que minha boca pendesse.

— E você deixou?

— Claro que sim! Além de lindo, ele é super gente boa! Por que não deixaria? Aposto que se o Igor te empurrar em algum local você vai se derreter que nem manteiga na frigideira.

Eu não sabia o que responder. Será que ela tinha razão?

— A gente devia fazer um pacto — Elisa comentou, chamando a minha atenção.

— Pacto?

— É, tipo aqueles que vemos em filmes.

— Mas sobre o quê?

— Nós somos melhores amigas e vamos conquistar dois melhores amigos.

Olhei para ela meio que questionando se isso fazia sentido.

— Ah! Para com essa cara e vem aqui! — Elisa se ajoelhou na cama e se aproximou de mim, erguendo uma das mãos com a palma para cima.

Levantei-me da cadeira e fui até onde ela estava, imitando seu gesto. Ela pegou minha mão com firmeza e me olhou profundamente.

— Seremos melhores amigas para sempre, mesmo que algo ruim aconteça, nunca vamos nos esquecer de que nos amamos. Entre a gente não vai existir mentira, somente a mais pura verdade.

Retribuí o aperto, afinal, o que ela propunha já era a nossa realidade.

— E... daqui uns vinte anos, vamos estar casadas com os amores das nossas vidas e com uma penca de filhos!

Isso me fez rir.

— Eu nem sei se quero ser mãe.

— Mas eu quero! Muito! — ela respondeu com seriedade. — Não me distrai, a gente tá fazendo algo muito importante.

— Tá bom.

— Então jure. Jure que seremos amigas para sempre, mesmo quando estivermos casadas e entediadas.

— Eu juro. Nada vai ficar entre a gente.

— Eu também juro. Te amo, Nat.

Elisa soltou a minha mão e me abraçou. Por mais idiota que pudesse parecer o nosso pacto, eu me sentia bem com ele. Era uma garantia de que sempre estaríamos bem.

Uma hora depois, eu dava a segunda volta no quarteirão, tentando estacionar o mais próximo possível do edifício em que ficava o escritório do Danilo. Sem sucesso, desisti e entrei em um estacionamento particular, onde sem dúvida me cobriam uma nota. Deixei a chave com o manobrista e, antes de seguir para a força, entrei em uma farmácia para complementar o estoque de medicação do Gui. Aproveitei para pegar um calmante natural para mim, sabendo que viveria altas emoções nas próximas semanas.

Quando estava no caixa, vi um menino com roupas curtas e sujas, de procedência bem humilde, com pouco mais de dez anos, se aproximar de uma mulher elegantemente vestida. Não demorou nem dois segundos para que eu percebesse que era a Elisa. Na mesma hora, fiquei com medo pelo garoto e segurei com força a cestinha com as medicações nas minhas mãos. Eu não queria intervir, mas se ela fizesse alguma coisa desagradável com ele, não conseguiria me conter. Estava farta de seu desprezo.

O menino puxou a bolsa dela e ficou aguardando sua atenção.

— Moça? Moça?

Elisa virou o rosto, baixou o olhar e, instantaneamente, inclinou o corpo em sua direção.

— Oi — falou com uma voz carinhosa.

— Eu tô com fome. A senhora podia me dar dinheiro pra comprar lanche?

— Não, não acho uma boa ideia. Onde está a sua mãe, querido?

Deixei que minha cabeça caísse para o lado, atônita com a cena. *Querido?*

— Em casa. Ela é doente, não pode sair. Mas eu saio todo dia pra ajudar minha vó catar papelão.

— E onde está a sua avó? — Ela ergueu o rosto e eu me escondi na coluna ao lado do caixa para que ela não me visse.

— Tá lá na praça. Saí escondido dela.

— Vamos fazer o seguinte? — Voltei a olhar através da coluna e vi que ela tinha colocado sua cestinha em cima do balcão, empurrando-a de volta para o atendente. — Nós encontramos a sua avó e levo vocês dois para tomar um café da manhã caprichado. Pode ser? Acha que ela aceita?

— Ô! A vó vai ficar feliz, isso sim! Disse que tava estravada de fome!

— Então vamos. — Sem nenhuma cerimônia, Elisa pegou a mão do menino e saiu da farmácia.

Permaneci parada como uma estátua, observando aquela cena, mal acreditando no que tinha acabado de testemunhar. Então Elisa não era uma vadia com qualquer um. Aparentemente, seu comportamento desumano era direcionado apenas para mim e meus filhos. A não ser que eu estivesse muito enganada.

A Elisa da farmácia me lembrou do porquê de eu ter amado tanto aquela garota na adolescência. Aquela era a minha amiga, a amiga de quem eu senti falta por tantos anos.

— Moça? — Virei o rosto e vi que a atendente do caixa esperava que eu pagasse pela compra.

— Me desculpe, fiquei distraída — comentei e cacei minha carteira na bolsa, entregando o cartão de crédito em seguida. — Você sabe quem é aquela moça morena que acabou de sair com o menino?

— Mas é claro! Elisa é cliente da farmácia há muito tempo. Não precisa se preocupar porque ela não vai fazer nada com o menino.

— Ah, não! Não estou preocupada com isso — respondi ao pegar de volta o cartão.

— Ela é uma das pessoas mais incríveis que conheço. Ela e o vereador são pessoas muito boas. Uma pena que não... esquece. Não é assunto nosso. — Ela me passou a sacola e sorriu. — Tenha um bom dia.

Agradei e saí da farmácia com passos lentos, tentando fazer com que as peças se encaixassem. Fiquei com uma vontade imensa de voltar lá e questionar o que a atendente quase me contou, só que meu comportamento iria levantar suspeitas demais, o que não era necessário, já que, pelo visto, eles eram muito conhecidos.

Não querendo pensar muito no que acabei de ver, me concentrei no real motivo de ter ido ao centro da cidade, sendo tomada pela mesma raiva que me acometeu cedinho. E a cena que presenciei serviu como combustível para que eu caminhasse com determinação até os imponentes quatorze andares de altura com a fachada toda espelhada. O que Danilo queria com aquele depósito surreal? E por que Elisa não tinha um pingo de compaixão para comigo e meus filhos?

Bufando, peguei um dos três elevadores e desci no andar escolhido. A porta estava fechada, mas não me dei por vencida. Conferi o relógio no celular e vi que passava das nove horas. Ele já estava lá dentro, eu tinha certeza! Aproximei-me da porta e forcei o trinco, que abriu com facilidade e sem fazer nenhum ruído. Sua assistente lixava as unhas da mão sentada tranquilamente em cima da mesa e pulou quando me viu entrando na recepção. Arrumou a postura depressa e correu em meu encalço, tentando impedir que eu invadisse a sala do vereador. Bloqueei tudo o que a garota falou, não me interessava e eu queria resolver meu problema

naquele exato momento. Abri a porta que levava à sala dele de uma vez, fazendo com que a maçaneta batesse na parede com toda força.

Danilo levantou a cabeça de uma pilha de documentos e arregalou os olhos.

— Natália? O que está fazendo aqui?

— Não se faça de desentendido, você sabia muito bem que eu iria te procurar.

— Desculpa, vereador, não tive como contê-la... — a secretária se pronunciou.

— Não tem problema, saia e feche a porta. — Danilo afastou a cadeira da mesa com intuito de se levantar.

— Não precisa se dar ao trabalho.

Ele passou a mão pelo cabelo e me encarou.

— O que foi, Nat?

— O que foi? Você tem a cara de pau de perguntar o que foi? — Ele continuou me olhando como se não soubesse o motivo da minha ira. — Quinhentos mil reais! Esse é o problema! — cuspi as palavras com todo o ódio que sentia.

Danilo me lançou um olhar exasperado.

— A razão da sua ira é o dinheiro?

— Você pensava que eu iria aceitar quinhentos mil reais assim? De bandeja?

— E por que não aceitaria? Sei que vocês precisam.

— Eu não preciso! Não sei de onde você tirou essa informação! — Minha fúria estava longe de dar trégua, só que, ao olhar para ele percebi um sentimento diferente. Culpa? Baixei o tom da voz, pois a secretária não precisava ouvir, e continuei: — Danilo, não quero nem um centavo seu. Não te pedi nada nesses anos todos.

— Deixa de ser orgulhosa. Já está feito, não vou voltar atrás.

— Isso não se trata de orgulho!

— Para mim é o que parece. — Ele entrelaçou os dedos das mãos em cima do tampo da mesa. — Seja coerente, você sabe que vai precisar de todo apoio financeiro que puder, principalmente com a proximidade do transplante do Gui. Todos os gastos com internação, tratamento, medicação... faço questão que fique com cada centavo.

— Ele fará tudo pelo SUS, que, por sinal, possui médicos excelentes na área da oncologia. E nós temos plano de saúde.

— Mesmo assim, não quero que vocês passem por nenhuma necessidade. Vou fazer o que estiver ao meu alcance para facilitar qualquer coisa para você. — Danilo baixou a cabeça e falou com a voz fraca: — Já basta o que fiz antes.

— Não quero nada seu. Eu tento compreender como você se sentiu e o que pode sentir hoje em dia, mas eu ainda carrego um grande fardo de sofrimento e desespero. Você não viveu o que vivi! Aceitar uma gravidez proveniente de um abuso...

— Eu te expliquei o que aconteceu naquela festa. Eu não sabia que a bebida estava alterada, achei que você correspondia. — Ele suplicava com o olhar. — Por favor, aceite. Sei o quanto te fiz mal e nunca mais quero que você ou os gêmeos sofram. Essa é a única forma que tenho de me redimir. Pare de falar em abuso. Sei que agi de forma inescrupulosa e não estou te recompensando pelo sofrimento que causei. Encare o dinheiro como uma ajuda tardia, algo que deveria estar sendo depositado em sua conta há muito tempo e que veio com juros. Como se fosse uma pensão com anos de atraso.

— Eu sei. Você me explicou sua versão, só que não é tão simples esquecer ou passar por cima de tudo. Quando olho para meu extrato bancário, me dá a impressão de que você está tentando me remunerar por causa do estupro. — Percebi que ele fez uma careta quando falei o temido e

agressivo substantivo. A minha realidade doía em seus ouvidos, isso era nítido. — Desculpa, mas essa é nisso que acredito, foi com essa memória que vivi por muitos anos. Dinheiro não vai fazer com que eu aceite sua versão e também não tem o poder de mascarar seus erros do passado.

— Aceite o dinheiro. Já está feito — Danilo insistiu.

Levei as mãos até a ponte do nariz e apertei. Eu precisava permanecer calma a fim de resolver esse problema.

— Se você não quer de volta, vou criar uma conta para a Mariana e o Guilherme e vou guardar a quantia até que eles ingressem na faculdade.

— Não precisa fazer isso.

— Claro que preciso!

— Não precisa — ele insistiu, pegou um envelope dentro de uma gaveta e me entregou. — Abri uma conta no nome de cada um assim que soube que meu grande erro me tornou pai. Minha mãe e eu depositamos com frequência em nome deles. O dinheiro na sua conta é seu. Não vai mudar o que fiz e como as coisas aconteceram, mas vai garantir uma vida mais tranquila. É o mínimo que posso fazer.

Peguei o envelope e abri com os dedos trêmulos. O receio do que iria encontrar era enorme. Dentro dele tinha duas pastas, cada uma com o nome de um dos meus filhos. Nelas, vários documentos, contratos e extratos. Transferência, registro de imóvel e comprovante de abertura de conta bancária estavam entre eles.

— O que significa isso?

— Significa que eles nunca passarão necessidade. Um apartamento no nome de cada um e um fundo de crédito com o suficiente para bancar a universidade mais cara do país. Meus filhos terão o melhor. Eu disse que queria ser pai. Desde o início.

— Comprando seus filhos?

— Você está distorcendo as coisas. Não estou comprando ninguém. Eu faria isso independente de tê-los conhecido agora ou dez anos atrás. Independente das circunstâncias. Faria novamente se Elisa engravidasse. — Ele mexia as mãos enquanto falava, na tentativa de esclarecer sua linha de pensamento. — Mesmo que meus filhos nunca consigam me olhar como pai deles, quero que fiquem bem. Quero garantir que tenham uma vida boa, caso eu não possa estar presente para auxiliar.

Seu discurso me afetou. Deveria ser difícil estar no lugar dele, com uma situação complicadíssima em mãos e não poder agir de outra forma. Talvez, na sua mente, o dinheiro fosse o único jeito de fazer parte da nossa vida, como um provedor. Levantei a cabeça para fitar seus olhos, notei que não estavam em mim, e sim fixados em algo atrás de mim. Virei minha cabeça devagar e me deparei com Elisa parada como uma estátua silenciosa. Eu não tinha ideia do quanto ela ouviu, estava tão absorta em minhas questões que não poderia ter ouvido nenhum som indicando que a porta fora aberta.

Ela permaneceu quieta, com os lábios cerrados e olhos fulminantes, sua atenção totalmente focada no marido.

— Elisa, eu posso expli... — Danilo se levantou de súbito e deu um passo em direção à esposa.

— Explicar? — Ela balançou a cabeça e levantou as mãos. — Acho que ouvi o suficiente — disse com a voz cortante e se retirou de lá sem falar mais nada.

Danilo ficou parado, olhando para mim e para a porta vazia, evidentemente em dúvida sobre qual atitude tomar.

— Vá atrás dela. Nós já terminamos.

Ele me ouviu e assentiu. Em segundos cruzou o espaço da sala e sumiu às pressas pelo corredor.

Saí de lá em seguida, refletindo sobre seus motivos para ter tomado as atitudes que tomou. Peso na consciência pelo que fez comigo? Talvez. Um pai preocupado com o futuro dos filhos? Também era possível. Será que eu estava exagerando na minha reação? Será que deveria abraçar a oportunidade e aceitar o que ele se dispunha a fazer? Mesmo que para isso eu precisasse ser menos orgulhosa e simplesmente aceitar?

Não era fácil interpretar seu raciocínio, mas era compreensível.

Meu coração estava agitado e minha cabeça funcionava no duzentos e vinte. Nossos encontros eram sempre permeados por tensão, e saber que Elisa ouviu grande parte da conversa me afligia. Apesar da forma odiosa como ela me tratava, me dei conta de que eu era molenga e mantinha esperança de que ela caísse em si. Óbvio que a interação com o menino atiçou minhas expectativas. As lembranças que eu tinha da nossa adolescência eram tão boas que entravam em conflito com a adulta que ela se tornou. Talvez agora, após ouvir parte da versão do Danilo sobre o dia fatídico, ela percebesse o quão injusta estava sendo comigo por todo esse tempo.

Ao passar pela recepção, me desculpei com a secretária. Eu não costumava ser tão explosiva assim, o calor do momento me fez reagir de forma impulsiva. Sinceramente, eu precisava com urgência parar de dar vazão aos meus instintos e pensar um pouco antes de agir. Ontem já tinha sido um belo exemplo de inadequação. Tanto que o Igor nem sequer respondeu minha mensagem de agradecimento. Bem, eu sabia que ainda era cedo e que ele estava trabalhando, mas mesmo assim.

Saindo de lá, paguei o estacionamento caríssimo e dirigi até a clínica de oncologia. Voltaria mais tarde para a sessão de quimioterapia do Gui, porém, queria dar uma palavrinha com o médico antes de resolver tudo. Queria saber a real condição de saúde do meu filho e quais eram as probabilidades. Positivas e negativas. Acima de tudo, queria estar preparada para ambas as situações.

Durante o percurso, refleti sobre a fortuna depositada na minha conta e no nome dos meus filhos. Um absurdo. Era um total e completo absurdo. Não me importava em ser redundante, porque a situação beirava mesmo a insanidade.

Como a conversa com Danilo não modificou meu saldo, eu tinha uma bela quantia ao meu dispor. Por mais irritada que eu estivesse não havia como negar que em um ponto ele tinha razão, o dinheiro facilitaria os cuidados com o transplante do Gui. As viagens a São Paulo, as hospedagens, os gastos paralelos e necessários seriam altos.

Outro quesito sensato foi a comparação com pensão alimentícia. Se ele tivesse arcado com pensão para o Guilherme e a Mariana desde a gestação e o nascimento dos gêmeos, teria de fato me transferido uma quantia grande em dezesseis anos. Isso sem considerar os custos de um processo de paternidade e indenização por danos morais e abuso sexual. Porque, se eu tivesse dado queixa, encarcerado ele não seria, mas teria alguma consequência, fosse trabalho voluntário ou outra determinação do estado.

Pensando assim, fazia sentido que eu aceitasse o dinheiro, mesmo que meu orgulho fosse contra. Afinal, eu tinha minhas dívidas. Não estava com nome sujo nem nada do tipo, porém tinha as parcelas de financiamento do carro que iam até a minha velhice. A mensalidade da escola dos gêmeos era bem alta. O plano de saúde era daqueles com cobertura total. Somando tudo, meu salário quase não supria os gastos mensais.

Eu teria coragem de mexer nesse dinheiro?

Eu achava que sim, se fosse para uso com a minha família, eu conseguiria usar sem medo.

Além disso, também tinha a minha casa, que meu pai financiou com todas as economias de uma vida. Eu poderia aliviar a barra dele também.

Era isso. Já que era para ficar com o dinheiro, faria bom uso dele. Casa, carro, escola e gastos com saúde. Não necessariamente nessa ordem. E, no final de todo o tumulto, se sobrasse alguma quantia, deixaria na poupança.

Com um grande sorriso, estacionei em frente à clínica e fui ao encontro das possibilidades de recuperação do meu filho.

CAPÍTULO 23

Algumas semanas depois, finalmente chegou o dia do transplante. Eu já estava ficando mais ansiosa que uma criança que aguarda o Natal, porque o processo de preparação não era tão simples como a gente imaginava. Não, existiam uma série de procedimentos a serem feitos antes da realização da doação. Por exemplo, o doador precisava tomar uma medicação fortíssima, com vários efeitos colaterais para se preparar. Afinal, um transplante não era uma festa do tipo “oba!, vou lá e pronto, doe!”. De jeito nenhum! Doar era uma atitude muito bonita, eu concordava, entretanto, era invasivo e algo que interferia no dia a dia.

Receber uma medula também não era simples. A mídia exaltava o transplante e os doadores, mas nada explicava sobre a parte pré e pós-infusão. Gui passou por um extenso processo de condicionamento. Por uma semana, foram administradas doses intensas e diárias de quimioterapia e radioterapia. Seu corpo debilitado precisava de toda ajuda possível para que seu organismo criasse condições propícias para aceitar a implantação da nova medula. O médico dizia que as probabilidades estavam a nosso favor e que a parte mais difícil — encontrar alguém compatível — já tinha sido resolvida. Agora restava esperar e torcer para que o transplante fosse um sucesso.

Eu tentava me ater a essa linha de raciocínio com uma frequência fora do normal. Pensava sobre o índice de sucesso, sem cogitar a ocorrência de complicações, e queria que essa perspectiva se alojasse de forma permanente em minha cabeça, sem espaço para dúvidas. O que me impedia de fazer isso era ter plena noção de como a infusão era realizada, fato que realmente me aterrorizava. Em vista de receber a nova medula, as células intraósseas e a doença precisaram ser eliminadas. Para isso, as sessões de quimio e radioterapia foram gradativamente destruindo-as até que a imunidade do organismo estivesse baixa o suficiente para permitir a nidação e o desenvolvimento da nova medula óssea.

Nessa janela entre eliminar a medula defeituosa e se preparar para receber a saudável, meu filho passou por maus bocados. Teve febre, enjoos constantes, fraqueza acima do comum e engordou uns bons quilos, o que preocupou o médico. Sorte que ele não apresentou mais nada grave e que o transplante já estava agendado, pois aumento de peso pode indicar sobrecarga cardíaca.

Outra coisa que tomou o meu precioso tempo foi o bendito do cateter. Eu já havia ouvido falar sobre infecções que ocorriam por causa dele, visto que era aplicado alguns dias antes do transplante. Todo cuidado com a região era pouco, então fiquei em cima do Guilherme como um sargento, para que ele não desse bobeira e fizesse algo que pudesse causar uma infecção. Ele também precisou ficar em casa trancafiado, como um menino-bolha, para não ter contato com ninguém e nenhuma doença que pudesse interferir no transplante. Pode me chamar do que for, mas eu pecava por superproteção com muito orgulho.

Agora, que finalmente estávamos tão próximos do dia-D, eu estava apavorada com a ideia de ele não receber a medula saudável a tempo, por mais improvável que fosse. Porque caso isso acontecesse... bem... não queria nem pensar.

Eu era mãe, e só de cogitar a hipótese de morte na mesa cirúrgica, minha garganta já dava um nó. Não só na mesa cirúrgica, como também no período pós-cirúrgico. Além de tudo isso, ainda existia a possibilidade de a medula ser rejeitada. Sim, isso poderia acontecer tardiamente, principalmente em casos de aplasias graves, a condição do Gui. O que me restava era me concentrar, senão poderia enlouquecer.

Pensamento positivo.

Era disso que eu precisava.

Acreditar que tudo iria dar certo e que amanhã o Gui estaria novo em folha.

Nessas semanas que se passaram, com exceção do preparo do Guilherme, nada muito impactante aconteceu na nossa vida. Seguimos a rotina normalmente, procurando nos ocupar apenas com o trivial. A Larissa cansou de aparecer lá em casa e fez amizade com a dona Celeste, outra figurinha repetida na minha residência. E por falar na avó dos meninos, meu pai se tornou muito amigo dela. Isso ficou um pouco estranho, pois nunca vi o senhor Antônio perder tempo batendo papo com outras pessoas, ainda mais uma mulher toda elegante e bem-apeçoada. Se eu não soubesse melhor, acharia que eles estavam começando a se interessar um pelo outro. Já imaginou? Seria bem intrigante, para não dizer confuso.

Quem sumiu foi o Danilo e também o Igor. Pensei que o Danilo fosse montar uma cabana na porta da minha casa para acompanhar as semanas anteriores à nossa ida a São Paulo, todavia me enganei. Só nos falamos por mensagens, e, mesmo assim, foram raras. Quanto ao Igor, recebi apenas uma singela mensagem em resposta ao meu agradecimento e mais nada. Sumiu. Até tentei falar com ele em um dos dias em que deu carona para a Mari, o que foi em vão. Ele mal estacionou e já arrancou, para o meu desespero.

Eu me esforçava para não pensar nele, me ocupar com o Gui facilitou. Por fim, achei melhor encarar que tudo havia terminado mesmo e desistir. Não deu certo na primeira vez, nem na segunda e nem no beijo desavergonhado, roubado na cozinha da minha casa. Eu tentei, não deu. Agora era respirar fundo e virar a página. Difícil era explicar esse simples fato para o meu coração sofrido e ressentido, que sempre esperava mais.

O que me restava era erguer a cabeça e seguir em frente, fazendo o que sempre fiz, cuidando de mim e dos meus filhos.

Olhei para o relógio na tela do celular pela trigésima vez. Estávamos eu, a Mari e o Gui no quarto, à espera do médico que realizaria o transplante. Guilherme estava conectado ao soro e aparentava tranquilidade, enquanto Mari torcia o cabelo e eu não tinha mais nenhum milímetro de unha para roer.

— Relaxa, mãe — ele tentou me acalmar.

— Tô relaxada.

— Aham, dá pra ver. — Ele olhou para a irmã e começou a rir. — Caralho, vocês estão mais nervosas que eu! Parem com essa preocupação boba! Vocês vão ver, vou entrar morrendo e sair de lá novinho em folha!

Levantei-me e fui até ele, sentando-me na lateral da cama. Peguei a mão que estava livre do soro nas minhas e acariciei o dorso bem devagar.

— Sei disso, filho. Daqui a umas horas, você estará aqui, se recuperando perfeitamente bem.

— Não tenha medo, mãe.

Meus olhos lacrimejavam ao ouvir a segurança em sua voz. Era irônico, eu quem deveria estar consolando e passando segurança para ele, e não o contrário. As sessões com a psicóloga deviam ter surtido efeito. Ele estava confiante, fato muito nítido em sua fisionomia.

— Mãe... se eu morrer...

— Não diga isso — interrompi, querendo proteger meu filho até o último minuto.

Mari se levantou instantaneamente e veio ficar ao nosso lado. Seus olhos também marejavam. Ele apertou a minha mão e me olhou fixamente, antes de continuar.

— Se eu entrar naquela sala e não voltar com vida, quero que você prometa que não vai morrer comigo. Você vai viver, vai correr atrás dos seus sonhos, mesmo que eles sejam tão ridículos quanto ficar com o professor. — Parou para sorrir e comecei a rir, permitindo que as

lágrimas caíssem. — Me escuta, mãe, e leve a sério. Não tenho medo da morte, se for a minha hora, vou aceitar.

— Você vai lutar! — Mari se intrometeu.

— Vou, mas não sofra muito se eu não voltar. Não quero isso. Quero que vocês sejam felizes, que sigam a vida de vocês e sejam sempre assim, alegres e amorosas. Que nossa casa continue bagunçada e viva, que tenha barulho, que vocês passem vergonha e que se lembrem de mim nos bons momentos.

Fechei os olhos com força, sem querer processar o que Gui dizia. Era demais. Pensar assim, como se ele não fosse voltar, era inevitável e árduo demais. Eu queria acreditar que tudo ia dar certo, que no final do dia, meus dois filhos estariam ao meu lado, como sempre foi e como deveria ser.

— Promete, mãe — insistiu, apertando minha mão mais uma vez, o que fez com que eu abrisse os olhos e observasse seu lindo rosto. Não era possível que eu nunca mais fosse vê-lo. De forma alguma. — Promete que vai ser feliz, independente do que acontecer lá dentro.

Assenti, limpando o rosto com o dorso da outra mão.

— Prometo. Mas você vai voltar. E, quando estiver bem, vamos comemorar!

— Vamos mesmo. Do jeito que você quiser — emendou a voz chorosa da Mariana.

— Até se eu quiser ir a uma boate de strip-tease? — Gui sorriu e seus olhos brilharam.

— Mas é claro! Não é, mãe? Vamos numa boate de strip com ele.

Olhei meio sorrindo e meio brava para os dois. Tinham que ser meus filhos para me fazerem prometer algo assim.

— Combinado.

— Ufa! Agora tenho um motivo para voltar!

— Eu não disse quando nós iremos...

— Tem que ser uma daqui de Sampa, ou de BH. daquelas bem chiques.

— Por que vocês não podem ser normais e pedirem coisas comuns, como o sorvete mais caro do país ou uma viagem para a Europa?

— Porque somos mais legais que os filhos normais. — Gui deu uma piscadela e levantou o torso para me abraçar. — Sério, mãe, vai dar certo, vai dar tudo certo. Não tenha medo.

— Você pede coisas impossíveis...

Não terminei a frase, pois a porta do quarto rangeu, indicando que alguém entrava. Um enfermeiro empurrava uma mesinha com vários instrumentos, acompanhado pelo médico que conhecemos quando chegamos ao hospital e mais algumas pessoas trazendo aparelhos que eu não conhecia. O procedimento era realizado no próprio quarto, então teríamos que sair.

— Vamos lá, Guilherme? Consertar seu pequeno defeito? — Ele sorriu, simpático, e se aproximou da cama. Uma enfermeira se aproximou do meu filho, mas, antes que pudesse dar início a qualquer coisa, Gui deu um abraço apertado em mim e na Mari.

— Amo você, mãe — disse ao meu ouvido.

— Também te amo — respondi entre lágrimas novamente. Eu tinha me tornado uma manteiga derretida.

— Vamos lá, daqui a pouco você poderá entrar, mãe — o médico tentou confortar, tentou, porque eu não conseguiria me acalmar.

E, assim, sem mais delongas, nos retiramos enquanto Gui abraçava seu destino. Ao colocar os pés no corredor, Mariana me agarrou e começou a soluçar alto com o rosto em meu ombro. Como a molenga que eu era, me juntei a ela e não contive meus sentimentos. Permanecemos um bom tempo abraçadas e chorando, nos apoiando uma na outra, com o sentimento sendo

descarregado em cumplicidade. Não precisávamos conversar, sabíamos o que sentíamos e não havia necessidade de diálogo.

Após umas duas horas sentadas próximas ao corredor do quarto e sem nenhuma notícia, chamei Mari para dar uma volta no hospital para tomarmos café. Fomos em silêncio até a lanchonete, nos sentamos e comemos. Não foi fácil comer, parecia que a comida estava entalada na garganta, descia com dificuldade. Mari também não estava confortável, a preocupação era aparente em seu rosto.

Voltamos para o corredor e chamei uma enfermeira para indagar se estava correndo tudo bem. Ela não podia me garantir nada, pois ainda não havia recebido nenhuma informação da equipe responsável pelo transplante. Restava aguardar, assim que pudesse, ela nos informaria.

Mais meia hora passou sem nenhuma notícia. Eu já estava muito nervosa, batendo os pés sem parar e desbloqueando a tela do celular o tempo todo. Mari aparentava estar melhor que eu, distraída com o iPhone que ganhou dos tios no mês passado. Resolvi seguir seu exemplo e chamar alguém para conversar. Mandeí mensagem para a Lari, para o Igor, para o Danilo, para o meu pai e para a Celeste. Sabia que tinha exagerado, entretanto precisava de uma distração, de preferência de olhos castanhos, com 1,80 m de altura.

É claro que Igor não me respondeu, na verdade, nem recebeu minha mensagem. Em compensação o Danilo respondeu na mesma hora, querendo saber como estavam as coisas, onde o Gui se encontrava, se eu tinha tido alguma novidade. A Lari também não demorou, o que me tranquilizou um pouco. Pedi que ela me contasse algo aleatório e foi exatamente o que fez, falando até demais sobre o rapaz com quem estava ficando desde o dia que saímos juntas. Ao menos alguém teria um final feliz. De acordo com ela, as qualidades dele eram tantas que eu tinha vergonha de pensar. Sim, porque ela relatava detalhes desnecessários.

Eu estava imersa batendo papo com ela quando a porta do quarto foi aberta. Soltei o celular na poltrona e me levantei depressa, correndo até lá, querendo saber o que acontecia. Meus pelos se eriçaram ante a perspectiva de receber notícia sobre o Gui.

— Senhora Natália, o procedimento terminou. O doutor pediu para avisá-la que tudo correu bem e que logo ele sairá para falar com a senhora.

Ah, meu Deus!

AH, MEUS DEUS!

Guilherme estava bem!

— O Gui está bem? — perguntei mesmo já sabendo a resposta.

— Sim, ele está bem, tudo correu como deveria. Ele ficará em observação por um tempo.

— Ah, meu Deus! — Mari gritou ao meu lado, me lembrando de que estava ali o tempo todo, esperando tão ansiosa quanto eu. — Mãe! Ele tá bem! Ele sobreviveu!

Com o corpo todo tremendo, caminhei até ela e a abracei.

— Sim! Ele vai voltar. Graças a Deus!

A enfermeira pediu licença e se retirou, comentando que voltaria em breve. Eu queria sair pulando pelo quarto e, para ser bem sincera, foi o que fiz. Juntei a Mari em meus braços e comecei a pular grudada a ela. Mariana ria descontrolada e pulava comigo, como se fosse a coisa mais normal do mundo. Mas era nosso momento, uma batalha vencida. Não, uma batalha era muito pouco, era uma guerra vencida.

Quando estava mais calma, senti uma carga enorme sendo retirada das minhas costas com um guindaste daqueles de ferro-velho. Em um momento estava pesada e, de repente, nada. Só uma mera lembrança do peso excessivo que ocupou o meu corpo por meses.

Foram mais de dez meses de apreensão e de insegurança, de medo e ansiedade. E, com tudo o

que aprendi nesse tempo, sabia que dez meses era muito pouco. Inúmeras famílias esperavam anos para terem seu milagre e grande parte delas passava longe de conseguir. Eu me considerava uma privilegiada e agradeceria o doador eternamente, mesmo sem ter ideia de sua identidade.

— Mãe, estou muito feliz pelo Gui ter conseguido...

Algo me dizia que ela não tinha terminado a frase.

— Por que sinto um “mas” a caminho?

Ela riu.

— Não quero estourar sua bolha de felicidade, mas você prometeu levá-lo em uma boate de strip.

Oh-ou!

Olhei para minha filha com os olhos arregalados. Aonde fui me meter?! Ah, as coisas que se promete no leito de morte...

CAPÍTULO 24

As horas voaram após termos notícia sobre a saúde do meu filho. Eu não queria me preocupar antecipadamente com os riscos que ele ainda corria, então me deixei consumir pela felicidade de saber que ele tinha uma nova medula e que a chance de sobrevivência havia triplicado. Claro que um longo e árduo caminho nos aguardava, só que, nesse momento, me permiti descansar. Recebi diversas mensagens do Danilo e respondi todas elas. Ele queria muito vir fazer uma visita, mas tinha receio de o Guilherme não aceitar. Sabíamos que as oscilações de humor e de disposição depois de um TMO eram frequentes e, somando-as aos altos e baixos hormonais, talvez ele realmente não quisesse a presença do pai biológico. Poucos dias antes de irmos a São Paulo, a psicóloga conversou comigo e explicou o quanto Gui era resistente à figura paterna e como isso poderia interferir de forma negativa em seu tratamento.

Acabei conversando sobre isso com o Danilo, e, por esse motivo, ele não nos acompanhou. Eu sabia que o afastamento dele no período pré-transplante foi intencional, o que demonstrou, mais uma vez, o quanto ele tinha consideração para com os filhos. Eu podia dizer até que começava a admirar seu esforço, tanto de se distanciar, como de tentar ser o pai que os gêmeos precisavam, entretanto, ainda estava longe de se tornar um relacionamento ideal. Eu também acreditava que, ao saberem a versão do Danilo sobre o que aconteceu no passado, era provável que a aceitação e o convívio entre eles melhorasse. Contudo, com todo o tumulto desse período, achei sensato esperar para fazer a revelação, visto que não seria uma conversa fácil. Seria, inclusive, muito melhor se o próprio Danilo contasse.

Igor ignorou todas as minhas tentativas de contato, o que me deixou bem magoada. Eu era ciente de que nossa situação não era boa, passava a quilômetros de como eu gostaria que estivesse, só que, mesmo assim, eu esperava pelo menos um retorno. Nem que fosse um emoji.

Em contrapartida, uma mensagem da Elisa me surpreendeu, querendo saber como eu estava e como tinha sido o transplante. Simples assim. A última vez que a vi foi naquele dia, quando ela saiu em disparada do escritório do marido. Depois que Danilo saiu correndo atrás dela, não soube de mais nada. Então, uma mensagem cordial e, aparentemente, com boas intenções, me pegou muito desprevenida. Para alguém que só me tratou com pedras nas mãos, nunca imaginei que fosse se preocupar e perder seu tempo em saber sobre o que acontecia conosco. Após pensar no que responder, decidi falar a verdade, que tudo correu bem e estávamos em processo de recuperação. Redigi da forma mais sucinta possível, não querendo dar brecha para estender uma conversa, no mínimo, peculiar.

Meu queixo quase atingiu o chão quando recebi instantaneamente outra mensagem desejando sorte e saúde, além de avisar que viria para o hospital com o Danilo, e que eu não precisaria me preocupar com ela.

Certo.

Certeza que alguma coisa muito estranha havia acontecido.

No fundo do meu coração mole como gelatina, desde meu primeiro dia de volta à Poços, eu esperava que ela caísse na real e percebesse o quanto havia sido injusta. Eu podia pensar que as mensagens indicavam isso, não?

Tomara.

Meu pai e meus tios viriam na próxima semana. Como Gui não podia receber visitas com frequência, já tínhamos nos preparado para as exigências do hospital. E também, independentemente delas, era de nosso extremo interesse que nada complicasse a vida do meu filho. Além disso, a internet facilitava o contato, e eles se falavam todos os dias, várias vezes se

deixasse. Como o prazo de recuperação do Gui estava diretamente ligado à adaptação do seu organismo à nova medula e à produção de novos anticorpos para que ele pudesse sair do isolamento, ainda nos restava mais ou menos um mês como dependentes da internet para nos comunicar. Nunca agradeci tanto a tecnologia como fazia agora. Se existisse um deus do 4G, com certeza eu estaria de joelhos orando por ele.

Quando o médico responsável pelo transplante saiu do quarto, Gui foi liberado para uma visita rápida. Entramos uma de cada vez, depois de passarmos pelo processo de segurança, com luvas, avental apropriado, máscara e touca. Fui na frente, com a circulação sanguínea atingindo a velocidade da luz.

Toda a minha preocupação foi recompensada por um megassorriso. Guilherme virou o rosto para a porta assim que me ouviu entrando. Ele permanecia deitado, com a típica camisola verde do hospital, estava apático e com olhos fundos. Para mim, isso era indiferente, ele continuava sendo o garoto mais bonito do planeta.

— Eu disse que você ia me ver de novo — falou com dificuldade e sua voz saiu um pouco fraca.

— Sim, e graças a Deus te dei ouvidos. — Aproximei-me da cama, mas não muito, para vê-lo de perto e garantir que ele estava bem mesmo.

— Tem alguém me devendo uma ida a uma boate de strip. — Sorriu com os olhos cansados.

— E alguém não vai me deixar esquecer isso, não é?

— Até parece! Vou contar os dias, mãe.

— Eu não disse quando... — tentei me esquivar.

— E isso é melhor pra mim. Pode ser no mês que vem, assim que sair daqui.

— De jeito nenhum! — Se ele achava que ia me convencer estava muito enganado.

— Eu já terei dezesseis, passo por alguém de dezoito facinho.

— Claro, e sua recuperação jogamos pelos ares?

— Ah, mãe! Precisa ser tão caxias?

— Por isso me chamam de mãe. Se eu não for a responsável, quem será? — Ele me olhou com carinho e respirou fundo. Seu cansaço era palpável. Eu não queria deixá-lo, mas sabia que era necessário para seu próprio bem. — Vou sair e chamar sua irmã antes que você durma. Voltamos quando liberarem a próxima visita.

Guilherme assentiu.

— Te amo, mãe.

— Também te amo, filho.

Apressei-me para sair e deixei que Mariana entrasse para ver o irmão. Notei que ela estava muito emocionada e pedi que segurasse o choro para não deixá-lo mais cansado do que já estava. Antes de ela entrar, avisei que desceria até a lanchonete e pedi que me encontrasse lá. Feito isso, retirei as luvas, a touca, a máscara e o avental e flutuei até o andar inferior, isso porque mal sentia minhas pernas. A descarga emocional era intensa e sugava minha energia de forma descomunal. Pedi dois cafés, mal ouvindo a minha voz, que dirá a do atendente, me dando conta de que estava tão exausta quanto meu filho. Teríamos que descansar antes da próxima visita. Aguardei o retorno da Mari e, juntas, caminhamos até o hotel que ficava no quarteirão ao lado do hospital.

Foi a primeira vez que agradecei mentalmente o dinheiro que Danilo depositou em meu nome. O apartamento dos meus tios, no qual planejava me hospedar pelo tempo necessário para o tratamento do Gui, ficava em um bairro muito afastado do hospital, então resolvi que não queria perder tempo no trânsito maluco de São Paulo e paguei por hospedagem. Não era nada cinco

estrelas, no entanto, era bom o suficiente para uma estadia prolongada. Mal pisei dentro do quarto e já caí na cama. Vi que Mariana caiu ao meu lado, também moída pelo cansaço. Não demorou para que o sono nos levasse para outra dimensão, uma em que anemias e transplantes não passavam de arco-íris e sonhos encantados.

Já era dia quando acordamos. O relógio marcava sete horas, então tínhamos uma janela até as nove da manhã, quando poderíamos entrar no quarto novamente. Só que esse detalhe não foi capaz de nos segurar no hotel, voltamos para o hospital logo após um banho rápido, ávidas por notícias médicas sobre o Gui.

Conferi o celular e vi que tinha, de novo, várias mensagens. Dessa vez, a maioria do Guilherme.

Gui: Não se preocupe pq tô bem.
A única coisa q quero fazer é dormir.
Pq n tá respondendo?
Derr, são 4h da manhã. Deve tá roncando.
Dá uma cotovelada na Mari por mim.
Mãe, n tá passando nd q presta na TV.
Q tédio, vou dormir de novo.
Já acordou?
Traz um bolo de cenoura com cobertura de chocolate pra mim?
Q tédio infernal!
A equipe passou aqui e nd d vcs! Vem logo.

Revirei os olhos e comecei a rir. Ele não podia comer bolo, por enquanto, devia seguir a dieta imposta pela nutricionista do hospital. E quanto à exigência “vem logo”, era exatamente o que estava fazendo. Digitei uma resposta rápida assim que entramos na lanchonete, explicando que só poderíamos entrar quando o médico permitisse, ou seja, dali umas horas, mas que já estávamos ali, à espera.

Andando entre as mesas e clientes, reconheci o cabelo liso escuro com corte reto de Elisa. Ela estava de costas, ao lado da dona Celeste. Danilo foi o primeiro a nos ver e veio até onde estávamos.

— Eu não esperava que você viesse hoje.

— Não aguentei esperar. Viajamos de madrugada, chegamos agora há pouco. Como vocês estão?

Assenti, balançando a cabeça para cima e para baixo.

— Hoje está tudo bem. Ontem foi difícil.

— Nem me fale, não consegui ficar paz nem um segundo. Onde está a Mariana?

— No balcão. — Apontei para as costas da minha filha, que falava com uma garçonete.

Ele se virou para olhar e, de longe, vimos quando Elisa se aproximou da minha filha. Meu corpo se petrificou e meus sentidos congelaram. Se ela ousasse dizer alguma coisa para a Mari, ia se ver comigo! Danilo sentiu minha apreensão e segurou o meu braço.

— Espere, dê um tempo a ela.

— Você faz pedidos muito difíceis. Não confio na Elisa.

— Eu entendo, ela não tem sido a pessoa mais agradável ultimamente. — Passou a mão no rosto de forma deliberada. — E posso garantir que o problema não é com você.

Olhei para ele pelo canto do olho, desconfiada, sem querer deixar de prestar atenção no balcão.

Danilo suspirou.

— Uns dias antes de você voltar, Elisa descobriu que...

— Natália! Como é bom te ver! Estava morta de preocupação lá em Poços! Tivemos que vir!
— Celeste entrou na minha frente e me abraçou apertado, interrompendo a fala do filho. Danilo soltou meu braço e enfiou as mãos no bolso da calça. — Menina, mal consigo imaginar o que você deve ter passado ontem! Se eu quase enfartei, você deve ter...

— Foi difícil, sim, Celeste, mas deu tudo certo.

Ela se afastou de mim e manteve as mãos nos meus ombros.

— Graças aos céus! Orei tanto! Quase deixei o Danilo louco de tanto que liguei pra ele. Fiquei com medo de te ligar e atrapalhar.

Sorri em resposta. Celeste era uma mulher de presença, daquelas que falava e fazia. Eu não duvidava nadinha que ela tivesse alugado o filho no dia anterior. Só que isso não me distraiu do fato de ainda poder ver Elisa conversando com a Mari a alguns metros.

— Querida, não se preocupe. Elisa está em uma fase mais tranquila, ela não falará nada que magoe a Mariana. — Olhei para a avó dos gêmeos tentando compreender o que sua fala implicava. Juntando os pontos com o que Danilo tentou me dizer e a reação dela na última vez que nos vimos, eu não sabia o que esperar, e meu senso de proteção estava em alerta máximo.

Poucos minutos depois, meus olhos processaram uma imagem ainda mais confusa. Elisa caminhava com a Mari em nossa direção, conversando em voz baixa. Ao se aproximar, olhou para mim de um jeito bem estranho.

— Oi, Natália. Mariana estava me contando como foi ontem.

Passei os braços por cima dos ombros da minha filha e encarei Elisa com uma carranca. Eu não queria que ela ficasse perto da Mari, nem de ninguém que eu amasse. Ela percebeu meu gesto não tão sutil e deu um sorriso sem graça.

— Se você puder, gostaria de poder conversar mais tarde. Vocês têm visita daqui a pouco, não é?

Olhei para ela com seriedade e confirmei com um leve aceno de cabeça.

— Às nove. Se não for para me insultar, podemos conversar.

— Pode acreditar que não.

Sem perder tempo e para aliviar a tensão entre nós, Danilo conferiu o celular ao meu lado.

— São quase nove. Você já comeu, Nat?

— Não — respondi ao mesmo tempo em que minha barriga roncou alto.

— Não sei se o Guilherme gostaria de me ver, então vou ficar para trás com Elisa e pegamos algo para você. — Virou o rosto para a Mari. — E você? Já tomou café da manhã?

— Acabei de comer. Elisa me pagou um misto-quente.

Arqueei as sobrancelhas e olhei para Elisa. Meus neurônios iriam começar a explodir com as variações de personalidade dela. Uma hora ataca, outra hora agrada? Isso poderia ser considerado bipolaridade?

— Então não temos o que esperar. Você nos encontra lá em cima, filho. — Celeste resumiu as despedidas e enlaçou os braços no meu cotovelo e no da Mariana, puxando nós duas rumo ao corredor. — Será que posso vê-lo?

— Temos que confirmar com o médico responsável, mas, tomando as medidas de segurança específicas, creio que será permitido.

— Ufa! Tomara! Estou morrendo de medo de não poder.

— Relaxa, vó. O pessoal daqui é bem legal e, além disso, o Gui te adora. Sua visita vai fazer bem pra ele.

Celeste sorriu e aproveitei a deixa para soltar seu braço e ficar ao lado da Mari, deixando-a entre nós.

— O que Elisa queria com você?
— Ela perguntou sobre o Gui e se ofereceu pra comprar um lanche.
— Não confio nela — desabafei.
— E com razão, né, mãe? A mulher é uma bruxa! — Ela olhou para mim com uma expressão divertida. — Só que ela parecia numa boa hoje. Acho que algum bicho deve ter mordido a bunda dela da última vez que a vi.

Dei risada.

— Pode ser.

Celeste, que não era boba, ouvia com atenção nossa interação.

— Elisa está bem melhor. Até eu estranhei, mas nas últimas semanas, parece que voltou a ser a garota adorável que Danilo me apresentou anos atrás.

— Adorável? — indaguei sem acreditar.

— Foi a primeira impressão que tive dela, quando eles noivaram. Nos últimos meses ela realmente estava ardilosa. Não queria conversar e só atacava tudo e todos, principalmente eu e o Danilo, quando a gente falava nos gêmeos.

— Ela era minha melhor amiga, antes de me mudar de cidade.

— Sim, eu sei. Ela veio contando várias histórias de vocês durante a viagem de Poços até aqui. Acho que era nervosismo por saber que estávamos vindo para cá. Você deveria dar ouvidos ao que ela tem a dizer.

Escolhi ficar quieta para poder tirar minhas próprias conclusões. Muitas vezes, na vida, acabei me envolvendo em situações desnecessárias por mal julgamento. Elisa já havia me magoado demais, eu não permitiria que continuasse assim. Talvez uma conversa honesta com ela era exatamente o que eu precisava.

Ao chegarmos ao corredor da oncologia, abordamos a enfermeira a respeito da visita da Celeste. Ela pediu que aguardássemos um minuto enquanto consultava o médico. Sem demora, começamos a nos preparar para entrar no quarto. Celeste também se arrumou, independentemente de poder ou não entrar. Disse que queria estar preparada caso a resposta fosse positiva.

Não demorou muito para que a enfermeira nos desse retorno, explicando que ela poderia entrar, mas, da mesma forma que ontem, teríamos que ir uma de cada vez e não demorar muito. De novo, fui a primeira, deixando que Mari e Celeste decidissem quem entraria depois.

Encontrei Gui com um aspecto melhor do que o da última visita.

— Tá louco! Você demorou demais! — Ele me recebeu com uma senhora careta.

— Eu também te amo, Gui.

Ele riu e levantou um pouco o tronco, se apoiando nos cotovelos. Aproximei-me da cama e arrumei o encosto em uma posição confortável para que ele não precisasse se esforçar.

— Como passou a noite?

— Normal. Cansado, entediado.

— Percebi mesmo pelas trinta mensagens.

— Enjoei de jogar nos aplicativos do celular. Posso assinar Netflix?

— Vai atrapalhar sua recuperação...

— Vai nada! Pelo menos vou ter algo útil pra fazer. Só preciso pegar o notebook da Mari.

— Precisa convencer sua irmã a te emprestar — corrigi.

— Ela vai embora amanhã, não vai? Não pode perder aula e tal.

— Vai.

— Então, ela usa o seu, eu uso o dela e fica tudo certo! — Abriu um sorriso que dava gosto de

ver.

— Se você conseguir convencê-la, por mim tudo bem.

— Eu devia ter ficado doente antes, se soubesse que tudo que peço você faz. — Ele ria descaradamente.

— Rá, rá. — Olhei para ele com seriedade. — Danilo está aqui.

Guilherme revirou os olhos.

— E o que eu tenho a ver com isso?

— Ele gostaria de te visitar.

— Tenho escolha?

— Claro que tem. Você sabe que não posso e nem tenho a intenção de forçá-lo a aceitá-lo como pai.

— Então não quero.

— Tudo bem. Eu falo com ele. Sua avó também veio.

Vi seus olhos se iluminarem.

— Ela eu deixo!

— Tá legal. De tarde eu volto.

— Argh! Mais cinco horas de tédio!

— Fique bem.

Abri a porta sorrindo e deixei que Celeste entrasse. Avisei a Mari sobre o notebook e saí da ala para aguardá-las lá fora. Assim que tirei a parafernália do corpo e abri a porta do setor de isolamento, encontrei Danilo e Elisa encostados à parede com um embrulho nas mãos.

Danilo me entregou o pacote e avisou que era meu café da manhã. Analisei seus olhos de forma demorada. Que ironia. Da última que vez que aceitei uma bebida vinda de suas mãos, o estrago foi enorme. Tanto que eu não confiava em nada que me dessem sem que eu verificasse a procedência. Em ambas as situações, ele tinha sido solícito, me ajudando em um momento delicado. Quando eu estava aflita pela Elisa e, agora, sem comer por me preocupar com meu filho.

Ele percebeu meu desconforto e sorriu meio sem graça, como se entendesse a minha insegurança. Eu sabia que, depois de tudo o que passamos, ele não faria nada do tipo, mas era, no mínimo, um gesto controverso.

Aceitei o embrulho e assenti. Danilo suspirou alto.

— Desculpe, mas o Gui ainda não quer permitir a sua visita.

— Entendo. — Fechou os olhos com força e soltou a cabeça para trás. Nesse momento, senti pena dele. Elisa colocou a mão em seu peito e tentou confortá-lo.

— Um dia ele vai entender.

Danilo abriu os olhos e soltou a respiração com pesar.

— Eu sei, eu espero — respondeu.

— Preciso comer, vou até a lanchonete — informei e comecei a descer a rampa.

— Espere! Vou com você! — Elisa gritou e me alcançou, sincronizando seus passos com os meus.

Olhei para ela desconfiada, entretanto não criei problema. Se ela quisesse me acompanhar, que fosse. Eu ainda nutria uma esperança profunda de que ela voltasse ao normal. Quem sabe não seria agora?

CAPÍTULO 25

Elisa me observava em um silêncio aterrador enquanto eu terminava meu café da manhã. Tinha sido muita consideração deles se preocuparem com o meu bem-estar, levando em conta todas as discussões que tivemos nos meses anteriores. Era estranho ficar ao lado dela dessa forma, causava um incômodo indecifrável.

Ao tomar o último gole do café, empurrei o pacote com o lixo para longe, ergui a cabeça e a encarei. Ela respondeu com um meio sorriso, só que, aparentemente, não tinha coragem para iniciar a conversa.

— O que você queria falar comigo? — fui direto ao ponto. Não queria perder tempo mais que o necessário, meu filho precisava de mim, mesmo se eu não pudesse ficar o tempo todo ao lado dele.

— Muita coisa. — Ela suspirou e apoiou mãos em cima da mesa. — Tenho tanta coisa para esclarecer.

Encostei o corpo na cadeira, em busca de uma posição mais confortável, e soltei o ar de forma exagerada.

— Vai me atacar ou me insultar?

— Não. Juro que não.

Analisei seus olhos e pareciam sinceros.

— Está bem. Sou toda ouvidos.

Elisa respirou fundo e começou:

— Você foi a melhor amiga que eu tive. Depois da festa da Marcinha, eu deveria ter percebido que alguma coisa grave aconteceu. Mas não, pensei que você queria espaço, que era apenas uma fase ou algo do tipo, e continuei a minha vida normal, feliz com meu namorado e com a iminente volta às aulas. Claro que estranhei seu sumiço, só que não foi o bastante para que eu realmente me preocupasse com você. — Ela entrelaçou os dedos das mãos e me olhou. — Entre tantos outros, esse é o primeiro pedido de desculpas que estou te devendo.

— Nós éramos muito novas, Elisa, e eu tentei me esquivar sempre que você ligou ou quando apareceu lá em casa.

— Eu sei, mas não justifica. Quando você mudou de cidade, fiquei arrasada. Eu sabia, no fundo eu tinha certeza, que algo muito sério tinha ocorrido. Eu devia ter insistido mais.

— E mesmo se tivesse feito isso, não conseguiria tirar nada de mim. Eu me fechei, só meu pai soube a verdade, e isso só aconteceu quando recebi o resultado positivo do beta-HCG.

— Seu pai sabia de tudo? Sabia que foi o Danilo? — Agitei a cabeça para cima e para baixo. — Como ele não denunciou? Procurou a polícia, ou sei lá, tomou alguma atitude?

— Ele tomou uma atitude. Me mandou para bem longe de Poços, onde eu não passaria vergonha ou seria julgada pelo resto da vida — concluí e olhei para ela.

— Mas você poderia ter feito alguma coisa para se defender...

— Não, Elisa. Eu não poderia, e você sabe disso. Naquela época nós conhecíamos todas as meninas que sofreram abuso, todas acabavam se tornando fofoca. Eu não queria passar por isso, principalmente depois de descobrir a gravidez. Já imaginou como meus filhos teriam sido tratados? Você, mais do que ninguém, conhece a família do Danilo, sabe como são capazes de influenciar qualquer pessoa. Eu não poderia passar por isso. Nunca colocaria meus filhos nessa posição.

— É, acho você está certa. — Ela levou as duas mãos ao rosto e apoiou a testa. — Como consegui lidar com um abuso, Nat? Aos dezesseis anos! — Balançou a cabeça, soltando as

mãos. — Quando você afirmou que a traição não tinha sido voluntária e culpou Danilo por estupro, eu não acreditei em uma palavra do que saiu da sua boca.

Permaneci quieta, esperando, desafiando-a a continuar.

— Julho foi um péssimo mês pra mim. Se não bastassem meus problemas pessoais, que já eram difíceis de lidar, descobrir que Danilo tinha dois filhos e que a mãe era você foi o cúmulo. Atingiu o limite da minha tolerância. Me senti a pessoa mais traída e destruída do mundo. Você apareceu no pior momento possível, com a pior notícia imaginável.

— Humm.

— Não estou te insultando. Olha, Natália, nem tudo foi fácil depois que você foi embora. — Sua voz tremeu na última palavra, o que me fez ficar mais atenta às suas reações. — Engravidei aos dezenove anos e fui fraca. Eu cursava faculdade de administração aqui mesmo e não queria interromper os estudos para cuidar de uma criança. Eu queria ser mãe, mas não naquele momento, e, como sabia da loucura do Danilo por bebês, escondi a gravidez e, sozinha, procurei uma clínica de aborto clandestina em uma cidade próxima.

— Elisa... — Suspirei. Era delicado demais entrar nesse assunto sabendo que mantive uma gestação de gêmeos proveniente de um abuso e escutar que ela interrompeu o desenvolvimento de uma gravidez saudável, proveniente de um relacionamento estável com o homem com o qual era apaixonada.

— Eu já havia me decidido e nada me faria mudar de ideia. Era maior de idade, consciente dos meus atos e não precisava de acompanhante, nem autorização. Assim, peguei minhas economias e me internei na véspera de um feriado. — Ela parou para respirar fundo. — Foram os piores dias da minha vida e me arrependo todas as manhãs quando acordo. O feto não tinha nem dois meses e me garantiram que tudo seria perfeito. Disseram que a recuperação era tranquila e que segunda-feira eu poderia voltar à vida normal. Só que tive uma complicação. Meu útero foi perfurado e, sem ter como resolver naquele açougue, fui deixada sozinha na frente de um hospital, toda ensanguentada. Precisei gritar por ajuda e fui socorrida às pressas pela equipe do pronto-socorro. A médica que me atendeu me deu uma bronca por ter me submetido de livre e espontânea vontade a um matadouro e advertiu que eu poderia ficar com sequelas. E também corria o risco de ter infecções. Naquela época, nem pensei que isso poderia me afetar. Meus planos para constituir uma família eram sólidos, porém seria dali uns dez anos. Então, quando fui liberada do hospital alguns dias depois, voltei para minha casa e retomei minha vida como se nada diferente tivesse acontecido.

— Como você teve coragem? — Com o coração quase saindo pela boca, meus olhos já estavam lacrimejando e eu segurava para não chorar.

— De abortar? Não sei. Me pergunto isso com uma frequência absurda. Acho que pensei mais em mim do que em qualquer outra coisa. Foi puro egoísmo, e algo com que preciso conviver diariamente. Não tem um dia que não me arrependo, um dia que não penso sobre como seria o rosto do meu filho, ou filha. Eu não sei nem o que era! Às vezes me pego imaginando se seria parecido comigo ou com o Danilo, do que gostaria de fazer... Ele estaria com doze anos. — Jogou a cabeça para cima e soluçou. — Se eu soubesse como me sentiria depois, ou que não havia necessidade de interromper a gravidez para dar continuidade à minha vida, teria sido diferente. Tudo seria diferente.

Cheguei o corpo na ponta da cadeira e peguei a mão da Elisa. Ela desceu o rosto no mesmo instante e firmou o aperto, me olhando com olhos úmidos.

— Depois disso, o tempo passou, retomei a rotina e vivi. Nós nos casamos no dia do meu aniversário de vinte e seis anos. Durante o tempo de namoro não nos separamos nenhuma vez e

sempre nos demos bem. Danilo era um sonho. O que eu pensava e sentia por ele não mudou muito desde a adolescência. Ele se tornou o homem que eu sempre soube que seria. Honesto e digno. Isso até eu descobrir sobre a traição. — Ela sorriu e limpou o rosto com a mão que permanecia livre. — Com quatro anos de casados, decidimos que era hora de aumentar a família. Danilo tinha acabado de ser eleito vereador, algo com que sonhava há anos, e eu trabalhava como sua secretária. Eu também era, ainda sou, responsável pelos bens da família dele, cobrando os aluguéis, cuidando das ações, fazendo planilhas de gastos e lucros, esse tipo de ofício. Era o momento certo para ser mãe. Estava com a vida feita, tinha um marido maravilhoso e uma carreira sólida. Me sentia uma adulta completa, preparada para abraçar essa nova fase da vida. Pronta para ser envolvida pela plenitude de ser mãe.

— Entendo.

— Aí surgiram os problemas. Fui ao ginecologista e comecei a me preparar para o tão aguardado filho. Tomei ácido fólico diariamente por meses, pensando que a demora em engravidar era culpa do anticoncepcional que tomei por mais de dez anos. Meu médico dizia que era normal, que o corpo precisava de tempo para se adaptar às ondas hormonais e, quando eu menos esperasse, estaria com um bebê na barriga. Eu tinha fé e esperava ansiosa para que a gravidez se consolidasse. Só que não foi o que aconteceu. A cada período menstrual, eu tinha uma crise horrível de choro que nada tinha a ver com hormônios. Eu nunca mais senti o gostinho do nervosismo de aguardar os três minutos para ver o resultado do teste de gravidez. Minha menstruação nunca atrasou. Comecei a ficar irritada e a viver em depressão constante. Eu chorava copiosamente pelo filho que tirei e pelo filho que não conseguia ter. Danilo não sabia o que fazer, nem como me acalmar. E também nem sonhava com a atitude que tomei no passado. Mas ele estava lá, me dando apoio.

— Você nunca quis contar?

— Diversas vezes, mas nunca era o momento adequado. — Ela suspirou. — Em resumo, no início de julho, meu médico pediu uma bateria de exames para entender o motivo da minha ineficácia em engravidar. Ele acreditava que era apenas um problema de ordem psicológica, visto o quanto eu ansiava ser mãe. Daí em diante, minha vida caiu em um precipício. O exame de sangue e urina estavam perfeitos, enquanto o ultrassom indicou uma anomalia na parede uterina. O médico explicou com todas as letras que, devido a um trauma anterior, provavelmente de uma gravidez interrompida, meu útero foi comprometido de forma permanente. Afirmou que era provável que a fecundação acontecesse, só que a nidação não se completava. Não existe procedimento capaz de reverter minha condição.

Ah, meu Deus! Se Elisa soube disso em julho, foi poucos dias antes da minha chegada à cidade. Fechei os olhos com força, imaginando o que ela deveria ter sofrido nesses últimos meses.

— Como você deve imaginar, fiquei arrasada e morrendo de medo de contar a verdade para o meu marido. Falar que não podia engravidar por causa de um aborto mal-executado há dez anos seria o fim do nosso casamento. Ele não entenderia e isso acabaria com a gente. Resolvi que, por ora, não contaria nada e sofri sozinha. — Ela respirou profundamente, fazendo uma pausa no monólogo e me encarou. — Uma semana depois, Danilo chegou em casa em pleno expediente de trabalho, exausto e com um semblante péssimo. Não demorou muito para me contar que descobriu que era pai. Ouvir essas palavras foi o mesmo que sentir um punhal ser cravado e torcido bem no meio do peito. Fiquei louca de ódio, querendo entender como e quando. Ele tentou me acalmar, mas foi em vão. Exigi que me contasse o que estava acontecendo, quem era a vagabunda, e ele falou. Contou que você tinha voltado e que trouxe um adolescente que era dele.

Falou inclusive sobre o problema de saúde do Guilherme, querendo ajudar, abraçando a responsabilidade com todo empenho que podia.

Apoiei meu cotovelo sobre a mesa e levei a mão ao queixo. Eu compreendia a profundidade do sofrimento dela, desde a impossibilidade de ter um filho até descobrir que uma suposta traição do marido lhe rendeu filhos. Devia ter sido insuportável ouvi-lo falar sobre outra mulher e um filho com problema de saúde. Eu não saberia como agir no lugar dela.

— Eu queria morrer! Danilo havia me traído, anos atrás, com minha melhor amiga. E, para completar, tinham gerado duas crianças no processo. Nat, você não tem ideia de como eu me senti. Fiquei sem reação, sem comer, sem falar, sem me interessar por nada. Passei noites em claro, pensando na ironia da vida e nas injustiças de nossas escolhas. Eu não me conformava que você pudesse ter me traído, mesmo sem ter contato com você há anos. Eu tinha certeza de que nossa amizade era intocável, acreditava naquele pacto ridículo e pensava que um dia te reencontraria. Foi nesse momento que minha ira começou a se consolidar. Fiquei furiosa com a vida, com você, com Danilo, e resolvi te visitar. Queria ver com meus próprios olhos e foi exatamente o que fiz. Te culpei por tudo o que eu vivia, te ataquei porque não queria aceitar a realidade. E esse é o segundo pedido de desculpas que estou te devendo. Você não tinha culpa da minha incapacidade de reproduzir, apesar de eu ainda acreditar na sua traição, não podia ter feito o que fiz, nem falado as asneiras que você se viu obrigada a ouvir.

— Eu não fazia ideia.

— Sei que não, mas sabe? Agir com raiva e indiferença foi fácil. Erguer a cabeça e fingir que era invencível foi muito tranquilo. Difícil era chegar em casa e ver meu reflexo no espelho. Eu me tornei uma pessoa mesquinha e desagradável. Não tinha vida social, não interagia com os outros, discutia com meu marido na frente de qualquer pessoa... Me tornei uma sombra de quem eu era. Celeste teve que ouvir diversos rompantes furiosos. Aquela mulher é uma santa.

Ela riu e correspondi sorrindo.

— Se é...

— Enfim, fui sendo consumida por essa faceta doentia, desempenhando esse papel ardiloso que me corroía por dentro. Até que chegou o dia em que eu não aguentava mais viver em uma farsa. Mentindo para meu marido, descarregando a minha infelicidade em você, destruindo tudo o que construí por anos. Aquele dia, no qual ouvi sua conversa com Danilo no escritório, foi o banho de realidade que eu precisava para despertar. Saí de lá tão decepcionada por compreender que você sempre tinha dito a verdade, que me senti revigorada. Você não havia me traído, só o meu marido tinha culpa. A determinação me preencheu. Eu queria contar tudo pra ele, tudo sobre a gestação, o aborto e a incapacidade de engravidar. Se ele foi capaz de me trair com minha melhor amiga, ele entenderia e sentiria na pele como era uma traição. Fui direto para minha casa e ele me seguiu. Mesmo com coragem, desabei e chorei a minha alma enquanto contava cada detalhe para ele. Esperava que ele fosse acabar comigo, me rechaçar e pedir o divórcio. Mas não, ele ouviu tudo, todas as palavras e justificativas. Todos os pedidos de perdão, todas as perguntas e acusações que fiz sobre a traição e o abuso.

“Quando me acalmei, Danilo se sentou comigo e me contou o que de fato aconteceu dezesseis anos atrás, na festa da Marcinha. Foi difícil saber que ele gostava de você. Foi surreal compreender que ele te estuprou acreditando que você correspondia. Nat, eu sinto muito por tudo o que te fiz passar, pelas insanidades que falei, pelo tapa... Sei que estamos longe de recuperar a amizade que um dia tivemos, mas queria que você soubesse que pode contar comigo. Não só você, como seus filhos. Eles podem contar comigo sempre que precisarem.”

Assenti, compreendendo seu modo de raciocínio. Em todos os nossos confrontos, Elisa me fez

muito mal e falou certas coisas que eu nunca iria esquecer. Só que ela era humana, tinha sentimentos. Eu não sabia se podia confiar nela, contudo, era bom saber o que se passava em sua mente, entender como ela processou.

— Fico feliz em saber que tudo foi esclarecido entre vocês. Ele aceitou bem o aborto?

— Acho que, no fim, não teve opção. Ele me traiu e me machucou, em contrapartida eu também o traí e garanto que foi doloroso. Foi tiro trocado.

— Elisa, entendo o que você está me contando, mas tem uma coisa que me incomodou mais do que qualquer ofensa que você tenha dito.

— O quê?

— Quando você afirmou que recebeu ligações do REDOME avisando que era compatível com alguém... Você realmente negou?

— Da primeira vez, sim — ela respondeu, baixando o olhar para o pacote pardo em cima da mesa. — Foi logo depois da minha internação na clínica. Eu não podia doar.

— Ah...

— Da segunda, não. Eu menti. Estava tão desnorreada que menti sem pensar duas vezes. Quando me ligaram, você nem havia voltado para Poços, e eu fui fazer os exames finais. Só que de nada adiantou, a pessoa que receberia a doação faleceu antes que eu recebesse o resultado.

— Isso me deixa aliviada. Eu não me conformava de você ter se tornado tão desumana a esse ponto.

— Não, Nat, disse aquilo por pura maldade. Vou me cansar de pedir desculpas e você vai enjoar de escutar. Mas eu preciso que você me perdoe, nem que demore anos. Eu e o Danilo não vamos nos separar. Após nossa longa conversa, ele compreendeu a minha dor e chegamos a um acordo. Eu ainda me sinto mal pela traição dele, só que nosso amor é mais forte que isso, vamos superar essa fase e retomar o curso do destino. Quem sabe o que acontecerá daqui pra frente? — Elisa limpou o rosto uma última vez e se levantou da mesa. Ela pegou o pacote com os restos do meu café da manhã e o jogou na lixeira.

— É, quem sabe? — comentei enquanto começamos a subir a rampa que levava ao setor de oncologia.

Dava para perceber a mudança no clima entre nós duas. Parecíamos despreocupadas, conversando sobre banalidades, o que era um avanço enorme no nosso relacionamento. Falamos sobre o tempo, sobre minhas mudanças, sobre meus tios e sobre os gêmeos. Era estranho, porém gratificante, saber que as tempestades ficaram para trás. E era bom que permanecessem bem distantes.

Quando estávamos quase no topo da rampa, virei o rosto para o lado e vi o corredor adjacente ao da oncologia. Por pouco não tropecei nos meus próprios pés. Havia um homem parado no meio do corredor conversando com uma enfermeira. Ele estava de costas, entretanto, eu podia jurar que era o Igor. Elisa deu mais um passo e parou, olhando para trás, interessada em saber o motivo da minha pausa abrupta.

— Aquele não é o Igor? O que ele está fazendo aqui? — indagou, curiosa.

— É exatamente o que eu gostaria de saber.

CAPÍTULO 26

Eu estava em casa, ocupada em colocar uma roupa bonita e que não destacasse o tamanho exagerado do meu quadril. Entre um vestido vermelho com listras brancas e um short jeans e blusinha verde, escolhi a segunda opção. Parada em frente ao espelho, penteei meu cabelo pela décima vez, esperando que ele permanecesse domado, sem fios revoltos apontando para todos os lados. Não aplicaria maquiagem. Não precisava, já que nem ia sair.

O motivo da minha preocupação era o Igor. Ele tinha ligado mais cedo e, ao saber que eu estava com cólica, disse que viria me visitar. Não comentei que estava sozinha, pois meu namorado respeitava muito meu pai e quase raramente passava aqui nessas condições. Só que, como eu estava sofrendo e ele queria me agradecer, não comentei nada sobre a ausência do dono da casa.

Por isso minha cabeça estava a mil, querendo parecer no mínimo apresentável após passar a manhã de molho. Olhei mais uma vez para minha imagem no espelho e resolvi parar de ser boba. Igor me amava e não se importaria se meu cabelo estivesse como o da Medusa e meu quadril tivesse uns centímetros a mais.

A campainha tocou e dei um pulo. Calcei os chinelos e saí correndo pelo corredor toda esbaforida, esquecendo-me por poucos segundos da dor que pinçava meu ventre. Nessas horas, queria muito entender por que nasci mulher! Ser homem era tão mais fácil.

Abri a porta de uma vez e dei de cara com minha obsessão. Igor estava esplêndido! Usava regata vermelha, bermuda jeans escura e All Star nos pés.

— Oi, linda! — Ele deu um passo para frente e deu um beijo casto nos meus lábios.

— Oi — respondi sorrindo. Só sua presença já era capaz de me distrair do monstro raivosos que contorcia meu útero.

Peguei a mão dele e o levei para dentro, fechando a porta em seguida.

— Cadê seu pai? — indagou olhando ao redor, procurando por ele na poltrona com tecido gasto.

— É... meu pai? Saiu!

Igor me olhou desconfiado, porém não questionou. Continuei caminhando até o meu quarto, puxando-o comigo. Quando entramos no cômodo com decoração bem feminina, deitei na cama e abracei o estômago. O Adônis não tinha tanto poder de cura como eu desejava.

— Ei, tá doendo muito? — Ele se solidarizou com meu sofrimento.

— Aham! — gemi.

Igor se sentou na cama ao meu lado e começou a passar a mão em meus cabelos ondulados.

— Trouxe um filme pra gente ver — comentou erguendo a mochila e tirando de lá *Agora e Sempre*.

— Amo esse filme!

Ele riu.

— Eu sei. Você já me fez assistir três vezes. — Tentei sorrir, mas o que esbocei no lugar do sorriso foi uma careta de dor. — E... isso. — Enfiou a mão na mochila, tirando de lá uma caixa de chocolate.

— O melhor! Você é o melhor namorado!

— Não suporto te ver sofrendo, Nat. Se depender de mim, você nunca irá sofrer. Pode escrever o que estou te dizendo.

Fiquei surpresa por vê-lo ali, o último lugar em que cogitaria encontrá-lo. O que raios Igor fazia em São Paulo? E ainda por cima no mesmo hospital que meu filho? Será que veio nos visitar? Isso era muito estranho. Depois de ficar semanas evitando falar comigo, se materializar assim, do nada, no local exato onde eu estava com minha família.

— Igor? — perguntei elevando gradativamente o volume da minha voz. Não queria alertar quem estivesse andando por ali, no entanto, queria garantir que estava sendo ouvida.

Ele virou a cabeça devagar e arregalou os olhos ao nos ver a poucos metros de distância. Pude perceber que engolia em seco.

Bom, muito bom. Ele teria que me explicar direitinho o que fazia ali.

De forma automática, meus pés começaram a caminhar até ele, deixando Elisa para trás. Meu rosto deveria estar com uma expressão ameaçadora, visto que a enfermeira nos deu as costas e saiu rapidinho.

— Natália? O que faz aqui? — indagou com ar confuso, o que não me convenceu.

— Boa tentativa, mas essa pergunta é minha. Por que *você* está aqui?

— Eu tinha um compromisso. — Limpou a garganta ao responder.

— Aqui em São Paulo? Neste hospital? Quase no mesmo dia do transplante do meu filho?

— Não vejo problema algum.

— Então vai me dizer que é uma tremenda coincidência? — Cruzei os braços embaixo do meu busto, esforçando-me para controlar o tremor que percorria meu corpo. — Você não responde minhas mensagens há dias e agora aparece aqui?

Igor arfou, demonstrando certo constrangimento por ter sido pego no flagra.

Bom. Muito bom.

— Não. — Passou a mão no cabelo, claramente desconcertado. — Não é uma coincidência. Vem cá.

Ele não me deu chance de responder. Pegou meu braço e começou a me conduzir até o próximo corredor. Olhei de relance para Elisa, que ainda estava parada me esperando, e vi que ela acenou, fazendo um tchauzinho curto.

Igor não olhou para trás nenhuma vez. Seguiu reto em direção à segunda porta e entrou sem cerimônia, sem se preocupar se invadia o quarto de algum paciente. Tão logo fechou a porta, passou a chave no trinco, deixando-nos trancados ali dentro.

Não me importei por estarmos trancafiados e sozinhos em um quarto pequeno e apático. Eu não era idiota, tinha uma boa ideia do motivo que o levou àquele hospital e queria que ele confessasse. Meus sentimentos davam indício de estarem prestes a entrar em ebulição, visto que meus olhos traiçoeiros começavam a se emocionar. Percorri o pequeno espaço entre a porta e a cama batendo os pés e parei encostada à mesa de canto, esperando que ele começasse a explicação.

Igor avançou até onde eu estava com a elegância de um animal prestes a dar o bote e me prendeu entre seus braços.

— Igor...

— Você sabe por que estou aqui. Precisa escutar com todas as letras? — Sua voz acariciava meu rosto, disparando ondas elétricas para os lugares mais impróprios.

— Você não... — Eu lutava para ordenar os pensamentos entre as oscilações hormonais e a proximidade dele não ajudava em nada.

— Não o quê? — Igor analisava meu olhar de forma incisiva. — Não era capaz de me cadastrar no REDOME em benefício do seu filho? Por que não? Porque ele é filho de uma

traição? — respondeu, irônico.

— Não é isso!

— Não? Então qual o problema?

— Não te entendo! Você ficou sem falar comigo, se distanciou. E agora descobro que foi o doador que eu tanto procurei! — respondi ao olhar fulminante que ele lançava. — Você me deixa confusa! Tem hora que se aproxima, em outra se afasta. Não sei como reagir a esse vai e vem.

— É difícil, Nat. Estar perto de você é difícil! Quando olho pra você eu quero... — Soltou a respiração e virou o rosto para o lado, evitando os meus olhos. Quando voltou a falar, fitava o chão e sua voz saía com fraqueza. — Se ajudar seu filho é a única forma de poder estar perto de você, de poder ajudar, é exatamente o que vou fazer.

Peguei seu rosto com as duas mãos e o forcei a virá-lo para mim. Seus olhos estavam tão emocionados quanto os meus e isso me atingiu como o impacto de uma bomba nuclear. Eu não conseguiria me conter.

— Igor... durante todos esses anos, não teve um dia que não pensei em você. Em como você estava, o que fazia, se namorava, se era feliz. Coloquei na minha cabeça que sim, você era feliz e que seguia a sua vida. Eu não esperava ter que voltar e enfrentar tudo. Não esperava que a gente fosse se reencontrar e que sentimentos antigos fossem ressurgir. A doença do Gui me forçou a tomar essa atitude, não queria te causar sofrimento.

— Causar sofrimento! — Ele riu. — Está sendo uma tortura ver você conviver com o Danilo como uma família. Não era pra você ficar sabendo que eu fui o doador, eu não queria que você olhasse para mim como se eu fosse o coitado do ex que ficou para trás. Fiz uma boa ação sem esperar nada em troca.

— Eu nunca pensaria isso de você! — retruquei na mesma hora. Como ele poderia pensar uma coisa absurda dessas? — Se seu ato prova alguma coisa, é que você é ainda mais espetacular do que eu me lembrava. E tem mais, eu não convivo com o Danilo como se fôssemos uma família feliz! Tem tanta coisa que você não sabe...

— Então me conte! Pare de esconder e de ter medo de mim.

— Medo de você? A última coisa que sinto é medo de você!

— Então por que você não...

— Por que eu te amo! Depois de todo esse tempo eu ainda te amo! E morro de medo da sua reação quando você...

Igor não me deixou terminar, agarrou meu cabelo e me beijou, pressionando-me na mesa. Não tive tempo de pensar no que disse, na maneira como acabei me declarando. Apertei o corpo dele contra o meu, eliminando cada centímetro de distância. O contato era como lava de um vulcão em erupção, quente e destruidor. E eu sabia que teria um fim. Não era sempre dessa forma? Um interminável conjunto de momentos esquentando e esfriando?

Fiquei esperando que ele se afastasse, como fez das outras vezes, só que percebi que ele aprofundou o beijo e não se afastou. Eu queria acreditar que suas emoções estavam tão em alta quanto as minhas e iria tirar proveito disso. Não deixaria que ele se afastasse, não agora. Por mais que o momento e o local fossem tremendamente inadequados — mais uma vez —, eu tinha certeza dos meus sentimentos e queria muito mais que um beijo.

— Nat, espera... — tentou falar, mas não permiti.

— Não. Cansei de esperar! — retruquei em seus lábios, puxando-o para ainda mais perto, como se fosse possível fundir nossos corpos.

Ele correspondeu segurando meus quadris com as duas mãos, apertando e intensificando o

atrito. Abri as pernas sem um pingo de vergonha e me deleitei com o movimento pélvico que ele engatava. Eu podia parecer uma mulher atirada, entretanto, a verdade era totalmente oposta. Eu havia me cansado de esperar, cansado de ser passiva, cansado de não fazer o que queria quando eu queria.

Agora que meu filho estava a meio caminho de se curar, eu não tinha muitas preocupações. Foram tantos anos reprimindo minhas vontades, tanto tempo me dedicando a outras pessoas que eu amava, que me deixei de lado e não quis me envolver sério com ninguém. Estava farta disso. Farta de problemas, farta de me preocupar excessivamente, farta de me doar e não ser recompensada. Queria receber e queria nesse momento!

Por isso abracei essa insanidade hormonal que era me oferecida de bandeja e avancei para cima da camiseta dele, puxando-a por seu abdômen com pressa e receio de ser rejeitada uma terceira vez. Igor não facilitou, todavia, não impediu, permitindo que eu me esbanjasse tocando as suas costas e passando as mãos famintas por sua barriga. Ele soltou meus lábios para gemer e aproveitei a deixa para tirar aquele pedaço de pano ridículo que me privava da melhor parte. Livre do tecido, usei e abusei dos seus ombros, correndo os dedos e fincando as unhas em suas costas. O pescoço jogado levemente para trás também era um convite, então mergulhei, distribuindo beijos, mordidas e lambidas em todos os locais que meus lábios resvalavam.

Eu sabia que ele estava cedendo, suas mãos cravavam cada vez mais forte em minhas nádegas e sua respiração quente atingia meu pescoço, lançando descargas elétricas arrebatadoras em meu sistema límbico. Não demorou para que ele correspondesse às minhas investidas. Com as mãos ainda em meus quadris, Igor me pegou no colo e me levou para a cama, demonstrando como era forte, já que, apesar da baixa estatura, eu não era tão magra. Assim que meu tronco encostou no colchão da cama de metal barulhenta, ele abriu os botões da minha camiseta, revelando um sutiã preto básico.

— Sempre amei quando você usava preto — foi o que comentou antes de descer a cabeça entre meus vales curvilíneos.

Segurei seu cabelo, acariciando a escápula enquanto ele redescobria meu corpo. Um corpo marcado, deformado e maior do que aquele que havia acabado de sair da infância e não possuía muitos sinais de maturidade, a não ser os pequenos seios e o quadril largo. Eu me orgulhava de como era hoje. Tinha estrias, celulites, cicatriz de cesárea e meus seios já não eram iguais, e todos esses detalhes contavam uma história, a minha história.

Sorri ao sentir seus dedos ávidos em minhas costas, à procura do fecho do sutiã, esperando ansiosamente pelo que viria em seguida. Quando conseguiu abrir, olhou em meus olhos com um largo sorriso.

— Sempre amei olhar pra você desse jeito — direcionou os olhos para baixo e observou cada pedaço de pele exposta. Subiu as mãos e segurou meus seios em conchas, brincando com os mamilos entre os polegares. — Linda... continua linda. — E desceu o rosto mais uma vez, fazendo com que eu me afundasse em uma maré infinita de sensações.

A cama rangia e nós nem tínhamos nos livrado de todas as roupas. Pensando nisso, desci a mão e tentei alcançar a braguilha da sua calça jeans. Não foi difícil, já que ele estava curvado em cima de mim. Abri o botão, desci o zíper e, sem aguardar por qualquer sinal de aprovação, enfiei minha mão lá dentro, encontrando o que eu tanto queria. Apertei levemente seu membro rijo e ouvi sua respiração acelerar. Em dois segundos ele tinha mudado o foco de sua atenção e me encarava com a boca pendendo e arfando.

— Se continuar com isso, não vou aguentar muito tempo.

Não precisava avisar duas vezes! Tirei minha mão de dentro da calça e empurrei seu corpo

para o lado, jogando-o na cama. Peguei os dois lados do jeans e comecei a retirá-lo com cuidado, levando junto a cueca. Igor me auxiliou, tirando os sapatos com os pés e chutando-os para longe. Quando a longa peça de roupa estava completamente fora do caminho, senti seus dedos no cócs da minha calça, querendo me despir na velocidade da luz.

— Tem preservativo? — indaguei, mesmo sabendo que eu não precisava, pois era adepta a implante subcutâneo há tempos. Só que era bom dar a opção.

— Não. Você? — Ele me olhou com uma expressão de dor no rosto, prevendo uma resposta negativa.

— Não.

Ele fez uma careta.

— Precisa? — questionou, bufando, e comecei a rir ao ver a aflição estampada em seu semblante.

— Não, eu...

— Graças a Deus!

Igor terminou de tirar a minha calça e me puxou de encontro a si.

— Não tenho nada com que você precise se preocupar — informou.

— Eu também não — afirmei, sorrindo.

Ele passou a mão em meu rosto com uma leveza fora do comum.

— Eu queria fazer isso desde o dia em que te vi, no portão da sua casa. Você não sabe como foi difícil me policiar e raciocinar com a cabeça certa — falou, olhando em meus olhos enquanto eu me ajeitava, apoiando uma perna em cada lado do seu quadril.

— E eu queria fazer isso desde sempre.

— Sempre amei te ver assim — comentou ao mesmo tempo em que descia a mão entre nossos corpos, encontrando a minha entrada.

Era precipitado, era cedo e, definitivamente, não era o momento certo, mas era impossível segurar.

Peguei seu rosto com as duas mãos e ergui sua cabeça, fazendo com que ele olhasse em meus olhos e deixasse de se fixar onde nossos corpos se encontravam.

— E eu sempre te amei.

Igor não respondeu, em vez disso, invadiu minha boca e empurrou meu quadril para baixo, abrindo espaço entre minhas paredes. Nesse momento, fui incapaz de sentir qualquer coisa além de... dor. Fechei os olhos com força e, por mais que não quisesse demonstrar, contrái o rosto em uma careta que descrevia o que acontecia lá embaixo. A sensação era cortante e me queimava por dentro. Era como se eu estivesse perdendo a virgindade pela segunda vez. E, por ironia, com o mesmo homem.

— Nat? Que foi? — Igor ficou imóvel e abri os olhos lentamente, com medo e vergonha de ter que olhar para ele e admitir que não estava sendo tão agradável quanto minhas expectativas. — Por que está sentindo dor?

— Não sei. — Abaixei o rosto, encabulada.

Ele soltou minhas pernas e levou as mãos ao meu rosto, segurando e erguendo-o com carinho.

— Faz muito tempo que você não tem relação?

— Um pouco.

— Quanto tempo? — insistiu, acariciando meu rosto com os polegares. — Nat?

— Alguns anos — assumi. Eu não revelaria exatamente quantos, principalmente ali, daquele jeito. Respirei fundo e tomei coragem. — Pode continuar.

— Tem certeza? Estou quase morrendo aqui — disse rindo. Concordei com um simples

movimento de cabeça e senti quando as mãos dele voltaram para meu quadril. — Se a dor não diminuir, me avise. A gente pode mudar de posição e...

— Mexa-se! Por favor!

Vendo minha reação exacerbada, Igor ergueu meus quadris alguns centímetros e abaixou devagar. A dor ainda estava presente, entretanto, não era tão lacerante quanto antes. Aos poucos fui me soltando, me sentindo melhor, e, quando me dei por mim, rebolava em cima dele, procurando aliviar o que me consumia.

Igor não me largou por nem um segundo, permaneceu o tempo todo me ajudando com as manobras ou passando as mãos por meu corpo, fazendo-me sentir como a mulher mais desejada e mais bonita que ele já viu. As estrelas me atingiram de forma violenta, fazendo com que eu arqueasse minhas costas para trás e me esquecesse da vida, do meu nome e de nosso passado. Éramos só eu, ele e o colchão barulhento.

Barulhento?

Ah, meu Deus! A gente estava na cama do hospital!

Nós transamos no hospital!

Saí de cima dele correndo e comecei a juntar minhas roupas espalhadas pelo quarto. Igor me olhava com um sorriso divertido, tentando entender o motivo do meu desespero.

— Nós estamos no hospital! — informei, já que parecia que ele não se lembrava desse detalhe.

— E daí?

Parei onde estava, fechando o meu sutiã e o fuzilei com o olhar. Igor tinha se espalhado na cama de metal confortavelmente, com os dois braços atrás da cabeça, exibindo aquele corpo de dar água na boca em toda a sua glória. Sacudi a cabeça e voltei a me concentrar no que precisava.

— E daí que somos dois adultos responsáveis que não devem se deixar levar por impulsos em local público.

— Público? Aqui não é um local público, é privado.

— É um hospital do SUS! Qualquer pessoa pode entrar aqui! — Olhei ao meu redor em busca da minha camiseta e caminhei até o outro lado da cama para pegá-la.

— Natália, olhe pra mim.

— Não, Igor, temos que abrir essa porta o quanto antes! Se alguém ouviu... ai! Nem quero imaginar se alguém ouviu.

— Nat... — Ele se sentou e bateu a palma da mão no colchão ao seu lado. — ... senta aqui.

— Nã...

— Você não vai embora sem me contar o que aconteceu há dezesseis anos. — Gelei e fiquei imóvel com a camiseta em mãos, pensando se correr até a porta seria o ideal. Igor pressentiu minha rota de fuga e me alertou: — Vou atrás de você nem que eu tenha que revirar esse hospital.

Dei dois passos em direção à cama e encarei o homem que merecia saber a verdade. Toda a verdade.

CAPÍTULO 27

— Um pacto? Igual aquelas meninas de filmes da Sessão da Tarde? — Danilo indagou enquanto entrávamos no Parque Municipal.

Olhei para Elisa indignada. Nosso pacto era um segredo! Ou eu pensava que era.

— Não acredito que você contou pra ele! — Fuzilei minha amiga com o olhar. Eu já imaginava que ela acabaria relatando a nossa conversa para o seu novo namorado. Eles não desgrudavam nem nas tardes de domingo, nosso dia sagrado de fazer caminhada no parque, mesmo debaixo de chuva.

— Ah, Nat, não fica brava. Achei tão legal que contei.

— Entre outras coisas... — Danilo abraçou as costas de Elisa e eles continuaram andando assim, diminuindo o ritmo dos passos.

Nessa velocidade não terminaríamos as quinze voltas nunca!

— Eu achei a ideia legal. Tipo, vocês são tão amigas que querem ser assim pro resto da vida — Igor deu pitaco ao meu lado.

Era a primeira vez que estávamos saindo todos juntos e eu gostava mais a cada minuto.

— Mas isso só dá certo em filme — comentou Danilo.

— Até parece! — Elisa retrucou. — Nada vai ficar entre nós duas. — Ela piscou para mim e eu sorri, concordando. — Nossa amizade é eterna.

Igor segurou a minha mão e apertou o passo, deixando o casal de pombinhos para trás.

— É de admirar, sabe? A amizade de vocês. — Olhou para mim de relance.

— Você e o Danilo também são muito amigos — pontuei. — Se conheceram no futebol?

— Não. Estudamos juntos desde pequenos. Ele é um cara legal.

— Ele parece ser legal.

— E é. E você e a Elisa? Também se conheceram na escola?

— Tecnicamente, não, foi na quadra, eu tava vendo um treino de... deixa pra lá.

— Não, não, não. — Ele deu um passo mais largo e se posicionou à minha frente. — Não deixo pra lá. Treino de...?

Parei de caminhar e olhei em seus olhos. Não sabia se era o momento certo de revelar a profundidade do que eu sentia, e talvez ele se assustasse em saber que eu era obcecada por tudo que ele fazia. Mas eu não sabia mentir, então não tinha escolha.

— Futebol — confessei.

— Humm... é mesmo? E por que você assistia ao treino de futebol? — indagou, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, fazendo meu corpo todo arrepiar.

— Aham — foi o que consegui dizer.

— Aham?

— Uhum...

Ele aproximou o rosto do meu e passou o nariz em meu pescoço. Fiquei completamente imóvel, apreciando a sensação nova e magnífica que era tê-lo perto de mim.

— Eles são tão bonitinhos juntos. — Ouvi Elisa passar ao meu lado e sorri.

— Concorda com ela? — Igor sussurrou ao meu ouvido.

— S-sim, e você?

— Tire suas conclusões... — foi o que escutei antes que ele colasse a boca na minha, fazendo com que eu parasse de sentir os pés, as pernas, os braços e... bem, o corpo todo.

O que escondi por quase uma vida inteira estava se tornando folhetim de novela das sete, aquelas que nem sempre são boas como as do horário nobre, mas que apresentam um enredo todo enrolado como a prima que tem a melhor audiência.

Todas as pessoas próximas a mim acabaram sabendo, de uma forma ou de outra, o que aconteceu comigo aos dezesseis anos. Eu não queria que Igor soubesse por vários motivos, só que, na altura do campeonato, por que evitar? Para que evitar?

Eu já tinha deixado escapar que o amava, o máximo que poderia acontecer era algum tipo de rejeição e eu não permitiria que isso me abalasse. Vivi por muitos anos sem precisar de alguém ao meu lado, e esse fato não mudaria agora.

Além disso, eu estava emocionada demais para conseguir refrear. Não sei o que me deixou mais desestabilizada: se foi me declarar, ter feito amor em uma cama de hospital com o homem da minha vida ou saber que foi esse mesmo homem que doou a medula para o meu filho. Eu acreditava que a última opção era a que pesava mais e foi o que desencadeou as outras duas.

Pelo menos não era uma tragédia o que fazia com que minhas pupilas enxergassem embaçado. Eu estava feliz e queria proporcionar um pouco de tranquilidade. Queria aliviar os pensamentos dele, queria que ele soubesse a verdade, por pior que fosse.

Igor sentiu minha reserva e levantou para se vestir. Observei enquanto ele pegava as peças de roupa no chão e vi o curativo em seu quadril.

— Doeu?

Ele me olhou confuso e, ao ver a direção do meu olhar, balançou a cabeça.

— Nadinha. Tomei anestesia.

— Humm... e agora? Você podia ter feito força? — perguntei um pouco envergonhada.

Igor riu baixinho, fechando o zíper da calça, e voltou a se sentar na cama.

— Senti apenas um leve incômodo, nada que o prazer não tenha amenizado.

Sorri para ele e me sentei ao seu lado, respirando fundo para enfrentar os próximos minutos.

— É tão difícil lembrar. Nunca contei para ninguém a não ser o meu pai, quando me mudei de Poços.

— Você pode me contar. — Igor alcançou a minha mão e a segurou com cuidado, acariciando o dorso em círculos leves e carinhosos.

Meus olhos umedeceram no mesmo instante.

Era oficial, eu havia me tornado a pessoa mais chorona da galáxia. A sobrecarga emocional que vivi nos dois últimos dias podia mover montanhas. Imagina somar todos os motivos que tive na vida para me debulhar em lágrimas? Se existisse um concurso da pessoa mais sentimental, com certeza eu estaria no páreo.

Suspirei profundamente e comecei:

— Não sei como te agradecer.

— Não tem necessidade. Eu não queria que você se sentisse na obrigação de retribuir. Não foi por isso que doei. Fiz meu papel enquanto ser humano, não espero nenhum prêmio por causa disso.

— Mesmo assim. Você salvou a vida do meu filho, apesar de acreditar que eu...

— Me traiu. Foi exatamente o que fiz.

— Só que eu nunca te traí.

Pela primeira vez, em todas as minhas tentativas anteriores de me defender sobre a acusação de traição, percebi que Igor me ouviu. Ele não me atacou, não se defendeu ou atrapalhou a minha fala. Meu ex-namorado simplesmente me olhou, ainda segurando minha mão na dele. E quanto a

mim, não me retraí. Não sabia de onde vinha a força e determinação que me tomaram, no entanto, não desistiria. Ele sairia daquele hospital sabendo de tudo.

— Você merece saber. Sempre mereceu, só que era tanta coisa envolvida. Eu não queria que você se aproximasse de mim por pena ou que olhasse para meus filhos de forma diferente por causa dos meus traumas. — Ele me fitava em silêncio. — E isso não era apenas com você, eu não queria que ninguém soubesse. Era para ter ficado entre mim e o Danilo. Só que, de repente, Elisa descobriu, e, a partir daí, não pude conter a avalanche.

Fiz uma pausa com esperança de que ele dissesse alguma coisa, porém, continuou quieto, escutando com atenção. Sem alternativa, encarei o chão e soltei o verbo, esforçando-me para ser o mais clara possível sem usar palavras erradas.

— Naquele verão, você viajou com sua família e eu fui à festa da Marcinha com a Elisa e o Danilo, lembra?

— Claro que sim.

— Então, na festa, Elisa passou mal por ter bebido e ficou em um quarto no segundo andar, enquanto saí à procura do Danilo para me ajudar a cuidar dela. Ele estava na cozinha, e fiquei tão agitada que ele arrumou um refrigerante pra me acalmar. — Fechei os olhos com a lembrança invadindo minha consciência. A leve carícia da mão do Igor me encorajava. Não abri os olhos. — Nós estávamos subindo as escadas quando senti uma forte tontura e precisei me apoiar no corpo dele para subir os últimos degraus. Nesse momento, Danilo confundiu o meu gesto, pensando que eu o abraçava por um motivo completamente diferente, e me beijou. — Seus dedos se retesaram, mas não me acovardei, precisava despejar tudo. — Minha próxima lembrança é de estar deitada em uma cama e de vê-lo pairando em cima de mim, fazendo coisas que eu só... que eu só tinha liberdade com você.

Minha voz saiu embargada ao completar a frase e travei em alguns momentos, balbuciando e gaguejando.

— Você tinha bebido? — foi o que ele perguntou com a voz tensa.

— Não, nadinha.

Ouvi a respiração do Igor se aprofundar e sua mão apertou a minha com mais força, quase causando dor. Não arrisquei olhar para ele, e também não dei tempo para que ele me interrompesse outra vez.

— Quando acordei no dia seguinte, estava em casa, na minha cama, mas não me lembrava de ter ido pra lá. Não me recordava de ter saído da casa da Marcinha ou de qualquer outra coisa que aconteceu depois de ter descido para chamar o Danilo. Estava confusa e sabia que tinha algo errado, muito errado. Quando me levantei para ir ao banheiro, senti dores na... — Travei, lembrando-me de quem estava ao meu lado. — Entre as pernas. Você lembra que a gente tinha feito só...

— Lembro — concordou com a voz baixa.

— Era estranho, eu não tinha memória de parte do dia anterior e me sentia como se a gente tivesse... — Balancei a cabeça quando as imagens que me perturbavam se tornaram nítidas em minha mente. — Bem, depois de uma meia hora, comecei a lembrar de flashes aleatórios. Eram curtas e rápidas imagens que apareciam em meus pensamentos sobre o que havia acontecido na tarde anterior. Achei que era delírio, mas meu corpo dizia o contrário. Fiquei despedaçada e horrorizada conforme as peças se encaixavam e começavam a fazer sentido. Eu tive relação sexual com o Danilo sem ter ideia do que estava fazendo. Isso me devastou. Era impossível que eu tivesse feito isso por vontade própria. — Olhei para ele com toda sinceridade que possuía. — Eu nunca teria feito isso, Igor, eu te amava demais e estava vivendo um sonho antigo ao seu

lado. Foi quando me dei conta de que eu só poderia ter sido drogada. Por isso não me lembrava de nada com clareza, apenas fragmentos. Concluí que Danilo colocou algo no refrigerante e, quando fez efeito, abusou da minha falta de consciência.

Sua expressão facial era sombria, eu apostava que Igor poderia matar o Danilo se o visse agora. Peguei seu rosto com cuidado e virei em minha direção, para que pudesse me olhar.

— Foi por isso que terminei o namoro. Não suportei ter feito o que fiz, não queria envolver ninguém em meus problemas e precisava lidar com o abuso sozinha, antes de ser capaz de seguir minha vida. Eu não queria ver ninguém, não queria falar com ninguém. Como você deve lembrar, me afastei de todo mundo. Escolhi sofrer sozinha e calada, tentando superar como podia. Não dava para contar para a Elisa, para você... para ninguém. Eu viraria fofoca, Danilo nunca assumiria e a família dele daria um jeito de me ridicularizar se eu o denunciasse. Bem, isso era o que eu acreditava — acrescentei com ar de derrota.

— Danilo é um filho da puta — Igor comentou entre dentes.

— Calma, não terminei — pedi olhando dentro de seus olhos. Mesmo furioso, Igor assentiu. — Quando acabaram as férias, eu estava morrendo de medo de vê-lo na escola. Morrendo de medo de qual seria a reação dele, sealaria alguma coisa, se me colocaria em evidência alterando as circunstâncias a seu favor. Aquele primeiro dia de aula foi horrível. Danilo falou comigo como se nada tivesse acontecido, Elisa sorria sem parar ao lado dele, e você beijava outra garota bem na minha frente.

— Nat... — Ele arfou e inclinou o rosto, deixando os lábios levemente abertos.

— Não importa, vocês não suspeitavam da minha dor. Você fez o que achou que era certo.

— Não era certo.

— Era. Na sua cabeça era. Você estava com raiva e com razão. — Sorri, tentando amenizar o sentimento de culpa estampado em seu rosto. — Foi nessa semana que comecei a passar mal. Alguns dias depois, fui parar no hospital e descobri que estava grávida. Acho que você consegue imaginar o meu desespero quando fiz os cálculos e deduzi quem havia me engravidado. E foi assim que desabafei com meu pai. Era demais pra mim. Lidar com o abuso sozinha era uma coisa, mas gravidez de um garoto que nem era o meu namorado era outra completamente diferente. Meu pai quis matar o Danilo, passamos um fim de semana inteiro conversando sobre o que seria feito. Como semanas tinham se passado, eu não poderia dar queixa nem comprovar o abuso. O único vestígio era a gravidez. Se eu falasse para alguém que era dele, seria julgada como a pior das pessoas.

— Eu não... — ele começou a argumentar, mas não deixei que continuasse.

— Iria. Você iria me julgar e tiraria suas próprias conclusões, assim como fez em agosto, dezesseis anos depois. Elisa também concluiu o pior de mim, que eu era uma traidora sem escrúpulos. Eu nem queria pensar na reação do Danilo.

— Você deveria ter denunciado.

— Não. — Levei a cabeça de um lado para o outro. — Seria a minha palavra contra a dele, que vinha de uma família tradicional e influente, numa época em que o aborto era visto com outros olhos, em uma cidade relativamente pequena. Enfim, como sempre fui totalmente contra abortar, resolvi ir embora e enfrentar meus problemas longe de Poços. Meus tios me ajudariam a retomar a vida e a cuidar do bebê. Lógico que eu não sabia que eram dois. Só descobri mais tarde. A cada revelação, uma parte de mim era estilhaçada. — Parei para respirar. — Bem, tudo mudou depois do nascimento dos gêmeos. O rancor e a mágoa permaneceram intactos, porém o amor que sentia por meus filhos compensava tudo o que passei. Vivi todos esses anos me dedicando a ser a melhor mãe possível, ignorando a forma que foram concebidos. Até que Gui

ficou doente e precisei voltar. Voltei com a intenção de implorar para que o Danilo se cadastrasse no banco de doação de medula. Voltei com a esperança de que ele ou alguém da família dele fosse compatível e salvasse a vida do Guilherme. Foi nesse momento que ele soube que eu me lembrava daquele dia. Como era de se esperar, no início, negou o estupro, me ridicularizando. Só que, quando soube da existência dos gêmeos, sua atitude mudou.

— Vou arrebentar o Danilo!

O assunto era sério, mas comecei a rir e balancei a cabeça em negativa.

— Não vai, não.

— Você ainda o defende! Ele é um canalha! — Igor se levantou e começou a andar de um lado para o outro.

— Se você tivesse me perguntado há um mês, eu não o defenderia, só que agora as coisas mudaram. Hoje sei que único crime que ele cometeu foi ter se apaixonado pela namorada do melhor amigo e aproveitar a oportunidade de um momento íntimo com ela. O problema é que ele pensou que eu correspondia por livre e espontânea vontade, não sabia que a bebida tinha disso alterada.

— Que história é essa? Você acabou de me contar que sofreu um abuso! — Igor falava e mexia as mãos com agressividade.

— E sofri. Essa é a minha versão dos fatos. Só que tudo tem dois lados, Igor, e Danilo me contou a versão dele, uma em que foi tão vítima quanto eu. — Suspirei observando seus olhos incrédulos. — Ele não sabia que o refrigerante estava alterado.

— E você acredita nisso? — Ele me encarou, possesso.

— Acredito. Após diversas palavras atravessadas, conversamos e ele me contou que gostava de mim. Danilo pensou que, quando o abracei naquele dia, procurando apoio, estava correspondendo. Ele disse que só percebeu que não era o caso porque chamei pelo seu nome, Igor, quando já tinha rolado. Falou que isso o alarmou e ele começou a prestar mais atenção em mim, percebendo que eu não estava normal. Mais tarde, após me deixar em casa e em segurança, encontrou com o Caio e ele se gabava de ter abusado de uma garota depois de ter batizado uma garrafa de dois litros de refrigerante. Danilo ligou os pontos e concluiu que foi dessa garrafa que ele me serviu.

Igor ficou parado me olhando por uns bons minutos. Minha ansiedade borbulhava, querendo que ele falasse alguma coisa. Qualquer coisa.

— Você realmente acredita nessa versão? Que ele não sabia que você estava drogada?

Assenti, concordando.

— Igor, pensa comigo. Você conhece o Danilo desde a infância. Ele parece o tipo de homem que tira proveito de uma garota contra a vontade dela? Você não teria continuado amigo dele por todos esses anos se ele não tivesse caráter, se ele não fosse uma pessoa boa. — Levantei-me e fui até ele. — Quando voltei para Poços, vim preparada para enfrentar uma guerra contra ele e sua família. Eu não queria que ele assumisse a paternidade nem esperava nada dele além da doação, mas sabia que teria problemas ao confrontá-lo. O fato de ele querer assumir o papel de pai me surpreendeu. A família dele se envolver também me deixou confusa. Não fazia sentido ele querer fazer parte da minha vida e ser pai dos meus filhos depois do que fez. Não condizia com a imagem que eu tinha dele. As atitudes controversas me enlouqueciam, até ele me contar tudo.

Igor passou a mão no rosto, nitidamente exausto com o tema da nossa conversa. Dei um passo para frente, ficando bem próxima dele, e segurei seu rosto com as mãos.

— O fato de não ter sido propriamente um estupro, não quer dizer que eu me sinta de forma diferente, porque, para mim, foi um abuso. Foi um trágico mal-entendido, que teve uma péssima

consequência. Agora você entende que nunca te trai? Que eu nunca teria sido capaz de fazer isso?

Igor demorou para emitir uma resposta e, por fim, assentiu e me beijou. Não foi um beijo cáldo e arrebatador como os anteriores. Foi um toque de carinho, de aceitação, de amor. Quando se afastou, olhou nos meus olhos e sorriu.

— Acredito em você. Sinto muito por ter te julgado.

— Não precisa se desculpar.

Sorri ao observar os traços em seu rosto. Ele não estava calmo, no entanto, eu me sentia aliviada por ter desabafado. Já tinha passado da hora de esclarecer os conflitos entre nós.

Igor foi até a porta e a destrancou. Eu nem me lembrava de que estava trancada, para início de conversa. Fiquei esperando que ele voltasse para perto de mim, mas não, abriu a porta e começou a sair do quarto.

— Igor! Aonde você vai?

Ele parou antes de se retirar e me olhou por cima do ombro.

— Preciso ter uma conversinha com o Danilo. De homem pra homem.

E, com isso, saiu, me deixando estacada no meio do quarto.

Ah, Deus!

Ah, meu Deus! Eu precisava ir atrás dele.

CAPÍTULO 28

Peguei minha bolsa e saí em disparada pelo vão da porta que Igor deixou aberta. Não tinha a intenção de parecer uma lunática pelos corredores do hospital, só que precisava evitar uma catástrofe. Essa história de conversar “de homem pra homem” não me cheirava bem. Se eu entedia direito, no idioma masculino essa expressão significava “dar uma bela lição”, e, sem dúvida, com uso dos punhos.

Eu me esforçava, correndo e tropeçando atrás dele. Minhas pernas eram curtas demais quando comparadas às do Igor, porém, mesmo assim dei um jeito de alcançá-lo e segurei seu braço. Ele não parou, meu aperto era como se não passasse de um cisco em contato com seu corpo.

— Igor! Pare com isso.

— Eu disse que preciso falar com ele e vou fazer isso agora!

— Mas vocês vão acabar brigando. — Tentei colocar um pouco de juízo na sua cabeça. — Você compreendeu a situação, foi tudo um mal-entendido gigantesco.

— Sim, entendi. Mas quero falar com ele independente disso. Faz tempo que precisamos conversar, agora atingiu o meu limite.

— Essa conversa não precisa ser aqui no hospital!

Minha exclamação saiu um pouco mais alta do que previ e fez com que ele parasse quando estava quase alcançando o corredor de isolamento da oncologia.

— Escuta, se vai te deixar feliz, saiba que não vou bater nele. Por mais que eu pense que ele merece uma boa surra, não vou fazer isso. Não quero problemas, mas tenho que falar com ele.

— Promete?

— Depende.

— Do quê?

— De como o infeliz vai reagir.

— Igor! Por favor, aqui não... — Tentei mais uma vez. — Se você precisar partir pra cima dele, não faça isso agora!

— Se continuar agindo assim, Nat, vou pensar que o relacionamento entre vocês é mais do que apenas conveniência por ele ser o pai dos seus filhos.

Suspirei exasperada e meneei a cabeça.

— Não. Eu me importo com ele, não vou negar, e até consigo sentir um pouco de consideração, mas não confunda as coisas. Não sinto mais do que amizade pelo Danilo, isso se repugnância for considerado amizade.

— Que bom! Porque eu realmente não gostaria de ouvir uma declaração agora. — Igor me abraçou e apoiou o rosto em cima da minha cabeça. — Não vou tirar satisfação, só que preciso ouvir da boca dele tudo o que ele te falou. Preciso saber se é verdade, se ele não estava te ludibriando. Por mais que o conheça desde criança, quero que ele faça algo que nunca fez: assumir que gostava da minha ex-namorada e que isso tomou proporções absurdas, a ponto de ocorrer um abuso. De que adianta ser amigo por décadas se não existe cumplicidade?

— Eu entendo — comentei, encostando a cabeça em seu peito —, também precisei conversar com Elisa e tirar umas coisas a limpo. Só não quero que você crie problemas para si mesmo. Porque por mais que eu me importe com o Danilo, me importo mil vezes mais com você.

— Fica tranquila.

Ele passou os lábios em minha testa, deixando um beijo rápido e casto, e se afastou. Dessa vez, não o segui. Se ele sentia necessidade de esclarecer os fatos diretamente com a fonte dos meus problemas, nada mais justo do que deixá-lo fazer isso sem interferir. Afinal, eles eram

amigos e se entendiam. Quem não entendia muito bem era eu, mas depois eu tentaria descobrir como foi o confronto.

Respirei profundamente e peguei o celular no fundo da bolsa. Minha noção temporal era péssima e, provavelmente, deveria ter passado muito mais tempo com ele do que imaginava. Conferi o horário e não me surpreendi. Já passava do meio-dia.

Dei uma olhada também nas trezentas e vinte e sete mensagens não lidas — de várias pessoas — e nas quatro ligações não atendidas — todas da Mari.

Fechei o cenho no mesmo instante. Que tipo de mãe eu estava me tornando? Deixando os filhos ao léu dessa forma? Antes de voltar para minha cidade natal, tinha pleno controle das minhas ações e do que eles faziam. Agora, não tinha ideia de onde minha filha poderia estar.

Acessei o aplicativo de mensagens e caí na risada ao me deparar com um novo grupo, criado naquela manhã pela Mari. Nele, estávamos nós três, e o nome, que previamente era *Família*, havia sido alterado para *Haja Paciência*, pelo Gui, óbvio.

Mari: Cadê a minha mãe?

Gui: Eu que vou saber?

Tô trancafiado aqui, carente, sozinho e perdido, precisando de atenção.

Mari: Q dó d vc!

Gui: Tem q ter dó mesmo.

Já pensou como a vida seria chata sem mim?

Mari: Ela já é chata COM vc.

Gui: haha

E aí? Achou minha mãe?

Mari: MINHA mãe!!!!

Gui: Nasci primeiro! É minha mãe primeiro!

Sério, achou?

Mari: Não. Saí do quarto e ela já tinha sumido.

Vovó disse que foi conversar com a Elisa.

Gui: Pra quê? Aquela vaca só faz mal pra ela!

Mari: Então, aquela vaca tá bem estranha hoje.

Comprou até café da manhã pra mim.

Gui: Sério??????

Mari: Aham!!!!!!! Nem parecia a mesma pessoa.

Chegou conversando, pediu desculpas... vai entender.

Gui: Hummm... sei não.

Mari: Acho que aconteceu alguma coisa com ela.

Bateu a cabeça, sei lá.

Gui: Q q vc tá fazendo?

Mari: Tô esperando MINHA mãe aparecer.

Gui: [emoji revirando os olhos]

Tá onde?

Mari: Na sala de espera, com a vovó e o Danilo.

Gui: E ele?

Mari: Q q tem ele?

Gui: Tá estranho tb?

Mari: +ou-, tá puxando assunto.
Acho q ficou preocupado com vc.
Gui: Deixa ficar.
Mari: Vc não vai deixar ele te ver?
Gui: Não sei. Vc deixaria?
Mari: Tb não sei. Mamãe anda conversando com ele numa boa.
Gui: Percebi.
Mari: A vovó disse q ele quer falar com a gente.
Gui: Sobre o q?
Mari: Sobre o passado. Mas não quis me dizer o q é.
Gui: Sei.
E aí?
Nada da mamãe?
Mari: Espera.
Acho que a Elisa tá vindo aqui.
É. É ela, só q a mamãe não veio junto.
Ela deve tentar t visitar d novo.
Gui: Duvido. Ela leva mt a sério o protocolo médico.
Só vai me visitar qnd permitirem.
Mari: Ha! A Elisa falou q a mamãe tá conversando com o Igor.
Gui: O professor?
Q q ele tá fazendo aqui?
Mari: GUI!!!!
Elisa acha que ele foi o doador!!!!
Gui: Jura?
Mari: Ela não sabe, mas tá falando aqui q é mt coincidência.
Ele puxou mamãe prum quarto.
Gui: hehehehehe
Mari: Afff!
Já tá pensando bobagem!
Gui: Aqueles dois devem tá se pegando enquanto vc tá preocupada.
Mari: Num hospital?
Nada, mamãe é mt certinha.
Gui: Pode ser, mas tá de quatro pelo cara.
Se ele foi meu doador então, vai ser melhor do q uma declaração de amor.
Aposta qnt q eles vão acabar namorando?
Mari: Aposto nada.
Tenho certeza q vão. Vc viu na festa.
Gui: Infelizmente! Não me lembre dessa cena.
Mães são santas.
Mari: hahahahahahaha
Gui: E o note?
Mari: Q q tem?
Gui: Vai trazer, né? =)
Mari: Vou pensar no seu caso. ;)
Gui: Afff... preciso fazer alguma coisa aqui.
Mari: Deve ser um saco msm. =(
Gui: Pois é. Vou infernizar a mamãe até ela liberar Netflix.
Mari: Aproveita hj q ela vai tá mansinha, depois de pegar o professor. =D
Gui: Para de me lembrar dessas coisas!
Mari: hahahaha
Vou sair pra almoçar.
Viu, mãe? Estou indo almoçar fora!
Gui: Com a vó?
Mari: É. Ela e os dois estorvos.
Gui: hehehe
Boa sorte!

Balancei a cabeça na tentativa de parar de rir. Mesmo em isolamento, Gui fazia questão de

estar presente o tempo todo. Ele tinha que dormir, descansar o corpo para se recuperar, e não ficar preocupado com o que eu fazia ou deixava de fazer. Comecei a digitar a resposta quando Igor apareceu.

— Eles não estão aqui.

— Eu sei, saíram para almoçar.

— Como você...?

Levantei o celular para ele.

— Meus filhos me avisaram. Devem voltar logo.

— Vou voltar pro quarto, espero que não demorem pra me dar alta. Quer esperar lá?

Pensei se seria uma boa ideia voltar para aquele quarto, que agora representava mais que um simples quarto de hospital em minha memória, e achei melhor não.

Meneei a cabeça.

— Não, vou descer para almoçar. Daqui a pouco tem horário de visita, não quero chegar atrasada.

Ele assentiu e deu um beijo leve nos meus lábios.

— Te mando mensagem quando sair — garantiu ao descer a rampa.

— Vou ficar esperando! — falei mais para mim do que para ele.

Assim que Igor sumiu de vista, voltei a atenção para o aparelho em minhas mãos.

Natália: Bonito vcs dois!

Nem sei por onde começar!

Tá bom, admito que me fizeram rir um bocado.

Gui: Ha!

Oi, mãe!

Natália: Era pro senhor estar dormindo.

Gui: E era pra sra estar com sua filha e não se agarrando com um qualquer num quarto do hospital.

Natália: Nós estávamos conversando!

Gui: Aham.

Com a língua.

Natália: Gui, vc precisa dormir.

Descanse até a próxima visita.

Gui: Vou tentar.

Natália: Tô descendo na lanchonete.

Te encontro lá, Mari, qnd vc voltar.

Mariana não respondeu. Devia estar almoçando.

Desci para a lanchonete e comprei um lanche natural e um suco, apesar de não estar com fome. Era bom ficar um pouco sozinha, ter um tempo só para mim. Nas últimas trinta e seis horas, minha vida foi atingida por um tsunami. Eu me sentia como se tivesse sido sugada para o centro de um redemoinho, onde meus pés não alcançavam o chão e eu mal conseguia me manter na superfície em busca de ar. Precisava de um momento para refletir, com calma, para dar conta de tudo o que aconteceu.

Após o transplante, fiquei tão exausta, e, mesmo com o corpo descansado, minha cabeça não teve um segundo de pausa. Esperava poder aliviar o estresse do dia anterior, porém, nunca imaginei que acabaria fazendo isso de forma tão carnal com o Igor. Eu podia afirmar que não sabia direito o que estava fazendo e que foi o calor do momento, mas a verdade é que eu tinha plena consciência do que queria e do que fazia. Fui até ele de forma deliberada, ávida para esclarecer tudo, principalmente a traição de que ele tanto me acusava.

Encontrá-lo no hospital foi uma surpresa. Lógico que esse era exatamente o tipo de atitude que

ele tomaria. Igor sempre foi uma pessoa solidária, com uma tendência a ajudar quem precisasse. Eu deveria ter pensado sobre ele ter feito o cadastro para doador. Só que, como estava enfrentando minhas inseguranças e ponderando a situação delicada com Danilo, não cogitei essa possibilidade.

Mesmo sabendo que Igor era uma excelente pessoa e que faria a doação para qualquer aluno ou para desconhecido, o fato de ter sido para o *meu* filho me emocionava. Ele doou para o filho da sua ex-namorada. Um filho que representava uma suposta traição. Uma lembrança viva que causava sofrimento.

Sua atitude só demonstra o quanto Igor era um homem forte e muito solícito. Eu não poderia afirmar o que ele estaria pensando, sozinho naquele quarto... o quarto em que nós... bem, em que eu o ataquei e fui correspondida.

Mordi o lábio e sorri, pensando na loucura que fiz há poucas horas.

Porque não havia outra forma de explicar o que eu tinha feito.

Ataquei mesmo, com gosto. Sem dar chance de recusa, sem aceitar ser rejeitada.

E me declarei.

Esse era um imenso detalhe que deixei escapar no auge emocional. Não tinha como saber se ele iria corresponder, se ainda me amava ou se sentia algo além de atração, no entanto eu não me arrependia. E também não sentia medo. O momento que tivemos foi especial, encerrou um ciclo de mal-estar.

De agora em diante, ou ficaríamos mais próximos que nunca, ou nos separaríamos de vez. As cartas estavam nas mãos dele. Eu falei, desabafei, confessei a minha alma. Claro que por dentro estava louca de vontade de saber se tínhamos alguma chance real, porque eu não tinha mais idade para ficar brincando com sentimentos e nem queria isso para mim. Eu tinha expectativas, até porque era complicado não criá-las, só que manteria meus pés no chão.

Não deve ter sido fácil ouvir minhas revelações. Ele precisaria de um tempo para ponderar e escolher como iria lidar com tudo. Enquanto isso, eu continuaria vivendo a minha vida. Ele sabia onde eu estava, tinha meu número, sabia meu endereço e ficou de mandar mensagem.

No fundo, minha versão adolescente e sonhadora esperava ansiosamente por essa mensagem, torcendo para que o casal de mocinhos tivesse um final feliz. A adulta pensava de forma racional e compreendia que não era simples aceitar uma pessoa com uma bagagem conturbada como a minha.

É... final nós teríamos, eu só não sabia se seria feliz.

Dei uma mordida no lanche e tomei um pouco do suco de laranja. Batuquei com os dedos em cima da mesa enquanto pensava com meus botões. E quanto a Elisa? O que aconteceria e como ficaríamos a partir de hoje? Eu compreendia que ela tratou meus filhos com tanta indiferença por causa da sua própria dificuldade em aceitar sua condição. Eu também reagiria assim. Não, sendo bem franca, não faria nem metade do que ela fez. Mas compreendia.

Eu nem conseguia imaginar a dor de não poder ter um filho, ainda mais devido a um problema que eu mesma poderia ter causado em meu próprio corpo.

Aborto.

Só essa palavra já me causava angústia. Em nossas conversas de adolescência, Elisa sempre foi tão enfática sobre querer ser mãe, que nunca pensei que ela poderia interromper uma gestação. Claro que eu entendia seu raciocínio e suas prioridades, no entanto, era bem complicado ponderar as duas situações. A minha e a dela. Nós tivemos reações opostas em situações parecidas, apesar de serem contextos bem diferentes. Eu, em uma situação de abuso, passei longe da possibilidade de aborto. Elisa, em um relacionamento sério, abraçou a causa e fez

o impensável. Ela era nova, tinha uma vida pela frente e quis esperar para ser mãe. Eu era nova, tinha uma vida pela frente e engoli cacos de vidro para aceitar.

Engraçado como algumas pessoas acreditam que ter um filho pode acabar com a sua vida, ou, no mínimo, a interromper. Alguns chegam inclusive a pensar que uma gravidez ou um filho elimine a perspectiva de futuro de uma mulher. Eu também pensava assim antes de ser mãe, e descobri que a realidade era totalmente o oposto.

O nascimento de um filho faz, sim, sua perspectiva de vida mudar. Mudar para melhor. Você deixa de pensar em si para pensar em outra pessoa. Aprende a se doar, a amar, a se preocupar. Compreende o que é se colocar em segundo plano, entende as falas de seus pais. Amor de mãe é difícil de descrever, mas é simples de ser sentido. E é maravilhoso ver nos olhos de seus filhos a reciprocidade, simplesmente por você cuidar deles.

Eu sentia pela Elisa nunca poder vivenciar isso, ainda mais por saber que ela poderia ter um filho ao seu lado e escolheu não ter. Eu seria incapaz de lidar com essa condição. Mesmo se ela pudesse engravidar e tivesse um filho, eu não conseguiria acreditar que ela não se arrependeria de ter se privado do primeiro. Até porque ela constataria que ser mãe não era um bicho de sete cabeças.

Eu nunca suportaria, o peso na minha consciência seria imensurável.

Respirei fundo e tomei mais um pouco do suco. Precisava manter meu organismo saudável, porque, com o andar da carruagem, queimava neurônios em uma velocidade fora de série.

O que aconteceria agora?

Elisa tentaria se aproximar de mim e dos meus filhos? Tentaria fazer o papel de madrasta?

Eu achava que sim, devia ser isso que ela pretendia. A interação entre ela e a minha filha no café da manhã deixou suas intenções bem claras.

Pensar nisso tudo me fez concluir que minha vida começava a tomar um curso mais calmo, como se o tumulto tivesse passado e as coisas estivessem, finalmente, se ajeitando.

Será que esse seria o fim dos meus conflitos?

Será que eu poderia respirar em paz?

Eu acredito que sim. Era a primeira vez que conseguia refletir sem nenhum demônio surgir das profundezas.

Terminei o lanche e voltei caminhando até o corredor do quarto do meu filho. Daqui a pouco seria horário de visita e eu mal podia esperar para ver seu rosto de malandro mais uma vez.

CAPÍTULO 29

Abri a porta do apart-hotel com muito receio. Depois do telefonema do Danilo na noite de ontem, eu já tinha roído todas as unhas de ambas as mãos, deixando algumas com aquela inflamaçãozinha chata nas laterais. Minha convivência com ele havia melhorado uns nove pontos, em uma escala de zero a dez, depois que ele foi honesto comigo. O mesmo aconteceu com Elisa. O que me causava ansiedade era saber que eles estavam chegando em São Paulo para visitarem o Gui.

Pela primeira vez.

Não foi por falta de tentativa que eles não o viram. Guilherme se opôs todas as vezes que o casal apareceu no hospital. Só que hoje seria diferente. Hoje ele aceitaria nem que fosse amarrado e ainda escutaria o que o pai biológico tinha a dizer.

Há três dias, após um mês exato de internação, Gui havia sido liberado do confinamento do hospital. Esse primeiro mês foi bastante complicado. Meu filho já estava quase subindo pelas paredes, odiando ter que ficar enclausurado no quarto, e eu, sendo bem sincera, também não aguentava mais.

A adaptação ao meio externo foi feita com passos de tartaruga. Com vinte e sete dias do transplante, ele foi liberado para passear no hospital. Passávamos por uma sessão de esterilização pesada, com várias restrições, o que era necessário para que seu organismo se adaptasse ao ar existente fora da bolha de isolamento em que ficou fechado por tantas semanas. Depois de três dias de passeios dentro do concreto, recebemos a notícia da alta com enormes sorrisos nos lábios.

Mais uma etapa vencida contra a desgraçada da anemia.

Era uma vitória, contudo, ainda não podíamos ir para casa, já que o Gui tinha que voltar ao hospital diariamente na parte da manhã para ser medicado. Independente disso, era infinitamente melhor do que ficar confinado naquele quartinho sem graça.

Em vez de ficarmos no apartamento da minha tia ou no hotel em que eu estava hospedada antes, decidi procurar por um apart-hotel mais confortável. O valor da diária era salgado, entretanto, Gui precisava e merecia um espaço maior, mais arejado, mais novo e mais limpo.

Além de usufruir de uma cama confortável e um ambiente bem mais espaçoso, ele também podia sair e passear, o que fizemos com louvor nesses três dias. Não íamos muito longe, nem nos aventurávamos cidade afora, só que dava para perceber o quanto a distração era fundamental para que meu filho se sentisse melhor.

Era uma nova vida, os primeiros passos após a turbulência.

Essa sexta-feira seria o primeiro fim de semana que passaríamos aqui e, como de praxe, receberíamos visitas.

Danilo, Elisa e Mariana tinham sido anunciados pelo recepcionista do hotel e estavam subindo no elevador nesse minuto. Ao contrário da minha filha, Guilherme não fazia ideia de que seu pai biológico forçaria uma visita. Não seria exatamente forçada, já que essa palavra era muito impactante, poderia ser interpretada mais como uma surpresa não muito bem-vinda.

Respirei fundo ao me lembrar da conversa na noite anterior. Danilo havia me ligado, implorando que eu falasse com os gêmeos para que aceitassem ouvi-lo. Ele não esperava aceitação como pai da noite para o dia, todavia, tinha esperança de que eles compreendessem a sua versão dos fatos e que pudesse respirar tranquilamente na presença dos filhos. Eu me recusei e pedi que ele mesmo contasse. Por mais pesado que fosse o assunto, era necessário que ele se abrisse com os filhos, se quisesse preencher um papel na vida dos dois. Quem sabe isso não facilitaria o vínculo que ele queria criar desesperadamente?

Ontem, pareceu uma excelente ideia. Hoje, eu não pensava que era tão genial assim.

Nesse tempo pós-transplante a resistência dos gêmeos com o pai não havia melhorado, apesar de Elisa se esforçar para fazer o meio de campo, o que me deixou muito grata. Admito que os dois me ajudaram demais nesse mês, o que nunca imaginei que fosse acontecer. Principalmente Elisa, que se preocupou com meu pai e Mariana. Minha antiga melhor amiga abraçou a responsabilidade na minha ausência e fez papel de segunda mãe da minha filha, levando-a à escola e ficando a postos para qualquer necessidade da família. Isso incluía tentar criar uma aproximação entre pai e filha, sem sucesso.

A força de vontade do Danilo e da Elisa me emocionava, fazia com que eu realmente chegasse a acreditar que eles estavam mesmo interessados em fazer parte da nossa rotina. Por mais que dentro de mim ainda existissem dúvidas a respeito das intenções dessa aproximação, pouco a pouco eu sentia as barreiras se desfazendo e queria que meus filhos também passassem por isso. Queria que eles tivessem a oportunidade de avaliar a situação e decidirem por si próprios como agir perante o pai e a madrasta.

Por isso, minhas unhas tinham virado toquinhos. Passei a noite em claro pensando em como seria a reação deles frente à revelação do Danilo, tamanha minha ansiedade. Era difícil colocá-los nessa situação sem aviso prévio, mas necessário. Eles mereciam ouvir tudo, todas as vertentes e consequências do que ocorreu no nosso passado.

As folhas da porta do elevador deslizaram, tirando-me do devaneio e chamando minha atenção para o corredor. Sorri ao ver minha filha saindo de lá com uma expressão serena no rosto.

— Até que enfim! — Correu para me abraçar e me apertou em seus braços.

— Também estava com saudade! — Retornei o abraço com o mesmo carinho com que era envolvida.

— Boa noite, Natália — cumprimentou Danilo, estendendo a mão quando Mari deu um passo para trás.

— Boa noite. Fizeram boa viagem? — indaguei na tentativa de amainar a tensão.

— Foi tranquila — respondeu Elisa, enquanto dava um passo para frente e beijava meu rosto de leve. — E como está o Guilherme?

— Bem melhor do que no hospital. Parece outra pessoa. — Sorri e acenei para a saleta do quarto, esperando que eles entrassem.

Danilo entrou por último, dando um sorriso nervoso para mim antes de colocar uma pequena mala preta no chão, encostada ao canto da porta.

— A Mari chegou, mãe?

Gui entrou na sala sorrindo, o que durou menos de dois segundos. Assim que viu quem a acompanhava, fechou o semblante e bufou. Antes de falar qualquer coisa, olhou para mim de forma incriminatória.

Sim, eu era culpada e esperava que minha pena diminuísse até o final dessa longa noite.

— Humm. Devia ter me avisado — comentou de forma ríspida.

— Você teria evitado.

— Você não...

Guilherme começou a discutir, porém Mariana não permitiu que ele continuasse.

— Ele só quer conversar — falou, levantando as mãos para o irmão.

Olhei para ela sem entender como minha filha sabia disso, mas deduzi que a viagem de três horas no mesmo carro deveria ter levantado esse assunto.

— Acho que podemos fazer isso, não é mesmo? — Ergueu as sobrancelhas desafiando Gui.

Ele meneou a cabeça, demonstrando claramente seu descontentamento, no entanto, caminhou até o sofá e se sentou. Ergueu e apoiou as duas pernas na mesinha de centro, cruzando-as na

altura dos tornozelos. Começou a agitar um pé com impaciência.

— Então, vamos lá. O que você tem a dizer de tão importante? — Cravou os olhos no pai e esperou com ar de ironia.

Danilo limpou a garganta mais de uma vez e andou até o outro sofá, sentando-se de frente para o Gui. Mariana seguiu o exemplo do irmão e foi se sentar ao lado dele, segurando sua mão assim que relou as costas no sofá. Olhei para Elisa e indiquei a lateral da sala com um leve aceno de cabeça. Fomos para o outro lado, passando por trás de um dos sofás e nos encostamos na parede, fora de vista. Eu não tinha a intenção de interferir na conversa deles, nem queria que Elisa entrasse no meio do fogo cruzado. Era um desafio do Danilo, ele tinha que resolver sozinho.

— Vocês sabem que o que aconteceu entre mim e a sua mãe...

— O estupro, você quer dizer — Gui interrompeu.

— É... — Danilo pigarreou. — Eu não daria esse nome, mas entendo de onde e como vocês chegaram a essa conclusão.

Guilherme bufou, sem acreditar em uma só palavra do que ouvia.

— Gui, escuta! Dá uma chance! — Mari intercedeu, apertando a mão dele.

— Escutar o quê? Já sabemos tudo o que precisamos saber! Nada vai me convencer do contrário! Ele é um canalha! Um aproveitador! — explodiu e fitou o pai com desgosto.

Danilo segurava o braço do sofá com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos. Era visível que estava nervoso e perdendo a paciência.

— Um criminoso! Devia ter apodrecido na cadeia! — Guilherme continuou.

Dei um passo para frente com a intenção de evitar um desastre, mas parei quando ouvi a voz esbravejada do Danilo.

— Eu não estuprei a sua mãe! Você não estava lá, não sabe o que aconteceu!

Guilherme riu e Mariana ergueu as sobrancelhas, curiosa. Elisa segurou a minha mão, pedindo em silêncio que eu não me envolvesse.

— Covarde! — Gui entortou os lábios.

Danilo suspirou e baixou o tom da voz.

— Eu era apaixonado por sua mãe. Ela namorava o meu melhor amigo e eu não tinha como me aproximar. Também achava que era uma ilusão minha querer que ela correspondesse aos meus sentimentos, que ela nunca soube que existiam até alguns meses atrás. — Desviou o olhar para mim e para Elisa, que assentiu para que ele não parasse. — O que vocês pensam que foi um estupro, encarei como a única oportunidade de me aproximar da Natália.

— Por meio de um abuso? — Mariana questionou baixinho.

Por um milagre, meu filho permaneceu em silêncio.

Danilo passou a mão no cabelo, atrapalhando os fios.

— Não. Estávamos em uma festa, Elisa bebeu demais e passou mal. Sua mãe me encontrou e estava muito nervosa com a situação. Nós éramos novos e não tínhamos o costume de beber. Peguei um refrigerante aleatório na bancada e servi um copo para sua mãe se acalmar. Depois disso, fomos procurar pela Elisa.

Danilo fez uma pausa, sem dúvida para escolher as palavras certas. Seu relacionamento com os filhos dependeria do discorrer dessa conversa. Ele tinha que se empenhar ao máximo para conseguir controlar o trem desgovernado.

— Não é fácil assumir o que fiz, principalmente porque, ao dizer em voz alta, estou magoando a minha esposa, só que vocês são adolescentes, como eu era naquela época, e devem entender que a oportunidade apareceu, eu apenas aproveitei.

— Então você se aproveitou dela? — Mariana indagou, enfática.

— Prefiro pensar que aproveitei um lapso de moral. A gente subia as escadas, rumo ao quarto onde Elisa estava, quando a Natália se jogou nos meus braços e começou a beijar meu pescoço. Entendam, eu gostava muito dela, esperava um sinal há tempos! Não consegui me conter. Correspondi a todos os beijos, abraços e... — Danilo meneou a cabeça e fechou os olhos. — Quando você gosta de alguém e acredita que essa pessoa está correspondendo, não dá pra se conter. Pensa comigo, a pessoa de que você gosta, abraçando e beijando... Respondendo a tudo o que você faz, sem se opor. O grande problema é que a bebida tinha sido batizada, e eu não sabia disso.

Mariana sorriu com desdém.

— Conta outra!

— Estou falando sério. Eu não tinha ideia nenhuma de que o refrigerante havia sido modificado. Acreditei piamente que sua mãe correspondia. Não cheguei nem a cogitar que ela estivesse dopada.

— E como descobriu? — Gui se interessou.

— Quando terminamos de... bem... Nat me chamou de Igor. — Danilo me lançou um olhar sem graça e logo voltou a encarar os gêmeos. — Só nesse momento, quando ela me chamou pelo nome de outra pessoa, percebi que havia algo muito errado.

Os dois ficaram em silêncio, absorvendo a informação. Não dava para saber se seria o suficiente para que eles vissem o pai biológico com outros olhos, entretanto, já era um começo. Danilo conseguiu fazer com que eles o ouvissem e prestassem atenção. Agora eu teria que esperar para saber se surtiria efeito.

— Assim que me dei conta da atrocidade que eu tinha feito, cuidei de sua mãe e a levei para casa. Mais tarde, descobri quem tinha sido o infeliz a batizar a bebida e dei uma surra nele, a surra que *eu* merecia, a surra que *eu queria*. Eu havia traído a minha namorada com a namorada do meu melhor amigo, quando ela estava drogada e sem consciência do que estava fazendo. É um fardo que não desejo para ninguém. Convivi com esse peso na consciência por anos, me sentindo péssimo. Isso sem saber que aquela tarde tinha gerado vocês dois.

— Cara, não sei o que te dizer — Guilherme respondeu após um bom tempo quieto.

— Não quero que digam nada. Apenas que entendam que não foi como vocês imaginam. Não foi à força, não foi imposto. Foi errado, muito errado. Foi uma violação, sem dúvida nenhuma, e sua mãe tem todo o direito de me odiar. Só que existem dois lados do nosso passado, e eu gostaria muito que vocês compreendessem o meu. Que me dessem, ao menos, uma chance de provar que não sou o crápula que vocês pensam.

— Meu Deus. Não... Mãe? Você acredita nele?

Mariana prendeu o olhar em mim, fazendo com que todas as cabeças ao redor me olhassem em expectativa. Dei um sorriso demonstrando simpatia e respondi:

— Quando Danilo me contou sua versão, tive minhas dúvidas. Alguma coisa não se encaixava direito, sabe? Quando tudo aconteceu, eu o conhecia há algum tempo, sabia que sua índole não era assim. Só que também sei que pessoas boas fazem coisas absurdas e horríveis longe dos outros. — Parei para respirar. Eu estava ciente de que minha resposta teria um peso considerável na aceitação da paternidade dos gêmeos. — Sim, acredito nele. Isso não altera a forma como me senti, mas acredito que ele também tenha sido vítima nisso tudo.

Elisa apertou minha mão.

— E não deve ser diferente. Na perspectiva da sua mãe, ela sofreu um abuso que teve muitas consequências. Natália é uma vítima, sofreu e ainda sofre por isso. Teve que abrir mão de tudo o que conhecia, das pessoas de seu convívio, da vida que levava. Tudo por um mal-entendido

idiota que poderia ter sido evitado, não fosse a interferência de pessoas mal-intencionadas — Elisa complementou.

— Isso é muito louco — Mariana comentou.

— Eu sei. É louco, mas plausível. Vocês sabem como eu sou, não deixaria que ele se aproximasse se pensasse o contrário — concluí o raciocínio.

Daí em diante, os gêmeos bombardearam Danilo com perguntas. Queriam saber um monte de detalhes sobre a vida dele, sobre sua profissão, sobre o motivo de ele e a esposa não terem filhos. Era como assistir a uma análise minuciosa de caráter sendo feita por dois especialistas em detectar mentiras. Ele e Elisa permaneceram transparentes, respondendo qualquer questionamento com maestria, por mais invasivo que fosse.

Guilherme e Mariana, filhos de uma mãe solteira, provenientes de uma gestação inesperada e um contexto longe de ser o ideal, ouviram todas as palavras que saíram dos lábios de seu pai. Quando não havia mais o que ser destrinchado, Elisa ficou tão emocionada quanto eu.

— Esse foi o motivo da minha persistência em falar com vocês. Aquela fatídica festa foi um episódio traumático para sua mãe e para mim. Sei que não posso comparar o sofrimento dela ao meu. Só que sofri, sofri ainda mais ao saber que era pai em uma situação delicada. Eu teria dado todo apoio do mundo, se tivesse ficado sabendo na época. — Olhou para os dois com ansiedade, os olhos transbordavam carinho. — E quero que saibam que compreendo, caso não queiram contato, mas, no que depender de mim, sempre estarei presente na vida de vocês, mesmo se minha única opção for fazer isso à distância.

Ficamos apreensivas, aguardando uma resposta. Os três se entreolharam e segurei um soluço quando, lentamente, Gui ergueu uma mão e ofereceu para o pai. Elisa me soltou e levou as mãos aos lábios, seus olhos lacrimejavam emocionados.

— Não posso prometer que seremos amigos, mas te entendo. Agradeço por ter contado. Foi mal a teimosia.

Danilo não disfarçou a emoção e se levantou para pegar a mão do meu filho. Não se contentou e puxou Gui para um abraço. Eu, Mari e Elisa fomos testemunhas da primeira troca de afeto entre pai e filho. Guilherme estava meio sem graça, com os braços soltos ao lado do corpo. Mesmo assim, Danilo não se abalou. Manteve os braços ao redor dele com firmeza, até que Gui subiu as mãos lentamente e as apoiou nas costas do pai biológico.

Mariana não deixou por menos, assim que Gui deu um passo para trás, se aproximou e também abraçou seu pai biológico. Ela não chorou, creio que o tempo que passou em Poços com Elisa já havia baixado um pouco sua resistência. Mari parecia estar mais preparada psicologicamente.

Foi tenso, mas, no final, pude respirar aliviada. Nunca tive essa sensação de plenitude que me acometia nesse momento. Uma paz interior, um sentimento de realização, de calma, de dever cumprido. Evidente que ainda precisava resolver outras questões, principalmente o que condizia ao meu relacionamento com Igor. Só que, por ora, eu podia comemorar. Meus filhos estavam bem e tudo levava a crer que a situação com o Danilo seria melhor. Elisa tentava incessantemente recuperar a amizade que um dia existiu e estabelecer um vínculo com os gêmeos.

Em resumo, o fim de semana foi interessante e marcou uma nova fase em nossa convivência enquanto família. Porque, afinal, era exatamente isso que éramos, uma família permeada por conflitos deixados no passado e que começavam a ser diluídos. Ainda não era meu tão esperado felizes para sempre, mas podia afirmar que estava próximo. Eu torcia por isso.

CAPÍTULO 30

Desci do carro e bati a porta com mais força do que deveria. Maldito portão! Tinha que emperrar bem na hora que o vermelhinho estava lotado de sacolas de compras? Fui até ele marchando e fiz força para cima, tentando fazer com que ele terminasse de subir. Acha que deu certo? Não saiu do lugar! Não deslizou nem um milímetro sequer! Inconformada com meu destino de subir e descer a pé a rampa até a minha casa, carregando inúmeras sacolas, voltei para o carro e manobrei para que ficasse estacionado rente ao paralelepípedo. Com muita preguiça, peguei um punhado das compras e subi.

Chegamos em casa ontem, após um período de pouco mais de três meses em São Paulo. Depois da conversa com o Danilo, vários fins de semana se seguiram, sempre com a presença de alguém. O movimento era tanto que tivemos que nos mudar para um quarto maior para poder receber todos que queriam visitar. Meu pai, Celeste, Larissa e meus tios apareceram pelo menos uma vez ao mês. Quem podia, vinha de carona com Danilo e Elisa, que marcaram presença.

Isso até ontem, quando finalmente foi permitido que o Gui voltasse para casa, fato que me deixou muito feliz.

Bem, feliz até esse momento. O portão enguiçado empitava um pouco meu bom humor.

Óbvio que era infinitamente melhor estar em casa, perto das pessoas que amamos, do que em outro estado. Tão logo os médicos avisaram que poderíamos voltar, arrumamos as malas e viemos embora. Ele ainda precisava tomar algumas precauções e voltar a São Paulo uma vez por mês para passar pela oncologia. Enquanto isso, o médico daqui faria o acompanhamento quinzenal. No mais, Gui estava liberado para viver.

Claro, viver com os devidos cuidados até completar um ano do transplante.

Do lado de fora da porta da sala, eu ouvia as vozes alteradas do Gui e da Mari. Era pleno dezembro e eles estavam de férias da escola. Mari foi aprovada sem nenhuma média perdida. Guilherme ficou em duas matérias. Ele tinha uma boa desculpa, apesar que Netflix em excesso desempenhou um grande papel em seu fracasso em atingir a média. Ele não podia depositar a culpa no transplante, enquanto não pôde ir à escola, Gui recebia e-mails com as tarefas, matérias estudadas, conteúdos de avaliações e provas, fazendo tudo à distância para não perder o ano. As duas avaliações de recuperação tinham sido há uma semana e receberíamos as notas finais em dois dias.

Pensar em escola me fazia lembrar-me da única pessoa que não vi nesses três meses. Depois do encontro imprevisível no hospital, nos vimos apenas mais uma vez, quando Igor foi se despedir. Ele não pôde nos ver, porque dava aula aos sábados para um cursinho intensivo pré-vestibular. No entanto, esse detalhe não o impediu de me ligar pelo menos uma vez por dia, ou mandar diversas mensagens, inflando meu coração com expectativas. Rolou muitas chamadas de vídeo e troca de fotos.

Não pense besteira, nenhuma delas era *nude*.

E também não fizemos nada impróprio.

Infelizmente.

Bem... conversas permeadas por duplo sentido e algumas indiretas não eram consideradas impróprias, né?

Nem vulgares.

Acho.

O importante é que eu estava em outra cidade por um motivo muito sério, não podia ficar viajando na maionese, pensando no que tinha acontecido naquele quarto de hospital. Não. De

jeito nenhum. Eu não perdia meu tempo pensando naquela manhã. Nunca. Jamais.

De repente, esquentou. Um calorão. Bufeí ao deixar as sacolas em cima da mesa da cozinha e levei a mão à testa para limpar o suor. De acordo com o Gui, hoje era um dos seis dias do ano que fazia sol em Poços. Um exagero, claro. O sol estava no seu ápice, mas a umidade do meu corpo nada tinha a ver com o clima. Também não tinha a ver com meus pensamentos indevidos. Somente com o trabalho excessivo das minhas glândulas. Poderia ser um problema hormonal.

Eu precisava urgente fazer uma atividade física. Só podia ser isso. Falta de condicionamento físico era dose!

Servi um copo de água gelada e tomei, repetindo o processo em seguida, antes de subir as escadas. Cheguei ao topo arfando, desesperada para tirar os tênis e vestir uma roupa mais leve, daquelas velhas e folgadas que usamos em casa.

— Mãe! — meu filho gritou.

— Oi.

— Vem cá!

Olhei para a porta do quarto do Gui e fiz uma careta. Arrastei os pés até o batente e me apoiei na madeira.

— Que foi?

— Credo, mãe! Que ânimo maravilhoso é esse? — comentou Mariana.

— Tô morta de cansaço.

— De subir escada? — ela indagou sorrindo.

— O portão não está funcionando e fui fazer compras.

— Ah. Eu e o Gui tivemos uma ideia que você não pode recusar.

Observei Mariana com ar de dúvida. Sempre que tinham ideias irrecusáveis significava problema para mim.

— Nós queremos fazer um churrasco — Gui anunciou.

— Ah, não! Outra festa, não!

— Calma, mãe, não é nada grande, só queremos convidar...

— Nem pensar! Ainda não tive tempo de me recuperar da viagem.

— Mãe! Deixa a gente falar!

Encarei os dois, que portavam os olhares mais santos que podiam encenar.

— Estou ouvindo.

— Então, a gente quer chamar só a família — Gui explicou.

Ergui a sobrancelha, ponderando o pedido.

— Da última vez que me convenceram a fazer alguma coisa aqui em casa, convidaram o ensino médio inteiro! Não confio em vocês.

— É sério, mãe! Só a vó, o vô... talvez o Danilo e a Elisa, não decidimos ainda sobre os dois — completou Mari. — E você pode chamar a Larissa e o Igor também.

— E por falar em Igor, cadê seu namorado, mãe? — indagou Gui. — Achei que estaria aqui ontem quando chegamos.

— Primeiro, ele não é meu namorado, segundo...

— Rá! Fala sério! Pareciam dois pombinhos esse tempo todo, feito adolescentes no celular, agora vem falar que não tá namorando!

— E, segundo, ele tem família, trabalho... não vai ficar correndo atrás de mim.

— Como se precisasse correr... — zombou Mari.

Os dois riam da minha cara sob qualquer pretexto. Por mais que me irritassem e gostassem de causar esse efeito, eu não conseguia ficar brava. Era muito bom estar em casa com os dois

saudáveis e fora de qualquer perigo. Era tudo que eu havia pedido aos céus nos últimos tempos e podia afirmar que, fosse lá o que fosse que nos conduzia lá de cima, eu estaria eternamente grata. Eu me considerava abençoada por não ter perdido meu filho, por mais árdua que tenha sido a minha vida e tudo do que tive que abrir mão para estar aqui.

— Rá, rá. — Fingi um sorriso antipático e virei as costas, pronta para sair do quarto.

— Peraí, mãe! Você não falou se vai fazer o churrasco! — Gui gritou.

Parei o corpo e olhei por cima do ombro. Pensei que tinha conseguido desviar o assunto.

— Temos que comemorar nosso aniversário!

— Que foi em setembro! Não sei se perceberam, mas estamos em dezembro! — argumentei exasperada.

— Exato! Não se faz dezesseis anos duas vezes! Essa data espetacular não pode passar em branco!

— Não passou em branco... — Semicerrei os olhos e aguardei o contra-argumento.

— Um pedaço de bolo e parabéns por chamada de vídeo não conta — reclamou Mari.

Olhei para os dois rostos com semblante de anjinhos pensando no que pediam. Um churrasco. Um churrasco que iria encher minha casa de fumaça e de gente. Era família, eu sabia disso, só que eu não era muito de festa. Não acreditava que estava realmente considerando embarcar nessa. De novo.

— Vocês não vão me deixar em paz, vão?

Os gêmeos balançaram a cabeça de um lado para o outro em ritmo sincronizado.

— Tá bom. Eu me rendo! — Levantei as duas mãos e dei as costas para eles. — Vamos fazer o bendito churrasco.

Os dois vibraram, assoviando e aplaudindo.

— Só que vou precisar de ajuda para subir com as sacolas do carro, e você, Mari, vai me ajudar. Por nada que subo essa rampa carregando peso sozinha mais uma vez — falei por cima do ombro.

Com isso, saí do quarto ouvindo os resmungos da minha filha enquanto Guilherme se gabava por não poder fazer força.

Irmãos.

Fui até meu quarto, peguei o celular e sentei na cama para tirar os tênis. Eu tinha recebido poucas mensagens, e uma delas era do Igor.

Igor: Como tá o Gui? E você, descansou? Estou com a Clarinha hoje, mas queria muito te ver. Minto. Não vejo a hora de te ver.

Sorri e comecei a responder.

Nat: O Gui tá ótimo. Dormi feito uma pedra, nada como a minha cama... Tb quero te ver.

Não tive que esperar muito pela resposta, mal abri outra mensagem e recebi a notificação.

Igor: Humm... isso não foi um gemido de prazer, e sim de agonia! Não me fale em cama. Não posso pensar em cama e você na mesma frase sem lembrar daquele sexo magnífico no hospital.

Mordi o lábio inferior, me recordando da nossa irresponsabilidade em um local público. Uma irresponsabilidade que eu repetiria sem pensar duas vezes.

Nat: Eu estou em uma nesse exato momento...

Igor: Argh! É definitivo, então, vc quer me matar!

Nat: hehehehe

Igor: Se vc soubesse como estou louco pra poder te pegar no colo e mostrar o q posso fazer...

Nat: Estou pagando pra ver... não deve ser tão diferente assim do q já fizemos...

Igor: Natália Guimarães, tá me desafiando?

Pensei um pouco antes de responder e decidi manter o clima de sedução.

Nat: E se estiver? O q vc vai fazer?

Cliquei em enviar e fiquei aguardando a resposta. Um minuto... dois minutos... cinco minutos... dez minutos!

Dez minutos e nada!

Droga, ele estava com a filha e eu aqui brincando de seduzir. Isso não era legal. Não era nem um pouco legal, muito menos adequado.

Soltei meu corpo na cama e estudei os pontinhos de poeira no teto. Era impressionante como poucas palavras trocadas com ele faziam meu corpo e minha mente borbulharem. A tensão nos acompanhou por todos esses meses. Eu confesso que trocar mensagens com alto teor de flerte e segundas intenções se tornou parte da minha rotina. No bom sentido. O tom brincalhão apimentou meu dia a dia, dando combustível para alimentar o afeto que eu já sentia. Se fôssemos mais jovens, ontem mesmo teríamos nos atracado e sanado o que tanto nos afligia. Só que não era nosso caso. Éramos adultos responsáveis; éramos pais e não nos colocávamos em primeiro lugar.

Era um ato admirável e ao mesmo tempo um pé no saco! Minha adolescente interior subia pelas paredes, doida para agir e ser recompensada.

Bufei e conferi o celular mais uma vez, só para garantir que não tinha ouvido o toque de notificação.

Nada.

Melhor deixar esse pensamento para lá e começar a pensar no tal churrasco de aniversário atrasado. Comecei a rabiscar mentalmente o que precisava comprar para servir a uma lista de dez pessoas quando alguém ensandecido esmurrou a porta da minha casa.

— Mari? Você atende? — gritei, com esperança de que alguém pudesse descer as escadas e me deixar quieta na minha.

— Não dá, estamos no meio do campeonato!

Arfei e levantei o corpo, fazendo um enorme esforço. Calcei os chinelos que estavam no canto do quarto e fui para o corredor.

— Já vai! — berrei ao descer o primeiro degrau.

Academia.

Era nisso que eu pensava ao alcançar a maçaneta da porta. Precisava cuidar do corpo com urgência.

Enfurecida, abri logo de uma vez, para conferir quem era o idiota sem noção que quase

arrebentou a madeira. Sem tempo de reagir, fui empurrada contra a parede da entrada e prensada entre o concreto gelado e um corpo quente e grande. Um arrepio percorreu minha nuca e minha boca foi assaltada sem piedade. Não precisei abrir os olhos para saber quem me agarrava. O perfume e o toque possessivo denunciavam. Soltei um gemido e lembrei que não estava sozinha em casa e que era muita imprudência agarrar alguém desse jeito quando meus filhos poderiam ver a qualquer momento.

Coloquei as mãos naquele peitoral espetacular e o forcei para trás.

— Você não vai se safar. — Igor respirou em meu ouvido.

— Os gê-gêmeos... em cima — foi só o que consegui elaborar.

Ele tirou o rosto do meu pescoço e me olhou com as pupilas bastante dilatadas.

— O que estão fazendo? — questionou com a voz grave, baixa e urgente.

— Jogando videogame — respondi, cravando os dedos em seu ombro.

Igor aquiesceu.

— Fala que esqueceu a bolsa no carro.

Ele me apertava com o quadril, fazendo as borboletas na minha barriga se agitarem loucamente, ansiosas para percorrerem todas as veias do meu corpo. Eu me apoiava em seus braços para não perder o equilíbrio, tamanha a ansiedade de estar com ele.

Limpei a garganta e gritei com a melhor voz que poderia:

— Mari, Gui! Estou indo no carro. Pegar minha bolsa!

— Aham! Tava demorando, professor! — Mari gritou e pude ouvir a risada permeando sua fala.

— Fala oi pro Igor pra gente, mãe! — Guilherme respondeu.

— Usa camisinha! — Mari acrescentou. — Ai! Por que me bateu?

— Tá ficando louca? Camisinha! É a minha mãe! — Escutamos Gui reclamar.

— E é mulher. Tem que se cuidar!

Igor começou a rir baixinho, eu sentia seu corpo vibrando silenciosamente, colado ao meu.

— Foi uma boa tentativa! — comentou.

— Filhos... agora já era o clima — resmunguei.

Igor se afastou um pouco e me observou. Seu semblante era divertido, mas tinha algo mais. Determinação, talvez?

— Dois adolescentes não possuem capacidade de diminuir o que estou sentindo nesse momento. São mais de dois meses de tensão, muita energia acumulada. — Ele desafiava meus olhos, esperando que eu fosse contrariá-lo. — Vou te tirar daqui agora, nem que eu tenha que te jogar em meu ombro e te carregar. Dois meses de tortura...

Sorri, mordendo os lábios. Estava louca de vontade de vê-lo me pegar no colo como um homem das cavernas e me jogar em alguma superfície plana.

— Está esperando o quê? — provoquei e fiquei aguardando enquanto ele me fitava.

— Ah, você não perde por esperar!

Foi a última frase que meu cérebro processou de forma eficaz. No próximo instante, eu estava novamente nos braços dele, que me conduzia para fora de casa. Não vi rampa, não vi portão, não vi carro. Só sabia que, quando retomei a consciência, estava em um apartamento que não conhecia, em cima de uma cama bem grande, debaixo de um corpo ofegante e satisfeito.

E era exatamente assim que eu queria ficar para o resto da minha vida. Ao lado do homem que eu amava, com meus filhos saudáveis, uma família crescendo e tudo se encaixando conforme deveria ser.

CAPÍTULO 31

— Tia Nat, por que não posso nadar? — Clarinha me encarava com o semblante sério, muito interessada na resposta que eu daria para a pergunta mais repetida pelas crianças.

Olhei para o lado de fora de casa, onde caía uma chuva torrencial de verão. Era evidente que no dia do tão esperado churrasco seríamos agraciados por uma tempestade com ventos congelantes. Em pleno dezembro, como frisava meu filho.

— Porque está chovendo, querida. — Eu odiava contrariá-la, contudo não queria me responsabilizar por um resfriado.

— Mas a mamãe mandou a bolsa de piscina. Tem até boia! Quer ver? — Clara perguntou com os olhinhos brilhando, acompanhando o sorriso inocente.

— Quero, traz aqui na cozinha.

Mal respondi e a pequena saiu correndo com suas pernas curtinhas, animada para me mostrar o que Larissa organizou. Nossa ideia inicial era aproveitar um dia na beirada da piscina, na área coletiva do condomínio, curtindo uma música boa e um momento em família. Bem, como o clima aqui era imprevisível, chovia. Muito. Por isso estávamos em casa mesmo. Igor improvisou uma churrasqueira portátil na porta dos fundos e já tínhamos comido boa parte do que compramos.

Os únicos que não puderam vir foram meus tios. As vésperas das festas de fim de ano acumulavam trabalho na rede de supermercado, fazendo com que eles trabalhassem o dobro do normal. Tudo culpa de quem deixava para abastecer a despensa em cima da hora, ou seja, mais de 90% da população do país.

Ouvi os passos apressados antes mesmo de ver os lindos cabelos de Clarinha balançando para lá e para cá enquanto ela adentrava o recinto arrastando a sacola de pano pelo piso.

— Aqui, tia! Mamãe colocou boia, maiô, *potetor*, toalha e minha boneca de banho. — Ela apontava para cada item dentro da bolsa, enfatizando a vontade de cair na água.

— Deixa eu ver essa boneca direito! — Chamei sua atenção para o único brinquedo contido ali, para ver se conseguia distraí-la da possibilidade de nadar nesse toró. — Que cabelo mais lindo ela tem!

— Ela usa maiô! Igual o meu, vovó que fez! — Clarinha me mostrava a boneca, que trajava uma roupa de banho azul-marinho com baleias cor de rosa.

— É linda! — Agachei-me perto dela para facilitar a comunicação e apoiei minhas mãos nos joelhos. — Ela sabe fazer outras coisas? Ou só sabe nadar?

— Ela faz tudo! Dorme, come, vai na escola... — Juntou as duas mãos em frente à boca e se aproximou de mim para cochichar: — Ela faz xixi!

Arregalei os olhos e olhei para ela boquiaberta.

— Jura?! E quem limpa?

— Eu! — Ela desceu as mãozinhas e levantou o peito, toda orgulhosa.

— Mas que menina mais esperta você é!

— Mamãe diz que já sou uma mocinha e tenho que cuidar dos meus *binquedos*. — Clara abraçou a boneca com força, tanta força que se fosse um bebê de verdade estaria em prantos.

Sorri ao observar seus lindos olhos esverdeados.

— E ela tem toda razão!

— Ei, Nat... — Meu pai apareceu na porta da cozinha. — Nas caixas que eu trouxe de casa deve ter algum brinquedo seu.

— Deve mesmo! — Levantei um pouco o corpo e olhei para ele, ainda com o tronco abaixado

para não perder a atenção da menina que roubava sorrisos por onde andava. — Mari! — gritei um pouco mais alto do que a música que ressoava do som da sala.

Meu pai havia chegado mais cedo carregando três caixas de papelão com coisas minhas que tinham ficado esquecidas na casa dele desde que me mudei de cidade há séculos. Não tive tempo para mexer, mas depois do churrasco, sem dúvida, me sentaria em frente a elas e abriria uma por uma para vasculhar o que ele considerou tão importante para guardar por mais de uma década.

— Que foi, mãe?

— Leva a Clarinha lá para cima e dê uma olhada nas caixas que seu avô trouxe. Deve ter algum brinquedo antigo.

— Pode deixar! — Ela estendeu a mão para Clara, que deixou a boneca esquecida em cima da bolsa no chão ao pegar a mão da Mariana. As duas saíram conversando animadas sobre o que poderia ter dentro das caixas misteriosas.

Mal tive tempo de levantar o tronco e senti Igor se aproximando por trás. Ele enlaçou os braços na minha cintura e encaixou a cabeça em meu ombro.

— Adoro te ver conversando com minha filha — comentou ao pé da minha orelha.

— Como não me apaixonar por ela? — respondi com sinceridade. — A menina é um doce!

— Puxou ao pai. — Mordiscou o lóbulo da minha orelha, causando uma onda de arrepios em minha coluna.

— Aham... — Palavras? Aonde foram parar? Para que serviam mesmo?

— Tá legal, essa é a minha deixa. — Meu pai, que eu nem lembrava que estava testemunhando a cena, saiu da cozinha em um segundo.

Balancei a cabeça.

— Você não tem jeito — reclamei, ainda colada ao Igor.

— Como se você não gostasse. — Ele riu e a vibração de seu peito roçou minhas costas. — Mas o que eu estava falando mesmo? Ah, sim, como sou um doce... o doce que você mais gosta...

Sorri de lado e virei o rosto para olhar nos olhos dele.

— Convencido.

— Não negue... mais de uma década e ainda está na minha... — Meneei a cabeça com os olhos fixos aos dele, sem me dar o trabalho de refutar sua afirmação. Era verdade, e ele sabia disso. — E sabe o que mais eu percebi?

— O quê?

— Você leva jeito com criança...

Arqueei uma sobrancelha, ponderando sobre o que ele falou. Há duas semanas vínhamos convivendo como namorados, daqueles que se veem todos os dias e não conseguem suportar ficar longe um do outro. Minha aproximação da Clarinha foi natural, começando no mesmo dia em que Igor me levou para a casa dele. Na verdade, a adaptação de todo mundo envolvido acontecia rapidamente. Meus filhos se davam bem com a menina e não se opunham a programas familiares.

Nos primeiros dias, fomos devagar. Apenas eu na casa dele, na presença da filha, ou ele em minha casa, aprendendo a conviver com os gêmeos. Nós dois tiramos de letra. Com frequência, Igor jogava videogame e eu sobrava. Por isso, começou a trazer a Clarinha a tiracolo em suas visitas. Enquanto os três ficavam absortos em frente à televisão no quarto do Gui, eu tinha companhia de uma pessoinha muito especial, que me auxiliava em qualquer coisa que eu estivesse fazendo.

Minhas inseguranças foram para o espaço, e nosso relacionamento ia muito bem, obrigada!

Larissa estava apreciando ainda mais nossa dinâmica familiar. Já dizia que Clarinha era minha enteada e que eu precisava me preparar, porque logo Igor traria uma mala e não sairia mais daqui. Lari me tratava como uma extensão da sua família, e eu, que tive uma vida recheada de privações e uma família pequena, adorava tudo isso.

— Ouviu? — Igor virou meu corpo para ficar de frente para ele e segurou meu queixo com a mão esquerda, erguendo meu rosto em sua direção.

— O quê? — Não me lembrava direito qual era o assunto. As írises dele estavam lindíssimas, grandes e chamativas.

Ele riu.

— Eu disse que você leva jeito com criança.

— Eu tive duas... — constatei o óbvio.

— Pensa em ter mais?

Franzi a testa, tentando entender melhor a motivação por trás daquelas quatro palavras.

— Não digo agora, mas... já pensou em ter mais filhos? Não que eu queira, a Clarinha é muito nova e precisa de toda a minha atenção. Ainda mais com pais separados. E também não estou querendo te pressionar, com tudo o que você passou na gravidez e...

Levei as duas mãos ao rosto dele e coloquei um indicador em seus lábios, fazendo com que ele parasse a enxurrada de palavras.

— Shhhh... eu entendi — falei pausadamente. — Quem sabe um dia, com uma pessoa especial, em uma situação diferente... talvez eu queira.

Igor mordeu o lábio inferior antes de responder.

— Conheço uma pessoa especial... posso te apresentar, se você quiser...

— Ah, é? Não vejo a hora — retorqui sorrindo.

Eu não pensava em ter filhos agora, e, num passado próximo, nem cogitava essa hipótese. Solteira, com dois adolescentes para criar, não havia brecha para viajar por esses assuntos. Só que a perspectiva de unir nossas famílias e aumentar a nossa não era assim tão ruim. Evidente que ainda era muito cedo para se falar em casamento, entretanto, se ele estava falando em ter mais filhos... talvez... num futuro não tão distante... uniríamos nossas escovas de dentes.

Aí, sim, poderíamos nos considerar uma família completa!

Uma união oficializando meu relacionamento com Igor seria a cereja do bolo!

A recuperação do Gui estava cada vez melhor e suas notas na escola atingiram a média. Mariana ajudava com o que podia e não dava trabalho fora do normal. Meu pai e a dona Celeste pareciam cada vez mais amigos e eu não duvidava que um dia, hipoteticamente, eles fossem aparecer de mãos dadas anunciando algo que “ninguém” imaginava. Danilo e Elisa ainda lutavam para encontrar seu lugar na imagem do porta-retrato da grande família, e era notável que, aos poucos, um dia de cada vez e com muita paciência, eles conseguiam avançar em seu propósito. Os gêmeos não confiavam plenamente em nenhum dos dois, todavia, davam abertura para que eles tentassem estabelecer um vínculo.

E quanto a mim?

Bem...

Eu diria que eu estava feliz e que me orgulhava muito de tudo que passamos até aqui. Afirmaria que a vida não foi fácil, mas que valia a pena transpor as barreiras e abraçar seu destino. O amor me guiava. O amor curava todas as feridas. Também criava novas, mas quem poderia dizer que tinha uma vida plena e sem sofrimento?

Eu não, e me orgulhava disso.

Foram os passos que eu dei que me levaram até ali. Foi a aceitação, a resiliência, a coragem de

olhar para trás, a paciência e a necessidade de ter uma vida melhor que fizeram com que eu chegasse aonde estava.

E esse lugar me consumia, de uma forma positiva.

Eu sonhava acordada com uma casa agitada e com choro de bebê quando um burburinho começou na sala. Algumas vozes exaltadas e outras mais baixas conversavam animadamente.

— Sério?! — ouvi alguém comentar.

— Sério! Olha isso aqui! — outra voz respondeu. — *Segunda-feira, treze de março de 2000. Foi a primeira vez que vi o garoto mais bonito do mundo. Ele faz parte do time de futebol da escola. Eu estava na quadra, fazendo o dever e esperando o horário da educação física, quando ele passou sorrindo do meu lado. Quase morri! Meu coração batia tão forte que...*

Olhei para o Igor sem conseguir respirar. Meu pescoço fervia com a velocidade com que o sangue subia para minha cabeça.

Meus diários!

Alguém encontrou meus diários!

Merda!

Saí correndo para pegar os cadernos das mãos do engraçadinho que estivesse lendo, impedindo que me humilhasse, mas Igor me segurou e fez com que eu olhasse em seus olhos.

— Deixe que eles leiam. São lembranças felizes do seu passado.

— Mas... — tentei argumentar.

— Mas nada. Eu já sabia que você gostava de mim quando me aproximei de você, lá na festa, quando conversamos pela primeira vez. Não será uma surpresa. — Ele deu um sorrisinho de lado. — E tem coisa melhor do que relembrar os bons momentos, Nat?

Encarei seus olhos com intensidade. Como eu amava esse homem. Anos e anos de amor não correspondido que agora eclodiam e me banhavam com uma paz interior inquestionável.

— Tem. — Assenti com toda certeza do mundo. — Criar novas lembranças. Boas lembranças.

Segurei seu rosto em minhas mãos e resvalei meus lábios nos dele, deixando-me levar pela emoção de estar ali, ao lado dele e da minha família, fazendo planos, sem medo de viver, sem medo do que o destino nos reservava. Afinal, se conseguimos sobreviver até aqui, com toda a distância e problemas que nos cercaram, o que não conseguiríamos enfrentar?

Uni nossos lábios novamente, saboreando a calma posterior ao tumulto.

Ele tinha razão e eu não tinha muito do que reclamar. Entre laços e conflitos, a felicidade ressurgia. Só nos restava saber valorizar cada momento, cada segundo do que nos era permitido viver. Caindo e levantando, sofrendo e erguendo a cabeça, enfrentando cada obstáculo sem desanimar. Porque, no final, se tinha uma coisa que aprendi com a minha história, era que tudo valeu a pena. Eu afirmava com todas as letras que não mudaria uma vírgula.

EPÍLOGO

Engraçado como a vida nos surpreende. Cinco anos atrás, se alguém tivesse me falado que o Guilherme conseguiria um doador e que depois do transplante nossa vida seria cada vez melhor, eu até poderia ter acreditado, entretanto, nunca cogitaria que seria tão boa. Evidente que existiram conflitos, no entanto, os laços eram tão profundos que não permitiram o desgaste comum em qualquer relacionamento.

Sabe quando tudo vai se acertando aos poucos e você finalmente se sente plena? Se tem uma coisa que aprendi com essa jornada é que não devemos nos desesperar. Tudo acontece no momento certo. E, às vezes, nem sempre da forma como você planejou, mas, com calma, alcançamos nossas metas.

Eu estava parada em frente ao espelho da sala lateral do cartório de registro civil, observando mais uma vez meu vestido longo. Era de um tecido leve que fazia milagres com minha silhueta arredondada. Quase totalmente branco, tinha uma estampa bem suave de tonalidade lavanda. Meu cabelo castanho foi escovado e preso em algumas partes, deixando livres os fios que tocavam a minha cintura. O sapato de salto *nude* completava o visual que transmitia tranquilidade, exatamente como eu me sentia no momento. Dei mais uma olhada no meu reflexo, respirei fundo e me virei para a porta de mogno que dava acesso à sala oficial de registro, onde ficava o juiz. Sem pressa, girei a maçaneta e entrei, absorvendo cada detalhe da cena que me cercava.

A versão adulta da minha filha estava sentada no banco de espera. O vestido rosa-escuro atingia seus joelhos e caía perfeitamente bem em seu corpo esbelto. Mariana cresceu e deixou a adolescência para trás de forma esplêndida. Era uma morena linda e eu tinha todos os motivos para me orgulhar da pessoa que se tornou. Aos dezoito anos, passou no vestibular e entrou em uma universidade pública no estado de São Paulo. No início, foi bem difícil suportar a distância que nunca tínhamos vivenciado. Aguentamos os quilômetros que nos separavam com ligações uma para a outra diversas vezes por dia. Não ajudava, a saudade mal cabia dentro do peito. Eu a visitava sempre que possível, o que costumava acontecer a cada quinzena. Ultimamente, os planos precisaram ser adaptados e a frequência diminuiu, no entanto, isso não afetou o profundo vínculo existente entre mãe e filha.

Ao seu lado estavam Larissa e Clarinha, conversando animadas sobre a festa que nos aguardava quando a parte burocrática terminasse. Nesses anos, minha amizade com a Lari se solidificou e passamos a confiar uma na outra como se fôssemos irmãs. Sua filha crescia a cada dia, deixando para trás o rostinho e os trejeitos infantis. Ela lembrava uma mocinha, segurando uma bolsa de mão em seu colo, sentada com as pernas cruzadas na altura dos joelhos. Quando me viu, Clarinha deu um sorriso capaz de derreter meu coração, principalmente no estado emotivo em que me encontrava. Larissa acenou e meneou a cabeça de leve, demonstrando o apoio com o qual sempre pude contar.

Danilo e Elisa também estavam presentes. Eles sempre eram convidados para os eventos familiares, especialmente para os significativos, como esse. O relacionamento deles com os gêmeos havia melhorado demais com o passar dos anos. Não foi simples, principalmente para o Danilo, que teve que ouvir várias indiretas, piadinhas com duplo sentido e engolir situações desconfortáveis. No passado, nunca diria isso, todavia, hoje, eu admirava sua determinação. Ele fez o possível e o impossível para fazer parte da vida dos filhos, mesmo quando ficava claro que não era bem-vindo. Atualmente, Gui e Mari aceitavam e compreendiam com maturidade tudo o que se passou, e o tratavam não como um pai, mas como um amigo da família. Eu sabia que

Danilo sentia certo pesar por não ter conseguido se aproximar da forma que queria dos gêmeos. Ele tentou, porém nunca foi chamado de pai.

Com Elisa não foi diferente, a aproximação que teve início no hospital, quando o Gui havia acabado de passar pelo transplante, continuou de forma progressiva. Ela se oferecia para ajudar com manejos do dia a dia, aparecia em casa com sobremesas e nos convidava para almoçar juntos ou fazer alguma outra atividade que pudesse estreitar os vínculos quase inexistentes. Por mais que parecesse forçado, eu podia afirmar que ela insistiu até conseguir. Não me esqueci das coisas horríveis que ela falou ou da maneira que enfrentou meu retorno a Poços de Caldas. Só que o tempo foi passando e outras coisas se tornaram mais relevantes do que ficar guardando mágoa do passado, então acabamos nos reaproximando e mantínhamos um convívio saudável. Não como as melhores amigas de duas décadas atrás, mas como duas pessoas que guardavam um carinho especial uma pela outra.

Funcionávamos mais ou menos como um vidro que quebrou. Mesmo depois de colado, as marcas eram visíveis. Por mais que você se esforçasse para esconder, o trincado ainda existia. Assim, algumas situações serviam como gatilho para que as feridas ressurgissem. Tentávamos contornar e fingir que não, entretanto, o passado deixou mágoas em nós duas. E era notável que ela sofria para esconder, principalmente ao se deparar com minha condição atual.

Perto deles estava Mateus, o adolescente de quem eles cuidavam como se fossem seus pais biológicos. O garoto, que hoje morava com eles, passou maus bocados com as dificuldades financeiras da família. Eu não sabia exatamente como foram os trâmites, contudo, me recordava como se fosse ontem daquele menino magro e judiado, pedindo ajuda dentro da farmácia. Eu só sabia que Elisa e Danilo começaram a se responsabilizar por ele e por sua família, arcando com as despesas básicas como escola, roupas e plano de saúde, até o falecimento da mãe dele. Depois de um tempo, sua avó foi internada e convidaram Mateus para morar com eles, o que o menino aceitou sem pestanejar. Eles formavam uma família bem peculiar e pareciam felizes.

Do outro lado da sala estava Guilherme com sua mais nova... namorada?

Ficante?

Amiga?

Franzi as sobrancelhas e cerrei os lábios ao notar que a mão do meu filho estava apoiada nas nádegas da garota. Guilherme não tomava jeito! Desde que se recuperou da anemia, assim que seu corpo voltou a ter uma saúde de ferro, ele só aprontava. Aos dezessete anos fez a primeira tatuagem e eu quase o esganei quando vi que tinha falsificado minha assinatura na autorização. Com a desculpa de que queria fazer uma surpresa, ele tatuou meu nome em um desenho intrincado no bíceps. A homenagem era tocante, mas ele bem que poderia ter esperado mais um ano para fazê-la!

Após uns meses, ele apareceu com o cabelo descolorido.

Branco! Branquíssimo!

E depois foi a vez do *piercing* na lateral do lábio inferior.

Nas fotos do aniversário de dezoito anos, Gui tinha uma tatuagem grandinha no braço, o cabelo branco, um sorriso sacana e a bendita joia no lábio. Atualmente, já perdi as contas de quantas tatuagens ele possuía, seu cabelo estava vermelho e seus inúmeros *piercings* pareciam dar cria! Ele sempre me contava quando fazia algo novo, até porque morávamos juntos e eu acabava vendo, mas alguns lugares específicos eu preferia não saber. Geralmente eu tampava os ouvidos e saía de perto quando ele começava a relatar como foi feita a perfuração.

Poupe-me dos detalhes!

Seu humor continuava o mesmo, brincalhão e divertido. E se tornou um homem muito bonito.

Não era à toa que sempre tinha uma garota diferente a tiracolo. Por mais que eu olhasse torto para algumas de suas escolhas, respeitava. Um dia ele iria encontrar alguém que o completasse e iria parar com aquele desfile. Eu só esperava que esse dia não demorasse muito.

Gui percebeu que eu olhava para ele e piscou para mim. Respondi sorrindo. Independentemente de sua personalidade e das excentricidades das quais gostava, meu filho era um vencedor. Merecia uma vida feliz com tudo o que tinha direito. Nossa família passou por muito sofrimento quando Gui adoeceu, mas somente ele sabia o que era enfrentar uma doença e quase morrer nesse processo. Guilherme passou por tanta coisa que eu não podia, nem nunca iria condená-lo por suas escolhas, principalmente em relação ao seu corpo e a como ele gostava de ser.

Ainda observando meu filho, senti um braço me envolvendo pela lateral e vi que Igor estava ali. Lindo como sempre, tirando meu fôlego ao vestir um terno cinza alinhado. Ele não precisava dizer nada, eu sabia interpretar qualquer expressão em seu rosto.

Olhar para ele ali, ao meu lado, com um semblante sereno, me fazia pensar em tudo o que vivemos juntos e tudo que deixamos de viver no período em que me afastei da cidade. Eu nunca teria imaginado que terminaria minha história nos braços dele. Uma paixão platônica infantilizada que tomou uma grande proporção e acabou dando certo. Tão certo que não fazíamos nada separados. Desde que voltei de São Paulo, Igor era meu companheiro, meu cúmplice, meu melhor amigo, enfim, o meu amor

Eu seria eternamente grata à segunda chance que ele me deu, ou melhor, que ele nos deu. A parte amorosa da minha vida, a que passei anos desconsiderando e deixando de lado, era o que faltava para que eu me sentisse completa. Nós havíamos formado uma família aos poucos, e nada me deixava mais contente do que chegar em casa e encontrá-lo conversando com Gui ou passar uma tarde à toa assistindo à TV ao seu lado.

Olhei para ele com veneração e suspirei de felicidade.

E, então, a sala ficou em silêncio e todos se levantaram. Juntos, viramos o corpo para trás para podermos ver o casal que se aproximava da mesa do juiz. Meu pai caminhava, elegante, usando um terno preto com uma rosa branca na lapela. Só Deus sabia como foi difícil encontrar o terno perfeito para a ocasião! Com o braço enlaçado em sua noiva, ele sorria esbanjando sorrisos ao olhar para todos nós.

Celeste também tinha os lábios estendidos e curvados para cima. Seu vestido pérola era simples e muito bonito. Não havia nenhum penteado elaborado em seu cabelo preto liso, só que o brilho dos fios bem tratados irradiava da mesma forma que sua pele e sua presença.

O casal se aproximou da mesa do juiz e, em menos de quinze minutos, tinham oficializado a união que tentaram esconder por cinco anos. Tentaram, porque todo mundo sabia que algo estava acontecendo. Os olhares trocados, toques carinhosos, conversas intermináveis, apertos de mão e abraços prolongados denunciavam o afeto e o aprofundamento sentimental que eles viviam. Eles apenas demoraram para assumir.

De mãos dadas com Igor, saí com passos lentos do cartório, entrando com cuidado no carro para irmos até a casa da Celeste — ainda minha vizinha —, onde seria o almoço de recepção dos recém-casados. Apoiei minhas mãos na barriga e suspirei. O desconforto nos pés era muito incômodo e eu teria que dar um pulinho em casa para trocar de sapato antes de comemorar o casamento do meu pai.

Meu marido deu partida no carro e mal chegamos à esquina quando uma dor lacerante percorreu minha coluna. A careta que fiz acompanhou o gemido alto de reclamação, e Igor encostou o carro na mesma hora.

— Nat? Tá tudo bem?

— Hummm... — resmunguei e balancei a cabeça para os lados freneticamente.

— O que foi? O que está sentindo? — Ele me olhava, aflito, passando a mão em minha testa que começava a suar.

— Eu a-acho que... Ahhhhh! — gritei e meus olhos se encheram de lágrimas.

— Certo. Eu v-vou... — Igor não sabia se olhava para mim ou para o trânsito. Suas mãos se embaralhavam na direção e nos comandos do carro.

— Olhe para frente! — pedi, inspirando e suspirando depressa.

— Mas ainda não é a hora! — ele reclamava meio estupefato.

— N-não dá pra... Ahhhhhh... Saber a hora! — respondi irritada, ao ser atingida por uma nova onda de dor.

— A gente tá chegando lá. Aguenta aí que já estamos quase lá!

Igor guiou o carro como um furacão entre as ruas do centro da cidade até finalmente estacionar na porta do hospital. Ele saiu correndo e chamou por ajuda antes de abrir a porta para que eu descesse. Por mais que ele já tivesse passado por isso antes, parecia que não tinha ideia do que precisava fazer.

Ergui a mão e segurei seu braço, necessitando do contato para me sentir segura.

— Meus filhos! — ele gritava para os enfermeiros que corriam com uma cadeira de rodas. — Meus filhos estão nascendo!

É...

Por que não?

Gêmeos.

De novo.

A vida já tinha sido generosa o suficiente comigo quando me deu o Gui e a Mari. Um começo sofrido, marcado por problemas e traumas. Uma vida boa e feliz, longe de tudo o que conhecia, com alguns conflitos no meio do caminho, que foram se resolvendo aos poucos. Um retorno ao meu passado e às marcas deixadas por ele. Uma superação e aprendizado constante, para, finalmente, darmos as boas-vindas à felicidade.

Agora, duas décadas mais velha, com uma família estabelecida, eu estava prestes a segurar no colo pela primeira vez meus dois bebês, meninos, filhos da minha união com o amor da minha vida.

Se eu estava feliz?

Muito! Mas precisava tirá-los da barriga nesse exato momento!

CONVERSANDO COM A AUTORA

SOBRE O ESTUPRO

Se você é uma das pessoas que terminou a leitura de *Entre Laços e Conflitos* se sentindo indignada por não ter acontecido nada com o personagem Danilo, saiba que você não está sozinha. Milhões de mulheres se sentem assim no seu dia a dia, convivem com as consequências psicológicas e físicas de um abuso velado e omissivo. São pessoas que sofrem caladas e que podem estar ao seu lado sem que você sequer imagine pelo que elas passaram. Isso se você que está lendo não for uma dessas pessoas.

O desenrolar da trama pode não agradar a todos os leitores, principalmente pelo fato de não ter existido vingança nem justiça para o que Natália passou. Aqui, o vilão não foi preso, não levou uma surra, não faliu, não fugiu, não mudou de cidade ou perdeu o contato com as pessoas que conhece.

Isso foi intencional.

Gosto que minhas histórias se aproximem ao máximo da realidade e, infelizmente, é essa a situação diária de muitas pessoas. Não estou me referindo a casos extremos, que acompanhamos na TV e nos levam a desejar fazer justiça com nossas próprias mãos. Estou falando sobre a situação da sua amiga, da sua prima, da sua mãe.

Quando comecei a escrever *Entre Laços e Conflitos*, minha ideia era fazer com que ele não fosse mais um livro entre tantos outros que lidam com o estupro. A maioria esmagadora dos romances com os quais tive contato e que abordam o estupro traz um final lindo para a mocinha e terrível para o criminoso. Danilo não foi linchado porque minha intenção enquanto autora era trazer à tona os casos que não são denunciados, os milhões de casos em que as mulheres se sentem oprimidas e não contam para ninguém.

É alarmante saber que a maioria dos casos de estupro não são relatados. Isso porque grande parte das vítimas, assim como Natália, resolvem não denunciar porque seus agressores são pessoas próximas. Aqui, na ficção, o abusador foi um amigo. Na vida real, são tios, irmãos, primos, padrastos e até maridos. Pessoas que possuem um vínculo sentimental com as vítimas e, por várias questões pessoais e familiares, acabam sendo omitidos.

Gostaria de deixar bem claro que eu sou totalmente a favor da denúncia de qualquer tipo de agressão, seja ela física, moral ou psicológica. Entretanto, compreendo a atitude da Natália de se sentir tão coagida a ponto de fugir e esquecer a cena que se tornou um divisor de águas em sua vida. Não sei o que eu faria se estivesse no lugar da protagonista. É muito fácil apontar o erro dos outros quando este não é o seu erro, quando não está acontecendo com você.

E se, por uma fatalidade, você que está lendo esse livro, está entre as mulheres que passam por isso, considere denunciar. Entre em contato com a política de auxílio à mulher, um serviço anônimo que garante a sua segurança:

DISQUE 180

Você será atendida e orientada sobre o que fazer. Caso não se sinta à vontade para fazer isso, mesmo sabendo que não será julgada por quem lhe atender, procure por ajuda profissional; uma psicóloga seria o ideal.

Para outras informações, deixo aqui o endereço do site do governo sobre o assunto:

<http://www.spm.gov.br/assuntos/violencia>.

SOBRE A DOAÇÃO DE SANGUE E MEDULA

Muitos livros abordam a temática do transplante de medula pelos mais diversos pontos de vista. Por mais que seja um assunto comum na literatura, senti a necessidade de escrever sob a perspectiva de uma mãe que convive com o sofrimento do filho.

Para trabalhar o assunto com propriedade, visitei o HEMOCENTRO de Poços de Caldas, em Minas Gerais, cenário em que se passa a história. Conversei por horas com a coordenadora responsável pelo programa de doação sanguínea, com intuito de me informar sobre o processo como um todo. Saí de lá com a certeza de que DOAR SANGUE É ALGO MUITO SÉRIO.

Não se trata simplesmente de ir ao programa, fazer o cadastro e doar sangue a cada três meses. Colocar seu nome no cadastro mundial de doadores de medula é uma responsabilidade. É uma responsabilidade com a vida de outra pessoa.

Em *Entre Laços e Conflitos*, a personagem Elisa se recusou a ser doadora quando foi chamada. Isso, tal como o desfecho do Danilo, foi intencional. Durante minha conversa com a coordenadora do HEMOCENTRO, fui informada sobre a quantidade de pessoas que estão na lista de doadores, entretanto, quando são chamadas, por serem compatíveis, recusam o chamado.

Muitas vezes existem doadores compatíveis, mas estes se negam a doar.

Fiquei extremamente indignada, como ser humano, ao ficar sabendo desse fato. Oras, se a pessoa faz parte do programa e se dispõe a doar, por que não iria quando alguém precisa de uma doação e existe a compatibilidade?

Por egoísmo? Por considerar invasivo? Por falta de solidariedade?

Mas, espera aí, não foi justamente devido à solidariedade que a pessoa se cadastrou, em um primeiro lugar?

Eu sinceramente não compreendo o que faz os seres humanos agirem dessa forma, só sei que uma recusa pode acabar com a vida de outra pessoa. Uma recusa pode minar uma família. Uma recusa pode deixar crianças órfãs. Uma recusa pode fazer com que uma mãe, como a Natália, perca o seu filho.

Então, se você, leitor, faz parte do cadastro mundial de doação de medula, ou pretende se cadastrar, pense duas vezes antes de negar. Um dia, pode ser você ou algum ente querido que esteja do outro lado da situação.

DOE COM RESPONSABILIDADE.

Deixo aqui o endereço do site do REDOME — Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea, onde você encontrará todas as informações pertinentes aos doadores, receptores e procedimentos relacionados ao transplante de medula: <http://redome.inca.gov.br>

SOBRE A VERSÃO DO DANILO

Após discorrer sobre os dois assuntos que se entrelaçam durante o enredo, chegamos ao ponto mais polêmico da trama: o momento em que o Danilo conta a sua versão dos fatos para a Natália. Quando o abuso aconteceu, Natália tinha dezesseis anos, e Danilo, dezoito. Ambos namoravam e eram amigos próximos.

Eu sei o que você pensou no capítulo dezenove.

Mas como assim o Danilo ser vítima? Essa autora enlouqueceu!

Concordo com sua revolta. Danilo foi um babaca, que abusou de uma amiga quando ela não estava em seu estado normal. Ele aproveitou a oportunidade que caiu em suas mãos.

Não estou aqui com a intenção de justificar os atos do personagem, muito menos para passar a mão em sua cabeça, como não faria se esta fosse uma situação verídica. Danilo errou, sim, e merece o descaso com que foi tratado, merece não ter sido considerado pai por seus filhos. Merecia ter levado uma surra.

Porém, estou aqui para refletir sobre a posição do personagem. Sobre o que um rapaz de dezoito anos pensaria em uma situação como a dele. Não vou entrar, aqui, no quesito da traição — Danilo traiu Elisa e Igor ao partir para cima da Natália, todavia, são outros quinhentos. O que está em pauta é seu papel na festa da Marcinha.

Danilo gostava da Natália em segredo, porque ela era namorada do seu melhor amigo. Eles estavam em uma festa e, quando Natália o procurou e foi dopada sem que ele soubesse da adição da droga à bebida, ela o abraçou e beijou seu pescoço.

Não sei vocês, leitores, mas quando eu era adolescente, passei por algumas situações que queria esquecer no dia seguinte. Coisas bobas que acabei fazendo e me fizeram acordar com aquela sensação de “caramba, que foi que eu fiz?!”. Eles estavam no auge da fase em que cometemos certas atitudes que nos envergonham. Por mais que eu queira pensar no lado da Natália e trucidar Danilo por ter aproveitado da baixa guarda da amiga, eu compreendo a burrada que ele fez.

Não concordo, não acho certo, não sou conivente. Apenas entendo que para cada situação envolvendo duas pessoas, existem dois pontos de vista. Do ponto de vista da Natália — e o nosso enquanto leitores, que acompanhamos o decorrer da trama a partir do seu ponto de vista — Danilo cometeu, sim, um abuso físico, que teve consequências inimagináveis para nossa querida protagonista.

Mas quando pensamos sob a perspectiva do Danilo, a coisa muda. Na cabeça dele, quando ela o abraçou e o beijou, aquela era a única oportunidade de se envolver com a Natália. Um garoto de dezoito anos mergulhou de cabeça no que estava à sua frente, mesmo sabendo que ela estava alcoolizada — como ele confessa para ela em determinado momento do livro.

Tudo bem... então quem está certo e quem está errado? A Natália, que acusa o namorado da amiga de tê-la estuprado? Ou Danilo, que se deixou levar pelos impulsos em uma festa na adolescência?

Isso cabe à consciência de cada um. Eu, como sou mulher e defensora das mulheres, tenho a tendência de pensar que Natália está certa e que Danilo foi um canalha mesmo. Porém, pensando no lado dele, também compreendo a situação. E isso me faz sentir muito mal.

Só que o livro não era sobre mim e a minha opinião. Os personagens ganham vida, têm personalidades próprias e, quando vi, Danilo já havia contado seu lado da história, me deixando tão confusa e indignada quanto vocês que leram o livro.

Por mais que isso me incomode, foi o que aconteceu. A protagonista ficou balançada ao saber o que Danilo pensava e acabou concluindo que ele também poderia ter sido uma vítima. Apesar disso, ela não confia nele e não deixa de pensar que sofreu um abuso.

É um final difícil de aceitar, que acaba deixando um gostinho amargo na boca. Por isso trata-se de um drama, e espero que vocês consigam pensar por esses dois lados, como eu também tento fazer.

E, para aqueles que entendem ou não seu ponto de vista, para quem ama ou odeia o personagem, para quem gostaria de entender um pouco melhor suas motivações e o que

aconteceu no passado; aqui vai um pouco do nosso antagonista...

DANILO

Impressionante como são as coisas. Quando você menos espera, a vida resolve fazer uma curva, te levando para um caminho completamente diferente daquele que você sempre almejou.

Posso dizer que minha vida não foi difícil. Nasci em uma família tradicional, que soube administrar de forma exímia seus negócios por várias gerações. Eu não tinha a mínima noção do que era ter qualquer tipo de problema financeiro ou passar alguma necessidade básica. Na realidade, sempre fui agraciado pelo bom e melhor. Meus pais trabalhavam arduamente para manter as economias equilibradas e, de preferência, lucrativas. Por uma questão de inteligência e manejo, tudo o que investimos nos dava retorno e, assim, o capital familiar aumentava consideravelmente a cada ano.

Com apenas um irmão dez anos mais velho, não precisei dividir meus pertences e aprendi a sempre desejar mais do que tinha e a correr atrás daquilo que queria. As notas na escola eram as melhores, os resultados de cursos extracurriculares sempre foram impecáveis, as médias na faculdade me garantiram título de destaque acadêmico por muitos semestres consecutivos. E eu ainda conseguia curtir a vida. Aproveitava a família e minha garota ao máximo que podia.

Minha determinação em alcançar meus objetivos começou aos quatorze anos, quando meu foco era ser o melhor no futebol. A bola já estava em meu sangue como em qualquer moleque brasileiro, e decidi que deveria me empenhar ainda mais para ser bom. Queria ser venerado, ovacionado. Entrei no time da escola e passei a treinar diariamente. Fiz diversos amigos, mas o único que compartilhava o meu entusiasmo era o Igor. Nós nos tornamos inseparáveis desde então.

Tudo que um fazia, o outro precisava aprovar, ou participar. Por anos nossa dinâmica funcionou extremamente bem. Ele curtia as garotas, o desempenho em campo, a boa vida e as oportunidades que caía em seu colo da mesma forma que eu fazia. Combinávamos em praticamente tudo. Minha adolescência foi marcada por bons momentos ao lado dele, assim como de outras pessoas que fizeram parte do meu passado. Entre nós dois não havia ganhador ou perdedor, éramos uma unidade. Quando ele tinha uma garota a tiracolo, eu tratava de arrumar uma também. Não era uma competição, apenas funcionávamos assim.

E continuamos da mesma forma até a fase adulta. Quando o alto desempenho no curso superior concomitante à administração da empresa da família não era mais o suficiente, comecei a cogitar me aventurar pela política. Pesquisei, procurei entender como funcionavam os esquemas parlamentares, como era o processo eleitoral de um candidato, os requisitos para a função e os traços de personalidade mais aceitáveis. Era uma profissão contraditória? Indubitavelmente, entretanto isso não me impedia de acreditar que eu poderia fazer diferente. Afinal, dinheiro não era o meu foco, nunca havia sido. Então, por que não? Assumindo um cargo político eu poderia atingir muito mais do que eu sequer imaginava. O poder em minhas mãos seria cada vez maior.

Por isso não pensei duas vezes quando fui convidado a participar de um partido político que ia de acordo com minhas convicções e comecei a me empenhar para lançar uma candidatura em um futuro próximo. Minha ambição falava alto demais, como já estava no meio político, não poderia perder a oportunidade. Assim que novos nomes para candidatos começaram a ser especulados, o meu não poderia ter ficado de fora. E não ficou. A eleição foi tranquila e fui eleito com vantagem quando comparado com outros candidatos da mesma chapa.

No auge da minha carreira, apesar de conseguir tudo o que queria, ainda não estava satisfeito e desejava mais. Era feliz em meu trabalho, onde me dedicava a questões cívicas e pertinentes para minha cidade. Era feliz em minha casa, com uma esposa maravilhosa e compreensiva, que me acompanhava há muitos anos e fazia parte de tudo sempre ao meu lado. Era feliz com minha família, tinha um bom relacionamento com meu irmão e um melhor ainda com minha mãe.

Mas faltava alguma coisa que eu não sabia nomear.

E por mais que eu não tenha sofrido em minha jornada até aqui, existiram alguns percalços que foram desconsiderados no meio do caminho. Eu seria um tremendo hipócrita se afirmasse que não tive nenhum problema, até porque nem sempre tive total controle sobre minhas ações, principalmente quando era adolescente. Cometi alguns deslizes por ter agido de forma impulsiva, e outros por ter me encontrado bem no meio do olho do furacão quando estavam acontecendo.

Grande parte deles era besteira de molecagem, coisa que a garotada costumava fazer para se provar ou amadurecer. Não fiquei fora das malandragens de moleque. Pisei na bola, errei e aprendi com meus erros. Após passar por algumas situações delicadas que poderiam ter afundado a minha vida, aprendi que quanto mais domínio se tem sobre os fatores que interferem em suas escolhas, mais tranquila será sua vida. E aprendi isso em um único dia, quando tomei uma atitude vergonhosa que poderia ser considerada um crime.

Fazia mais de uma década que tinha acontecido e raramente eu me permitia pensar no assunto. Uma escolha infeliz que tinha o poder de me destruir. Uma lembrança que eu mantinha enterrada no fundo da memória e que poderia causar uma séria repercussão negativa em todos os aspectos da minha vida. Uma memória esquecida de forma deliberada. Um ato de covardia que me estapeava o rosto nesse exato momento e me fazia pensar sobre as consequências de algo que fiz no impulso. Uma atrocidade cuja repercussão, até ontem, eu não tinha a menor ideia.

Reencontrar Natália, uma figura muito presente no meu passado, foi um susto nada agradável. Ela era a personificação dos meus erros, um lembrete das minhas péssimas escolhas. Como se não bastasse o choque de vê-la a poucos metros de distância no dia anterior e ser atropelado pelas imagens que perseguiam meu passado, sua revelação no escritório tirou o meu chão. Foi a primeira vez na minha vida que me senti tão impotente e sem controle.

Minha reação inicial, ao perceber que o assunto que a levava até ali era mesmo sério, foi me apegar à ilusão de que ela não se lembrava de nada e que teve uma vida boa longe daqui. Tratei com educação seu pedido de ajuda e me esforcei para não demonstrar qualquer desconforto em sua presença. Isso até meu mundo ser revirado, quando ela colocou a foto dos gêmeos em cima da mesa. Meu desespero era tanto que eu não entendo como consegui colocar meus pensamentos em palavras.

Filhos. Dois.

Natália foi embora da cidade grávida de gêmeos e foi mãe sozinha por todo esse tempo. Ela cuidou e educou duas crianças providas de uma situação traumática em que eu havia sido protagonista vilão. Por minha culpa, pela minha obsessão em sempre conseguir o que queria, a vida daquela adolescente foi privada não apenas da cidade em que ela cresceu e viveu até os dezesseis anos, mas também de levar uma vida saudável, sem preocupações e responsabilidades que ela não deveria ter tido naquele momento.

Responsabilidades que não teria, se eu tivesse raciocinado naquela fatídica festa e dito não

aos meus sentidos. Já fazia alguns meses que eu sentia algo por ela que não deveria sentir. A situação era complicada, minha namorada era sua melhor amiga e Igor, meu melhor amigo, era seu namorado. Eu sabia que não existia nenhuma chance de ter algo com ela, entretanto nada fazia com que minha imaginação de adolescente pensasse em outra coisa, quando eu deitava a cabeça no travesseiro. Sonhei com o dia em que pudesse beijá-la inúmeras vezes, tanto que me envergonhava lembrar. Esse infortúnio continuou por um tempo, até que, na festa de aniversário da Marcinha, naquele verão, não aguentei manter distância e fazer o que era certo. Traí Elisa, traí Igor e coloquei Natália em uma posição que eu evitava de todas as formas lembrar.

Eu tinha plena consciência dos meus atos quando correspondi ao seu abraço e senti seus lábios em meu pescoço. Sei que era jovem, porém nada justifica o que fiz com a vida daquela garota. Um impulso tomou conta de mim e a beijei como sempre sonhei. Ela não me afastou, pelo contrário, se mostrou tão envolvida quanto eu estava. A sensação era tão magnífica que me deixei levar. Era como se eu estivesse sonhando acordado. Foram menos de dez minutos mágicos, resultado da escolha mais infeliz que já realizei. Quando ouvi Natália chamando o nome do Igor, o pior havia acontecido.

Lembro-me de olhar para ela estarelecido, sem compreender o que ocorrera. Não obstante, em questão de segundos, seu corpo desfaleceu em meus braços. Fiquei apavorado. Tentei acordá-la, mas foi em vão. Levantei-me da cama em um salto e corri para o banheiro da suíte onde estávamos. Lavei meu rosto, desesperado, tentando fazer com que meus neurônios voltassem a funcionar o mais rápido possível.

Voltei ao quarto e me vesti, sem deixar de olhar pelo canto do olho para minha amiga ainda desacordada e seminua em cima da cama. Juntei suas roupas e a vesti, com um pressentimento péssimo tomando o meu corpo.

O que havia acontecido? Alguma coisa estava completamente errada naquele cenário. Não demorei para pensar na possibilidade de alguém ter alterado a bebida. Isso era comum nas festas da Marcinha, só que, nesse caso, parecia ser mais do que uma simples bebida batizada.

Preocupado com a proporção do que eu poderia ter cometido sem ter a mínima noção, peguei Natália no colo e a levei para o carro. Fiz o mesmo com Elisa, enquanto minha consciência me corroía por tê-la traído no calor do momento. Após deixar as duas em casa, não sosseguei até voltar ao local da festa. Eu precisava entender o porquê da Natália ter se intoxicado daquela forma. Sim, esse fato já estava claro na minha consciência.

Não foi difícil compreender o que eu havia feito. Assim que estacionei o carro, Caio veio em minha direção, se gabando de ter tirado a virgindade da Paula. Lógico, com ajuda de uma dose de boa noite Cinderela. Batizou um refrigerante de dois litros, o mesmo que peguei de suas mãos e do qual ofereci um copo para Natália.

À medida que tudo começava a fazer sentido, me senti a escória dos seres humanos. Eu não queria aceitar que fui protagonista de um abuso. Um abuso contra uma mulher indefesa e intoxicada. Eu queria gritar de fúria, de desgosto, de decepção.

É claro que Natália somente corresponderia se estivesse dopada. Ela amava meu melhor amigo. Fui um idiota ao pensar diferente. Fui um canalha ao fazer o que fiz.

Tomado pela ira, arrebentei o rosto do Caio lá mesmo, em frente à casa da Marcinha, sem pensar duas vezes. Queria matar o desgraçado. Queria descontar toda a decepção, nojo e raiva que eu sentia de mim.

Com o passar dos dias, rezei para que ela não se lembrasse de nada e para que eu não a

tivesse machucado. Não me orgulho em dizer que fiquei aliviado quando nos falamos normalmente no início das aulas. Ela foi embora pouco tempo depois, e me envergonho de assumir, mas agradei imensamente.

O tempo passou, a vida seguiu, e, agora, a bomba caía, de modo certo, bem em cima do meu corpo. Natália reapareceu, demandando e implorando ajuda.

Pensar no meu papel diante de sua perspectiva corroía o meu bom senso. Eu fui o maior dos canalhas ao fingir que não aconteceu nada. Eu deveria ter procurado por ela no dia seguinte e esclarecido a situação. Teria sido complicada da mesma forma quando ela descobrisse a gravidez, mas ela não precisaria ter fugido daqui. Eu teria feito algo, teria assumido, teria aceitado o baque como o homem digno que eu me preparava para ser. Ela não teria enfrentado tudo sozinha.

Descobrir que eu tinha um casal de filhos não era um problema. A gravidez teria sido, visto a minha idade na época, porém eu não encarava crianças como algo que atrapalhasse o decorrer de uma vida. Eu teria me adaptado e resolvido cada questão no tempo certo.

Agora, eu estava aqui, estático, encarando minha esposa prestes a revelar a pior notícia que ela poderia ouvir. Prestes a assumir uma traição. Prestes a relatar que uma escolha inadequada do meu passado teve consequências que andam, comem e se socializam entre nós.

Eu tentava ganhar tempo ajeitando os papéis na minha mesa e sabia que Elisa não reagiria de forma positiva. Anos de convivência me ensinaram que a honestidade sempre funcionava melhor com ela, por isso nos dávamos tão bem: todos os problemas eram encarados com transparência. E essa transparência seria aniquilada a partir do momento em que eu começasse a falar. Que ela soubesse não só que foi traída, mas que o ato foi consumado com sua melhor amiga e que, ainda por cima, resultou em dois filhos.

Meus filhos.

Olhei para Elisa de relance, atestando que ainda se encontrava entretida com o celular, e suspirei. Além de ter dois filhos, um deles precisava de mim de uma maneira que fugia do meu controle. Eu não poderia garantir segurança nem saúde. Doía pensar que não tive opção, a não ser ficar sabendo muito tarde das consequências dos meus atos. Foram mais de quinze anos vivendo em uma realidade paralela em que a vida era simples e fácil. E agora eu teria que enfrentar o erro que ficou no meu passado.

AGRADECIMENTOS

É a segunda vez, excluindo minha monografia, que escrevo agradecimentos. Continua sendo tão irreal quanto o agradecimento do meu primeiro livro. A diferença é que, desta vez, dedico-me a esse papel com um grande sorriso nos lábios.

Vou tentar ser breve!

Entre Laços e Conflitos é o segundo livro que concluí, mas não só isso, é um romance que mexeu muito comigo, um de que tenho orgulho por ter colocado no papel. É polêmico, é pesado, é dramático, é intenso. É tudo aquilo que uma mulher passa em sua vida, seja ela mãe, filha, amiga ou irmã. Construir a história da Natália foi tudo isso, foi uma tentativa de trazer a realidade de muitas mulheres à leitura de entretenimento por meio de um romance contemporâneo.

Não foi simples desenvolvê-la, demandou tempo, reflexão e pesquisa. Nesse ponto, a primeira pessoa a quem tenho que agradecer é a doutora Cibele Angélica de Souza Spina, coordenadora do Hemocentro de Poços de Caldas, que cedeu algumas horas do seu precioso tempo para se sentar comigo e conversar sobre diversos aspectos e situações pertinentes à doação de medula. Através de nosso bate-papo, pude aprender detalhes sobre a faceta psicológica e procedimental do transplante, o que, sem dúvida, enriqueceu o enredo, aproximando o sofrimento dos personagens da realidade de quem passa por tal situação. Sem sua ajuda, esse livro teria sido apenas mais um entre tantos que abordam o transplante de medula óssea. Muito obrigada, Cibele!

Agora vamos falar sobre os mais chegados, amigos do peito e camaradas que me acompanham nesse ofício delicioso que é dar vida aos mais incríveis enredos e personagens. Agradeço ao querido amigo e autor Lorhan Rocha e à amiga e blogueira literária Silvana Sartori, que se dispuseram a ler o livro antes de ser revisado e contribuíram com comentários de orelha para essa edição.

Não posso me esquecer das minhas queridas leitoras betas e críticas, escolhidas a dedo, que puxam minha orelha virtualmente: Stéfani Rilli, Tamara Padilha, Bruna Costabeber, Jessica Alves, Ana Flávia Bittencourt e Evelyn Santana. O “sucesso” de ELEC — como o livro é carinhosamente chamado nos bastidores — é tão meu quanto de vocês, que me instigam a sempre dar o melhor de mim no processo de escrita.

E, por falar em “sucesso”, algo que para mim ainda é bem abstrato, preciso agradecer às leitoras mais inusitadas, aquelas que leram Entre Laços e Conflitos antes de todo mundo, quando resolvi enviá-lo para um concurso literário. Um time de leitoras não só leu, como também avaliou o romance, fazendo com que ele conquistasse o primeiro lugar e que eu ganhasse uma casa editorial. Coincidência ter sido a mesma que escolhi para publicar meu primeiro romance, Dilacerada. Muito obrigada a cada uma de vocês, que acreditaram na história da Natália e resolveram dar uma chance para que ela possa conquistar mais leitores Brasil afora.

Quanto à minha casa editorial...

O que posso dizer?

Lilian Vaccaro é uma pessoa espetacular, que se dedica de corpo e alma à editora. A ela, só tenho que agradecer por tudo: pela confiança, pela expectativa, pela surpresa, pelo apoio, pela chance... por quase ter me matado do coração ao me enganar dizendo que eu não tinha chance no concurso, para, depois, me presentear com aquele resultado maravilhoso! Brincadeiras à parte, agradeço por ter me abraçado como autora e apostado no meu trabalho desde o início. Obrigada, Lilian, de coração. Se depender de mim, a Editora Coerência vai longe.

Deixo um abraço especial à minha família, minhas amigas e amigos próximos. E também não me esqueço das blogueiras e instagrammers, responsáveis por me deixar com um sorriso no rosto diariamente, pelos comentários, pelo apoio na divulgação, por escolherem ler meus livros e serem tão fiéis como vocês são.

Ao meu marido e filhos, peço desculpas por ser tão dispersa e agradeço eternamente o apoio incondicional. Amo vocês.

E, por último, agradeço a você, leitor, que resolveu sofrer um pouco ao ler o drama que é a vida da Natália. Bem, no mais, já deixo avisado que, no futuro, talvez tenhamos um spin-off de um personagem muito querido...

Helô Delgado



1. [PRÓLOGO](#)
2. [CAPÍTULO 1](#)
3. [CAPÍTULO 2](#)
4. [CAPÍTULO 3](#)
5. [CAPÍTULO 4](#)
6. [CAPÍTULO 5](#)
7. [CAPÍTULO 6](#)
8. [CAPÍTULO 7](#)
9. [CAPÍTULO 8](#)
10. [CAPÍTULO 9](#)
11. [CAPÍTULO 10](#)
12. [CAPÍTULO 11](#)
13. [CAPÍTULO 12](#)
14. [CAPÍTULO 13](#)
15. [CAPÍTULO 14](#)
16. [CAPÍTULO 15](#)
17. [CAPÍTULO 16](#)
18. [CAPÍTULO 17](#)
19. [CAPÍTULO 18](#)
20. [CAPÍTULO 19](#)
21. [CAPÍTULO 20](#)
22. [CAPÍTULO 21](#)
23. [CAPÍTULO 22](#)

- 24. [CAPÍTULO 23](#)
- 25. [CAPÍTULO 24](#)
- 26. [CAPÍTULO 25](#)
- 27. [CAPÍTULO 26](#)
- 28. [CAPÍTULO 27](#)
- 29. [CAPÍTULO 28](#)
- 30. [CAPÍTULO 29](#)
- 31. [CAPÍTULO 30](#)
- 32. [CAPÍTULO 31](#)
- 33. [EPÍLOGO](#)
- 34. [CONVERSANDO COM A AUTORA](#)
- 35. [DANILO](#)
- 36. [AGRADECIMENTOS](#)